

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM ESTUDOS HISTÓRICOS EUROPEUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

1958: DISCURSO(S) DE OPOSIÇÃO NA IMPRENSA EBORENSE

Ana Maria Guerra Sias Machado

**Orientadora: Professora Doutora
Maria de Fátima Nunes**

Évora

Setembro de 2006

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM ESTUDOS HISTÓRICOS EUROPEUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

1958: DISCURSO(S) DE OPOSIÇÃO NA IMPRENSA EBORENSE

Ana Maria Guerra Sias Machado



160414

Orientadora: Professora Doutora
Maria de Fátima Nunes

Évora

Setembro de 2006

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

946 1, 58

ÍNDICE

Resumo

NOTA PRÉVIA	p. I
INTRODUÇÃO	p. 1
I – MEMÓRIA, IMPRENSA E ... ELEIÇÕES DE 1958	p. 11
1 – Opinião pública enquanto instância crítica sem retorno	p. 12
2 – 1958: Consensos e rupturas	p. 21
3 – Os protagonistas nas suas diferentes dimensões	p. 27
3.1 – Humberto Delgado “Herói” mitificado	p. 27
3.2 – Arlindo Vicente “Herói” na sombra	p. 30
3.3 – Américo Tomás “Herói” figurante	p. 32
II - DEMOCRACIA DO SUL E JORNAL DE ÉVORA: DIFERENTES DISCURSOS DE OPOSIÇÃO	p. 34
4 - Democracia do Sul – Uma jornada de meio século	p. 35
4.1 – A prioridade à defesa dos ideais.....	p. 42
4.2 – A imagem da Cidade	p. 49
5 - Jornal de Évora – um projecto em afirmação	p. 55
5.1 - Évora – a prioridade ao desenvolvimento	p. 64
5.2 - Construção de uma imagem	p. 70
III – 1958: DO NACIONAL AO LOCAL	p. 73
6 - As eleições presidenciais de 8 de Junho de 1958 no universo eborense	p. 74
7 - Os candidatos à Presidência da República em 1958	p. 84
7.1 - Humberto Delgado	p. 84
7.2 - Arlindo Vicente	p. 94
7.3 - Américo Tomás	p. 100
CONCLUSÕES	p. 105
FONTES	p. 107
BIBLIOGRAFIA	p. 108
ANEXOS	p. 119
ANEXO I	p. 120
ANEXO II	p. 125

1958: discurso(s) de oposição na imprensa eborense

Resumo

A dissertação procura configurar a existência em 1958 de discursos de oposição na imprensa eborense tendo como fontes *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora*.

No contexto do Estado Novo as eleições presidenciais de 1958 têm um significado muito próprio pelo impacto que causaram na população portuguesa e configuraram um momento propício para perceber a resistência que no interior do país se fazia ao poder instituído.

Analisando as mensagens transmitidas por estes dois periódicos eborenses, quer na forma quer nos conteúdos, pretende-se comprovar o papel da imprensa na estruturação da Opinião Pública enquanto instância crítica sem retorno. *Democracia do Sul* quotidianamente advogava a liberdade e a democracia enquanto *Jornal de Évora* defendia incansavelmente o desenvolvimento da cidade afrontando com tenacidade o poder local.

1958: speech (es) of opposition in the eborense press

Abstract

This dissertation aims to outline the existence in 1958 of speeches of opposition in the eborense press considering *Democracia do Sul* and *Jornal de Évora* as sources.

In the context of the *Estado Novo* the presidential elections of 1958 had had a unique meaning in what concerns their impact in the Portuguese population and therefore they may be considered as an opportune moment to perceive the resistance that in the interior of the country was made to the instituted power.

Analyzing the messages transmitted by these two eborense newspapers, either in form as in content, it is intended to argue the role of the press in the shaping of public opinion while understood as a critical instance without return. *Democracia do Sul* daily advocated freedom and democracy while *Jornal de Évora* untiringly defended the development of the city, confronting with tenacity the local power.

NOTA PRÉVIA

No âmbito do 3.º Curso de Mestrado em Estudos Históricos Europeus foi necessário estabelecer um tema de investigação que levasse à elaboração da dissertação final. A opção cedo se manifestou por um estudo local, essencialmente por questões práticas de proximidade das fontes. Porém, era fundamental não esquecer a matriz europeia que devia servir de base ao trabalho.

Foi neste sentido que pretendemos organizar a nossa investigação. Perspectivando os acontecimentos da Campanha Eleitoral para as Eleições Presidenciais de 1958 num prisma local sem no entanto perder de vista o seu significado enquanto entreabrir de uma janela para a modernidade e democracia que vigoravam além Pirinéus.

O rasgar destes horizontes teve como ponto inicial a componente curricular do curso que contribuiu para a construção de um sólido aparelho conceptual essencial ao trabalho que se encetava.

Presente, desde o momento da incerteza na escolha do tema da tese até ao derradeiro ponto final, esteve a Professora Fátima Nunes. O seu incondicional apoio não foi “apenas” a orientação científica mas principalmente a sua constante disponibilidade para as minhas dúvidas metodológicas e crises existenciais.

Gostaria também de expressar um agradecimento aos meus colegas de Mestrado assim como aos das várias Escolas por onde tenho passado e que pacientemente ouviram as minhas dúvidas e angústias quanto à concretização deste trabalho.

Aos meus pais quero agradecer-lhes por fazerem de mim aquilo que sou, por me terem desde cedo inculcido o amor ao saber e a perseverança nos objectivos.

Ao Sérgio, meu companheiro constante neste projecto, sempre pronto a auxiliarme, sacrificando muito do seu tempo e nunca me deixando desistir, só me resta dizer uma palavra: Obrigada!

INTRODUÇÃO

1958: *discurso(s) de oposição na imprensa eborense* pretende proporcionar uma visão do carácter irreversível da opinião pública colocando a tónica numa escala local e tendo em conta um contexto repressivo. Desta forma o objectivo do presente trabalho é reflectir sobre os discursos veiculados na imprensa regional eborense que incorporem contornos críticos e de intervenção na coisa pública e que configurem expressões de oposição ao Estado Novo tendo como “pano de fundo” as eleições presidenciais de 1958 e a respectiva Campanha Eleitoral.

A “imprensa da periferia geográfica portuguesa e o modo como aí se projectam, com maior ou menor evidência, apesar do diferencial de tempo e espaço”¹ os acontecimentos, são instrumentos essenciais para a compreensão do modo como se adaptou a opinião pública a circunstâncias de limite à liberdade de expressão na sua dupla face enquanto agente legitimador do poder político e, em oposição, ao de seu crítico.

Compreendendo a intersecção da ordem social na configuração do espaço público obtemos a matriz de pensamento de uma determinada época e local. Efectivamente “no seio do universo onde se cria a relação dinâmica do jornal e do cidadão leitor, a opinião pública ganha irrecusavelmente a dignidade de ser uma geratriz da História”².

Sendo assim, o nosso propósito é “registrar – cual notarios y no jueces – los argumentos y contraargumentos de los contenciosos arrastrados en la guerra de opinión (...). La mejor aproximación a la verdad histórica se consigue demostrando las reglas de juego que presidan el ir y venir de las opiniones, las creencias, los juicios de valor”³.

A imprensa “permite desenhar os traços de continuidade (matriz geral) e os elementos de descontinuidade (clivagens, rupturas e transformações em geral) do espaço público e da opinião pública ao longo do seu desenvolvimento.”⁴

Pela dicotomia que representam optou-se por dois jornais do universo de periódicos eborenses. *Democracia do Sul* por se tratar de um jornal abertamente de

¹ ALVES, José Augusto (2000), p. 429.

² REIS, António do Carmo (1999), p. 77.

³ GARCIA CARCEL, Ricardo (1992) *La Leyenda Negra: Historia y Opinión*, Madrid, Alianza, p. 18 citado por NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 333.

⁴ ESTEVES, João Pissarra (2003), p. 30.

opinião com raízes no início do século XX, defensor e difusor dos ideais republicanos com uma nítida postura de oposição à ideologia dominante.

Jornal de Évora, por se enquadrar na chamada imprensa de informação demarcando-se da discussão de assuntos políticos, pretendendo apenas apresentar ao público um conjunto diverso de notícias com incidência particularmente local. No entanto, seja por questões de estratégia comercial seja por questões relacionadas com jogos de influências locais, desde o seu primeiro número adopta uma posição extremamente crítica para com o poder local eborense demonstrando uma atitude de intervenção cívica muito vincada.

As permanências e mudanças que coexistiam no Portugal da década de 50 reflectiam-se no universo local. Observamos, consubstanciado pelo *Democracia do Sul*, a força do ideário republicano com tradição de meio século em Évora somada à vontade de mudança erguida como bandeira irreverente de desafio ao poder local do *Jornal de Évora*. O resultado da equação é o agitar das águas da opinião pública eborense em prol da defesa dos interesses da cidade num contexto nacional também ele de irrequietude.

Procura-se assim detectar a forma como se relacionam Estado Novo e Opinião Pública, chamando a atenção para a análise que a Imprensa eborense (mais propriamente o *Democracia do Sul* e o *Jornal de Évora*) faz dos acontecimentos do seu tempo.

Através do conteúdo dos periódicos procura-se estabelecer os pontos de união entre a mensagem que transmitem e a forma mentis dos leitores. Analisam-se os “jornais e a marcha dos acontecimentos sociais e políticos, tanto à escala nacional como regional.”⁵ Esta análise passa por questionar quais os temas que são destacados, quais as suas posições perante os grandes acontecimentos?

Em 1958 a influência da televisão na vida quotidiana ainda não era muito significativa comparativamente com a da imprensa escrita.⁶ Era através desta que o público tinha conhecimento dos mais importantes acontecimentos políticos, económicos, sociais e culturais, contemplando ainda a política internacional.⁷

Colocam-se assim questões relativamente ao comportamento da imprensa: Como actuava a massa crítica em Portugal? Quais os seus reflexos no interior do país?

⁵ TENGARRINHA, José (1989), p. 18.

⁶ Recorde-se que apenas um ano antes a RTP tinha começado as suas emissões.

⁷ CRATO, Nuno (1989) p. 91.

Será que chegavam ao Alentejo ecos da conjuntura internacional como sejam o ambiente de Guerra Fria e o desencadear da última fase dos movimentos independentistas por parte das colónias europeias? E ao nível da política e economia internas, haveria conhecimento da evolução do país?

Não podemos esquecer que vigorava um regime de censura pelo que se “impunha o recurso a expedientes vários e à utilização de eufemismos que camuflassem propósitos e intenções.”⁸ É necessário então questionar quais os recursos que *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* utilizavam no sentido de tornear a censura. A solução seria a ironia e a hostilidade ou a sedução e o conformismo?

Observamos assim como se processa a construção de múltiplas imagens. A imagem da ordem internacional e o papel de Portugal nessa mesma ordem. A imagem de um país dividido entre a vontade de mudança e a resistência à inovação. A imagem de uma cidade lutando por protagonismo no panorama regional e nacional. Por fim o que se obtém é uma construção da identidade dos dois periódicos com discursos muito próprios na prossecução dos seus objectivos.

Comprova-se desta forma que a participação numa teoria do espaço público das suas franjas urbanas e rurais é um dado irrecusável para compreender a modernidade, segundo os critérios da mobilidade, da efemeridade da notícia, da persistência da informação e da formação.⁹

Relativamente ao estabelecimento das balizas cronológicas do nosso trabalho saliente-se que a década de 50 foi uma das fases do Estado Novo em que se verificaram importantes mudanças quer ao nível das relações internacionais quer ao nível interno.

Durante a II Guerra Mundial a imagem de Portugal na cena internacional não era muito favorável por se tratar de um regime autoritário com simpatias pró-Eixo, no entanto, “o acordo celebrado a 30 de Maio de 1946, entre os governos inglês, norte-americano e português, para a entrega à soberania portuguesa das bases dos Açores, contribuiu para normalizar as relações entre os dois países vitoriosos da guerra com um país neutro suspeito de simpatias pró-Eixo. Além do mais a inclusão de Portugal nas ajudas do Plano Marshall assinalava a todos que também o Portugal de Salazar fazia parte dos planos de uma Europa «reconstruída».”¹⁰

⁸ VENTURA, António (2004) p. 293.

⁹ Cfr. ALVES, José Augusto (2000), p. 35.

¹⁰ PEREIRA, Pacheco (2001) p. 660-661.

Internamente verificou-se que “o lançamento das indústrias de base, a concentração de capital, a diversificação e desenvolvimento do sector de serviços, a consolidação de uma burguesia industrial, o crescimento do proletariado fabril e a concentração urbana rasgam importantes mudanças.”¹¹ Essas mudanças traduzem-se assim em processos de industrialização, terciarização, urbanização e emigração.¹²

O início das emissões da RTP em 1957 e a criação em 1956 da Fundação Calouste Gulbenkian são ilustrativos precisamente deste processo de transformação e abertura de Portugal. Ambas tiveram um papel preponderante no quebrar do isolamento do país. A primeira influenciando as massas, já que graças à televisão, “uma janela para o mundo de onde provinham outras realidades, outros valores”¹³ e, apesar das limitações da censura, muitos dos acontecimentos que se passam na cena internacional vão surgindo nas casas dos portugueses.

A Fundação Calouste Gulbenkian essencialmente enquanto formadora de uma nova elite cultural, surgindo neste sentido “uma nova geração universitária e intelectual, mais militante e empenhada, aberta à influência das correntes filosóficas e ideológicas em moda na Europa (...) desejosa de uma sociedade plural e de bem-estar segundo os padrões europeus.”¹⁴

“Os fenómenos políticos costumam traduzir o fervilhar de realidades mais fundas que de súbito irrompem na arena institucional.”¹⁵ É neste contexto de mudanças subtilmente operadas que surgem os acontecimentos ligados às eleições presidenciais de 1958 e respectiva campanha eleitoral – como reflexo político das lentas transformações sociais.

Porém o nosso estudo não se limitou à análise do modo como *Jornal de Évora* e *Democracia do Sul* trataram as eleições para a presidência da República e precedente campanha eleitoral, restringindo-se por isso aos números correspondentes aos meses de Maio e Junho de 1958.

De facto, no “micro-cosmos” eborense, 1958 coincide com o primeiro ano de existência de um novo semanário na cidade – o *Jornal de Évora* e por isso recuámos ao dia 25 de Dezembro de 1957 – data do seu primeiro número examinando a forma como *Democracia do Sul* encarava este novo concorrente.

¹¹ MADEIRA, João (1996) p. 365.

¹² ROSAS, Fernando (1998), p. 11; Este argumento é corroborado por TORRE Gomes, Hipólito, (2001), p. 38.

¹³ Cfr. REIS, António (1990b), p. 203.

¹⁴ REIS, António (1990a), p.10.

¹⁵ *Ib. Ibidem*, p. 7.

A partir desta data foram analisados todos os números de ambos os periódicos procurando cruzar várias perspectivas: a forma como se adaptaram e actuaram entre eles; a forma como se posicionaram face aos acontecimentos políticos; a forma como a própria cidade actuou.

O nosso estudo estendeu-se até meados do mês de Fevereiro de 1959 correspondendo ao encerrar de um ciclo que se deu com o exílio de Humberto Delgado.

Desta forma, na primeira parte esboçamos o estado da arte através de uma incursão pela produção bibliográfica em torno da formação da “Opinião Pública” e do papel da Imprensa nessa construção. Estabelecemos assim a base conceptual da nossa investigação a qual foi completada por um enquadramento histórico/historiográfico dos acontecimentos referentes às eleições presidenciais de 1958 e respectiva campanha eleitoral. Foi ainda necessário olhar os protagonistas destes acontecimentos – Humberto Delgado, Arlindo Vicente e Américo Tomás na forma como a construção da memória os retratou para assim perspectivar a produção historiográfica com eles relacionada.

Num segundo momento passou-se ao dissecar dos dois periódicos que funcionaram como fontes da investigação. Procurou-se desenhar o ideário que os norteava, as facetas da sua intervenção na coisa pública enquanto mobilizadores de atitudes de oposição e a imagem que por eles perpassava da cidade de Évora e respectiva opinião pública.

Finalmente, na terceira parte, examinamos a cobertura da campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 1958 cruzando as informações de *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* com a produção bibliográfica. Pretende-se perceber a forma como os acontecimentos são mostrados/aproveitados/orquestrados quer pelo Estado Novo quer pela Oposição e qual o papel da imprensa local para a formação da(s) imagem dos três candidatos.

Sendo Évora uma cidade reconhecida como importante pólo dinamizador da história e da economia do Alentejo, optou-se pela sua imprensa como principal fonte da investigação, pois constituía um observatório por excelência das mudanças que se generalizavam ao país e que também nela se reflectiam.

Évora situa-se numa das províncias que a geografia consagrou como fazendo parte do Portugal de influência mediterrânica a qual habitualmente se relaciona com a existência de uma estrutura agrária baseada no latifúndio, a que normalmente se associa

a imagem de uma sociedade hierarquizada com base na riqueza e no poder, e em cujo topo figura uma elite de grandes proprietários.¹⁶

Além desta imagem consensual convém lembrar que a partir da década de 40 vai verificar-se um período de grande expansão da cidade extramuros para o que contribuiu, certamente, o êxodo rural motivado, em parte, pelo surto de mecanização na agricultura, que obrigava a população rural excedentária a procurar na cidade um novo meio de vida, a que se justapôs o desenvolvimento do aparelho burocrático do Estado, com crescente importância nas cidades, levando à fixação dos quadros necessários ao seu funcionamento.

Refiram-se também alguns empreendimentos de vulto para a cidade de Évora que marcaram a década de 50 como é o caso da reconstrução do Palácio da Justiça, da abertura das Piscinas Municipais, da edificação do novo Hospital Distrital e da construção da Escola Industrial e Comercial (actual Escola Gabriel Pereira) e da Estrada de Circunvalação.¹⁷

Pegando nos jornais *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* como palco de representações e desmontando os seus discursos obteremos precisamente o sentir da cidade na sua demanda pela modernidade, procurando contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre a contemporaneidade portuguesa.

De facto, embora a história recente de Portugal tenha despertado um súbito interesse por parte da historiografia internacional principalmente na tentativa de explicar a longevidade de um regime ditatorial que surge antes da ascensão de Hitler e que sobrevive até meados da década de 70 do século XX.,¹⁸ os momentos eleitorais durante

¹⁶ Cfr. BERNARDO, Maria Ana (2001), p.20.

¹⁷ SIMPLÍCIO, Maria Domingas (1997), p.114 –127.

¹⁸ “Douglas Porch concentrated his attention on the Portuguese army in a hurried and very partial work (PORCH, Douglas (1977) *The Portuguese armed forces and the Revolution*, London, Croon Helm). More thoughtful and comprehensive attempts were made by R.A.H. Robinson (1979) “The religious question and Catholic revival in Portugal, 1900-1930” in *Journal of Contemporary History*, vol. 12 and Tom GALLAGHER (1983) “Controlled repression in Salazar’s Portugal” in *Journal of Contemporary History*, July. The nature and working arrangements of Portuguese corporatism have been explored in some detail (SCHMITTER, Philippe C. (1975) “Corporatism and public policy in authoritarian Portugal” in *Contemporary Political Sociological Series*, vol.I, London, Sage, Professional Series, (1978) “The impact and meaning of «non-competitive, non-free and insignificant» elections in authoritarian Portugal, 1933-1974” in Guy Hermet, Richard Rose & Alain Rouquié (eds.) *Elections without choice*, London, Macmillan & (1980) “The social origins, economic basis and political imperatives of authoritarian rule in Portugal”, in S.V. Larsen et al (eds), *Who were the fascists? Social Roots of European Fascism*, Oslo; WIARDA, Howard (1977) *Corporatism and development: The Portuguese experience*, Amherst, University of Massachussets Press; WIARDA, Howard & MOTT, Margaret (2001)), *Catholic roots and democratic flowers: Political systems in Spain and Portugal*, Westport, Connecticut, Praeger, as have been aspects of Portugal’s involvement in the Second World War (Wheeler, Douglas L. (1983) ‘In the service of order: The Portuguese political police and the British, German and Spanish intelligence, 1932-

este período não foram alvo de grande interesse¹⁹, salientando-se que “there is no overall study of local elections.”²⁰

Além do mais e segundo José Tengarrinha não se tem também prestado “suficiente atenção à análise do papel da Imprensa no processo de formação de um «bloco de opinião» favorável/[desfavorável] ao regime, num espaço público condicionado”²¹ como era o da época do Estado Novo.

Concretamente sobre a imprensa eborense, enquanto reflexo do sentir da cidade, destaque-se o estudo que o Professor Augusto da Silva²² realizou em torno da questão do restauro da Universidade de Évora tendo utilizado *A Defesa* como a principal fonte para demonstrar a importância que tal projecto ganhou na opinião pública da cidade, assim como o esgrimir de argumentos e os jogos de influência e poder que despertou.²³

Mais recentemente Noémia Serrano através de um estudo comparado procurou estabelecer as imagens de poder na imprensa periódica regional do Alentejo Português e da Estramadura Espanhola, nos anos trinta, tendo como fontes o *Notícias de Évora* e *Hoy*.²⁴

O periódico “atinge os receptores com rapidez e eficácia que vai além do livro e nada tem a ver com normas de aparelho educativo: tem leitores e tem ouvintes, uns e

1945’, *Journal of Contemporary History*, Vol. XVIII, no. 1; STONE, Glyn (1994) *The oldest ally: Britain and the Portuguese connection, 1936-1941*, London, Royal Historical Society; PETER, Felicitas von (1996) *British policy towards Portugal during the Second World War*, Doctoral dissertation, University of Cambridge. Malyn NEWITT (1981) *The Portuguese in Africa: The last one hundred years*, Hallow, Longman, has long been charting the history of the Portuguese colonial empire, a subject recently summarised by David Birmingham (2000), *Portugal and Africa*, Basingstoke, Macmillan, while D.L. Raby attempted to chronicle the experiences and internal rivalries of the opposition to Salazar (1988) *Fascism and the resistance in Portugal: Communists, liberals and military dissidents in the opposition to Salazar, 1941-1974*, Manchester University Press. A number of extremely useful works has also been published in English relating to the fall of the New State and its international consequences, notably in Africa. MAXWELL, Kenneth, (1995) *The making of Portuguese democracy*, Cambridge University Press is one; another is MACQUEEN, Norrie (1997) *The decolonization of Portuguese Africa*, London, Longman.” Cfr. BAIÔA, Manuel et al (2003) p. 8.

¹⁹ Neste campo destacam-se SCHMITTER, Philippe C. (1978) “The impact and meaning of «non-competitive, non-free and insignificant» elections in authoritarian Portugal, 1933-1974” in Guy Hermet, Richard Rose & Alain Rouquié (des), *Elections without choice*, London, Macmillan; ROSAS, Fernando (1985) *As primeiras eleições sob o Estado Novo: as eleições de Dezembro de 1934*, Lisboa, Ed. O Jornal; CRUZ, Manuel (1986) *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo*, Lisboa, Publicações D. Quixote (1988) *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Ed. Presença; DELGADO, Iva et al.(1998) *Humberto Delgado as Eleições de 58*, Lisboa, Vega. Cfr. BAIÔA, Manuel et al (2003), p. 8.

²⁰ BAIÔA, Manuel et al (2003), p. 8.

²¹ TENGARRINHA, José (2006) p. 183.

²² Sociólogo e Membro da Companhia de Jesus, um dos referentes culturais de Évora, fez parte da Comissão Instaladora do Instituto Universitário de Évora/Universidade de Évora a partir de 1973. Tendo-se jubilado recentemente como Catedrático, presta ainda serviço docente aos Mestrados de Sociologia. Cfr. *Homenagem ao Professor Augusto da Silva* (2000).

²³ Cfr. SILVA, Augusto (1980).

²⁴ Cfr. SERRANO, Noémia (2005).

outros fundamentalmente aptos para assimilarem o conteúdo da mensagem.”²⁵ Enquanto meios de comunicação são “instituições que exercem actividades-chave que consistem na produção, reprodução e distribuição de conhecimento (...), que podem dar um sentido ao mundo, moldam a nossa percepção e contribuem para o conhecimento do passado e para dar continuidade à nossa compreensão presente.”²⁶ O seu estudo permite-nos reconstruir mentalidades e sentir o pulsar do tecido social em que operam.

Ao nível da investigação historiográfica a imprensa é assim uma fonte profícua, permitindo a percepção das sensibilidades, dos gostos, da atitude mental de determinadas camadas sociais na especificidade de um contexto espácio-temporal.

Os jornais constituem, até aos dias de hoje, importantes repositórios de informações e são reveladores dos temas e polémicas que dominam os debates da sociedade portuguesa.²⁷ Esta afirmação ganha maior significado quanto falamos da imprensa regional, já que, esta mantém uma ligação directa e intensa com a sociedade sendo muitas vezes chamada a intervir, a comentar e a tomar posição. De certa forma o “eco dos debates veiculados neste tipo de periódicos continua a ter o prolongamento natural nas praças públicas das cidades do interior onde desdobrar o jornal que se escolhe para percorrer as notícias é uma espécie de ritual comum a muitas famílias.”²⁸

Neste sentido encaramos a imprensa eborense como veículo da opinião pública local ficando com uma visão da multiplicidade de ideias e projectos que fervilhavam na cidade de Évora no final da década de 50 do século XX. Constituem assim “fontes que apresentam uma grande riqueza analítica para interpretar (ou produzir interpretações) sobre diferentes vertentes de um imaginário.”²⁹

Pensamos ainda que os jornais analisados – *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* – pelo tipo de discurso e posições que assumem se inserem no tipo de “meios de informação alternativa que tiveram um papel decisivo no desgaste do regime [Estado Novo]”³⁰

Além do mais “é no sucesso ou insucesso dos métodos ensaiados de fuga à censura e na capacidade de difusão da mensagem e das ideias nela contidas que reside a

²⁵ REIS, António Carmo (1999) p. 49.

²⁶ WOLF, Mauro (1987) *Teoria da Comunicação*, Lisboa, Presença, , p. 12 citado por OLIVEIRA, José Manuel Paquete (1988) p.12.

²⁷ Cfr. NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 132.

²⁸ CORREIA, João Carlos (1998a), p. 6.

²⁹ MIRANDA, Paula (2002) p. 4.

³⁰ OLIVEIRA, José Manuel Paquete de (1988), p. 189.

nuclearidade do forte contributo do escrito”³¹ para a manutenção e irreversibilidade do espaço público.

Relativamente à metodologia adoptada e partindo da premissa segundo a qual “não há, à partida, “receitas” para desenvolver a investigação, mas sim, procedimentos mais ou menos adequados a determinados tipos de pesquisa.”³² Na nossa abordagem procurámos assim conjugar o estudo de caso, a análise de conteúdos e a comparação.

Comparámos os dois jornais³³ não só ao nível dos conteúdos como também da sua organização formal no sentido de percepcionarmos a sua estrutura, evolução e construção/manutenção de uma imagem própria. Tivemos em conta a gestão da ocupação da mancha do jornal, a forma como “construíram” os títulos e o grau de destaque que lhe imprimiam, a linguagem que utilizavam e o uso ou não de fotografias e imagens.

Começámos por fazer uma leitura global de todos os números de *Democracia do Sul e Jornal de Évora* no período em questão.

Esta leitura permitiu-nos passar em seguida a uma segmentação da análise por campos, procurando agrupá-los por temas ou por polémicas. Estabelecemos assim uma tipologia de análise quanto ao posicionamento ideológico de cada uma das publicações, a forma como era encarado o poder central, o tratamento dos temas internacionais e nacionais, a forma como foi tratada a campanha eleitoral para as eleições presidenciais e os seus candidatos. A cidade de Évora, os seus problemas e projectos não foram esquecidos procurando perceber quais os anseios dos eborenses e quais as questões que eram prioritárias.

A nossa pesquisa foi assim preferencialmente qualitativa, coligindo os dados fornecidos pelos *Democracia do Sul e Jornal de Évora*, fazendo a análise, e posterior interpretação e recontextualização, do seu discurso e conteúdos. Tratou-se assim de uma “reducción de la escala de observación, en un análisis microscópico y en un estudio intensivo del material documental”.³⁴

Foi dada ainda uma especial atenção às remissões que ambos os periódicos faziam de seus congéneres de âmbito regional ou nacional, evidenciando assim a rede de circulação de ideias existente no país.

³¹ ALVES, José Augusto (2000), p. 330.

³² CUNHA, Isabel (2004) p. 7.

³³ Os números das tiragens dos dois jornais analisados não são conhecidos o que nos daria a medida da sua capacidade quantitativa de fazer opinião.

³⁴ LEVI, Giovanni (1993), p. 122.

Recorreu-se com frequência à transcrição, por vezes extensa, por se considerar essencial no sentido de proporcionar uma visão o mais ampla possível do quotidiano político e social dos eborenses.

O que se pretendeu foi fazer um estudo que fosse para além do conhecimento de determinados momentos e acontecimentos na região, contribuindo para a valorização científica da História Local e Regional, uma vez que “não há história geral sem história local.”³⁵

Em tempo de censura foi dada também especial atenção aos significados escondidos ou latentes já que serão estes os mais significativos, por não poderem ser apreendidos através de uma leitura directa.³⁶

Neste sentido, os elementos respeitantes aos registos do aparelho de censura local, aos quais não tivemos acesso, abrem caminhos de investigação que se completariam com o delinear do perfil socio-político dos seus representantes.

Potencial de investigação reside também nos próprios periódicos analisados. *Jornal de Évora* que atravessou toda a fase final do Estado Novo e a transição para a Democracia chegando até aos dias de hoje transformado em *Diário do Sul*³⁷. Já *Democracia do Sul* acompanhou a vivência de cerca de três quartos do século XX³⁸ sobrevivendo, fiel aos princípios republicanos que o nortearam desde a fundação, durante quase todo o período do Estado Novo.

³⁵ TORGAL, Luís Reis (1987), p. 857.

³⁶ MCQUAIL, Denis (2003), p. 329.

³⁷ Foi em Fevereiro de 1969 que a transição de título e periodicidade se deu. Cfr. MONTE, Gil (1978), pp.138-139.

³⁸ Tendo sido fundado em 1901 só desapareceu das bancas eborenses em 1971. Cfr. MONTE, Gil (1978), pp. 49-53.

I – MEMÓRIA, IMPRENSA E ... ELEIÇÕES DE 1958

O suporte teórico do presente trabalho parte do tronco comum das Ciências Sociais e Humanas sendo a interdisciplinariedade premissa essencial, cruzando competências da História e das Ciências da Comunicação.

Procurando compreender as relações que se estabelecem entre as diversas instâncias sociais e políticas e o agir da imprensa, conseguiremos desmontar e descortinar as redes de influência e poder tecidas num determinado contexto espaciotemporal.

Porém, a interdisciplinariedade não anula a autonomia das diferentes disciplinas, a diversidade dos seus métodos ou teorias. Revela sim a sua interdependência, articulando as informações produzidas por cada uma em condições diversas e com objectivos diferentes e bem específicos.¹ Neste sentido são utilizados contributos de vários autores que olharam para a problemática da comunicação, dos media e do jornalismo sob vários prismas.

Procurou fazer-se uma incursão no complexo e diversificado campo de estudo que abrange o conceito de 'Opinião Pública', percebendo a sua origem, desenvolvimento e consolidação através de um dos seus veículos de formação/expressão por excelência, a 'Imprensa Escrita'.

Percebendo a forma como a imprensa escrita produz os seus discursos é possível demonstrar que a instância "esfera pública" não tem retorno, uma vez que inclusivamente em situações de ditadura mesmo na imprensa local é possível detectar discursos de oposição.

Foi ainda necessário conhecer e sintetizar a produção historiográfica em torno da Oposição ao Estado Novo, destacando a Campanha Eleitoral para as Eleições Presidenciais de 1958, passando obrigatoriamente pelos 'temas' Humberto Delgado, Arlindo Vicente e Américo Tomás.

¹ Cfr. OLIVEIRA, José Manuel Paquete (1988), p. 7.

1- Opinião pública enquanto instância crítica sem retorno

O conceito de 'Opinião Pública' foi desenvolvido por Jurgen Habermas que começa por questionar a sua origem e significado, afirmando que "In the Middle Ages, (...), there was no public sphere 'in the sense of separate realm distinguished from the private sphere.' Public became a kind of 'status attribute' of those with power – it represented the power of the person, rather than articulating a sphere of social action."¹ Assim, "the authentic public sphere is the ground that mediates between the private life of individuals as producers and reproducers, and their public roles as subjects and (later) citizens of the state..."² Este novo espaço de produção e difusão de opiniões surgido no século XVIII Iluminista, era dominado essencialmente por aqueles que tinham capacidade para fazer "uso público da razão", analisando, debatendo e criticando a vida política, social, económica e artística. Acresce que desde o seu surgimento a interligação entre esfera política e esfera comunicacional se torna irreversível, já que, "o desenvolvimento do espaço público, enquanto legitimação de novas estruturas normativas e de novas relações sociais, adquire presença histórica."³

O jornal tem um papel fundamental neste itinerário, levando a opinião à praça pública, penetrando diversos níveis, rompendo com o isolamento, ganhando a informação um carácter nacional. O seu sistema de distribuição e venda, em espaços públicos como os Cafés ou através de assinaturas levam à formação daquilo a que Maria de Fátima Nunes apelida de "corredores de leitura".⁴

A esfera pública política, entendida por Habermas quando existe debate sem coerção, em reuniões livres onde se pode exprimir e publicitar livremente as opiniões incidindo sobre assuntos de interesse geral, ligados à prática do Estado⁵ vai funcionar como um motor de mudança social constituindo uma esfera fundamental de legitimação da acção dos poderes.⁶

Marcas distintivas desta nova instância seriam o universalismo da participação dos cidadãos e a amplitude de temas objecto de discussão. Novas visões do mundo são possibilitadas através da circulação de ideias em que "os homens se reconhecem como

¹ GOODMAN, Dena (1992), p. 4 citando HABERMAS, Jürgen, (1989), *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*, transl. Thomas Burger (Cambridge, Mass.), p.7.

² *Ib* Ibidem, p. 29.

³ ALVES, José Augusto (2000), p. 20.

⁴ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 14.

⁵ TENGARRINHA, José (2006), p. 14.

⁶ CORREIA, João Carlos (1998b), p. 1.

iguais, discutem e decidem em comum, uma ideia de participação no espaço político, de acesso à visibilidade sobre a cena pública, numa relação estreita entre visibilidade, liberdade e igualdade.”⁷

Além do mais, a legitimidade da palavra impressa é capaz de determinar o comportamento cívico do leitor, afirmando-se a imprensa como “uma instituição de poder, capaz de construir/desconstruir reputações.”⁸ O jornalismo escrito desempenhou um papel decisivo de estruturação do próprio espaço público e do consenso social, emergindo o jornalista como o novo herói do século XX, sendo patente o brio profissional, a preocupação ética e o perfil da responsabilidade aferindo o valor do seu trabalho pela verdade, porque lhe cabe a honra do exercício da Imprensa.⁹

De facto, “o jornalismo correspondeu à necessidade das novas classes urbanas construírem o seu sentido sobre o mundo, ou seja transmitirem a sua narrativa unificadora que contribui para a explicação e compreensão de um novo universo que emergiu com o capitalismo organizado: a intriga jornalística organiza o mundo em função da nova utilização da cultura que é protagonizada pelas novas classes urbanas emergentes.”¹⁰

Em termos contemporâneos o espaço público pode ser designado por “espaço público mediatizado, no sentido em que é funcional e normativamente indissociável do papel dos media.”¹¹ Desta forma a utilização dos media vai construir redes de significação fruto da complexa relação entre variáveis económicas, culturais e comunicacionais que se interpenetram, constituindo a imprensa um precioso instrumento para o estudo das sociedades contemporâneas.

Relativamente à formação, evolução e consolidação da esfera pública em Portugal surgem trabalhos como o de José Augusto Alves que partindo do conceito de espaço público liberal de Habermas, centra a sua atenção no campo das interações existentes entre ‘produção’, ‘consumo’ de ideias e comunicação e conclui que a opinião pública é na realidade um epifenómeno irrecusável no Portugal da época.¹²

No âmbito da trilogia sociedade/cultura/ciência Maria de Fátima Nunes percorre o periodismo científico num contexto cultural e político marcado pela difícil afirmação

⁷ ALVES, José Augusto (2000), p. 44.

⁸ MIRANDA, Paula (2005), p. 359.

⁹ REIS, António do Carmo (1999), p. 19.

¹⁰ CORREIA, João Carlos (1995), p. 7.

¹¹ WOLTON, Dominique (1995) “As Contradições do Espaço Público Mediatizado” in *Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação e Política*, Lisboa, Cosmos, nº 21-22, p.167 citado por CORREIA, João Carlos (1995), p. 3.

¹² Cfr. ALVES, José Augusto (2000).

do liberalismo e pelo confronto entre tradição e inovação. Começa por tratar a questão da leitura e dos leitores no sentido de encontrar os fundamentos subjacentes à difusão das ideias e cultura científicas. Comprova o confronto entre tradição e inovação na difusão das propostas agrícolas veiculadas nos periódicos científicos num momento de afirmação do novo paradigma científico e da insistência na inovação tecnológica. A análise que é feita do discurso produzido e divulgado por este tipo de imprensa propicia ainda a clarificação de ideias veiculadas por alguns sectores da historiografia portuguesa nomeadamente as imagens e mitos em torno das regiões agrícolas e o recorrente tema da decadência ou atraso da agricultura nacional.¹³

Já Paula Miranda tem como objectivo analisar a gramática de produção e de circulação que esteve na origem da passagem do jornalismo português para uma fase de organização industrial, entendendo o jornal enquanto instituição dotada de características específicas no que diz respeito ao sistema de produção e de difusão e de actores particulares que garantem e sustentam um produto com uma configuração e estruturação pré-definida.¹⁴

Por sua vez José Tengarrinha percorrendo alguns dos principais períodos da história portuguesa de 1641 a 1974 pretendeu, a partir da Imprensa na sua complexa relação com a sociedade, chegar ao conhecimento de aspectos relevantes da formação e da evolução da opinião pública no Portugal Contemporâneo.¹⁵

São visões sob diversos prismas de um mesmo objecto de estudo (a imprensa/opinião pública) e que confluem no sentido de contribuir para o conhecimento e reconstituição do comportamento e evolução da matriz cultural do Portugal Contemporâneo.

Matriz essa que radica a sua origem no mundo citadino europeu que se tornou consumidor de informação e de livros. Além disso, formas de impresso como o periódico, põem em causa pretensas desigualdades na difusão das ideias tornando a circulação de saberes mais rápida no conjunto das populações urbanas.¹⁶

Évora em 1958 participava destes sinais de contemporaneidade, tendo os espécimes impressos da cidade marcado indistintamente a evolução da forma mentis dos cidadãos eborenses.

¹³ Cfr. NUNES, Maria de Fátima (2001).

¹⁴ Cfr. MIRANDA, Paula (2002).

¹⁵ Cfr. TENGARRINHA, José (2006).

¹⁶ Cfr. ALVES, José Augusto (2000), p. 30.

Através do estudo de caso a imprensa de Évora apresenta-se-nos como ilustrativa de tendências ou denunciadora de especificidades. Aplicando-se a elucidativa expressão de Maria de Fátima Nunes “espécie de microscópica sociedade lusitana”¹⁷ as polémicas da praça pública animam o debate e o confronto de ideias reveladores da dialéctica permanência/ inovação que se generalizava à sociedade portuguesa dessa época.

Os jornais eborenses eram como que o centro da vida política e social da cidade. Por eles se liam os debates na Câmara, se conheciam as disposições oficiais, se sabiam os principais acontecimentos dos mais longínquos países, se adquiriam conhecimentos sobre variadas matérias, se dispunha de um meio de distração e divertimento. “Essa influência é tanto mais evidente quanto é certo que os leitores se agrupavam em torno dos jornais com que se identificavam ideologicamente, sendo de admitir, portanto, que as opiniões expostas nos editoriais fossem reforçar ou corrigir as suas ideias.”¹⁸ Desta forma se construía a teia de jogos políticos, influências financeiras e sensibilidades culturais contribuindo para a socialização política dos leitores.¹⁹

Não é de estranhar por isso que as autoridades durante o Estado Novo dessem uma especial atenção à política de informação nas províncias tanto mais que havia a consciência da “necessidade de neutralizar os focos republicanos e respectivos jornais, que já desde finais da Monarquia tinham vindo a implantar-se em centros urbanos das províncias, ao mesmo tempo que procuravam dinamizar e formar ideologicamente as elites apoiantes do regime.”²⁰

Para dar funcionalidade a estas ambições foi feito, nos primeiros anos da década de 1930, “um levantamento minucioso dos jornais existentes no País, suas tendências para, em consequência, saber que medidas adoptar para captar uns e limitar ou suprimir outros.”²¹ Deste levantamento surge uma classificação dos periódicos publicados em território português dividindo-os em jornais situacionista, simpatizantes, neutros, anti-situacionistas e jornais de classes”.²²

Através desta classificação a acção da censura era direccionada no sentido de reprimir os temas mais ousados e considerados potenciais perversores da ordem instalada, no entanto, verifica-se que em algumas publicações que não tinham uma

¹⁷ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 56.

¹⁸ TENGARRINHA, José (1989) p. 205.

¹⁹ SERRANO, Noémia (2005), p. 39.

²⁰ TENGARRINHA, José (2006), p. 184-5.

²¹ *Idem.*

²² FORTE, Isabel (2000), p. 31.

abrangência nacional se permitia a divulgação de textos relativamente ousados e que acabariam por sedimentar a oposição ao regime.²³

É neste sentido que o universo de análise por que optámos se restringe aos dois periódicos eborenses que quanto a nós melhor configuram a conflitualidade e o arrojo de desafiar o poder central – *Democracia do Sul* – e o poder local – *Jornal de Évora*. Ambos denotam preocupações em moldar a opinião pública relativamente ao que se passava no âmbito mais geral da política nacional assim como relativamente às questões locais, demonstrando cuidado na selecção dos conteúdos no sentido de alcançarem tais objectivos. É através deles que se tornam públicos os desacordos existentes, que os confrontos são denunciados conferindo-se identidade às facções que tecem a trama da vida política, social e cultural de Évora.²⁴

No entanto o leque de publicações existente nesta cidade no ano de 1958 não se restringia a estes dois periódicos. No campo noticioso havia ainda o *Notícias de Évora*. Publicações ligadas à Igreja Católica contabilizámos duas – *A Defesa e Alvoradas*. Existiam também periódicos de índole comercial como o *Alentejo*, de carácter cultural como o *Alto Alentejo* e o *Dom Quixote* e ligadas ao ensino – *O Corvo* e *O Leme*.²⁵

²³ No âmbito da temática “Censura”, José Manuel Paquete de Oliveira chama a atenção para a ausência de estudos que tracem o perfil socio-político-cultural dos oficiais da Censura, reconhecendo porém, a predominância de militares no exercício desta função. Cfr. OLIVERIA, José Manuel Paquete (1988), p. 138.

²⁴ SERRANO, Noémia (2005), p. 55.

²⁵ Cfr. MONTE, Gil (1976).

Apresentamos ainda uma breve caracterização de cada uma das publicações que conjuntamente com aquelas que serviram de base a este trabalho (*Democracia do Sul* e *Jornal de Évora*) completavam o quadro de publicações no universo eborense em 1958: *Notícias de Évora* auto-intitulado *Diário Regionalista da Manhã* *Diário mais antigo do Alentejo*. É propriedade à data (1958) de Carlos Maria Pinto Pedrosa, tendo como Director, Editor e Administrador Joaquim dos Santos Reis. O preço de venda era de 1\$00 e junto da ficha técnica, no cabeçalho, aparece a expressão “Este número foi visado pela Censura”. Esta publicação era composta por quatro páginas, em que a maior parte é ocupada com publicidade e anúncios. As notícias que surgem são sobre a vida religiosa da comunidade, as actividades da Legião Portuguesa, da FNAT e da Mocidade Portuguesa na cidade. Descreve-se também o quotidiano das populações, com referência a acidentes domésticos, acidentes de viação e à vida social (festas, bailes, espectáculos, aniversários). Faz-se menção a comemorações, a “perdidos e achados” e à meteorologia. Registam-se poucas imagens/fotos e as que encontramos estão relacionadas com publicidade; *A Defesa* é um semanário católico e regionalista, propriedade da Sociedade Instrutiva Regional Eborense tendo como Administrador Luís Manso, Director o Dr. José Filipe Mendeiros e o Editor e Chefe de Redacção é J. Alves Gomes. Esta publicação tem dez páginas e dedica-se maioritariamente a noticiar eventos religiosos nacionais e locais. A expressão “Visado pela Censura” não tem local fixo encontrando-se em qualquer página do jornal e muito discretamente inserida entre as diferentes notícias. De destacar a existência da rubrica “Barómetro Internacional”, também sem página fixa, e que como a própria designação indica aí são comentados os acontecimentos da actualidade internacional por Correia Marques, “o principal comentador internacional português”, dando-se especial atenção a eventos relacionados com a URSS; *Alvoradas* era a revista do Seminário de Évora pertencente à Academia de S. António e de publicação quadrimestral. A Administração estava a cargo de António Gonçalves Simões e a Direcção de Guilhermino António Barros, tendo como Editor Jerónimo Vidigal Simão e redactores Joaquim Martins Isidoro, José Nicolau Manso e Júlio Cardoso de Melo. Curiosamente a menção “visado pela censura” não

Já em 1933 os relatórios oficiais davam conta que no distrito de Évora o panorama da Imprensa no que se referia à propaganda da situação era desolador sendo que na própria cidade não existia qualquer jornal defensor do regime, aparentando a maior parte uma posição de neutralidade. Especial atenção merecia o prestigiado *Democracia do Sul* acusado de ligações maçónicas e comunistas.²⁶ Esta classificação era dada à linha mais radical de oposição contribuindo para a construção do estereótipo do ‘arqui-inimigo’ do regime português há muito arreigado no imaginário português, nomeadamente no que diz respeito ao comunismo²⁷ que no entanto, e aparentemente, teria em Évora uma influência restrita a alguns sectores operários locais.²⁸

Todavia, localmente este estereótipo ligado à imagem do *Democracia do Sul* não tinha grande significado já que, o número de leitores que se identificava com os valores de liberdade, igualdade, progresso, civilização, humanidade corporalizados por

foi encontrada mas sim “Com aprovação eclesiástica”. Esta revista tinha no total 142 páginas, 30 das quais dedicadas a publicidade. Os diferentes artigos que compunham a publicação relacionavam-se com biografias de personagens religiosas, preceitos religiosos e morais, homenagens e elogios a diversas personalidades, principalmente membros da Igreja; *D. Quixote* era um jornal mensal de Artes e Letras e só tivemos acesso aos números de 1956 e 1957 por serem os únicos existentes na Biblioteca Pública de Évora; *Alto Alentejo* era o Boletim da Junta de Província do Alto Alentejo com publicação anual, custando 30\$00 com 179 páginas. O Director era o Dr. António Ferreira Antunes. No número consultado (do ano de 1958), podemos encontrar cinco artigos de diferentes autores: “Dordio Gomes – Pintor Alentejano” por Celestino David; “Nicolas Chantereine – Sculpteur Gothique ou Renaissant?” por Simone Renée Virant; “As pequenas Igrejas de Évora” pelo Padre João de Deus; “A comoção rural em António Sardinha” por Azinhal Abelho e “Romances, contos e lendas populares de Portel” por J. A. Pombinho Júnior. A expressão “visado pela censura” não foi encontrada em qualquer parte deste boletim; *O Corvo* era propriedade do Centro E. N. 1 – Ala n.º 3 da Mocidade Portuguesa do Liceu Nacional de Évora. O seu Director era o Dr. Adelino de Almeida tendo ainda uma Secção Directiva com três elementos: António Simões, António Limpinho e Virgílio Kasprvykowski Silva. Custava 2\$50, tinha doze páginas e dedicava-se à “Arte – Literatura – Ciência – Humanismo”. Nesta publicação proliferam artigos sobre a Mocidade Portuguesa, alusões a datas comemorativas como o 1.º de Dezembro e a obras como *Os Lusitadas* assim como muitas sátiras aos alunos do Liceu. A expressão “visado pela censura” não foi encontrada; *O Leme* era o órgão da associação da Escola do Magistério Primário de Évora, tendo como Administrador Profírio Nunes Brites, como Director Manuel Ferreira Patrício, a Edição estava a cargo da Associação dos Alunos da E. M. P. e os redactores eram Maria Rosa Colaço, Francisca Ramalhinho, Eduardo Geraldo; António Biga de Almeida, António Serafim Fachadas. Esta publicação custava 1\$00, era quinzenal, tinha quatro páginas e o seu símbolo era um leme onde estava escrita a expressão “Deus, Pátria, Família”. Diz-se “Rumo à criança” e pretende ter um carácter pedagógico relativamente às práticas diferenciadas de ensino. São ainda mencionadas as actividades da Mocidade Portuguesa. Não foi encontrada a expressão “visado pela censura”; *Alentejo*, de distribuição gratuita era o *Jornal de Propaganda Regional, Comercial, Industrial e Agrícola*, sendo Proprietário e Director Valeriano José Cavaco e Editor José Silvestre. Encontramos a expressão “visado pela Censura” no cabeçalho e é constituído única e exclusivamente por publicidade e anúncios e dado que só existe um número por ano, coincidente com o mês de Junho, pensamos que se tratará de um jornal comemorativo da Feira de S. João. Cfr. respectivamente *Notícias de Évora*, Maio-Junho de 1958; *A Defesa*, Maio-Junho de 1958; *Alvoradas*, Abril-Junho de 1958; *Alto Alentejo*, n.º 3, 1958; *O Corvo*, 1958, *O Leme*, n.ºs 54 e 55, 1958; *Alentejo*, Junho, 1958.

²⁶ Cfr. TENGARRINHA, José (2006), p. 189.

²⁷ Pensamos que tal estereótipo remonte ao tempo da Revolução Russa de 1917 em que para “os sectores conservadores, os acontecimentos a leste surgiam como um cataclismo, como uma espécie de convulsão tremenda da qual sairá uma experiência bárbara e irracional.” Cfr. VENTURA, António (2000), p. 204.

²⁸ PACHECO, José Pacheco (2001), p. 138.

este diário republicano era suficiente e consistente num compromisso identitário que viabilizou o projecto permitindo a sua sobrevivência por 57 anos.

Demonstrando a vitalidade que o universo regional tinha em termos do consumo de material jornalístico, havendo lugar para a criação de novos projectos, dá-se a fundação em finais de 1957 do outro objecto da nossa análise - *Jornal de Évora*. Num ambicioso projecto jornalístico de conquista e fidelização de público, (não esquecendo a perspectiva comercial tão necessária à sua sobrevivência), utilizava uma escrita do seu tempo, acompanhando os anseios dos cidadãos eborenses e alentejanos, não recusando o confronto com o poder local e recorrendo inclusivamente a uma certa agressividade na escrita.

A tolerância face a esta atitude será justificável no contexto do pós Segunda Guerra Mundial em que “a vitória das democracias ocidentais obriga o Estado Novo a algumas limitadas aberturas políticas, que se traduzem, no respeitante à imprensa, em pequenas concessões sobre as possíveis liberdades de crítica aos actos do governo, da administração geral ou local, da legislação publicada e a propaganda das várias políticas.”²⁹

Verificando-se uma forte presença do leitor e assinante nas suas vidas ambos foram jornais que conseguiram adaptar-se e criar um público fiel que os lia, apoiava e incentivava, numa relação de partilha e comunhão de valores³⁰. Os seus pontos de partida eram distintos: *Democracia do Sul* enquanto veículo do Partido Republicano dava prioridade à esfera política nacional enquanto *Jornal de Évora* direccionava a sua atenção para os problemas estritamente locais e regionais. No entanto utilizavam lógicas de argumentação semelhantes para defenderem as suas posições flexibilizando o seu discurso de acordo com aquilo que pretendiam revelar, denunciar ou enaltecer.

Neste contexto verificamos que, embora com fins distintos, “vão tirar o proveito máximo das pequenas aberturas”³¹ proporcionadas pela Campanha Eleitoral para as Eleições Presidenciais de 1958. Podemos assim perceber os acontecimentos da campanha tendo como pano de fundo as disputas locais: *Democracia do Sul* pugnando pela defesa de eleições livres e democráticas e *Jornal de Évora* chamando a atenção para a necessidade de dotar a cidade de Évora com os equipamentos que a modernidade exigia denunciando jogos de influência e até incompetências...

²⁹ TENGARRINHA, José (2006), p. 61.

³⁰ SERRANO, Noémia (2005), p. 26.

³¹ *As eleições de 1958 e a imprensa* (1998), p. 7.

Acrescente-se que “conforme a importância do meio de comunicação, a sua tiragem e penetração popular, assim variava o rigor da censura, registando-se casos em que jornais de difusão limitada podiam divulgar assuntos que a outros estavam vedados.”³² Além do mais as próprias autoridades tinham consciência das dificuldades de organização e funcionamento dos serviços de censura³³ que não conseguia actuar de modo uniforme permitindo, como verificamos no *Democracia do Sul* e no *Jornal de Évora* que transmitissem artigos e formassem opiniões que fugiam à matriz ideológica do Estado Novo.

Desta forma não pode ser esquecido o papel das periferias nas redes comunicacionais que se estabelecem através dos objectos impressos. Também elas estão munidas destes instrumentos mediáticos que confluem para a determinação do sentido da opinião pública.³⁴ Assiste-se a autênticos fenómenos miméticos em que os jornais da província tentam reproduzir a forma de funcionamento dos jornais de âmbito nacional³⁵ sendo os seus enfoques regionais peças imprescindíveis do puzzle que constitui a opinião pública portuguesa.

A imprensa local sendo fruto de forças culturais, políticas, sociais e económicas específicas de uma determinada sociedade num determinado tempo faz com que a catalogação e estudo temático da ideologia dos jornais locais e regionais, mesmo aqueles de pequena expressão editorial sejam da maior relevância, (...) pois através deles pode-se conhecer os interesses culturais e ideológicos dos seus proprietários e, assim, das camadas sociais que eles representam.³⁶

Os ventos de mudança provocados pelo pós Segunda Guerra Mundial também se fizeram sentir a nível político e social em Portugal e “led to an increase in social agitation and to the reorganisation of the opposition (...). It also fed the hopes for a democratisation of the regime(...)”.³⁷ Estes ventos também sopraram no universo eborense, com o constante pugnar do *Democracia do Sul* pelos valores da liberdade e democracia particularmente durante a campanha eleitoral para as eleições do Presidente da República em 1958, assim como através da irreverente posição do jovem

³² CRATO, Nuno (1989), p. 201.

³³ “Era uma situação particularmente difícil em distritos com jornais diários, como Braga (2), Évora (2) e Beja (1), o que tornava «quase impossível arranjar censores na província não só pela dureza do trabalho como essencialmente pela insignificância dos vencimentos, com completa falta das regalias que o Estado concede aos seus funcionários.” Cfr. TENGARRINHA, José (2006) p. 66.

³⁴ Cfr. ALVES, José Augusto (2000), p. 31.

³⁵ Cfr. NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 133.

³⁶ TORRAL, Luís Reis (1987), p. 865.

³⁷ BAIÔA, Manuel et al (2003), p. 7.

semanário *Jornal de Évora* face ao poder local.

Encontramos assim um espaço público regional entendido como uma esfera crítica de debate e de interação dos cidadãos em torno das questões que se prendem mais acentuadamente com os problemas e decisões regionais que lhes são mais próximos,³⁸ ainda que numa perspectiva transversal às mudanças que ocorriam no país na década de 1950.

³⁸ CORREIA, João Carlos (1998a), p. 4.

2 – 1958: Consensos e rupturas

Quando o desempenho do poder passou a estar submetido à vigilância e à participação dos cidadãos o próprio Estado promoveu a criação de canais de ligação com o meio no qual exercia a sua actividade.¹ A produção de consensos é necessária em torno do exercício do poder e os media têm um papel fundamental nesta produção, funcionando como seus moduladores, transmissores e conseqüente reflexo.

No entanto, ao analisarmos os conteúdos produzidos pelos media enquanto potenciais difusores de ideias, devemos também estar atentos à forma como atingem o público, provocando uma certa discussão em torno das diferentes visões e interesses. É o uso público da capacidade crítica que se instala e que não será possível anular. No entanto, João Pissarra Esteves considera que desde finais do século XIX e ao longo do século XX se puderam detectar sinais de crise do Espaço Público, [nomeadamente em tempos de restrição das liberdades em contextos de ditadura], e que quando tal acontece surge um potencial de autotransformação emancipatória.²

Neste sentido, marco fundamental para o conhecimento da evolução da opinião pública em Portugal na época contemporânea é o período historicamente designado por Estado Novo, legitimado por um texto constitucional³ e que vai combinar medidas administrativas e práticas autoritárias para perpetuação do poder.

Na relação comunicacional entre poder político e sociedade que se estabeleceu neste período⁴ foram utilizadas estratégias no sentido dos consensos fabricados, por forma a alcançar uma opinião pública favorável ao regime. Parte dessas estratégias remontam, nas palavras de José Augusto Alves, à “progenitura do liberalismo ou do

¹ MIRANDA, Paula (2002), p. 14.

² Como por exemplo através da emergência de formas de imprensa ‘alternativas’, como sejam a imprensa operária e a imprensa feminina e em que pensamos inserir a imprensa local. Cfr. ESTEVES, João Pissarra (2003), p. 54.

³ “In 1933 a balance was finally found among all the forces which supported Salazar’s project. The resulting Constitution reinforced the power of the government and combined democratic principles and measures (limited, in practice, by the government’s power to legislate) with authoritarian elements.” Cfr. BAIÓIA, Manuel et al (2003), p. 6.

⁴ Segundo José Tengarrinha esta relação conheceu três fases distintas ao longo do período que vai desde o pronunciamento militar do 28 de Maio de 1926 a 25 de Abril de 1974. Na primeira, até 1931, a atenção principal incidiu sobre a triagem da informação, mas sem critérios suficientemente definidos e estabilizados. A segunda, até princípio da década de 1950, foi marcada pela preocupação central de afirmação do regime, segundo linhas de orientação bem identificadas, com o objectivo último de criar uma opinião pública favorável. A terceira é dominada, de novo, pela preocupação de impedir informação desfavorável ao regime, num período em que eram visíveis as suas dificuldades crescentes perante as ameaças internas e externas e a quebra irreversível do impulso mobilizador que caracterizara a fase anterior.” Cfr. TENGARRINHA, José (2006), p. 178.

autoritarismo, [que] radica numa tradição genealógica de categorias operatórias imagético – simbólicas. As legitimidades referenciais são o ‘sangue do vampiro’ do poder que, para se legitimar, reinventa a tradição e ‘vampiriza’ o passado.”⁵

O interesse pelo Estado Novo é patente em algumas correntes da historiografia portuguesa. Porém, relativamente à Oposição ao Estado Novo a produção historiográfica não tem sido muito profícua, já que, “Opposition forces have been paid less attention, largely as a result of their dispersed nature, their lack of internal cohesion and, of course, the lack of materials.”⁶

Apesar destas dificuldades existem alguns trabalhos nesta área que serviram como referentes à presente investigação.

Qualquer estudo sobre a Oposição faz sempre menção ou tem como referência bibliográfica as investigações pioneiras de D. L. Raby. Destacamos, em particular, a sua síntese *A Resistência Antifascista em Portugal, 1941/74*⁷, concentrando-se a autora no período que decorreu desde a II Guerra Mundial até 25 de Abril de 1974. As suas bases de trabalho são a imprensa clandestina e um vasto conjunto de entrevistas com dirigentes oposicionistas com o propósito de fazer uma descrição minuciosa dos acontecimentos. Apelando ao comparativismo e a jeito de conclusão destaca alguns padrões da resistência a regimes autoritários de direita. No entanto, em recensão a esta publicação, António Costa Pinto não deixa de tecer-lhe algumas críticas, nomeadamente o facto de D. L. Raby não se coibir de exprimir opiniões sobre as opções da oposição ou sobre as oportunidades perdidas em 1958.⁸

João Madeira em *Os engenheiros de almas. Os Intelectuais Portugueses e o PCP* procura delinear o percurso de aproximação e sedução dos intelectuais pelo marxismo e também a forma como o PCP geriu e incorporou esse fascínio nos limites instáveis da necessidade do seu apoio e da desconfiança estigmatizante com que os encarava. Trata-se de uma abordagem de praticamente de três décadas tomando como quadros de referência os desenvolvimentos conjunturais da situação política nacional, assim como a evolução do PCP e do movimento comunista internacional. Pretende-se articular os processos de estruturação e desestruturação política verificados entre os intelectuais comunistas com os contextos sociais e culturais em que decorrem. Procura perceber de que modo gerações, núcleos de sociabilidade e solidariedades diferentes se

⁵ ALVES, José Augusto (2000), p. 39-40.

⁶ BAIÓIA, Manuel et al (2003), p. 9.

⁷ RABY, D.L. (1990).

⁸ Cfr. PINTO, António Costa (1993), p. 121.

comportam – sucumbindo ou sobrevivendo – face à integração orgânica, isto é, face ao impacto da centralização e da homogeneização determinadas pelo Partido Comunista, particularmente sob condições vividas ao longo do Estado Novo, que obrigaram a uma clandestinidade prolongada. Problematiza-se ainda a dicotomia cultura/política que se estabelece relativamente ao comportamento dos intelectuais.⁹

Através de *Álvaro Cunhal: Uma Biografia Política*¹⁰ Pacheco Pereira traça a história do Partido Comunista Português e do seu emblemático líder atestando a importância de ambos para a História de Portugal no século XX. Neste sentido é destacado o papel decisivo de Cunhal na mobilização da nova geração de intelectuais anti-fascistas permitindo ao PCP exercer sobre a intelectualidade portuguesa uma influência que nunca tinha tido, assegurando-lhe uma hegemonia ideológica sobre a vida cultural do país. No primeiro volume «Daniel», *o Jovem Revolucionário (1913-1941)* Pacheco Pereira percorre os anos 30, recuperando a aura trágica e heróica daqueles anos associada ao próprio ardor juvenil do biografado. No segundo volume «Duarte», *o Dirigente Clandestino* que abrange a década de 40, surge um estudo sobre a “reorganização do PCP”, demonstrando o autor que esta se iniciou sem Cunhal ainda demasiado jovem e sem o estatuto que no futuro viria a granjear dentro do partido. Surgem ainda neste volume pormenores sobre as grandes greves operárias do início dos anos 40 (1942-46) que permitiram ao PCP reorganizado testar não só o seu apelo ideológico mas, sobretudo, a sua capacidade organizativa para enquadrar e se enraizar nas próximas décadas junto dos sectores mais combativos da classe operária portuguesa.

Parece-nos, que as maiores preocupações da historiografia relativamente ao estudo da Oposição ao Estado Novo abrangem principalmente o campo da descrição dos acontecimentos assim como a tentativa de compreender a forma como funcionou, nas suas diferentes facetas, o principal símbolo dessa mesma oposição – o Partido Comunista Português. Ao nível da análise dos diferentes discursos de oposição na imprensa numa escala local, aquela que permite perceber as identidades e as relações que se estabelecem na esfera pública e que mais directamente se conectam com a cidadania, existe algum vazio.

Quanto a nós tal abordagem afigura-se pertinente já que, o comportamento da imprensa enquanto veículo transmissor dos discursos de oposição e a “indispensável

⁹ Cfr. MADEIRA, João (1996).

¹⁰ Este projecto foi pensado em termos de trilogia, tendo sido publicados até ao momento dois volumes, pela editora Temas e Debates, o primeiro com o subtítulo «Daniel», *o jovem revolucionário (1913-1941)* em 1999 e o segundo «Duarte», *o Dirigente Clandestino(1941-1949)* em 2001.

organicidade destes agentes com a polis investe sempre, por via da explosão e exploração dos instantes como geradores de correlações necessárias e calculáveis, sobre as actualidades, presentes ou passadas, acabando por definir os movimentos do 'por' e do 'contra'.”¹¹

Concomitantemente os momentos excepcionais em que se rompe, consciente ou inconscientemente, com os consensos fabricados são aqueles que nos permitem aferir as reacções sociais e o seu papel nessa consensualidade. Ao poder interessava, a partir de determinado momento, alargar a base social de apoio, na premissa do plebiscito, da aclamação ou do referendo, logo da solicitação/apelo a uma opinião pública como suporte do exercício do poder e fonte de legitimação.”¹² Assim, tendo as eleições uma carácter de avaliação formal dos detentores do poder, nestas ocasiões a opinião pública ganha foros críticos mais acentuados.

No caso português as eleições presidenciais de 1958 foram um desses momentos excepcionais que permitem perceber a dualidade da construção versus ruptura dos consensos. No entanto, o tema 'eleições' não tem despertado grande interesse por parte da historiografia portuguesa, provavelmente devido à própria natureza autoritária do regime que pressupunha o inevitável desfecho das mesmas a favor dos detentores do poder.¹³

1958 tem que ser entendido além disso, como algo mais do que um marco cronológico, pois abrange uma multiplicidade de fenómenos que nos permite observar a possibilidade histórica de conjugação de acontecimentos de índole política, social e cultural.¹⁴

Este é encarado como um dos momento de maior ameaça ao Estado Novo, “when general Humberto Delgado, who had reached a position of prominence within the New State, mounted a bid for the presidency in opposition to the UN’s candidate, admiral Américo Tomás. Delgado was able to mobilise all opposition forces behind his bid and famously threatened to remove Salazar from the government once he had won the election. As was widely predicted, however, Tomás emerged victorious from the poll thanks to widespread electoral rigging. Nevertheless, the threat posed by the direct election of the President to the New State

¹¹ ALVES, José Augusto (2000), p. 50.

¹² *Ib. Ibidem*, p. 24.

¹³ Cfr. BAIÓIA, Manuel et al (2003), p. 8 que continua: “However, the few studies so far carried out show how both regime and opposition attributed considerable importance to these elections.”

¹⁴ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 8.

was realised by Salazar, who altered the Constitution in order to prevent future destabilising bids.” Enquanto internamente “Delgado’s bid for the presidency led to the emergence of serious fractures within the New State, giving rise to a long period of unrest.”¹⁵ A remodelação governamental que se seguiu às eleições presidenciais é precisamente reflexo deste mal-estar.

Assim, temos por um lado, no âmago do aparelho do Estado Novo, a reacção face à(s) candidatura(s) da oposição assim como as movimentações internas de diversas facções¹⁶ e que se reflectiram na falta de unanimidade em torno da candidatura de Américo Tomás. Por outro as movimentações da Oposição nas próprias eleições assim como a eterna luta pela liderança. Tratam-se de tensões e discussões inerentes às relações sociais e aos jogos de poder que transpareciam para a opinião pública através dos jornais.

A luta pela hegemonia no seio da Oposição passava obviamente pela escolha do candidato às eleições Presidenciais de 1958. Do lado do DDS perfilava-se a opção por um dissidente do regime, Botelho Moniz ou Humberto Delgado. Já o PCP, procurando liderar a iniciativa, avança com o nome de Cunha Leal, um republicano conservador e anticomunista, procurando valorizar os pontos de vista comuns – o combate à política monopolista do governo e a necessidade de uma amnistia política total.¹⁷ No entanto, Cunha Leal alega problemas de saúde para não se candidatar à Presidência da República, sendo apresentado em alternativa o Dr. Arlindo Vicente.¹⁸

Por sua vez do lado do Directório Democrático Social prevalecerá a opção de António Sérgio pelo nome de Humberto Delgado, ou seja, escolhendo um “militar dissidente do regime ainda no activo que fizesse a ponte entre a oposição e o sector de descontentes e que, sendo, ao mesmo tempo, oficial de alta patente, pudesse tecer as malhas de uma conspiração que apeasse Salazar.”¹⁹

A candidatura de Humberto Delgado acaba por ser confirmada e não tardam as críticas ao general por parte do PCP, conotando-o com o salazarismo.

¹⁵ BAIÓIA, Manuel et al (2003), p. 7.

¹⁶ “Nas hostes governamentais, os monárquicos e os militares próximos de Santos Costa, Ministro da Defesa, manifestavam o seu descontentamento com a actuação de Craveiro Lopes, enquanto os republicanos e «civilistas» em torno de Marcelo Caetano, Ministro da Presidência, apoiavam a recandidatura do Presidente. Gorada a tentativa de uma candidatura civil, bem como a de Botelho Moniz, a União Nacional decidiu apresentar a candidatura do Ministro da Marinha Américo Thomaz.” Cfr. CRUZ, Manuel Braga da (1999), p. 610.

¹⁷ MADEIRA, João (1996), p. 353.

¹⁸ RABY, D. L. (1982), p. 875.

¹⁹ MADEIRA, João (1996), p. 355.



Porém, quando a candidatura de Humberto Delgado começa a mobilizar as multidões o PCP vê-se numa posição difícil patente inclusivamente a nível local assistindo-se à divisão dos apoios. Por exemplo, no Alentejo enquanto o apoio dos assalariados agrícolas de Montermor-o-Novo e Campo Maior vai para Arlindo Vicente, em localidades como Grândola a tendência é para transferir estes apoios para Humberto Delgado.²⁰

Neste contexto, o PCP acabou por compreender que manter o apoio a uma candidatura que não a de Delgado era o caminho para o isolamento político e mais, para a derrota na luta pela liderança da oposição. Mudou de atitude levando à desistência de Arlindo Vicente. Porém os apoiantes de Delgado não teriam aceitado facilmente este apoio devido ao risco de contágio da conotação negativa dada ao comunismo e aos comunistas.²¹

Todas estas movimentações tecem uma intrincada malha de influências e poder que tornam o período eleitoral de 1958 uma época muito particular na história das relações entre a imprensa legal e o Estado Novo.”²² São acontecimentos que marcam o início da degradação destas relações tanto mais que ocorrem num período de charneira em que mudanças significativas se pre-figuravam em Portugal, embora de forma muito lenta e discreta, e a “campanha de Delgado, pelo efeito catalisador que teve na evolução da consciência democrática de sectores largos de estudantes, representaria um corte em relação ao passado, corte de gerações, de práticas, mas também e inevitavelmente corte político.”²³

²⁰ MADEIRA, João (1996), p 356.

²¹ Cfr. *Ib Ibidem*, p. 358.

²² As eleições de 1958 e a imprensa portuguesa (1998), p. 7.

²³ MADEIRA, João (1996), p. 366.

3 – Os protagonistas nas suas diferentes dimensões

3.1 – Humberto Delgado “Herói” mitificado

Humberto Delgado, um dos heróis da memória colectiva do país no que respeita aos resistentes e combatentes pela liberdade. É um dos ilustres do Panteão Nacional. Foi criada a *Fundação Humberto Delgado* que organizou os *I e II Colóquios Internacionais “Impunidade e Direito à Memória”* respectivamente em 1999 e 2000. Com vista a perpetuar a memória de Humberto Delgado tornando a informação acessível e apelativa às novas gerações esta fundação está a criar um arquivo histórico digital passível de ser consultado num “site” da própria fundação.

No entanto, como diz Hipólito de la Torre Gomes: “la figura de Delgado es una especie de héroe un tanto incómodo en el imaginario oficial y social del Portugal de hoy.(...) Por eso su figura, aún siendo reconocida permanece en una especie de claroscuro de las glorias del panteón nacional”.¹

Abundam porém as publicações com uma forte carga emotiva recheada de adjectivação que não poupa o elogio ao herói que morreu pela liberdade.² Para além das que dizem respeito directamente a Humberto Delgado, existem outras obras elaboradas nos anos próximos da Revolução do 25 de Abril e que apelam à figura do candidato às eleições presidenciais de 1958. Vale a pena recordar algumas passagens deste tipo de obras.

Começando, por ordem cronológica, surge-nos o livro de Mário Soares *Portugal Amordaçado* que dedica um capítulo ao “Fenómeno Humberto Delgado” onde, após viagem ao Porto durante a Campanha Eleitoral de 1958, e no regresso a Lisboa, é feita a seguinte descrição: “As janelas eram cachos humanos donde as pessoas saudavam os

¹ TORRE Gomes, Hipólito (2001), p.11.

² Seguem-se as referências bibliográficas de algumas dessas publicações: ABREU, António Horácio Simões de (1975), *A raiva de Salazar e da P.I.D.E. contra a unidade democrática representada por Humberto Delgado e outros episódios por mim vividos em 32 anos de luta antifascista*, Lisboa, Edições Sociais; ALMEIDA, Pedro Ramos de (1978), *O assassinio do general Humberto Delgado: a armadilha política*, Lisboa, Caminho; *Católicos e política: de Humberto Delgado a Marcello Caetano* (1970) led. P e José da Felicidade Alves; CERQUEIRA, Henrique (1976-1977), *Acuso!: Soares, Cunhal, Emídio Guerreiro, Lopes Cardoso na morte de Humberto Delgado*, Lisboa, Intervenção; DIMAS, Victor (1977), *Humberto Delgado: o homem e três épocas*, Lisboa, Jornal Expresso, 252 p. ; “Humberto Delgado: um português de coragem” in *Flama - Revista Semanal de Actualidades* (1974), Ano31, nº1379, p.20-26; ROBLEDO, Mariano Robles Romero, NOVAIS, José António (1974), *Humberto Delgado, assassinato de um herói*, Vila Nova, SERTÓRIO, Manuel, DELGADO, Humberto (1978), *Humberto Delgado: 70 cartas inéditas: a luta contra o Fascismo no exílio*, Lisboa, Praça do Livro.

manifestantes com uma espontaneidade incontida. (...) Assim começou, pode dizer-se, a candidatura do General Humberto Delgado, em Lisboa. Sob os auspícios do entusiasmo popular, da devoção cívica das grandes massas, atraídas inesperadamente a um combate político de que andavam arredias, e da violência governamental – da violência cega, que não pode nem pactua, porque é produto do medo...”³

Ainda dentro deste registo temos *Portugal Oprimido* de Fernando Queiroga, publicado em 1974, onde se utilizam expressões de grande apologia à figura de Humberto Delgado: “Repórteres dos quatro cantos do mundo cruzaram o Atlântico ou atravessaram o continente europeu para ouvi-lo.

O General Humberto Delgado galvanizava a opinião pública. Lançou um slogan corajoso: «Chega de Medo!» e partiu como um D. Quixote do século XX, idealista e bem intencionado, a quebrar as lanças contra as injustiças do regime salazarista.”⁴

Mais recentemente, deparamo-nos com uma publicação no âmbito das Comemorações do 30º Aniversário da morte de Humberto Delgado, em que com o contributo de vários intelectuais portugueses é feito o “elogio” do herói que lutou pela liberdade.

Luísa Irene Dias Amado afirma “A campanha da candidatura de Humberto Delgado foi um verdadeiro abalo telúrico de Norte a Sul do país”.⁵ Iva Delgado, filha do General diz que: “as comemorações do trigésimo ano da morte de Delgado são, não apenas uma merecida homenagem a um cidadão de mérito e coragem, mas também um momento de afirmação dos valores conquistados pelo 25 de Abril”.⁶

A conexão entre Humberto Delgado e sua luta pela democracia e a Revolução de 1974 é recorrente: “...nessa caminhada, por vezes obscuramente heróica, que nos conduziu aos Capitães de Abril e à Revolução dos Cravos, é justo dar a Humberto Delgado o quinhão que nela teve”.⁷

Para além desta perspectiva deve entender-se a figura de Humberto Delgado enquanto símbolo/agente de mudanças inscritas numa corrente mais vasta e com marca internacional.⁸ De facto em Portugal verificavam-se desde finais da década de 40 e inícios da de 50, alguns sinais de abertura, especialmente com a participação em duas importantes organizações internacionais – NATO e EFTA. Podemos considerar que

³ SOARES, Mário (1974), p. 210.

⁴ QUEIROGA, Fernando (1974), p. 217.

⁵ AMADO, Luísa Irene Dias (1995), p. 47.

⁶ DELGADO, Iva, (1995b), p. 65; Cfr. ainda DELGADO, Iva, (1998a), p. 14.

⁷ RODRIGUES, Urbano Tavares (1995), p. 99.

⁸ ROSAS, Fernando (1998), pp. XIV-XXIII.

Humberto Delgado personifica esta abertura, já que, pelas funções que desempenhava ao serviço do regime teve contacto com as realidades britânica e americana, sendo seu objectivo instaurar em Portugal um sistema democrático como existia nesses países.

Curiosamente, no ano da comemoração do centenário do nascimento de Humberto Delgado, é precisamente a sua faceta enquanto símbolo de abertura e inovação que pretende ser evidenciada nas diferentes iniciativas em curso.⁹

⁹ Apresentamos aqui, a título de exemplo, algumas dessas iniciativas: Sob o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República e numa iniciativa conjunta da ANA - Aeroportos de Portugal, dos CTT - Correios de Portugal e da Fundação Humberto Delgado, a Comemoração oficial do Centenário do Nascimento de Humberto Delgado tem lugar no Aeroporto de Lisboa em 15 de Maio de 2006; Lançamento do livro "Humberto Delgado e a Aviação Civil", de Frederico Rosa; Lançamento do Livro inédito *Uma Brasileira Contra Salazar* da secretária de Delgado no exílio Arajaryr Campos (obra póstuma); *Humberto Delgado - O General Sem Medo* em Banda Desenhada ; A Feira do Livro e Chaves Ferreira Publicações promovem uma sessão de apresentação do livro "Humberto Delgado e a Aviação Civil", de Frederico Rosa; Exibição do documentário "Meu Pai, Humberto Delgado", do realizador Francisco Manso. 3 de Junho de 2006; os CTT-Correios de Portugal emitem em 15 de Maio de 2006, data do nascimento de Humberto Delgado, um selo com a sua effigie com o valor facial de 1 euro; Conferência "O interesse dos Estados Unidos em Santa Maria: da II Guerra Mundial ao início da Guerra Fria", pelo Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues, do ISCTE; Semana Humberto Delgado de 13 a 19 de Maio na casa onde nasceu Humberto Delgado, na aldeia de Boquilobo, a 8 km de Torres Novas, onde decorre uma série de iniciativas comemorativas do Centenário do Nascimento do filho ilustre da terra; Exposição na Marinha Grande *Quiseram calar-nos! Não se assassina a Liberdade I* - evocação de vinte figuras do Século XX que foram assassinadas pelos seus ideais. Humberto Delgado, Martin Luther King, Che Guevara, Mahatma Ghandi, John Kennedy... Cfr. www.humbertodelgado.pt (2-8-06).

3.2 – Arlindo Vicente “Herói” na sombra

Este parece ter sido o “herói” esquecido e eclipsado pelo “mito Delgado”. Questionamo-nos se terá sido o discurso da ‘história feita memória’ que terá contribuído para que tal ocorresse. Não podemos desprezar o facto de que “...a memória, enquanto matéria nobre, conduz ao desenho de íntimas e voluntárias confidências dos autores e o corpo da escrituralidade não escapa aos incontornáveis desejos de arranjos das memórias do passado através da omissão, da voluntária ignorância ou de afirmação.”¹⁰

Em algum discurso historiográfico a sua faceta de artista/activista na luta contra o Estado Novo é destacada. Por exemplo, na entrada do *Dicionário de História do Estado Novo* encontramos a propósito da sua postura face à “Política do Espírito” de António Ferro a seguinte passagem: “Arlindo Vicente, por orgulho, sentido de independência, temperamento e, fundamentalmente, por não desejar aceitar provas do regime, recusa a protecção.”¹¹ A opção surge no sentido de colocar a arte ao serviço da luta contra o Estado Novo¹² num activo papel na associação, inerente à actuação do Partido Comunista Português, Política/Ideologia/Cultura.

Materializando esta trilogia Arlindo Vicente enquanto candidato do PCP às eleições presidenciais de 1958 contava com o apoio do novo grupo da *Seara Nova* assim como com o de alguns independentistas e de curtas franjas da direita oposicionista.¹³

As suas virtudes de advogado, defensor dos réus acusados de crimes de natureza política, são ainda evidenciadas assim como ser “preso pelo simples facto de ter sido candidato oposicionista, por desejar uma liberdade que Salazar por quatro décadas negou aos seus compatriotas.”¹⁴

A imagem mais frequente a que associamos a campanha eleitoral de 1958 é a de Humberto Delgado afirmando que se fosse eleito demitiria o Presidente do Conselho. No entanto, também a Arlindo Vicente são atribuídas afirmações polémicas feitas numa Conferência de Imprensa na “Pastelaria de S. João” em que, quando questionado sobre a resolução dos problemas com a Índia Portuguesa (Goa, Damão e Diu), responde que deveriam ser resolvidos através de um plebiscito. Esta afirmação terá causado “uma

¹⁰ ALVES, José Augusto (2000), p. 39.

¹¹ VICENTE, António Pedro (1996), p. 1006.

¹² VENTURA, António Pedro (2000), p. 214.

¹³ MADEIRA, João (1996), p. 355.

¹⁴ VICENTE, António Pedro (1995a), p. 43.

brutal onda de perturbação e de insultos ao candidato, acompanhada de elaboração e distribuição de folhetos a demonstrarem o seu cariz de traidor à Pátria.”¹⁵

Na tentativa de reposicionar Arlindo Vicente na galeria dos defensores da democracia e no contexto da passagem do centenário do seu nascimento foi constituída, em 2006, a Comissão Promotora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Arlindo Vicente.

Tais comemorações decorreram entre Março e Maio, simbolicamente (porque de símbolos se alimenta a memória) o mês do seu nascimento e o mês em que decorreu a campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 1958. As actividades promovidas abrangeram um leque bastante variado: descerramento de uma placa identificativa da Rua Arlindo Vicente na freguesia onde nasceu – Troviscal, Concelho de Oliveira do Bairro; de 3 a 31 de Maio – Exposição *Arlindo Vicente: 1906-2006* da responsabilidade do Museu S. Pedro da Palhaça na Sala de Exposições da Biblioteca Municipal da Oliveira do Bairro; Sessão Evocativa e Exposição *Arlindo Vicente – O Cidadão e o Político* no salão nobre da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro; Exposições com obras do próprio Arlindo Vicente; Publicação da sua biografia; Tertúlias e concursos de pintura ao longo do ano.¹⁶

O fio condutor destas comemorações pretende evidenciar uma dupla faceta de Arlindo Vicente – a de artista lutador e defensor da liberdade e o seu papel de agente fundamental na união da oposição ao Estado Novo, a quando das eleições presidenciais de 1958, já que foi a sua desistência da corrida eleitoral que a tornou possível.

¹⁵ VICENTE, António Pedro (1996), p. 1007.

¹⁶ A lista apresentada foi fruto de uma pesquisa na internet e posterior seriação de algumas actividades que pretendem apenas ter um carácter exemplificativo. Cfr. www.museusaopedro.jb.pt (2-8-06).

3.3 – Américo Tomás “Herói” figurante

Na maioria das vezes os silêncios são mais reveladores que muitas palavras. Esta afirmação ganha uma força maior quando se fala de Américo Tomás. Cada época valoriza e enaltece os seus heróis e de certo que Américo Tomás não figura de forma positiva na galeria do imaginário da jovem Democracia Portuguesa. E apesar de ter ocupado a Presidência da República Portuguesa por quase vinte anos a sua memória foi, não omitida, mas pelo menos algo esquecida.

Embora ultimamente a historiografia tenha dado uma maior atenção às biografias¹⁷ relativamente a Américo Tomás o que fica são realmente as entradas das obras de referência de carácter geral como enciclopédias e dicionários. Nestas salienta-se a sua escolha como candidato da União Nacional à Presidência da República nas eleições de 1958 enquanto fruto das discordâncias internas do Estado Novo¹⁸. A opção a seu favor terá sido feita devido à demonstração de “lealdade para com o Estado Novo, a sua manifesta ausência de ambição política pessoal e à sua fidelidade a Salazar”.¹⁹

O facto de ter sido eleito de modo fraudulento e de ser ele a ocupar o cargo de Presidente da República a quando do golpe militar de 25 de Abril de 1974 são outras das imagens com que é conotado.²⁰

Navegando num mais recente repositório de memória encontramos no site da Presidência da República uma biografia de Américo Tomás mais pormenorizada e que recupera a memória deste representante da mais alta magistratura do Estado. Para além dos banais dados da sua biografia descrevem-se minuciosamente os cargos que

¹⁷ “Most biographical details are to be found in encyclopaedias and historical dictionaries, but some progress has been made in recent years (PINTO, Paulo Mendes, (2002), *António Xavier Correia Barreto*, Porto, Edições Afrontamento; LEAL, Ernesto Castro (1994), *António Ferro: Espaço político e imaginário social (1918-32)*, Lisbon, Cosmos; VALENTE, Vasco, Pulido, (2002), *Marcello Caetano – As desventuras da razão*, Lisboa, Gótica; VENTURA, António (1994), *Entre a República e a acracia: o Pensamento e a acção de Emílio Costa, 1897-1914*, Lisbon, Colibri; VIEIRA, Joaquim, (Dir.), (2001-2003), *Fotobiografias Século XX*, 10 Vol., Lisboa, Círculo de Leitores.)” Cfr. BAIÃO, Manuel et al (2003), p. 9.

¹⁸ Cfr. CRUZ, Manuel Braga (1999) e SERRA, J. B. (1996).

¹⁹ SERRA, J. B. (1996), p. 976.

²⁰ “Almirante e Presidente da República Portuguesa (1958-1974), deposto pela revolução de 25 de Abril de 1974. Era ministro da Marinha quando Salazar o propôs para disputar as eleições, que ganhou com recurso à fraude, contra o General Humberto Delgado, candidato da oposição política democrática. Depois do 25 de Abril de 1974 esteve exilado no Brasil, tendo regressado em 1979. Cfr. www.uc.pt/cd25a (2-8-06).

desempenhou até ser Presidente da República e as obras que publicou²¹ passando depois para uma análise da sua personalidade e feitos.

A prosa começa com a sugestiva frase “Personalidade curiosa a deste homem de Estado”²². Ou seja, o que se pretende é valorizar a sua prestação enquanto agente do Estado independentemente da natureza ideológica do mesmo. Assim, salienta-se a sua ligação ao mar, símbolo paradigmático do ideário português afirmando-se que no “início da carreira deu o seu contributo para o conhecimento da costa portuguesa. Com os anos vai-se apercebendo da necessidade de renovação da Marinha. Os navios eram antigos, tecnologicamente atrasados e numa quantidade irrisória, incapazes de dar qualquer resposta em casos de emergência.”²³

A sua experiência é valorizada²⁴ assim como o papel que terá tido na modernização da Marinha de Guerra no âmbito da entrada de Portugal na NATO.²⁵

A avaliação que é feita do seu desempenho reafirma precisamente a sua prestação enquanto homem de Estado: “como Presidente da República a sua actuação pautou-se pelo cumprimento escrupuloso das funções atribuídas pela Constituição. Uma atitude moderadora, o guardião das instituições, um apagamento das actividades a favor do Governo e do Presidente do Conselho.”²⁶

O tratamento dado à personalidade de Américo Tomás faz prova que a memória tem nuances que o tempo lhe imprime e em que os momentos e os seus protagonistas são valorizados, suprimidos ou ignorados de acordo com a contextualidade e a vivência em que os autores se movem. A conotação positiva de figura símbolo da manutenção do *status quo* que lhe é dada durante o Estado Novo ganha um efeito estigmatizante no Portugal democrático.

²¹ *Sem Espírito Marítimo Não É Possível o Progresso da Marinha Mercante*, Lisboa, s.e., 1956; *Renovação e Expansão da Frota Mercante Nacional*, prefácio de Jerónimo Henriques Jorge, Lisboa, s.e., 1958; *Citações*, Lisboa, República, 1975; *Últimas Décadas de Portugal*, 1.º e 2.º vols., Lisboa, Fernando Pereira, 1980 e 1981. Cfr. www.presidencia.pt (2-8-06).

²² *Idem*,

²³ *Idem*.

²⁴ “Nomeado para a pasta da Marinha, usará a experiência adquirida para a desenvolver. É célebre o seu Despacho 100. Nele definia um plano de renovação da Marinha Mercante e dava incremento a uma indústria de construção naval.” Cfr. *Idem*.

²⁵ “Este programa tornou-se mais acelerado e concreto com a entrada de Portugal na NATO (OTAN-Organização do Tratado do Atlântico Norte) em 1949. E, não há dúvida, que neste vasto programa muito é devido a Américo Tomás.” Cfr. *Idem*.

²⁶ Cfr. *Idem*.

II - DEMOCRACIA DO SUL E JORNAL DE ÉVORA: DIFERENTES DISCURSOS DE OPOSIÇÃO

Estando sempre latente a conjuntura de limite da liberdade de expressão inerente ao regime do Estado Novo português, configurar discursos de oposição implica perceber a sua presença em órgãos de imprensa enquanto produtores desses mesmos discursos. Neste sentido, podemos encontrar no espectro de publicações periódicas da cidade de Évora em 1958 dois exemplos de posicionamentos críticos face à autoridade, seja ela central ou local - *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora*.

Democracia do Sul era publicado em Évora desde 1901, enquanto defensor dos ideais republicanos, acompanhando as várias facetas e divisões que tais ideais conheceram em solo português. De facto existia uma estreita ligação entre este jornal e o Centro Republicano Nacionalista Eborense sendo, ao tempo do golpe militar de 28 de Maio de 1926, seu director Alberto Jordão Marques da Costa “o mais importante dirigente nacionalista eborense.”¹

Apesar da lenta decadência do Centro Republicano Nacionalista Eborense após 1926, *Democracia do Sul* permanecia como bandeira do ideário republicano, tecendo críticas ao poder central e não deixando esquecer os conceitos de “Democracia”, “Liberdade”, “Igualdade”, “Justiça”.

Por outro lado, numa época de grandes mudanças vividas nesta urbe alentejana, surge o *Jornal de Évora* como uma “pedrada no charco”, enfrentando o poder local, especialmente a Câmara Municipal de Évora e o seu Presidente. A cidade e o seu desenvolvimento são a prioridade numa luta para que arrastou o *Democracia do Sul*, provavelmente por questões de sobrevivência e de manutenção dos leitores.

Na intersecção jornalismo de opinião/jornalismo de informação imagens de permanências e imagens de mudança passam através das páginas destas duas publicações eborenses.

¹ BAIÓIA, Manuel (1999), p. 98.

4 - *Democracia do Sul* – Uma jornada de meio século

Democracia do Sul, auto-intitula-se *Diário republicano defensor dos interesses regionais* merecendo especial atenção das autoridades que o conotavam a ligações Maçónicas.¹ É composto por quatro páginas, sendo vendido em local público, o Café Arcada de Évora.²

Sendo as formas de venda e distribuição do jornal ainda as tradicionais, isto é, através de pontos fixos como por exemplo o Café Arcada ou de assinaturas, tal poderá ser indicador (na falta de dados concretos devido à ausência dessa indicação nos números de *Democracia do Sul*) do carácter relativamente reduzido das tiragens deste periódico. Porém, a existência do sistema de assinaturas espalhas pelo país e fora dele³ indicam-nos que a mensagem do *Democracia do Sul* seria divulgada numa esfera mais vasta do que à partida se poderia pensar, já que, muitas vezes estas assinaturas eram feitas por entidades colectivas, concorrendo para a formação de redes de leitura.⁴

Trata-se de um jornal que nasce no início do século XX, época que segundo Denis Mcquail, constituiu “(...) ponto alto na história do jornalismo e contribuiu muito para a nossa compreensão moderna do que um jornal é ou pode ser.”⁵ Neste sentido e tendo em conta o próprio sub-título deste diário – “Diário republicano defensor dos interesses regionais”, o *Democracia do Sul* assume-se como fazendo parte da chamada imprensa de opinião verificando-se uma plena consciência por parte dos seus autores do valor da opinião pública.⁶

Saliente-se que a “(...) 1 de Janeiro de 1901- Começou a publicar-se em Montemor-o-Novo o jornal «Democracia do Sul», depois trazido para esta cidade por Eduardo Geraldo.”⁷ Por volta de 1930 este declinou a liderança do jornal na pessoa de Anibal Queiroga, autodidacta que colaborou em muitos jornais eborenses a par com a sua vida profissional de tipógrafo na Empresa Tipográfica Eborense,⁸ intermediário no

¹ Cf. TENGARRINHA, José (2006), p. 189.

² Não foi encontrada alusão ao preço em nenhum dos números consultados.

³ *Democracia do Sul*, “Aos nossos assinantes do Ultramar e Américas”, 18-4-58.

⁴ MIRANDA, Paula (2002), p. 101.

⁵ MCQUAIL, Denis (2003), p. 23.

⁶ “(...)Assim, o ‘homem da rua’ é aquele que se manifesta publicamente por esta ou aquela política. É o mesmo que opinião pública. E todos os governos, democráticos ou não, precisam dele, ou seja da opinião pública, para os aplaudir, fazer ambiente enfim.(...)”Cfr. *Democracia do Sul*, “O Homem da rua”, 15-10-58.

⁷ *Democracia do Sul*, “Arco-Iris”, 1-1-58.

⁸ SILVA, Joaquim Palminha (2004), p. 109.

entrecruzar da teia de circulação de ideias formada por tipografias, livreiros, periódicos, circuitos de comercialização do impresso.⁹

Relativamente à estrutura física de *Democracia do Sul*, encontramos no cabeçalho a referência “visado pela censura” assim como a ficha técnica: Fundador, Joaquim Padre de Matos; Editor, Proprietário e Chefe de Redacção, A. C. Queiroga Pires; Director, João Leitão da Silva.

Apresenta-se estruturalmente definido com rubricas fixas cuja gestão dos respectivos espaços é relativamente estável, contrariamente ao que observamos nos jovens jornais que vão alterando a sua configuração em busca do aperfeiçoamento¹⁰.

Assim, podemos encontrar um vasto leque de rubricas que têm presença constante neste diário:

“Album Mundano” que assinala as efemérides relacionadas com os notáveis da cidade (aniversários, enlaces matrimoniais, aniversários de casamento, etc) enquanto “Os que passam” é um espaço dedicado a noticiar os óbitos.

“Arco-Iris” é uma rubrica recheada de “fait-divers” e curiosidades, e dada a sua extensão (ocupa em geral uma coluna inteira da página 4), pensamos que funcionaria como uma estratégia para atrair e conquistar o público¹¹;

“Publicações Recebidas” faz uma listagem de publicações, principalmente periódicas, recebidas pela redacção;

“Correio do Leitor” dando voz às apreciações dos cidadãos confirma a ideia de que “(...) em alguma imprensa, sobretudo regional, é um meio importante de conquistar a adesão do público.”¹².

Por sua vez “Cinema” dá uma informação diária sobre os filmes em cartaz nas várias salas da cidade e “Música no Jardim” apresenta a agenda dos concertos no Jardim Público.

Relativamente aos principais eventos tauromáquicos encontramos a rubrica “Festa Brava” e o relato do desempenho futebolístico das equipas locais é dado a conhecer em “Football”.

Merece-nos particular atenção a rubrica “Pequenas Notícias” em que são apresentados tópicos sobre a vida nacional e internacional, funcionando como o principal indicador/informador da actualidade.

⁹ MIRANDA, Paula (2002), p. 17.

¹⁰ Cfr. MIRANDA, Paula (2002), p.40.

¹¹ CRATO, Nuno (1989), p. 140.

¹² *Ib. Ibidem*, p. 144.

Relativamente às questões internas, é dada a conhecer a actividade governamental como novas nomeações, remodelações e distribuição das pastas pelos seus responsáveis¹³.

Quanto à figura do Presidente do Conselho de Ministros talvez possamos dizer que também a ausência fala por si... De facto as referências directas a Salazar são quase exclusivamente circunscritas à comemoração do 30º aniversário do seu Governo¹⁴ e à transcrição dos seus discursos indo ao encontro da posição de Nair Alexandra quando afirma que “No Portugal de 58, o jornalismo continua a ser feito, em grande parte, através da transcrição de discursos e comunicados.”¹⁵

A actividade do aparelho repressivo do Estado, representado pela PIDE, raramente é exposta de forma explicita. Tal verifica-se apenas numa ocasião em que pensamos se procura chamar a atenção para a prisão de portugueses por parte deste organismo a pretexto de se tratarem de falsos frades.¹⁶ De resto, o que encontramos são alusões ao clima de medo em que os portugueses viviam e à necessidade de impor a ordem sem estimular este estado de espírito.¹⁷

Na sequência dos acontecimentos da Campanha Eleitoral para a Presidência da República de 1958 e posteriores processos e prisões, o Ministro da Justiça concede uma amnistia porém, ao ser noticiada, os seus destinatários não são enunciados¹⁸.

Ainda no campo do nacional e a comprovar a ideia de Isabel Forte de que em caso de catástrofe o número de mortos e das famílias que ficavam sem casa não eram mencionados¹⁹, na referida rubrica “Pequenas Notícias”, a erupção vulcânica ocorrida no arquipélago dos Açores em 1958, é noticiada desde o dia 7 de Janeiro, sendo que até ao dia 27 de Março surge sem serem citados quaisquer estragos ou perdas materiais e humanas. Só a 15 de Maio, aproveitando, pensamos nós, o afrouxar da censura devido à campanha eleitoral, é que surge a informação de que “Os últimos abalos de terra na ilha do Faial danificaram centenas de habitações e trazem alarmada a população.”²⁰ e a 18

¹³ *Democracia do Sul*, “Remodelação Ministerial”, 14-8-58.

¹⁴ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 20-4-58; *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 27-4-58; *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 29-4-58; *Democracia do Sul*, “Mensagem dos Municípios portugueses ao Presidente do Conselho”, 31-5-58.

¹⁵ ALEXANDRA, Nair (1998b), p. 18.

¹⁶ *Democracia do Sul*, « São ou não são frades os indivíduos detidos pela PIDE? », 11-2-58.

¹⁷ *Democracia do Sul*, “O Medo”, 28-6-58.; *Democracia do Sul*, “Ordem nas ruas”, 29-8-58.

¹⁸ *Democracia do Sul*, “De todo o Mundo”, 13-10-58.

¹⁹ Cfr. FORTE, Isabel (2000), p. 83.

²⁰ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 15-5-58.

desse mesmo mês “Admite-se uma catástrofe na ilha do Faial, de onde vão ser evacuados mulheres, velhos e crianças”.²¹

Relativamente às colónias, nesta rubrica é dado a conhecer todo o processo em torno da questão da Índia, desde o litígio a correr no Tribunal Internacional de Haia entre Portugal e a União Indiana, ao apoio inglês à unidade dos territórios portugueses, os contingentes militares enviados para esta zona, a suposta vontade do povo indiano em continuar ligado a Portugal e inclusivamente o relato de atentados “terroristas” com consequente perda de vidas: “Terroristas da União Indiana cometeram novo atentado em território goês, de que resultou um morto e quatro feridos.”²²

Na esfera internacional “Pequenas Notícias” dá ampla cobertura sobre o clima de Guerra Fria instalado por todo o mundo em que Estados Unidos da América e URSS se degladiam em acusações mútuas de espionagem: “Centenas de submarinos russos navegam ao largo da costa Leste dos Estados Unidos em missão de espionagem”²³; de corrida ao armamento: “Um relatório da NATO informa – e avisa – que o bloco comunista tem mais de 6 milhões de homens em armas e poderá pôr em pé de guerra 25 a 30 milhões.”²⁴ As declarações de boas intenções também são relatadas: “Eisenhower afirmou que todos os esforços serão tentados em 1958 para melhorar as relações com a Rússia.” e “Khruschchev considera urgente a Conferência de Chefes de Governo; propõe arquivar os seus foguetões se os americanos desistirem das «rampas» no Ocidente”²⁵

O conflito do Médio Oriente é igualmente incluído²⁶ assim como a onda de revoluções vivida na América Latina nomeadamente na Venezuela e Cuba e os movimentos independentistas em África principalmente na zona do Magrebe (Argélia; Tunísia). Saliente-se a este propósito a transmissão da proclamação da Conferência Africana, reunida em Accra, segundo a qual se “deve fixar uma data para a concessão da independência aos territórios coloniais.”²⁷ Parece-nos oportuno chamar a atenção para o facto de aparentemente a independência das colónias portuguesas não ser bem aceite e ao mesmo tempo se veicular o desejo de outros territórios quererem tal estatuto.

²¹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 18-5-58.

²² Cfr. *Ib. Ibidem*, 8-3-58.

²³ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 26-1-58.

²⁴ *Ib. Ibidem*, 18-4-58.

²⁵ *Ib. Ibidem*, nos dias 4-1-58 e 30-1-58, respectivamente.

²⁶ Cfr. por exemplo *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 16-1-58.

²⁷ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 19-4-58.

Este facto é tanto mais significativo por quanto sabemos que o *Democracia do Sul* chegava e tinha assinantes na África portuguesa.

Estamos, portanto, perante uma incursão pelo jornalismo de informação, já que, “a inserção de temas da actualidade, relativos a assuntos políticos, sociais, económicos e culturais, numa escala nacional e internacional, apresentam-se como pré-requisito indispensável para que possamos considerar a existência de um periódico de informação.”²⁸ Aparentemente entramos em contradição com a classificação anteriormente feita sobre a índole do *Democracia do Sul* – um jornal de opinião. Porém, esta incursão pela informação parece-nos perfeitamente plausível na medida em que, em 1958 esta era uma faceta indispensável para a sobrevivência dos periódicos. A própria existência e sobrevivência desta publicação na década de cinquenta conjuntamente com o nascer do novo projecto (*Jornal de Évora*) confirma a coabitação entre imprensa de informação e de opinião²⁹.

Finalmente, a rubrica “Faz hoje 35 anos que o *Democracia do Sul* informava” duplamente ilustrativa. Ao mesmo tempo em que demonstra a longevidade do seu percurso apontando para a sua maturidade, perpetua a memória de *Democracia do Sul* entrelaçando o passado e o presente sendo o seu conteúdo “instrumentalizado ao sabor das várias conjunturas nacionais”³⁰ e locais.

“Depois de várias reuniões preparatórias, ficou ontem definitivamente organizado nesta cidade um novo Centro Republicano seguindo a orientação do Partido Republicano Português.(...)”³¹. Trata-se, neste exemplo, de reafirmar a presença e importância do movimento republicano em Évora ao mesmo tempo que se chama ao presente o repositório de memória que este diário simbolizava.

No contexto do valor da maturidade como uma “mais-valia” e a propósito do seu 57º aniversário reafirma: “grangeámos o crédito de quantos então nos conheceram e conquistámos um nome que ficou solidamente avalizado para maiores empreendimentos.(...)”³² Tal longevidade, principalmente numa época de ditadura³³, permite depreender que “existia uma forte correlação entre o seu ciclo de vida e a

²⁸ Argumento apresentado por MIRANDA, Paula (2002), p. 24 com base no estudo de BORRAT, Héctor (1989), *El periódico, actor político*, Gustavo Gili, Barcelona, s.n.

²⁹ Cfr. LAVOINNE, Yves (s/d), p.16.

³⁰ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 322.

³¹ *Democracia do Sul*, “Faz hoje 35 anos que o *Democracia do Sul* informava”, 9-1-58.

³² *Democracia do Sul*, “A opinião pública”, 19-1-58.

³³ A longevidade de determinadas publicações anti-situacionistas enquanto marca indicadora da sua projecção e importância é evidenciada por TENGARRINHA, José (2006), p. 187.

receptividade das ideias por ele veiculadas”³⁴ que é atestada não só pelo facto de ter leitores e assinantes espalhados pelo mundo³⁵ como pelas homenagens que os seus leitores lhe faziam nas mais diversas formas:

“No seu Alentejo amado
«Democracia do Sul»
É um jornal afamado
Batalhador denodado
É democrata taful.”³⁶

Também neste caso é feita uma espécie de autoconfissão da saga de produção³⁷ do jornal em paralelismo com as várias etapas do republicanismo em Portugal: “Nasceu para defender a República quando ela era ainda um sonho do povo português; para servir a Democracia, quando esta ainda vinha longe.(...) não tergiversou quando as sentiu apunhalar pelas costas, ou pelos amigos que as atraíam julgando que as serviam, ou pelos inimigos que as serviam atraíam-as.(...)”³⁸

O brio jornalístico e a sua corajosa missão de busca da verdade são salientados³⁹, já que o “jornalista deve ter o perfil da responsabilidade e aferir o valor do seu trabalho pela verdade, porque lhe cabe a honra do exercício da Imprensa.”⁴⁰ Porém, se por um lado se constata esta necessidade de fidelidade à ética e brio jornalísticos, assistimos também a que os temas tratados e as notícias dadas obedecem a uma escolha criteriosa e cuidada seguindo o projecto de mentalização⁴¹ deste representante da imprensa de opinião. Desta forma vai-se urdindo a fina e quase imperceptível malha (dadas as circunstâncias de censura) orientadora do público, reconhecendo-se a “(...) dupla missão informativa e orientadora da opinião pública (...)”⁴² por parte dos jornais, destacando-se a importância da livre imprensa⁴³ ao mesmo tempo que se denuncia a “obrigação” de publicar fotografias e biografias dos titulares de lugares públicos⁴⁴.

³⁴ BERNARDO, Mariana (2001), p. 27.

³⁵ *Democracia do Sul*, “Aos nossos assinantes do Ultramar e Américas”, 18-4-58.

³⁶ *Democracia do Sul*, “Gazetilha”, 21-1-58.

³⁷ ALVES, José Augusto (2000), p. 435.

³⁸ *Democracia do Sul*, “56 Anos”, 1-1-58.

³⁹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Palavras de um jornalista”, 5-11-58.

⁴⁰ REIS, António do Carmo (1999), p. 19.

⁴¹ *Ib. Ibidem*, p. 76.

⁴² *Democracia do Sul*, “A Imprensa e o ardina”, 10-4-58.

⁴³ Cfr. *Democracia do Sul*, “Da psicologia dos povos e dos homens”, 18-12-58.

⁴⁴ Cfr. *Democracia do Sul*, “Hábitos e costumes que não prestam”, 18-1-58.

Acresce que na sequência do “Obviamente, demito-o!” de Humberto Delgado, é escrito um artigo sobre a necessidade das verdades se dizerem publicamente e não através do boato.⁴⁵

É importante salientar que, apesar das anteriormente referidas incursões pelo carácter “simplesmente” informativo, o *Democracia do Sul* não esquece o seu “papel mediático: faz ou reflecte opinião, defende ou ataca o aparelho do poder, informa e forma.”⁴⁶ Neste caso as funções de imprensa de opinião marcadamente de oposição⁴⁷ ao regime são utilizadas para alertar a opinião pública no sentido dos abusos do poder, quer seja do ambiente de denúncias e torturas⁴⁸ quer seja no recordar dos “atropelos” durante a Campanha Eleitoral e posteriores Eleições Presidenciais: “(...) 1958, não deixa saudades, nem alegria nem felicidade!...Tantos foram os acontecimentos, tantas foram as ilusões, tantas foram as promessas envoltas em esperanças e incertezas, tantas dores e sofrimentos, tantas vidas perdidas e tantas sepulturas que se abriam onde caíram novos e velhos(...)”.⁴⁹

⁴⁵ *Democracia do Sul*, “O medo”, 15-5-58. [Atente-se no facto de as afirmações do general Humberto Delgado terem sido feitas a 10-5-58].

⁴⁶ REIS, António do Carmo (1999), p. 52.

⁴⁷ Comprovado pelo facto de as autoridades o conotarem com os seus arqui-inimigos – a Maçonaria e o Comunismo. Cfr. TENGARRINHA, José (2006), p. 193-4.

⁴⁸ “Temos assistido a muitos casos de perda irrevogável de indivíduos que fazem sombra a outros, isto é, dos «compadres» que se juntam num «café» ou a qualquer esquina para manobrar a aniquilação definitiva de alguém. Esses tais «compadres» e «bons» amigos tecem a malévola teia com tanta habilidade, que quem está destinado ao sacrifício dificilmente, se não impossível, se vê livre dos tentáculos desses produtos duma mentalidade anormal, mesmo cruel por natureza, por atavismo.

Torturando por prazer, multiplicando dia a dia o número das suas vítimas, que muitas vezes, ficam muito aparvalhadas a cogitar nos motivos da atroz perseguição, (...)” Cfr. *Democracia do Sul*, “Os bons rapazes”, 22-12-58.

⁴⁹ *Democracia do Sul*, “1959”, 1-1-59.

4.1 – A prioridade à defesa dos ideais

Democracia do Sul procura ser a voz local da oposição ao regime, reflectindo as posições republicanas oposicionistas. Pensamos que esta atitude se enquadra no argumento segundo o qual os republicanos “revelaram um peso político considerável, no interior de organizações de resistência ao regime, decorrente da sua implantação de topo, das redes e contactos no aparelho de Estado, civil e militar, ou junto das notabilidades locais.”⁵⁰ Talvez seja igualmente este um dos factores que ajude a explicar a longevidade deste diário, ou seja, o facto de ser produto/voz de uma elite oposicionista local sendo a sua existência fundamental como forma de representação do ideário republicano em Évora e na sua rede de influência.

Nesta linha de raciocínio podemos estabelecer um certo paralelismo entre as linhas orientadoras do *Democracia do Sul* e aquele que pensamos ser o seu modelo – o *República*, sendo frequente desde os primórdios da imprensa portuguesa este tipo de mimetismo⁵¹. Assim, o *Democracia do Sul* seria uma espécie de laboratório dos ideais republicano funcionando como intermediário local entre os cidadãos “democratas” da cidade e o *República*.⁵² A confirmar esta estreita ligação constata-se que o correspondente deste último em Évora, era ao mesmo tempo colaborador na redacção do *Democracia do Sul*.⁵³

Na própria evolução dos conteúdos e temas tratados se verifica este paralelismo, já que, como anteriormente explicámos este periódico local “procura defender, em condições adversas, os ideais republicanos e democráticos, ao mesmo tempo que alargava o seu carácter noticioso”, tal como José Tengarrinha constata para o *República*.⁵⁴

Qual então a matriz ideológica subjacente ao discurso do *Democracia do Sul*? Verificamos que conceitos como “Liberdade”, “Democracia”, “Igualdade”, “Justiça”, são amplamente utilizados a pretexto das mais variadas situações. No entanto, a todos eles são dedicados espaços próprios sem margem para dúvidas quanto ao objectivo. Encontrámos numerosos artigos sobre a “Liberdade”, as suas virtudes, a sua necessidade e a sua inevitabilidade. Procura-se o auxílio dos clássicos como

⁵⁰ LOPES, Fernando Farelo (1999), p. 240.

⁵¹ NUNES, Maria de Fátima e PEREIRA, Sara Azevedo e Sousa Marques (1996), p. 21.

⁵² Cfr. *Democracia do Sul*, “Herança Pesada”, 27-2-58.

⁵³ *Democracia do Sul*, “Imprensa – República”, 25-11-58.

⁵⁴ TENGARRINHA, José (1999), p.239.

Montesquieu para acentuar a sua importância⁵⁵, utiliza-se a parábola para demonstrar a sua ausência em Portugal.⁵⁶ Sendo a “(...) a liberdade republicana uma liberdade negativa (isto é, de não ver invadida a esfera pessoal de cada um), mas aplicada a um domínio que vai além do Estado, abrangendo toda a sociedade civil”,⁵⁷ reafirma-se que “A liberdade do Pensamento é das mais sagradas da vida humana. É indispensável, porém, que haja sinceridade e respeito mútuos. Respeitemos as opiniões alheias para que nos respeitem as nossas.”⁵⁸

Quanto a “Democracia” a sua presença é contínua, começando pela própria designação do jornal, ou seja, *Democracia [do Sul]* que tinha um carácter quotidiano em Évora... Para além desta constância, que por si só é reveladora, encontramos abundantes apontamentos em torno deste conceito. Sob o sugestivo título “O que se compreende por Democracia” diz-se que “A «Democracia» no sentido estrito da palavra, consiste no exercício, directo ou indirecto, do poder pelo povo.”⁵⁹ Comprovando a matriz da cultura europeia deparamo-nos, ainda, com exemplos de que a soberania da Nação reside nos cidadãos, que obviamente têm direitos e deveres⁶⁰. Um desses direitos é o de ter opiniões políticas próprias, formando em conjunto com outros que as comunguem os Partidos. Esta explicação é feita com minúcia rematando da seguinte forma: “É assim dentro da Democracia, embora o sistema não seja impecável. Mas não há outro dentro das democracias, por enquanto, porque temos de partir do princípio que os homens não podem pensar todos pela mesma cabeça, mesmo que essa cabeça seja normal e tenha, sobretudo bom senso.”⁶¹ A grande virtude da “Democracia” seria a sua capacidade formadora, isto é, a sua capacidade para admitir e promover a discussão de ideias.⁶²

⁵⁵ *Democracia do Sul*, “Trechos Escolhidos – Liberdade”, 7-5-58.

⁵⁶ “Nessa tarde a professora falou sobre a Liberdade no nosso país.

Por fim, disse às alunas:

- Agora muita atenção. Tenho aqui uma caixa cheia de botões. Quando saírem, desejo que cada uma das meninas tire três botões e se lembre que eles representam a Vida, a Liberdade e o Direito.

No dia seguinte a professora chamou a melhor aluna e disse-lhe:

- Helena, vem cá, dá-me os três botões que levaste ontem e dize às tuas condiscipulas o que eles representam. Esqueceste-te?

- Não, minha senhora – respondeu a pequena – mas só tenho a Vida. A minha mãe entregou-os não sei a quem e eu não os posso, por isso, restituir à senhora professora.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Da vida, da Liberdade e do Direito”, 4-6-58.

⁵⁷ HESPANHA, António Manuel (2003).

⁵⁸ *Democracia do Sul*, “A tolerância”, 12-9-58.

⁵⁹ *Democracia do Sul*, “O que se compreende por Democracia”, 29-11-58.

⁶⁰ *Democracia do Sul*, “Excertos dum Breviários”, 10-10-58.

⁶¹ *Democracia do Sul*, “Partidos”, 27-7-58.

⁶² *Democracia do Sul*, “Opiniões”, 20-7-58.

“Igualdade” e “Justiça” são enaltecidas porque inerentes a “Democracia” já que “Esta organização política implica um Estado social caracterizado pela igualdade perante a lei, visto terem todos os mesmos direitos.(...)”⁶³ Assim “valores como liberdade, igualdade, progresso, civilização, humanidade e outros são ingredientes de um projecto que se vai construindo nas práticas discursivas”⁶⁴ e que culmina no robustecer da matriz republicana, apelando à descentralização, à ciência e ao trabalho, valores que segundo Fernando Catroga são caros aos republicanos⁶⁵.

Relativamente à descentralização e ao valor do trabalho chama-se a atenção para o árduo labor do trabalhador alentejano e para a necessidade de dar mais importância à província⁶⁶ assim como se elogia a necessidade de modernizar o trabalho através do sugestivo título “O Homem-máquina”⁶⁷.

Numa “procura da mobilização da memória que importa sistematicamente revisitar”⁶⁸ são amplamente evocados os momentos fundamentais para o movimento republicano português assim como os seus heróis e os seus modelos.

Relembra-se e sublinha-se o legado da Revolução Francesa – a Democracia e a República,⁶⁹ assinalando-se o seu aniversário. Este movimento revolucionário constituiu o triunfo e internacionalização da Liberdade: “Mais um aniversário passa amanhã sobre a tomada da Bastilha, que foi, pode dizer-se, o primeiro grito da França escravizada.(...) A Declaração dos Direitos do Homem ditou-a a França. Ouviu-a e repetiu-a a Humanidade inteira. A Liberdade, no seu triunfo grandioso, galgou as fronteiras francesas e proclamou a igualdade de todos os homens nos seus direitos e nos deveres.”⁷⁰

Também a heroicização da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial não é esquecida afirmando-se que tal se tratou de um “clarão da epopeia que jamais se apagará da História envolvendo a jornada de La Lys numa auréola de sacrifício, (...)”⁷¹

Quanto à ritualização constituída pelas homenagens cíclicas e comemorativas da memória há dois momentos que são primordiais – o 31 de Janeiro de 1891 e o 5 de

⁶³ *Democracia do Sul*, “O que se compreende por Democracia”, 29-11-58.

⁶⁴ ALVES, José Augusto (2000), p. 54.

⁶⁵ CATROGA, Fernando (1991a)p. 45.

⁶⁶ Cfr. Respectivamente *Democracia do Sul*, “O gesto augusto do sementeiro”, 1-1-58 e *Democracia do Sul*, “Urbanismo, ruralismo e progresso nacional”, 7-1-58.

⁶⁷ Cfr. *Democracia do Sul*, “O Homem-máquina”, 26-2-58.

⁶⁸ ALVES, José Augusto (2000), p.15.

⁶⁹ *Democracia do Sul*, “A Revolução Francesa”, 20-4-58.

⁷⁰ *Democracia do Sul*, “Faz hoje 35 anos que a Democracia do Sul informava:”, 13-7-58.

⁷¹ *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 9-4-58.

Outubro de 1910. Relativamente ao primeiro é profícua a sua celebração⁷² sendo de salientar o artigo em que se recordam as dificuldades vividas em 1957 a quando desta data, já que, se pretendia utilizar nas páginas do jornal uma colaboração de cidadãos do Porto – palco dos acontecimentos de 1891 – e tal não foi possível porque a mesma não terá chegado a tempo devido a entraves não especificados. No entanto, esta colaboração seria utilizada no presente rematando-se da seguinte forma: “«o que não se faz no dia de Santa Maria, faz-se no outro dia» -, se bem que aqui o dia glorioso que se evoca seja sempre aquele em que a alma grande da gente do Porto se sacrificou pela primeira vez em holocausto à República e à Liberdade.”⁷³

No que se refere ao 5 de Outubro, este é apresentado como um momento de criação muito para além da simples efeméride⁷⁴, reafirmando os ideias republicanos,⁷⁵ chamando a atenção para as restrições impostas pelas autoridades às comemorações⁷⁶ e realçando o civismo em que as mesmas decorreram estabelecendo-se um paralelismo entre esta atitude e a demonstrada no decorrer do acto eleitoral de Junho: “As cerimónias comemorativas do 5 de Outubro decorreram em todo o País com perfeita ordem e elevação do espírito cívico.(...) Como não pode esquecer-se a lição de civismo dada pela última jornada eleitoral em que o País concorreu às urnas em elevada percentagem e com uma compostura reconhecida e louvada pelos próprios adversários do sufrágio universal.” Acrescenta-se que: “Estes exemplos servem a demonstrar, ao contrário do que alguns pensam, que o povo português atingiu a maioria política e está preparado para assumir as responsabilidades que daí resultam, quando se julgar oportuno.”⁷⁷ É portanto, “nítida, e clara, a instrumentalização da memória”⁷⁸ em prol do discurso republicano português.

Contrariando a ideia de Nair Alexandra segundo a qual “(...) os jornais portugueses, na sua maioria, revelam um território cinzento onde raramente a publicação assume uma tomada de posição clara (...)”,⁷⁹ o *Democracia do Sul* assume

⁷² Cfr. *Democracia do Sul*, “As comemorações do 31 de Janeiro no Porto”, 29-1-58; “O 31 de Janeiro”; “Os Advogados do Porto e o 31 de Janeiro”; “Uma data memorável”, 31-1-58.

⁷³ *Democracia do Sul*, “Os Advogados do Porto e o 31 de Janeiro”, 31-1-58.

⁷⁴ “Esta data não é vulgar efeméride que se possa anular, mas um início, um ponto de partida que a História nunca poderá ignorar.” Cfr. *Democracia do Sul*, “À família Republicana de Portugal”, 5-10-58.

⁷⁵ *Democracia do Sul*, “Morreu o Rei! Viva a República!”; “O Regime da Nação”, 5-10-58.

⁷⁶ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 5-10-58.

⁷⁷ *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 9-10-58.

⁷⁸ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 336.

⁷⁹ ALEXANDRA, Nair (1998b), p. 8.

uma inequívoca oposição de que nos apercebemos em vários momentos⁸⁰ chegando inclusive a desassombrada e ousadamente criticar o desregramento no uso das viaturas do Estado, utilizando uma linguagem que podemos considerar agressiva: “O ‘Diário Ilustrado’ chama a isto abuso, mas nós, que temos menos papas na língua, podemos chamar-lhe afoitamente pouca vergonha sem receio de que alguém venha justificar o procedimento(...)”.⁸¹ Concomitantemente realça-se o valor da Oposição sustentando que “Sem Oposição até o melhor governante se diminui.”⁸²

Reflectindo sobre tudo o que foi dito até ao momento coloca-se-nos um enigma – qual era a posição dos agentes da censura na cidade que “deixavam passar” tais afirmações, argumentos e críticas? Se bem que o aparelho da censura local não tenha cabimento neste trabalho, somos levados a invocar de novo os argumentos de Nuno Crato segundo o qual “conforme a importância do meio de comunicação, a sua tiragem e penetração popular, assim variava o rigor da censura, registando-se casos em que jornais de difusão limitada podiam divulgar assuntos que a outros estavam vedados.”⁸³

A posição de Noémia Serrano face a esta problemática é idêntica quando afirma que “a sedimentação dessa censura não foi imediata nem uniforme pois alguns artigos fugiam aos cânones ideológicos do Estado Novo.”⁸⁴ De facto até a própria existência e funcionamento da Censura eram divulgados denunciando-se os seus malefícios⁸⁵ com maior ou menor clareza.

Como exemplo desta denúncia, ainda que velada, é dito a propósito do mau estado duma rua da cidade, que os conselhos da imprensa seriam dados demasiado tarde, e que se pudessem ter sido publicados mais cedo teria havido menores custos...⁸⁶ Igualmente o afrouxar da censura durante os tempos da Campanha Eleitoral é transmitido sem lugar para dúvidas: “Perguntaram-nos (...), se se pode escrever coisas sem a colaboração da censura. Claro que se pode. Pelo menos até uns dias antes de 8 de

⁸⁰ “Sem dúvida que quem manda ou dirige tem poderes mais latos. Não são porém poderes descricionários. Não podem nem devem fazer o que lhes apetece, o que lhes dá na sua real gana.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Dignidade Profissional”, 2-4-58 e “Ninguém pode prever o que acontecerá quando as pessoas começarem a pensar por conta própria.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Provérbios Filosóficos”, 10-6-58.

⁸¹ *Democracia do Sul*, “Lisboa ao correr do...lápiz”, 11-5-58.

⁸² *Democracia do Sul*, “Pela República e por Portugal”, 13-6-58.

⁸³ CRATO, Nuno (1989), p. 201.

⁸⁴ SERRANO, Noémia (2005), p.49.

⁸⁵ “Muitas vezes os jornalistas escrevem uma coisa e nas páginas dos jornais e revistas sai outra.” Cfr. *Democracia do Sul*, “A Imprensa, a Paz e a Verdade”, 7-11-58.

⁸⁶ “Se assim não fosse, se os jornais tivessem falado mais cedo, talvez a Câmara poupasse uns bons milhares de escudos, (...)” Cfr. *Democracia do Sul*, “A Rua da República é a mais mal tratada da cidade”, 16-9-58.

Junho próximo(...)"⁸⁷ [data das eleições presidenciais]. Podemos então concluir que a censura sendo um "processo obstaculizante nunca se realiza completamente em virtude das fugas que permite o imaginário, o «travesti» das significações"⁸⁸ sendo muitas vezes nas entrelinhas que se pode fazer uma leitura do espaço público, sujeito que está a uma vigilância apertada:⁸⁹ "Do prólogo dum livro recente: 'Qualquer rio é, em princípio, terra, pedra e uma gota de água. A terra e as pedra ficam, mas a água move-se, cresce, torna-se regato, e este transformou-se em rio. Há muitos rios. Um é o Danúbio, outro é o medo."⁹⁰

Pensamos que este aparente comportamento paradoxal da Censura deve-se ao facto de que a descoberta do uso público da razão não tem retorno, não pode ser simplesmente "apagada", apesar das situações de ditadura, como é amplamente detectável nas críticas e na linguagem utilizada pelo *Democracia do Sul*. Haveria portanto em Évora redes comunicacionais em que se articulavam os espaços públicos com a palavra oral e impressa contribuindo para a circulação da notícia e o "contrabando" das ideias.⁹¹

Comprova-se o carácter eminentemente de opinião assumido pelo *Democracia do Sul* encarando a política como um acto público, publicamente reflectido, criticado ou elogiado sendo um jornal de "partido político dedicado às tarefas de activar, informar e organizar."⁹² Tal posicionamento leva-nos a cogitar mais uma vez sobre a perenidade que este diário representa, funcionando como uma reminiscência do jornalismo de opinião que não perde uma oportunidade para criticar o poder instituído agitando e propagandeando os seus ideais republicanos.⁹³

Convém ainda salientar que se por um lado *Democracia do Sul* se assume como sendo de oposição ao regime comunga com ele alguns aspectos. Um desses pontos em comum é o arqu-inimigo de ambos – o Comunismo e a sua expressão no mundo, a URSS. Esta dupla posição de antagonismo ao sistema comunista prende-se com questões de raiz ideológica assim como ao necessário enquadramento dos opositores a

⁸⁷ *Democracia do Sul*, "UM feixe de notícias", 24-5-58.

⁸⁸ ALVES, José Augusto (2000), p. 323.

⁸⁹ Cfr. *Ib. Ibidem*, p. 23.

⁹⁰ *Democracia do Sul*, "O Medo", 27-8-58.

⁹¹ ALVES, José Augusto (2000), p. 326.

⁹² MCQUAIL, Denis (2003), p.22.

⁹³ "(...) contava também o P. R. P. para a sua acção e propaganda com a colaboração de uma imprensa própria ou simpatizante, que, filiada ou não no Partido, lhe prestou sempre os mais relevantes serviços." Cfr. FERREIRA, David (1975) p. 300.

um poder autoritário.⁹⁴ Neste sentido é curioso como a parte que é transcrita do discurso do Presidente do Conselho a quando da tomada de posse da nova comissão executiva da União Nacional é a referente precisamente ao comunismo: “é, na verdade, a maior revolução e, talvez, a maior experiência político-social de todos os tempos; e, se não fora a enormidade dos sofrimentos que tem causado, quase poderíamos regosijarmo-nos de que um grande país fizesse essa experiência para lição da Humanidade.”⁹⁵ Os comunistas são também apresentados pelo regime como os “semeadores” da desordem nas colónias portuguesas.⁹⁶ A posição do *Democracia do Sul* é mais no sentido da denúncia do sistema ditatorial vivido na URSS onde “imperava a pior ditadura de todos os tempos”⁹⁷ chegando-se, no entanto, a elogiar a “máquina instrutora da Rússia” para em seguida se dizer que só serve para formar “autómatos obedientes”.⁹⁸

⁹⁴ Cfr. ALVES, José Augusto (2000), p. 327.

⁹⁵ Cfr. *Democracia do Sul*, “De todo o Mundo”, 9-12-58.

⁹⁶ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 5-4-58.

⁹⁷ *Democracia do Sul*, “Três Opiniões”, 10-1-59.

⁹⁸ Cfr. *Democracia do Sul*, “Qual a vantagem?”, 20-6-58.

4.2 – A imagem da Cidade

Democracia do Sul procura conjugar a sua acção face à cidade em torno da intersecção de três esteios fundamentais: afirmação da sua maturidade em contraponto ao ímpeto do *Jornal de Évora*; demanda de solução para os problemas eborenses; proposta e difusão de reformas no sentido de influenciar os meandros do poder.

Neste contexto, quando sai o primeiro número do *Jornal de Évora* são dadas felicitações e louvadas as intenções do novo semanário alertando, porém, para a “tarefa ingrata a que meteu ombros”,⁹⁹ como o irmão mais velho que já sabe o quão difícil ela é. Em Janeiro não se referindo a ninguém em concreto, afirma que: “sendo o Mundo tão grande todos cabemos nele, à vontade, sem necessidade de nos andarmos a atropelar uns aos outros”,¹⁰⁰ demonstrando assim algum desconforto. Além do que o novo semanário começa logo nos primeiros números a denunciar as questões mais “quentes” da cidade como sejam a construção do Hospital do Patrocínio, a Habitação Clandestina e as mais variadas carências da urbe alentejana. Em Fevereiro lança uma provocação: “Estranham que cá na terra um jornal levante problemas;”¹⁰¹ à qual se segue um aparente despertar e apontar das carências que a cidade vivia por parte do *Democracia do Sul*.¹⁰²

De facto, a relação entre estas duas publicações nunca é pacífica, chegando ao rubro no mês de Novembro quando o *Jornal de Évora* o acusa de lançar indirectas sobre a sua actuação¹⁰³ ao que o “velho diário” responde no sentido de evidenciar a imaturidade do seu congénere: “Na sua «nota da redacção» do número do último domingo, o nosso prezado colega *Jornal de Évora*, persistindo no seu engraçado hábito («pré-natal?») de investir e barafustar com moinhos de vento, lembrou-se de dar uma lição de «quixotismo» aos colegas da cidade. Modéstia à parte, mas coube-nos a parte de leão... e não perderemos a oportunidade de agradecer a impertinência.”¹⁰⁴

Paradoxalmente os seus colaboradores são partilhados sendo de destacar o facto de Leitão da Silva ser Director do *Democracia do Sul* e escrever para o *Jornal de*

⁹⁹ *Democracia do Sul*, “Imprensa – Jornal de Évora”, 27-12-57.

¹⁰⁰ *Democracia do Sul*, “Nota do dia”, 22-1-58.

¹⁰¹ *Jornal de Évora*, “Apontamento”, 9-2-58.

¹⁰² Cfr. *Democracia do Sul*, “Impressões & Comentários”, 26-2-58. Neste artigo (que não transcrevemos por questões de economia de espaço), são enunciadas as necessidades ao nível de um novo liceu, de um novo edifício escolar, novas ligações e arruamentos, paragens de autocarros em falta, criação de um cine-clube, uma universidade para o Sul...

¹⁰³ Cfr. Nota 83 do capítulo dedicado ao *Jornal de Évora*.

¹⁰⁴ Cfr. *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 18-11-58.

Évora. Temos assim que “a amizade cria laços duradouros e subverte alinhamentos políticos e ideológicos.”¹⁰⁵

A maturidade do *Democracia do Sul*, que conta com 57 anos de existência, é amplamente valorizada e apresentada como trunfo principalmente em contraposição com a atitude irreverente do jovem *Jornal de Évora*. Este traquejo é subtilmente enfatizado, nomeadamente através da posição face à Câmara Municipal de Évora, dando-lhe a “democrática” oportunidade de responder a ataques variados que lhe são feitos.¹⁰⁶ Da mesma forma que denuncia as carências da cidade elogia a eficiência do seu Presidente de Câmara¹⁰⁷ assim como realça o próprio reconhecimento deste face à atitude ponderada do *Democracia do Sul*: “O sr. dr. João Luís Vieira da Silva reconheceu a probidade com que pusemos o assunto, objectivamente e sem irreverências, confessando-se sempre disposto a esclarecer qualquer dúvida que enunciarmos e a receber todas as críticas que obedçam a estes dois princípios.”¹⁰⁸

Sendo, inclusivamente, um acérrimo defensor da liberdade de expressão, na hora de informar sobre a partida do Delegado Regional da Censura por razões que se prendem com o prosseguimento da sua carreira militar, não se poupam elogios à sua pessoa: “Prudente e compreensivo, nunca o mando o cegou, não abusou, nem como oficial encarregado da censura, nem como comandante distrital da Legião Portuguesa. Procurou sempre evitar dureza e violências escusadas.”¹⁰⁹

Perante estes factos somos levados a supor que para este diário o único poder a afrontar e fazer oposição seria o central tendo uma acção de persistente desgaste do regime.

No entanto, parece-nos que os assuntos da cidade vão ganhando importância ao longo do ano de 1958. Esta mudança de perspectiva e prioridades reflecte-se na denúncia das carências: maternidade, piscina, mercado, posto de higiene mental, teatro novo, hotel, bairro para pobres, abastecimento de água,¹¹⁰ transportes, iluminação e sanitários públicos. Porém o tom utilizado é sempre de comedimento, sem grandes

¹⁰⁵ VENTURA, António (2004), p. 189.

¹⁰⁶ Cfr. *Democracia do Sul*, “Diálogo Democrático”, 15-10-58.

¹⁰⁷ Demonstrando que algumas críticas bem intencionadas são toleradas pois acabam por fazer o elogio ao sistema. Cfr. SERRANO, Noémia (2005), p. 55.

¹⁰⁸ *Democracia do Sul*, “Ainda o caso do pessoal assalariado dos S.M”, 11-10-58.

¹⁰⁹ *Democracia do Sul*, “Capitão Joviano Ramos”, 2-11-58.

¹¹⁰ *Democracia do Sul*, “Tempos e Gentes”, 4-9-58.

títulos e alardes, procurando sempre não afrontar a Câmara Municipal e o seu Presidente.¹¹¹

Evidentemente que os momentos significativos para a edificação de melhoramentos na cidade são noticiados, quer seja a inauguração do novo quartel dos bombeiros,¹¹² com descrição da cerimónia e seus participantes, quer seja o projecto para o futuro Palácio de Justiça cuja apresentação foi feita em Abril de 1958.¹¹³ Estamos perante uma série de construções e projectos a fim de fornecer a cidade de equipamentos urbanos.¹¹⁴

Porém, não podemos deixar de evidenciar a manifestação de algumas preocupações com um carácter mais ligeiro e de índole estética. Assim, e na sequência da doação de um terreno por parte de um particular para construção do tão necessitado Parque Infantil, o *Democracia do Sul* mostra-se particularmente inquieto com o futuro das laranjeiras existentes no local bem como alerta que se dê “uma companheira ao cisne que, solitário, sofre sua tristeza, no lago do Jardim.”¹¹⁵

Relativamente ao projecto do Hospital do Patrocínio a posição inferida da leitura deste diário é no sentido de também denunciar repetidas vezes a morosidade do processo, chamando a atenção para os entraves impostos pela pesada burocracia do Estado,¹¹⁶ especialmente para as sistemáticas reprovações do ante-projecto por parte da Comissão de Construções Hospitalares.¹¹⁷

Ainda no campo da preocupação com as obras levadas a cabo na cidade o caso da Igreja e do Largo de S. Vicente são alvo da atenção do *Democracia do Sul*. A questão que se punha era relativamente à construção de um estabelecimento comercial adjacente à referida Igreja e que viria reduzir ainda mais o espaço do Largo desvalorizando também o património que aquele templo simbolizava.¹¹⁸ Assim, a decisão da Câmara de embargar a obra é aplaudida sugerindo-se que se procedesse à

¹¹¹ “(...) em breve, e na medida do possível, os problemas vão tendo a solução adequada, a fim de que Évora, no seu constante embelezamento, possa continuar a ser o orgulho de todos os eborenses e de todos os portugueses.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Évora”, 19-4-58.

¹¹² Cfr. *Democracia do Sul* nos dias 8-2-58, 12-2-58, 16-2-58 e 18-2-58.

¹¹³ Cfr. *Democracia do Sul* nos dias 12-4-58 e 15-4-58.

¹¹⁴ Cfr. SIMPLÍCIO, Maria Domingas (1997), pp. 119-120.

¹¹⁵ *Democracia do Sul*, “Dois pedidos à Câmara Municipal”, 7-6-58.

¹¹⁶ *Democracia do Sul*, “O Hospital do Patrocínio será uma realidade num futuro próximo”, 19-1-58.

¹¹⁷ *Democracia do Sul*, “O Hospital do Patrocínio – Não vale brincar com a generosidade pública”, 30-8-58.

¹¹⁸ A relevância dada a esta questão poderá ser indiciadora da acção do Grupo Pró-Évora no sentido da preservação do património construído da cidade.

expropriação do local, indemnizando convenientemente o proprietário.¹¹⁹ Em todo o caso, o que importa salientar é que este periódico chama a si a liderança desta campanha de defesa do Património da cidade, fazendo questão de salientar essa mesma liderança face aos seus congéneres eborenses: “Aos nossos colegas *A Defesa e Jornal de Évora* agradecemos o terem-nos acompanhado nesta questão.”¹²⁰

No que diz respeito ao campo educacional e seguindo na linha de pensamento de Maria Ana Bernardo segundo a qual os jornais eborenses actuavam no sentido de um alargamento da instrução e contributo para a promoção educacional dos cidadãos,¹²¹ *Democracia do Sul* dá destaque à abertura de uma delegação da Aliança Francesa em Évora e, obviamente, à questão em torno da construção do novo liceu. O principal cuidado tem a ver com a sua futura localização, apresentando as várias propostas em circulação na cidade assim como a do próprio jornal.¹²² A quando das declarações do deputado à Assembleia Nacional Bartolomeu Gromicho apelidando de esbanjamento esta obra, é realçada a reacção de repúdio da Câmara Municipal, veiculando a ideia que a indignação seria geral à opinião pública citadina e alentejana.¹²³

Quanto a notícias de âmbito cultural a maior cobertura é feita aos eventos ocorridos no teatro Garcia de Resende,¹²⁴ não só espectáculos de natureza teatral, mas outras manifestações como sejam récitas de poesia, Ballet... A ausência de representações teatrais é precisamente salientada afirmando-se que a este espaço: “foi retirado o cumprimento da sua missão cultural e educativa através do teatro”.¹²⁵ Neste contexto é enaltecida a acção das sociedades Joaquim António de Aguiar e da Recreativa e Dramática Eborense em prol da manutenção das representações teatrais na cidade¹²⁶ assim como a necessidade de as ajudar a ultrapassar as dificuldades inerentes à sobrevivência de instituições dependentes da boa vontade de sócios e particulares.

Momento fundamental na vida da cidade era a feira de S. João em que “por uma alquimia de suspensão do quotidiano, a cidade do trabalho e da rotina surge transmutada na cidade da sociabilidade festiva.”¹²⁷ Denotando compreender a importância deste

¹¹⁹ *Democracia do Sul*, “Expropriação que se impunha”, 27-8-58.

¹²⁰ *Democracia do Sul*, “Expropriação que se impunha”, 9-9-58.

¹²¹ Cfr. BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 72.

¹²² Cfr. *Democracia do Sul*, “O novo Liceu”, 5-3-48.

¹²³ Cfr. *Democracia do Sul*, “Intervenção infeliz e... inoportuna”, 30-10-58.

¹²⁴ O teatro era “merecedor de especial atenção por parte dos jornais locais, (...) anúncio dos espectáculos até à sua apreciação crítica, passando pela descrição dos ambientes (...)” Cfr. BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 52.

¹²⁵ *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 8-1-58.

¹²⁶ *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 8-1-58.

¹²⁷ BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 62.

acontecimento para os eborenses, *Democracia do Sul* afirma “discordar um pouco” do critério da Câmara segundo a qual tal implicava um certo despesismo realçando que para o povo da cidade “a Feira representa a viagem ao estrangeiro, o cruzeiro de férias, a vilegiatura na praia ou na serra, a visita aos lugares históricos do seu próprio País. Para eles, que personificam o povo, a Feira representa o prémio, a tentadora e ilusória fuga dum ano inteiro de trabalho duro e mal pago.”¹²⁸ O papel relevante que a feira de S. João tinha na cidade é tanto mais significativo, quanto o *Democracia do Sul* concede fazer um elogio ao seu jovem concorrente que por esta ocasião publica um número especial dedicado ao evento.¹²⁹

Conferências e exposições de arte são igualmente notificadas sendo de destacar a exposição da arte contemporânea organizada pelo Grupo Pró-Évora intitulada “Missão Internacional de Arte”. Inicialmente, quando o projecto é anunciado, só são tecidos elogios e a iniciativa enaltecida.¹³⁰

Porém, quando finalmente a exposição é aberta ao público surge a discórdia, envolvendo-se *Democracia do Sul* numa troca de palavras com o escritor Virgílio Ferreira. Apesar da sua colaboração neste diário, publicando os seus escritos com um carácter relativamente contínuo e fazendo parte do grupo de figuras que prestigiam o jornal e que concomitantemente o *Democracia do Sul* prestigia, o escritor não aceita as críticas feitas aos artistas e suas obras, que na cidade e também pelas palavras do jornal são considerados “barretes”. A reacção de Virgílio Ferreira é impetuosa, solicitando direito de resposta no próprio jornal onde apelida de ignorante tal atitude.¹³¹ A posição do jornal é reiterada,¹³² entrando na contenda José Manuel Queimado seu redactor, lamentando que o escritor tivesse apelidado de ignorantes todos os que não concordavam e desconfiavam daquelas formas de arte, afirmando que aquele tipo de pintura qualquer um pode fazer e que a função de Virgílio Ferreira devia de ter sido a de explicar estas novas técnicas enquanto profundo conhecedor das mesmas.¹³³

Juntamente com a troca de acusações com o *Jornal de Évora* na luta pela liderança do mercado, esta parece ter sido a única polémica relacionada com a cidade em que o *Democracia do Sul* se envolveu. Pensamos que a ausência de polemização é

¹²⁸ *Democracia do Sul*, “A feira e os interesses da cidade”, 14-6-58.

¹²⁹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Imprensa - *Jornal de Évora*”, 26-6-58.

¹³⁰ Cfr. *Democracia do Sul* entre os dias 26-7-58 e 5-10-58.

¹³¹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Missão Internacional de Arte”, 15-10-58.

¹³² Cfr. *Democracia do Sul*, “O ‘barrete’ da Missão Internacional de Arte”, 17-10-58.

¹³³ Cfr. *Democracia do Sul*, “Missão Internacional de Arte – Carta aberta ao sr. dr. Vergílio Ferreira”, 19-10-58.

mais uma vez evidenciadora da maturidade assumida por esta publicação e alardeada como distinção de qualidade e respeitabilidade. Assim, a estratégia seguida por *Democracia do Sul* parece-nos ser mais de veículo de união entre o Nacional/Internacional e o regional reafirmando o seu papel mediático enquadrado na vasta rede da Opinião Pública.

O cinzentismo de ideias com que alguns caracterizam Portugal durante o Estado Novo é questionado pela paleta de cores demonstrada em *Democracia do Sul* no seu constante exercício de crítica. Estamos perante um jornalismo de oposição ao poder instituído com uma acção persistente e laboriosa face a um paradoxal comportamento da Censura, indicador da irreversibilidade do uso público da razão.

Numa intersecção entre a informação e a opinião transparece a importância do ideário republicano vista num micro-cosmos local, fazendo este periódico com que *Liberdade, Democracia, Igualdade, Justiça* fossem parte integrante do léxico quotidiano eborense.

5 - *Jornal de Évora* – um projecto em afirmação

Jornal de Évora é ao tempo de 1958 um muito jovem semanário. O seu primeiro número sai a 25 de Dezembro de 1957, sendo que esta data não será mera coincidência – época natalícia, o símbolo do nascimento de uma nova era...É propriedade de Manuel Madeira que exerce as funções de Director, Fernando Iglésias dos Santos é o Editor e Redactor principal. Apresenta em regra¹ oito páginas, custa 1\$00 e a expressão “Visado pela Censura” é difícil de detectar, não tendo página fixa e estando “camuflada” entre as suas diversas rubricas.

Pensamos que este projecto tenta desde o início marcar a diferença mesmo ao nível da apresentação gráfica, já que, ao contrário dos seus congéneres eborenses, este não é um periódico monocromático sendo utilizadas na composição outras cores para além do preto como sejam o vermelho, o verde e o amarelo.

Constata-se ainda que ao longo do período analisado (de 25-12-57 a 15-02-59), que coincide com os primeiros meses de existência do *Jornal de Évora* a sua apresentação formal não foi linear mas sim, e como qualquer projecto jornalístico², foi sofrendo alterações e adaptações, aperfeiçoando-se. Da mesma forma se verifica que relativamente à estrutura organizativa dos temas e das rubricas, não há um local fixo para cada um, nem igual distribuição de número de linhas e colunas na sua mancha. A maior parte do seu espaço é ocupada com assuntos relativos à cidade (como adiante elucidaremos), há correio do leitor, a rubrica das notícias pessoais assinalando-se aniversários, nascimentos, casamentos e óbitos e a secção desportiva que dependendo da cronologia do campeonato assim tem maior ou menor extensão e que se dedica em exclusivo ao desempenho dos clubes locais.

O *Jornal de Évora* tem desde o início o firme propósito de dedicar algum espaço à actividade agrícola: “(...) é nosso desejo incluir com brevidade uma página de *Vida Agrícola – Página Feminina; e Página do Ultramar*.(...)”³, demonstrando conhecer os interesses e necessidades do público local. O patrocínio da empresa petrolífera Shell a

¹ Aplicamos o termo “em regra” porque constatamos que em algumas ocasiões como o Aniversário do Jornal ou a Feira de S. João, o semanário pode ir até às doze páginas ou, se houver alguma dificuldade logística pode apresentar apenas seis páginas.

² No seu estudo sobre o *Diário de Notícias* e as origens da imprensa de massas, Paula Miranda constata: “Em termos formais o *Diário de Notícias* não surgiu como um modelo estático, tratou-se de uma folha cuja configuração foi sendo alterada ao longo dos anos, traduzindo um aperfeiçoamento crescente dos modos de produção...” MIRANDA, Paula (2002), p. 40.

³ *Jornal de Évora*, “Primeiras Palavras”, 25-12-57.

partir de dezasseis de Março de 1958⁴ vem permitir concretizar este objectivo inicialmente estabelecido “procurando dar aos artigos agraristas do periódico um sentido didáctico, com algumas conotações discursivas de patriotismo.”⁵

Procurando descodificar os objectivos subjacentes à fundação deste jornal importa lembrar que se auto-intitula “Tribuna Aberta aos Interesses Alentejanos” e em particular da cidade de Évora. A região acaba assim por se impor como um “valor-notícia em si e que se impõe nos critérios de elaboração das notícias, de selecção dos factos e na inspiração dos editoriais.”⁶ Sendo o consumo de imprensa um fenómeno urbano⁷, a principal preocupação do *Jornal de Évora* era a própria cidade e tudo aquilo que com ela estava relacionado. Estamos perante uma dicotomia de interesses e objectivos. Concomitantemente reflectia sobre os problemas da urbe alentejana assegurando a sua sobrevivência no mercado jornalístico regional, sendo a fidelização dos públicos fundamental, dada a exiguidade do mesmo.⁸

No primeiro número desta publicação é tido o cuidado de saudar as elites locais religiosas e civis⁹, podendo esta atitude e este cuidado ser encarados como uma forma de afirmação em que o reconhecimento da importância e do poder destas personalidades funcionam como legitimadores do projecto. Da mesma forma são ao longo do tempo mencionados, elogiados e anunciados aniversários¹⁰ e outras efemérides dos detentores de cargos públicos do poder central e principalmente da esfera local.

É ainda neste número inicial que se faz referência às dificuldades em conseguir que o jornal veja a luz confirmando a existência de um complexo regime de autorizações prévias à publicação de novos periódicos, aproveitando-se para salientar o papel que o Director dos Serviços de Censura teve para as ultrapassar: “Mal sabem os presados leitores que nos vão ler quão grandiosas foram as dificuldades encontradas, para que «JE» visse hoje a luz do seu 1º dia! Algumas não conseguimos vencê-las, infelizmente, mas outras, - aquelas que se nos afiguravam intransponíveis, desapareceram imediatamente logo que delas teve conhecimento o Ex.mo Director dos Serviços de Censura, entidade a quem deixamos consignado o nosso reconhecido agradecimento extensivo ao delegado dos respectivos serviços em Évora, sr. Cap.

⁴ *Jornal de Évora*, “Página Panorâmica”, 16-03-58.

⁵ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 217.

⁶ CORREIA, João Carlos (1998), p. 7.

⁷ Cfr. REIS, António do Carmo (1999), p. 27.

⁸ Cfr. CORREIA, João Carlos (1998), p. 6.

⁹ *Jornal de Évora*, “Saudação”, 25-12-57.

¹⁰ *Jornal de Évora*, “Notícias Pessoais”, 24-08-58.

Joviano Ramos pelas diligências que chamou, a si em torno do assunto (...)”¹¹ Pensamos neste ponto estar presente o “persistente esforço que é feito (...) tentando atrair jornais «neutros» ou moderadamente críticos através da concessão de favores e subsídios.”¹² Ao mesmo tempo confirma-se que “a censura oficial é conhecida, é legal, manifesta e actua a descoberto e de modo organizado.”¹³

A política editorial de um jornal não é linear nem directa, resulta da conjugação de influências culturais ideológicas e sociais da época, da formação dos jornalistas e dos interesses do público. No entanto, o semanário agora descrito manifestou reiteradamente a sua isenção, imparcialidade e neutralidade¹⁴, indo ao encontro daquilo que é considerada a ética jornalística assumida e defendida, já que, “(...) tanto nos jornais políticos como nos outros periódicos, se bem que por desigual medida, é patente o brio profissional da preocupação ética (...). O jornalista deve ter o perfil da responsabilidade e aferir o valor do seu trabalho pela verdade, porque lhe cabe a honra do exercício da Imprensa.”¹⁵ Quais paladinos da cidadania os jornalistas consideram-se os guardiões dos direitos dos cidadãos¹⁶. Estamos perante aquilo a que Rogério Santos denomina de analogia do espelho em que os jornalistas da primeira metade do século XX se mostram como profissionais neutros e para além dos interesses e lutas políticas.¹⁷

Consideramos porém importante tentar decifrar o seu posicionamento face ao espectro político da época. Assim, a determinada altura e após o acto eleitoral de Junho de 1958, surge aquilo que nos parece uma tentativa de manter a equidistância face ao poder instituído e face à oposição: “Na realidade da vida portuguesa actual existe uma certeza: Tanto da parte do Governo, que pretende defender a continuidade da sua obra, como da parte do sector bem intencionado que lhe é adverso que procura assegurar a continuidade do nosso ressurgimento.”¹⁸ Neste contexto são reafirmados os valores nacionalistas apontados como um denominador comum concluindo-se que “(...) existe, embora através de pontos de vista irredutíveis, um denominador comum: tornar cada

¹¹ *Jornal de Évora*, “Registo”, 25-12-57.

¹² TENGARRINHA, José (2006), p. 183.

¹³ OLIVEIRA, José Manuel Paquete (1988), p. 142.

¹⁴ “...lhes prometemos que com toda a isenção, e norteados por sentido de serena crítica construtiva e concludente, o *Jornal de Évora* será como se impõe um doutrinário defensor dos direitos e da verdade.” Cfr. *Jornal de Évora*, “Apontamento”, 09-02-58.

¹⁵ REIS, António do Carmo (1999), p.19.

¹⁶ Cfr. MIRANDA, Paula (2005), p. 353.

¹⁷ SANTOS, Rogério (2003), p. 14.

¹⁸ *Jornal de Évora*, “O pós-eleições”, 03-08-58.

vez maior, mais engrandecido e de mais avultada presença no mundo, o país que todos nós profundamente estremecemos.”¹⁹

Contudo, esta imparcialidade começa, quanto a nós, a desvanecer-se a partir da altura em que a Tipografia onde o jornal é impresso é ameaçada. É, então, feito um esclarecimento no sentido que aquilo que é publicado é da inteira responsabilidade da Direcção, ou seja, começa a fazer-se sentir a pressão que os meios de comunicação social sentiam no sentido de não questionar o poder instituído: “Este esclarecimento torna-se necessário porque havendo espíritos confusos para quem este jornal significa um inoportuno e indesejável meio de defesa do INTERESSE PÚBLICO, julgam vingarse da crítica ameaçando prejudicar as oficinas onde o Jornal é feito.”²⁰

Confirmando a gradual alteração de posicionamento verificamos que se inicia a partir do mês de Novembro uma série de cartas aos Ministros apontando situações como a deficiente remuneração dos professores, a necessidade de reforma da Assistência Social, etc.²¹ Saliente-se que estes artigos são assinados pelo próprio Director do jornal, Madeira Piçarra e escritos de forma muito subtil e apelando sempre à obvia inteligência dos titulares das pastas em causa, confirmando-se a argumentação de Noémia Serrano segundo a qual “algumas críticas bem intencionadas são toleradas pois acabam por fazer o elogio ao sistema”.²²

Todavia, se as críticas e denúncias em relação ao poder central eram veladas e subtis, já as críticas à actuação da Câmara Municipal de Évora (CME) são completamente transparentes, e inequívocas, invocando-se sempre o objectivo primordial de advogar o bem da Cidade: “Se, porventura, a Câmara Municipal, aparece referida no tratamento da maioria dos problemas citadinos é sòmente, porque ela está na base de todos eles, é o organismo intérprete das aspirações locais e o que compete satisfazê-las.”²³

Estas críticas eram não só uma forma de concretizar os objectivos inicialmente enunciados de defesa dos interesses de Évora, como também uma forma de afirmação, de procura do seu espaço e campo de acção. Para tal é apresentado o periódico com um carácter formativo, característica inegável da imprensa, constatada desde os seus

¹⁹ *Jornal de Évora*, “O pós-eleições”, 03-08-58.

²⁰ *Jornal de Évora*, “Esclarecimento”, 28-10-58.

²¹ Cfr. *Jornal de Évora*, “Cartas para o Ministério- Ao Ministro da Saúde e Assistência”, 02-11-58 e *Jornal de Évora*, “Carta ao Ministro da Educação”, 09-11-58.

²² SERRANO, Noémia (2005), p. 55.

²³ *Jornal de Évora*, “GOSTARÍAMOS que a Câmara Municipal continuasse a dirigir-nos officios...”, 28-10-58.

primórdios²⁴. De facto o jornal em questão afadigava-se em publicar e denunciar os melhoramentos, principalmente materiais de que a cidade tanto necessitava: “Gostaríamos, sim, que a Câmara continuasse a dirigir-nos officios, mas esclarecendo-nos e esclarecendo os nossos leitores, do que se tem feito, por exemplo, para resolver definitivamente o grave problema da falta de água; da construção imperiosa de uma piscina; da regularização do trânsito na cidade; da reparação das calçadas de algumas artérias; do saneamento, electrificação e melhoramento de pavimentos nos bairros pobres; a interrupção da energia eléctrica, todos os dias à 1 hora da madrugada; da construção de um mercado condigno (...).”²⁵

Esta forma desabrida de escrever vem confirmar que “conforme a importância do meio de comunicação, a sua tiragem e penetração popular, assim variava o rigor da censura, registando-se casos em que jornais de difusão limitada podiam divulgar assuntos que a outros estavam vedados.”²⁶ Nítido exemplo do que foi exposto anteriormente é a referência a bairros degradados que segundo a historiografia tradicional seriam impossíveis de passar pelo crivo da Censura²⁷ e que no caso de Évora é exposto com todas as letras pelo *Jornal de Évora*: “À falta de habitações de renda acessível, as famílias mais desprotegidas veem-se na necessidade de estabelecer pequenas barracas, a que depressa se juntam outras, formando autênticos acampamentos, porém, sem a observância das mais elementares regras de moral e higiene, pois albergam em permanente promiscuidade, famílias numerosas e animais. Este, um triste espectáculo que se pode observar em toda a cintura da cidade. Mas não só aqui. Também nas freguesias rurais, abundam os pardieiros onde proliferam as famílias, sem as mínimas condições de salubridade. (...)”²⁸ Assim podemos concluir que a “censura das informações, dos conteúdos, do significado, (...) é seguramente um fenómeno obstaculizante que nunca se realiza completamente em virtude das fugas que permite o imaginário, o «travesti» das significações (...)”²⁹ Atentemos no uso da ironia e do trocadilho patente no seguinte apontamento:

²⁴ NUNES, Maria de Fátima (2001), p. 134.

²⁵ *Jornal de Évora*, “GOSTARÍAMOS que a Câmara Municipal continuasse a dirigir-nos officios...”, 28-10-58.

²⁶ CRATO, Nuno (1989), p. 201.

²⁷ BARRETO, José (1999), pp. 275-284.

²⁸ *Jornal de Évora*, “É sempre tempo...Évora precisa de casas para pobres”, 13-07-58.

²⁹ ALVES, José Augusto (2000), p. 323.

“Futuramente todos teremos que ser faixistas.

E se não, vejamos: alguém se lembrou de complicar ainda mais a enfiada curva junto do Seminário, mandando fazer uma faixa branca em lugar de encolher o passeio mais um metro.

Caramba! Isto já é vontade de sacrificar o próximo!
Agora até nos querem obrigar a ser faixistas!”³⁰

Pensamos mais uma vez que a análise feita por José Augusto dos Santos Alves é aqui claramente expressa na medida em que “a ironia é a própria consciência, prazer e instinto, uma verdadeira liberdade, uma consciência da necessidade e da irreverência, que contesta o imobilismo e dessacraliza as atitudes mais solenes, jogando, ridicularizando e brincando com o medo de criticar.”³¹

Num jornal que ainda está a dar os primeiros passos podemos detectar toda uma série de estratégias no sentido da afirmação e de fidelização do público alvo. Algumas dessas estratégias passam pela polemização de determinadas situações, chamando a atenção do leitor ou sendo muitas vezes o próprio *Jornal de Évora* o protagonista da refrega.

Concomitantemente, o desenrolar dos vários “capítulos” destas novelas permite-nos seguir detalhadamente as “lutas locais”. Apresentamos em seguida dois exemplos considerados por nós como os mais notórios desta polemização enquanto estratégia de afirmação.

Como aqui já foi mencionado, o alvo preferido e principal das críticas do *Jornal de Évora* era a Câmara Municipal de Évora. Assim, e na sequência de obras feitas pelo proprietário de um prédio no Largo de S. Vicente consideradas inestéticas e inadequadas, é chamada a atenção da Câmara Municipal de Évora no sentido de que esta as teria autorizado³².

No dia sete de Setembro de 1958 é noticiada a ordem de suspensão das obras pela Câmara, denotando quanto a nós o poder que a denúncia feita pelos vários órgãos da imprensa regional alcançou, e na semana seguinte o *Jornal de Évora* publica um artigo com o elucidativo título: “À Câmara Municipal oferece-se excelente oportunidade de revelar a sua capacidade realizadora – Grande tarefa aguarda o Largo de S. Vicente e

³⁰ *Jornal de Évora*, “Faixista?”, 10-08-58.

³¹ ALVES, José Augusto (2000), p.17.

³² *Jornal de Évora*, “Os grandes paradoxos – Que não se dificulte a vida a quem quer que seja, mas que se defenda o património da cidade e se facilite o trânsito é obra de elementar bom senso”, 31-08-58.

a artéria anexa; Não é com sofismas que se resolvem problemas.”³³ Ora a utilização do termo “sofismas” para conotar a alegada falta de verbas para aquisição por expropriação do prédio e posterior ordenação desta artéria da cidade é encarada pelos responsáveis da Câmara na pessoa do seu Presidente como uma grave ofensa. Este reage em conformidade: a vinte e oito de Setembro de 1958 é transcrito no *Jornal de Évora*, na íntegra e com honras de primeira página (podendo-se questionar se tal ocupação da mancha do jornal terá sido voluntária ou imposta), um ofício da Câmara solicitando a anulação da sua assinatura do jornal.³⁴

Seguem-se cartas de leitores mostrando a solidariedade para com o jornal e o seu espírito preocupado e arrojado: “Com tantos problemas a tratar – termina o nosso leitor – e perde-se tempo com tais decisões, à cerca de um jornal que defende os interesses da cidade.”;³⁵ “Ainda há dias veio à nossa redacção uma dedicada leitora do «Jornal de Évora», que nos disse:- Acho estranha a decisão da Câmara e pretendo substituí-la na assinatura do Jornal. Queiram considerar-me assinante, a partir do próximo número.”³⁶

Um outro exemplo de polémica veiculada por este periódico prende-se com a exposição de arte contemporânea nacional e estrangeira organizada pelo Grupo Pró-Évora. Esta iniciativa surge anunciada no início de Agosto sendo amplamente elogiada.³⁷

Durante todo o mês de Agosto são feitas referências a este evento ocorrendo a sua inauguração a quatro de Outubro de 1958 e presidindo à cerimónia o Subsecretário da Educação Nacional dr. Baltazar Rebelo de Sousa.³⁸

Até aqui o assunto parece pacífico, no entanto, no número seguinte é feita uma apreciação da exposição e do seu impacto junto do público demonstrando a falta de unanimidade em redor da mesma: “O choque foi tremendo. Quase todas as correntes da arte moderna ali estavam representadas numa visão sintética do que, presentemente, se passa nas altas esferas da congeminação artística. Uns entusiasmaram-se para além de todos os limites. Para eles, aquilo é que é arte. Outros porém, detestaram o que viram e

³³ *Jornal de Évora* “ À Câmara Municipal oferece-se excelente oportunidade de revelar a sua capacidade realizadora – Grande tarefa aguarda o Largo de S. Vicente e a artéria anexa; Não é com sofismas que se resolvem problemas”, 14-09-58.

³⁴ *Jornal de Évora*, “AS GRANDES DECISÕES...da Câmara Municipal!”, 28-09-58.

³⁵ *Jornal de Évora*, “Com tantos problemas a tratar...”, 05-10-58.

³⁶ *Jornal de Évora*, “Não estamos sós! – Foi preenchido o lugar deixado pela Câmara...”, 05-10-58.

³⁷ *Jornal de Évora*, “Missão Internacional de Férias – Uma organização de largo alcance do Grupo Pró-Évora”, 03-08-58.

³⁸ *Jornal de Évora*, “O SUBSECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL – Inaugurou ontem a Exposição de Pintura da “Missão Internacional de Arte””, 05-10-58.

escandalizaram-se.”³⁹ Duas semanas mais tarde e como este tema ainda ocupava o espírito dos eborenses é publicada uma caricatura precisamente no sentido de ilustrar as diferentes opiniões.⁴⁰

Aparentemente um acérrimo defensor da exposição e da arte contemporânea em geral era o escritor Vergílio Ferreira ao tempo professor no Liceu de Évora que se envolve em fervorosa quezília com Carlos Maia (pseudónimo) colaborador do *A Defesa*. É em extenso artigo (ocupando quase uma página inteira) que Vergílio Ferreira responde a Maia do qual apenas se transcrevem umas breves linhas para demonstrar o calor da discussão: “O artigo, porém, de que me ocupo, e que faz referência expressa à minha pessoa, transcende, apesar de tudo, uma pura relação pessoal e só por isso dele me ocupo. Não traz ele nada de novo ao que já se escreveu, - excepto uma interessante farófia de um saber mal forrageado e contendo assim mesmo afirmações surpreendentes na boca de um católico (...).”⁴¹ Passada uma semana Carlos Maia utiliza o direito de resposta remetendo para um seu artigo de *A Defesa* do dia oito de Novembro.

Ao analisar estes episódios só por si de interesse quanto às lutas locais, também nos parece pertinente reflectir sobre o papel destas polémicas enquanto aliciantes para a venda do jornal. Ao mesmo tempo constata-se a “utilização” de figuras de destaque nomeadamente intelectuais no sentido de prestigiarem as páginas do *Jornal de Évora*.

Como ficou até aqui demonstrado verifica-se uma secundarização dos âmbitos nacional e internacional a favor do regional e local. A nível internacional o assunto que desperta maior interesse e cobertura por parte desta publicação é a morte do Papa Pio XII e a eleição do seu sucessor João XXIII⁴². Verifica-se ainda uma breve referência às eleições a decorrer em França⁴³.

Quanto ao âmbito nacional faz-se alusão aos aniversários das principais figuras do aparelho, nomeadamente do Presidente do Conselho. São também transcritos os seus discursos e anunciadas publicações da sua autoria ou colaboração. Relatam-se as

³⁹ *Jornal de Évora*, “No Museu Regional de Évora! Cerca de 160 trabalhos – produto das actividades da Missão Internacional de arte – revelam aos eborenses a pintura da nossa época!”, 12-10-58.

⁴⁰ Ver Anexo I.

⁴¹ *Jornal de Évora*, “Ainda a Missão Internacional de Arte – Do snr. Carlos Maia e do seu carolíngio parecer.”, 02-11-58.

⁴² Cfr. *Jornal de Évora*, “Pio XII morreu”, 12-10-58; *Jornal de Évora*, “O Cardeal Roncalli, Patriarca de Veneza, é o novo PAPA da Cristandade com o nome de João XXIII”, 02-11-58; *Jornal de Évora*, “O novo Papa João XXIII foi coroado numa imponente cerimónia litúrgica”, 09-11-58.

⁴³ *Jornal de Évora*, “Os acontecimentos políticos em França”, 08-06-58.

remodelações governamentais, a passagem por Évora de membros do governo, quer em missões oficiais quer em visita particular.

Amplamente divulgados, até porque funcionariam como a fonte de informações por excelência, são as actas das sessões camarárias e os discursos oficiais – de membros do governo, de deputados na Assembleia Nacional, principalmente os oriundos de Évora. Curiosamente, estes discursos são muitas vezes utilizados para denunciar, através das palavras dos próprios servidores do Estado, as dificuldades da cidade e da região. A corroborar esta ideia temos o exemplo da transcrição do discurso do deputado Lima Faleiro que tem a seguinte introdução: “abordou o grande problema do desemprego nas populações rurais do Alentejo reportando-se a factos que são conhecidos e apelos que constantemente têm vindo a público.”⁴⁴

⁴⁴ *Jornal de Évora*, “Na assembleia Nacional o Dr. Lima Faleiro referiu-se ao desemprego rural no Alentejo”, 20-01-58.

5.1 - Évora – a prioridade ao desenvolvimento.

“Tribuna Aberta aos Interesses Alentejanos” o *Jornal de Évora* estabelece como prioridade a luta, por vezes belicosa, pela promoção da região e em especial da cidade de Évora.

Retomando mais uma vez a analogia do espelho⁴⁵ vivia-se na altura um ambiente fervilhante de novas ideias e projectos⁴⁶ de que o próprio jornal é expressão, contestando aliás aquilo que é veiculado por alguma historiografia que descreve o Alentejo como zona árida em que nada acontece principalmente durante o Estado Novo.⁴⁷

O clima de mudança era aliás generalizado, já que na década de 50 se efectuaram no país importantes mudanças económicas e sociais, verificando-se alterações marcadas por processos de industrialização, terciarização, emigração e urbanização.⁴⁸

⁴⁵ SANTOS, Rogério (2003), p. 14.

⁴⁶ Contrastando com as imagens estereotipadas do Alentejo subdesenvolvido e estagnado para as quais somos alertados por Paulo Guimarães. Cfr. GUIMARÃES, Paulo (2004), p. 504.

⁴⁷ Parece-nos ser pertinente neste ponto chamar a atenção para o debate historiográfico em torno da questão do “atraso” de Portugal (agudizado no alentejo) face aos seus congéneres europeus. Assim, nas décadas de setenta e oitenta do século XX forma-se toda uma escola em torno da inevitabilidade deste atraso e do contributo que as várias políticas económicas tomadas pelos detentores do poder tiveram para esta situação.

Por ordem cronológica apresentam-se algumas publicações que defenderam esta posição: CABRAL, Manuel Vilaverde (1974) *Materiais para a História da Questão Agrária em Portugal – séculos XIX e XX*, Porto, Inova; LEON, Pierre (1982) (dir.) *História Económica e Social do Mundo*, vol. IV – “A dominação do Capitalismo (1840- 1914)”, 2 tomos, Lisboa, Sá da Costa; PEREIRA, Miriam Halpern (1983) *Livre Câmbio e Desenvolvimento económico*, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa.

Fazendo uma reapreciação destes trabalhos, que incorporariam interpretações produzidas ou sugeridas por outro tipo de discurso que não o historiográfico (literário, político, técnico-económico, etc), surgem, com o decorrer da década de oitenta, uma série de estudos baseados em biografias e contas de exploração de casas agrícolas, a saber: REIS, Jaime (1980) “A lei da Fome: as Origens do Protecçãoismo cerealférrico (1889-1914); (1982) “Latifúndio e Progresso Técnico no Alentejo. A difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930” in *Análise Social*, Lisboa, n.º 71; MATOS, Ana Maria Cardoso de (1982) (e C. A. Martins e L. Bettencourt) *Senhores da Terra. Diário de um agricultor (1832-1889)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda; FEIO, Mariano (1985) “Uma grande lavoura em Serpa na segunda metade do século XIX. A cultura de cereais e legumes” in *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, n.º 40; (1988) (e J. C. Silveira) “As produções de cereais na região de Évora no fim do século XIX” in *Penélope. Fazer e Desfazer da História*, Lisboa, n.º 1; JUSTINO, J. David (1986) *Conjuntura Económica e relações sociais numa Aldeia do Alentejo: MonteTrigo (1690-1854)*, Lisboa, UNL; FONSECA, Hélder A. (1988) “Sociedade e Elites Alentejanas no século XIX” in *Economia e Sociologia*, Évora, n.º 45-6.

Para uma completa visão deste debate, das diferentes posições e metodologias Cfr. FONSECA, Hélder Adegar (1992).

⁴⁸ ROSAS, Fernando (1998), p. 11.

No caso do Alentejo, “longe de se apresentar como um «deserto industrial», atrasado e auto-centrado, (...) configura-se como um espaço aberto à economia mundial, construindo-se como uma periferia das regiões industrializadas.”⁴⁹

Argumentação semelhante é também aplicada a Évora, já que segundo Maria Domingas Simplício se verifica nesta altura uma “grande expansão da cidade extramuros para o que contribuiu, certamente, o êxodo rural motivado, em parte, pelo surto de mecanização na agricultura, que obrigava a população rural excedentária a procurar na cidade um novo meio de vida, a que se justapôs o desenvolvimento do aparelho burocrático do Estado, com crescente importância na cidade, levando à fixação dos quadros necessários ao seu funcionamento.”⁵⁰

Uma das preocupações mais prementes dos eborenses era o problema da falta de habitação social, chamando-se a atenção para o mesmo assim como para a degradação com que se vivia nos chamados bairros clandestinos, utilizando-se comentários acutilantes⁵¹, e alertando para os entraves postos à tentativa da sua resolução por parte de particulares, nomeadamente através de um projecto da Misericórdia⁵².

Na senda deste problema colocava-se logicamente o dos transportes públicos “cuja necessidade de estabelecimento se vêm impondo de há muito, isto é, desde que o volume da população eborense aumentou de tal forma extramuros, ou seja na Zona de Urbanização n.º 1, ou seja nos restantes bairros conhecidos oficialmente por «clandestinos», que atinge uns largos milhares.”⁵³ Atente-se no exagero da linguagem para enfatizar a quantidade de pessoas que beneficiariam com estes serviços...

Ao nível dos equipamentos urbanos a falta de água era repetidamente denunciada com títulos como este: “Só pode ser fruto de um desinteresse inqualificável a falta de água em Évora”⁵⁴. A construção de uma Piscina Municipal constituía outra ambição dos eborenses ironicamente retratada pelo *Jornal de Évora*: “Não sabemos se o sr. Presidente contava com o substancial aumento do número de pessoas que agora têm a prosápia de lavar-se, de banhar-se. Sim, de há tempos a esta parte, chegaram a

⁴⁹ GUIMARÃES, Paulo (2004), p. 198.

⁵⁰ SIMPLÍCIO, Maria Domingas (1997), p. 114.

⁵¹ Cfr. Nota 28.

⁵² *Jornal de Évora*, “Uma grande iniciativa paralisada? – Aguardamos que não demore a prometida e aprovada construção em Évora, de 500 casas para as classes pobres – prevê-se a renda mensal de 50 a 150 escudos”, 06-04-58.

⁵³ *Jornal de Évora*, “Focos da Semana”, 06-01-58.

⁵⁴ *Jornal de Évora*, “Só pode ser fruto de um desinteresse inqualificável a falta de água em Évora” 10-08-58.

todos os pontos da terra, os pruridos da civilização e não há ninguém que não sinta a volúpia da limpeza”.⁵⁵

De igual forma se pugnava por novas instalações para o Mercado Municipal por questões ambientais e de salubridade aproveitando-se para assinalar a importância das denúncias deste periódico citadas em artigo pelo *Diário Ilustrado*⁵⁶.

Reflexo da mudança que a cidade vivia e do investimento feito em obras públicas é a inauguração do Quartel do Bombeiros cuja importância é atestada pela ampla divulgação da mesma através de discurso adjetivado e empolgado: “A avalanche humana que inundou algumas ruas da velha urbe eborense na tarde de 16 de Fevereiro, aquele povo anónimo que quis comparecer em verdadeira enchurrada à festa dos Bombeiros Voluntários cidadãos, (...)”⁵⁷

Mas se o Quartel de Bombeiros é obra concretizada, em 1958 existem outros planos que viriam a dotar a cidade de mais e melhores equipamentos a saber, o Palácio de Justiça cujo projecto é aprovado no início desse mesmo ano⁵⁸ e a “jóia da coroa”, o Hospital do Patrocínio. Designamos o projecto do Hospital do Patrocínio com a “jóia da coroa” pela controvérsia e o debate público surgidos em torno do mesmo.

Tudo terá começado com a doação de cinco mil contos por parte de um benemérito da cidade, Vasco Maria Eugénio de Almeida, conde de Vilalva⁵⁹. Mas esta verba não era, segundo nos conta o *Jornal de Évora*, suficiente.⁶⁰ Assim, foi formada uma Comissão Executiva por alguns ilustres da cidade⁶¹ que se responsabilizasse pela prossecução do projecto. Ora, é precisamente sobre a eficácia desta Comissão que parecem levantar-se dúvidas assim como relativamente ao empenho do poder central na sua concretização, fazendo-se comentários que nos parece bastante actuais: “E que nos conste, o estádio do Sporting Clube de Portugal, foi edificado no curto espaço de um ano e custou a avultada soma de 26000 contos, nesta primeira fase, e o Sport Lisboa e Benfica, vai agora gastar a verba ainda maior de 50000 contos, em melhorias no seu parque de desportos. É claro, que empreendimentos desta envergadura, não podem ser

⁵⁵ *Jornal de Évora*, “Évora precisa de uma piscina – Um novo elemento em jogo – A Água”, 03-08-58.

⁵⁶ *Jornal de Évora*, “Para quando o Mercado de Évora?”, 28-03-58.

⁵⁷ *Jornal de Évora*, “Um dia inolvidável para a cidade de Évora”, 23-02-58.

⁵⁸ *Jornal de Évora*, “As instâncias superiores aprovaram nas suas linhas gerais, o projecto do PALÁCIO DA JUSTIÇA EM ÉVORA”, 06-04-58.

⁵⁹ “(...) a si se ficou a dever o mais importante donativo para a construção de um hospital de oncologia em Évora, edificação que não se chegou a concretizar.” Cfr. SILVA, Joaquim Palminha (2004).

⁶⁰ *Jornal de Évora*, “Aguardamos que o Governo pondere devidamente a utilidade nacional da construção do hospital anti-canceroso e que dê o seu apoio à realização da obra orçada em 17500 contos”, 29-06-58.

⁶¹ Os membros dessa comissão seriam Carlos Garcia Fialho, Manuel Cutileiro Ferreira e Joaquim Grave. Cfr. *Jornal de Évora*, “Ao fechar da Página”, 20-01-58.

levados a efeito sem o apoio do Governo da Nação, (...)”⁶². Não será portanto casual, a inclusão deste tema num artigo do primeiro número do jovem semanário apelando à rápida resolução da questão assim como ao esclarecimento da opinião pública eborense e alentejana.⁶³

Culturalmente a cidade também era rica em acontecimentos sendo o teatro “merecedor de especial atenção por parte dos jornais locais, (...) anúncio dos espectáculos até à sua apreciação crítica, passando pela descrição dos ambientes (...)”⁶⁴ e o *Jornal de Évora* não era excepção. Neste sentido outra obra ambicionada pelos eborenses seria uma nova sala de espectáculos à altura do estatuto da cidade.⁶⁵ A cobertura de eventos passava para além das representações teatrais por Conferências que decorriam em Évora, Exposições (como a já mencionada e polémica Missão Internacional de Arte).

No campo educativo temos a salientar a inauguração a quatro de Maio de 1958, de uma delegação da Aliança Francesa na urbe eborense, abrindo o leque formativo dos cidadãos e funcionando como um novo pólo dinamizador e de abertura cultural, com actividades como uma Conferência dada por um professor da Sorbone.⁶⁶

No entanto, a grande questão que no campo educativo pôs a cidade ao rubro desencadeando reacções bastante exacerbadas, foi a da discussão em torno da construção de um novo Liceu e posterior restauração da henriquina Universidade de Évora.⁶⁷

Este debate possibilita-nos perceber a teia de influências da política local e o papel que determinadas personagens desempenhavam nesse jogo. Além disso podemos inferir a função da imprensa enquanto veículo desse debate ao mesmo tempo em que sai favorecida na sua afirmação no mercado jornalístico regional.

⁶² *Jornal de Évora*, “O Hospital do Patrocínio e as grandes razões da sua construção em Évora”, 13-07-58.

⁶³ *Jornal de Évora*, “Luzes da Cidade”, 25-12-57.

⁶⁴ BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 52.

⁶⁵ *Jornal de Évora*, “Quando é que Évora terá uma casa de espectáculos à altura da sua importância de 4.ª cidade do País?”, 28-03-58.

⁶⁶ *Jornal de Évora*, “O filósofo francês Vladimir Jankelevitch, professor na Sorbone, vem a Évora, fazer uma conferência a convite da Aliança Francesa.”, 23-11-58.

⁶⁷ Na sequência do duplo centenário preste a celebrar-se em 1959 – o quarto da abertura da universidade de Évora (1559) e o segundo do seu encerramento (1759) – a imprensa local procurou, a partir de 1957, alertar a opinião pública para que tão faustosa data não passasse sem adequada comemoração. Neste contexto, em meados de 1957, abre-se decididamente a campanha em prol do restabelecimento da Universidade eborense. Este acabou por ser um longo processo que se desdobrou ao longo de uma vintena de anos e que, nalguns passos do seu percurso, mobilizou como poucos, a consciência colectiva da gente eborense. Cfr. SILVA, Augusto da (1980).

Assim, teria sido aprovada a construção de um novo edifício para o Liceu e na sequência deste projecto é debatida em sessão do Conselho Municipal a possibilidade da “devolução dos edifícios do antigo Colégio do Espírito Santo e da Universidade de Évora à sua primitiva e específica função; louvando todos quantos tem pugnado pela restauração da Universidade e interpretando o sentimento dos eborenses; (...) de que (...) seja decidida a entrega à igreja eborense, representada pelo seu arcebispo (...)”⁶⁸

Aparentemente nada haveria de polémico, já que se tratava de benefícios para a cidade, mas é quando entra em cena Bartolomeu Gromicho, figura insigne da cidade que desempenhava diversas funções de relevo. Era Presidente do Grupo Pró-Évora⁶⁹, deputado por Évora na Assembleia Nacional e Reitor do Liceu. Foi nesta dupla qualidade de deputado e reitor que se envolveu na polémica. Em sessão da Assembleia Nacional defendeu o ponto de vista de que “Évora não precisa do projectado Liceu Feminino, uma vez que o Liceu actual continuará nas suas tradicionais instalações em consequência dos «poderes superiores da governação» não estarem «inclinados a restaurar a antiga Universidade».”⁷⁰

Jornal de Évora continua no mesmo artigo: “O sr. dr. Bartolomeu Gromicho depois de classificar de esbanjamento a construção do referido Liceu em Évora, pediu que fosse aproveitada a verba de 10.000 contos, prevista para aquele empreendimento, na edificação – com um reforço de 5.000 – da Escola Industrial e Comercial.”⁷¹

Foram estas palavras que desencadearam todo o turbilhão de argumentos que se seguiu. É o próprio *Jornal de Évora* que chama a atenção para as mesmas questionando se as intenções de Gromicho não serão “apenas” manter as instalações do Liceu no histórico espaço da Universidade?⁷²

No dia nove de Novembro de 1958 a “refrega” atinge o auge com o semanário a dedicar bastante do seu espaço a esta questão. Assim, surge um comunicado oficial das

⁶⁸ O negrito é do próprio jornal. Cfr. *Jornal de Évora*, “Sessão ordinária do Conselho Municipal: Depois do dr. Vieira da Silva proceder à leitura do seu relatório, notável documento sobre a actividade do Município, o dr. António Rapazote, numa intervenção fluente, prestou louvor à grandeza da administração da Municipalidade, aludiu ao problema da construção clandestina defendendo a situação dos humildes, e ocupou-se da questão hoteleira eborense e do restabelecimento da Universidade Henriquina”, 02-03-58.

⁶⁹ Instituição de relevo na dinamização cultural da cidade responsável por exemplo pela organização da polémica Missão Internacional de Arte.

⁷⁰ *Jornal de Évora*, “A Construção de nova Escola Industrial no nível e plano das escolas de Portalegre e Setúbal – pediu na Assembleia Nacional o dr. Bartolomeu Gromicho em substituição do projectado Liceu Feminino.”, 02-11-58.

⁷¹ *Idem*.

⁷² Cfr. *Jornal de Évora*, “Para evitar que se estabeleçam confusões sobre os altos interesses da cidade por via da intervenção parlamentar do dr. Bartolomeu Gromicho – A Câmara Municipal esclarece a opinião pública acerca da construção do LICEU FEMININO DE ÉVORA”, 02-11-58.

Comissões Distrital e Concelhia de Évora da União Nacional demarcando-se das afirmações do deputado Bartolomeu Gromicho⁷³, um artigo anónimo assinado por S. apelando à serenidade porque não serão as palavras deste deputado que irão impedir o poder central de concretizar a obra⁷⁴.

Encontramos ainda uma curiosa expressão que também veio a desencadear uma quezília entre o referido reitor e o *Jornal de Évora*: “Como para casa até pedras se carregam, o grande público não se cansa de apedrejar o deputado da Nação.”⁷⁵ Esta expressão leva-nos a uma outra que demonstra bem como o debate foi vivo e como a imprensa teve nele um papel fundamental enquanto transmissora da opinião pública: “estes últimos acontecimentos que gravitaram em redor do restauro da antiga Universidade, do Liceu Feminino, etc., tiveram por um lado, o feliz condão de revelar, através da sua pronta e enérgica reacção, o interesse geral da comunidade eborense por estes problemas que dizem respeito à sua vida e ao seu progresso, (...)”.⁷⁶

Esta foi, portanto uma fase de efervescência e discussão em torno da construção de toda uma série de equipamentos urbanos necessários não só por questões de Saúde Pública mas que são também reveladores da importância da cultura e da educação para a opinião pública eborense que se uniu em prol da defesa dos seus interesses e do seu brio enquanto capital alentejana.

⁷³ Cfr. *Jornal de Évora*, “Comunicado da União Nacional”, 09-11-58.

⁷⁴ Cfr. *Jornal de Évora*, “Serenidade na discordância”, 09-11-58.

⁷⁵ *Jornal de Évora*, “Confidencial”, 09-11-58.

⁷⁶ *Jornal de Évora*, “Que isto não se repita”, 09-11-58.

5.2 - Construção de uma imagem

Como todos os projectos em construção o *Jornal de Évora* tem desde o início a preocupação de marcar a diferença perante os seus congéneres regionais principalmente porque estes já tinham bastante tempo de existência (o *Democracia do Sul* contava 56 anos, o *Notícias de Évora* 58 e o *A Defesa* 35).

Verifica-se a tentativa de “construção de uma identidade específica que o defina e distinga dos demais projectos existentes.”⁷⁷ Assim, logo no seu primeiro número faz uma saudação aos restantes periódicos publicados em Évora utilizando uma linguagem expressiva e fortemente adjectivada: “Ao «NE» velho paladino de uma luta constante do dia a dia e a quantos nele trabalham ; à «DS» obstinado e corajoso diário arrostando dificuldades, e a quantos nele labutam; à «Defesa» semanário católico de larga projecção, (...)”.⁷⁸

Procura no entanto, demarcar-se da linha de actuação da restante imprensa eborense. Neste sentido e a propósito do projecto da piscina pública e demonstrando que as “publicações [se] encontravam em contacto umas com as outras, citavam-se, cruzavam informações”⁷⁹ refere que o *Democracia do Sul* apoiou as afirmações produzidas pelo *Jornal de Évora* que por sua vez teriam sido corroboradas pelo jornal de tiragem nacional *República*.⁸⁰ Não estará implícita a ideia de que os jornais mais antigos vão a “reboque” das questões levantadas pelo *Jornal de Évora*? E não será esta mais uma estratégia de afirmação?

Define-se desde cedo como um jornal de vanguarda⁸¹, ou seja, aquele que pretende inovar e trazer novas questões para o debate público. Envolve-se em polémicas com as autoridades locais, fruto provavelmente da situação descrita por José Tengarrinha segundo o qual “A vitória das democracias ocidentais na II Guerra Mundial obriga o Estado Novo a algumas limitadas aberturas políticas, que se traduzem, no respeitante à imprensa, em pequenas concessões sobre «as possíveis liberdades de

⁷⁷ MIRANDA, Paula (2002), p.118.

⁷⁸ *Jornal de Évora*, “À Imprensa”, 25-12-57.

⁷⁹ NUNES, Maria de Fátima (2001), p.169.

⁸⁰ *Jornal de Évora*, “Jornal de Évora”, 27-07-58.

⁸¹ *Jornal de Évora*, “Considerações em redor da I Reunião da Imprensa Regional – (1) – Não sei que metro possa medir a IMPRENSA – palavras do presidente da Câmara Municipal de Sintra”, 15-02-58.

crítica aos actos do Governo, da administração geral ou local, da legislação publicada e a propaganda das várias políticas».⁸²

Estende esta postura “guerreira” aos outros periódicos da urbe alentejana, nomeadamente com o *Democracia do Sul* a quem acusa de atirar indirectas sobre a sua acção e intenções⁸³ e cuja actividade parece querer menozizar: “Alegra-nos, enfim, sobremaneira que se outra não tivesse sido a nossa virtude, pelo menos muito nos apraz verificar que nestes últimos 11 meses a *Democracia do Sul* tem aparecido embora na sua qualidade de «adulta» a debater problemas de interesse da cidade que noutras épocas não é mister constatar. Simples e pura coincidência... nós sabemos.”⁸⁴

Esta procura de afirmação é ainda patente no anúncio de apelos ao público para que ceda determinados números esgotados que seriam desejados por centenas de leitores⁸⁵ e, sendo verdade, podemos daqui inferir que de facto as diferentes estratégias de conquista do público estavam a surtir efeito.

Este é um projecto jornalístico que tenta ganhar espaço no espectro de publicações locais, afirmando-se como veículo da(s) voz(es) de oposição ao poder local.

Também é preocupação desta publicação construir a sua memória com a respectiva galeria de heróis, já que, “os directores dos jornais de informação compreenderam, rapidamente, que a memória constituía um elemento essencial de identidade e não recusaram explorar este recurso que, ao mesmo tempo que lhes concedia visibilidade, potenciava uma distinção e uma afirmação no contexto produtivo do país.”⁸⁶

Neste contexto e na passagem do seu primeiro aniversário, em número especial, *Jornal de Évora* faz uma espécie de autoconfissão da sua saga de produção⁸⁷ dando à linguagem um tom de história longínqua: “Certo dia de Agosto pensou-se que seria útil a fundação de um semanário capaz de abordar os problemas de maior interesse para o distrito. E poucos meses após, à mesa do Arcada, convidam-se o Fernando Iglésias e o Valentim Alferes, estando presentes o amigo de há muito e nosso correspondente em Lisboa, Francisco Cota.”⁸⁸

⁸² Cfr. TENGARRINHA, José (2006), p. 61.

⁸³ *Jornal de Évora*, “Nota da redacção”, 16-11-58.

⁸⁴ *Jornal de Évora*, “Nota da Redacção – Oh, Santa ingenuidade...”, 23-11-58.

⁸⁵ Cfr. *Jornal de Évora*, “Números Esgotados”, 18-05-58.

⁸⁶ MIRANDA, Paula (2005), p. 349.

⁸⁷ Cfr. ALVES, José Augusto (2000), p. 435.

⁸⁸ *Jornal de Évora*, “Um ano que já passou”, 25-12-58.

Jornal de Évora vem demonstrar que o impacto dos novos mass media (rádio e televisão) ainda não se tinha feito sentir no panorama regional da comunicação social eborense e que as ondas de propagação das ideias e dos fenómenos culturais têm diferentes ritmos e intensidade. De facto, a fundação de um novo jornal não faria sentido se não tivesse havido a percepção de que existiam público e leitores para o mesmo.

Somos ainda levados a concordar com Maria de Fátima Nunes quando nos fala em “mitos incorporados e veiculados através de múltiplas leituras historiográficas”⁸⁹ pois que o vazio de ideias e críticas que o aparelho da Censura do Estado Novo teria desencadeado não está subjacente na presente análise.

Aquilo que de facto podemos constatar é que a acção da censura tem nuances distintas de acordo com o campo de abrangência dos órgãos de comunicação social sobre os quais actua.

Na dialéctica poder/elites/imprensa assiste-se à construção da identidade jornalística deste novo projecto que era *Jornal de Évora* através da prossecução dos valores da imparcialidade e isenção e do aproveitamento da carga simbólica que arrasta consigo.

Estamos em presença de uma publicação que veicula as aspirações de modernidade dos eborenses e que por isso secundariza o plano nacional a favor do regional e local. O resultado é a percepção do pulsar da cidade nas disputas de poder e influência e no ambiente modernizador e empreendedor que nela se vivia.

Neste sentido a estratégia predilecta de *Jornal de Évora* para conseguir fidelizar público é o vincar da diferença aferrando-se à polémica⁹⁰ não só com os seus concorrentes no mercado eborense como com as autoridades locais. É assim que acompanhamos e deslindamos a sua postura oposicionista numa lenta e quase imperceptível evolução de voz da oposição local a conscienciosas críticas ao poder central.

⁸⁹ NUNES, Maria de Fátima (2001), p.362.

⁹⁰ Desde o primeiro número que o sentido polemista desta publicação se faz sentir, já que o assunto de destaque desse primeiro número é precisamente um dos que mais mobilizava a opinião pública eborense – o Hospital do Patrocínio.

III – 1958: DO NACIONAL AO LOCAL

A imprensa enquanto formadora de opinião pública tem uma acção fundamental na arquitectura dos consensos necessários e legitimadores do poder. Durante o Estado Novo tal acção foi evidenciada ao longo dos actos eleitorais também eles factores importantes de consolidação do regime autoritário.

Concomitantemente, e apesar da plena consciência de que as eleições em nada iriam modificar o sistema político vigente, elas eram “aproveitadas” por ambas as partes em confronto: “Apesar de as eleições servirem para plebiscitar e legitimar o regime, para identificar e controlar as oposições e serem uma válvula de escape, a oposição aproveitou as eleições para se manifestar e tirar o maior partido possível delas.”¹

Através da análise da forma como *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* descrevem os acontecimentos de 1958 referentes à campanha eleitoral para a presidência de República torna-se perceptível a vivência que a cidade tem dos mesmos.

Tendo estas eleições a particularidade de unir as diferentes hostes da oposição ao Estado Novo em torno da candidatura do general Humberto Delgado, apreendemos ainda a reacção do aparelho do poder (do universo nacional ao local) face à ameaça potenciada na capacidade mobilizadora de Humberto Delgado.

Relativamente aos três candidatos os periódicos em análise deram-lhes tratamento distinto porque distinta era também a sua origem. Sobre Américo Tomás, enquanto vencedor antecipado, surgem as informações veiculadas principalmente pelos comunicados oficiais. Arlindo Vicente é mencionado de forma muito discreta devido à sua ligação ao Partido Comunista Português. Quanto a Humberto Delgado a forte adjectivação acompanha as descrições que em seu torno se fazem principalmente pela parte do *Democracia do Sul*. Demonstra-se assim que também o mito Delgado tem raízes na imprensa local.

Refira-se ainda a reacção espontânea e popular ao resultado do acto eleitoral que pode ser medida através da forma como são tratados os tumultos ocorridos em Montemor-o-Novo. Curiosamente é o periódico que menor intervenção tem face ao acto eleitoral e à política nacional que maior atenção lhes dá – *Jornal de Évora*, procurando justificar os actos dos trabalhadores tendo em conta as suas condições de vida.

¹ CRUZ, Manuel Braga da (1999), p. 607.

6 - As eleições presidenciais de 8 de Junho de 1958 no universo eborense

Apesar do seu carácter ditatorial o “Estado Novo preservou constitucionalmente o princípio eleitoral e o princípio de representação política, realizando periodicamente eleições directas (quer presidenciais, quer políticas, quer administrativas)”¹, sendo esta precisamente uma das características “mais distintivas do Salazarismo, em relação aos demais regimes autoritários contemporâneos, a sua consagração constitucional do princípio representativo e do princípio electivo.”² De facto, “o poder tem interesse na legitimação dada pelo plebiscito”³ sendo que os momentos eleitorais se tratavam de mecanismos de reforço da actuação do poder. É assim que surge o anúncio das eleições presidenciais com a escolha da data devidamente fundamentada: “Nos termos constitucionais, as eleições para o alto cargo de Presidente da República efectuam-se no dia 8 de Junho, por ser o domingo mais próximo do 60º dia anterior ao termo do mandato do sr. general Craveiro Lopes, que foi solenemente investido em 9 de Agosto de 1951.”⁴

Havia a necessidade de se criarem canais de ligação entre a vigilância e participação dos cidadãos e o desempenho do poder do Estado. Um desses canais era precisamente o espaço público cujo domínio constituía uma das peças fundamentais para assegurar a continuidade do regime, levando o “público [a] colabora[r] na «engenharia do consenso»”.⁵ Corroborando este argumento surgem-nos no *Democracia do Sul* as seguintes palavras: “(...) há três candidatos a representar quase todo o potencial do eleitorado português, e que assim se unifica para o cumprimento desse dever cívico e patriótico [a eleição do Presidente da República].”⁶

A imprensa periódica tornou-se um instrumento necessário ao próprio funcionamento das instituições que utilizavam as páginas dos jornais para publicitar as suas actividades e legitimar a sua actuação perante a opinião pública.⁷ São os jornais que publicam elementos de opinião, veiculam doutrina, terçam armas pelos projectos, apelam ao voto.⁸ Poderá ser neste contexto que surge em Évora, em ano de eleições

¹ CRUZ, Manuel (1999), p. 607.

² CRUZ, Manuel (1983), p. 703.

³ ALVES, José Augusto (2000), p. 24.

⁴ *Democracia do Sul*, “A eleição presidencial efectua-se no dia 8 de Junho» de «O Século» de ontem recortamos a seguinte informação:”, 17-4-58.

⁵ ALVES, José Augusto (2000), p. 36.

⁶ *Democracia do Sul*, “Da minha Tribuna – portugueses!”, 11-5-58.

⁷ MIRANDA, Paula (2002), p. 152.

⁸ REIS, António do Carmo (1999), p. 37.

presidenciais, uma nova publicação – o *Jornal de Évora*.⁹ Este semanário reafirma constantemente a sua imparcialidade¹⁰ não pretendendo envolver-se na discussão de assuntos políticos mas apenas apresentar ao público um conjunto diverso de notícias, distinguindo-se dos jornais de opinião, como anteriormente analisámos.

Porém, esta posição de imparcialidade parece-nos ser comprometida, já que no contexto eleitoral e, ao afirmar: “Pretende-se apenas que o País e os seus governantes, saiam desta campanha, dignificados e reciprocamente esclarecidos dos verdadeiros problemas nacionais(...)”,¹¹ está a defender que não haja alterações no poder instituído. Tal comprometimento pode ainda ser confirmado pela “oportuna” publicitação do opúsculo *A obra do Regime na Campanha eleitoral* – no próprio dia das eleições¹², sendo desta forma utilizada a estratégia de criação e fomento de uma opinião pública favorável ao regime.¹³

Com o início do ano de 1958 é tempo da “abertura das hostilidades” quanto à importância do acto eleitoral que se avizinhava, nomeadamente através dos anúncios do recenseamento eleitoral como os que eram publicados no *Democracia do Sul*: “Aqui estamos a lembrar o facto aos nossos leitores que estejam em condições de figurar no recenseamento eleitoral, a obrigação social e política de fazerem a inscrição.”¹⁴

De acordo com D. L. Raby, nos primeiros meses de 1958, quando a questão da eleição presidencial já era urgente, parecia pouco provável que se chegasse a vencer a divisão nas fileiras da oposição¹⁵, sendo a candidatura do engenheiro Cunha Leal uma quase certeza, como atesta o jantar em seu apoio a 11 de Janeiro de 1958 que surge descrito no *Democracia do Sul* como um verdadeiro acto de “pré-campanha”¹⁶. No

⁹ Este argumento é sustentado por CRATO, Nuno (1989), p. 209 quando diz: “Outras publicações ilegais ou semi-legais foram aparecendo pouco a pouco, no meio de grandes dificuldades, tendo sido encorajadas com o fim da Guerra, com a formação do Movimento de Unidade Democrática (1945), com a Campanha eleitoral de Humberto Delgado e com diversas farsas eleitorais organizadas pelo regime.”

¹⁰ “(...) lhes prometemos que com toda a isenção, e norteados por sentido de serena crítica construtiva e concludente, o *Jornal de Évora* será como se impõe um doutrinário defensor dos direitos e da verdade.” Cfr. *Jornal de Évora*, “Apontamento”, 09-02-58.

¹¹ *Jornal de Évora*, “O Momento Político”, 11-5-58.

¹² *Jornal de Évora*, “A obra do Regime na Campanha eleitoral”, 8-6-58.

¹³ TENGARRINHA, José (2006), p. 58.

¹⁴ *Democracia do Sul*, “Recenseamento eleitoral”, 22-2-58. Este apelo repete-se posteriormente a 25-2-58, 12-3-58 e a 15-3-58.

¹⁵ RABY, D. L., (1982), p. 871.

¹⁶ “No Restaurante Castanheira de Moura realizou-se, no sábado o banquete de homenagem ao sr. eng.º Cunha Leal, promovido por uma comissão de amigos e admiradores.

(...)

Quando o sr. eng.º Cunha Leal deu entrada na sala foi alvo de demorada ovação, sendo erguidos vivas à República e à Democracia e cantado em coro o hino nacional.

(...)

entanto, “de Janeiro a Abril de 1958, continuava-se a especular e a manobrar acerca da questão da candidatura democrática à presidência.”¹⁷

Ultrapassadas as divergências no interior da oposição, ficavam as dificuldades de não se tratar de eleições nem gerais nem livres, pelas limitações tanto jurídicas como administrativas ao direito de voto, e pelo condicionamento da liberdade de organização política e de propaganda eleitoral. As limitações iam inclusivamente às questões logísticas da campanha, já que, havia limitação em termos de espaço: estava confinada aos recintos fechados e era vigiada pelas autoridades administrativas.¹⁸ A atestar estas dificuldades, o *Democracia do Sul* veicula as queixas da Comissão Distrital da candidatura do general Humberto Delgado dizendo: “Que pela Câmara Municipal de Évora não foi cedido o Palácio D. Manuel, para ali se realizar um almoço presidido pelo General Humberto Delgado”¹⁹.

Por sua vez a União Nacional dispunha de mais tempo, pois a sua organização era permanente, enquanto à oposição só era permitida uma esporádica existência organizativa de cerca de um mês, sendo várias as medidas intimidatórias e de cerceamento das actividades da candidatura [de Humberto Delgado], de censura de comunicados e fotografias da campanha, de proibição de reuniões e deslocações, de apreensão de cartazes, de cargas policiais sobre manifestantes, de afastamento do candidato das multidões que o apoiavam em campanha.²⁰

As fervorosas palavras, em discurso directo, de Humberto Delgado, a propósito da sua deslocação ao sul do país, são elucidativas do cerco que as autoridades faziam à sua candidatura: “A 3 de Junho, viajei por Évora, Alcáçovas, Aljustrel e Faro: as ordens da polícia eram tão rigorosas que só permitiam que passasse o meu carro pelos seus postos de controlo, esperando desta maneira separar-me do povo. Os agentes da PIDE, de óculos escuros, pálidos, carrancudos, estavam espalhados por toda a cidade e no hotel tive de me refrear para não me atirar a eles.”²¹

Relativamente à passagem do general Humberto Delgado pela cidade alentejana o *Democracia do Sul* preocupa-se em salientar que o civismo da polícia levou ao civismo dos eborenses não tendo ocorrido quaisquer incidentes, ficando

Leu um programa de realizações de sua autoria já publicado, há tempo, na Imprensa e terminou fazendo ardentes votos para que a República tenha à sua volta quantos amam a liberdade e a democracia.”

Cfr. *Democracia do Sul*, “O Banquete de homenagem ao sr. eng.º Cunha Leal”, 14-1-58.

¹⁷ RABY, D. L., (1982) p. 872.

¹⁸ CRUZ, Manuel Braga (1999), p. 607.

¹⁹ *Democracia do Sul*, “Comunicado”, 3-6-58.

²⁰ CRUZ, Manuel Braga (1999), p. 607.

²¹ DELGADO, Iva (1991), p. 107.

subliminarmente atestado que é a violência repressiva das autoridades que provoca distúrbios nas populações e não o contrário.²²

Comprovando a capacidade que a União Nacional tinha para gerir os diversos momentos da campanha eleitoral em seu benefício está a sessão deste organismo na cidade de Évora - tendo sido inicialmente anunciada para dia 24 de Maio de 1958²³ foi adiada, coincidentemente, para o dia da sessão do candidato da oposição general Humberto Delgado.²⁴

A “preocupação” por parte das autoridades com a candidatura do general Delgado à presidência da República terá a ver com a “dinâmica de unidade da oposição contra o regime salazarista”²⁵ criada por este candidato com uma campanha “à americana”²⁶ percorrendo o País, de Norte a Sul, promovendo comícios ao ar livre, desfilando em carros descapotáveis, contactando directamente com as massas e originando o entusiasmo popular²⁷ e a sua consequente “intervenção, de rompante, incontrolada (...)”²⁸.

Neste sentido, e supostamente numa alusão às declarações de Delgado relativamente à sua intenção de demitir o Presidente do Conselho, surgem as seguintes palavras no *Democracia do Sul*: “O segundo dia do período consagrado à propaganda eleitoral assinalou-se por uma mudança de tempo (...). Rondou o vento. (...) Em Junho, foice ao punho. É o mês em que vão falar as urnas – e as searas. Mesmo a *Seara Nova*.”²⁹ De facto, Humberto Delgado “suscita um autentico levantamento cívico do

²² “De registar a correcção da polícia e, conseqüentemente, que não houve o mais pequeno incidente digno de nota, o que vem reforçar a nossa opinião de que o povo alentejano é por excelência extremamente ordeiro.” Cfr. *Democracia do Sul*, “O General Humberto Delgado delirantemente aclamado em Évora”, 4-6-58.

²³ “Realiza-se no próximo dia 24, pelas 21 horas possivelmente no Teatro Garcia de Rezende uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela U. N..” Cfr. *Jornal de Évora*, “ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS – sessão da U. N.”, 18-5-58.

²⁴ Cfr. *Jornal de Évora*, “UNIÃO NACIONAL – Foi adiada a sessão de propaganda da U. N., que havia sido marcada para ontem no Teatro Garcia de Rezende”, 25-5-58 e *Jornal de Évora*, “Convite”, 1-6-58.

²⁵ DELGADO, Iva (1996), p. 253.

²⁶ Nas palavras do próprio Ministro do Interior Trigo Negreiros, em reunião com as autoridades eborenses: “em Portugal não são aconselháveis nem aceitáveis os métodos de propaganda eleitoral praticados nos Estados Unidos” Cfr. *Jornal de Évora*, “O Ministro do Interior que veio a Évora presidir a uma reunião onde se trataram assuntos sobre o momento político – disse que o acto eleitoral «já está esclarecido»”, 1-6-58.

²⁷ Cfr. Humberto Delgado: o General sem Medo (1995), p. 34.

²⁸ *Jornal de Évora*, “O MOMENTO POLÍTICO”, 18-5-58.

²⁹ Cfr. *Democracia do Sul*, “As urnas e as searas” do *Diário de Lisboa*, 13-5-58. [*Seara Nova* em itálico é da nossa autoria no sentido de evidenciar a referência à Revista Cultural que desempenhou um papel fundamental na actuação da intelectualidade portuguesa oposicionista e da qual faziam parte intelectuais que formaram o núcleo duro da candidatura de Humberto Delgado].

País, movendo multidões, num fenómeno de popularidade imprevisível”³⁰, acentuado quando “anunciou o facto inédito de não desistir da ida às urnas”³¹ tal como podemos comprovar nos “Objectivos e princípios da ‘Oposição Democrática’” difundidos através do *Democracia do Sul*: “Ir até às urnas apesar das muitas dificuldades.”³²

“A Campanha entretanto iniciou-se. E devemos dizer-lo com sinceridade: logo se divisou, claramente, no povo português uma directriz manifesta: a reorganização da política interna da República em bases democráticas; e que isto era coisa amadurecida, sim, e não simples galvanização momentânea. Então frutificou o entusiasmo nuns e deu-se a morte macaca da ilusão de outros. Foi por essa altura que a serenidade começou a faltar e vieram a terreno violências despropositadas que apenas deslustram quem as fomenta. Serenidade, pois, que a política é como o jogo – saiba-se, portanto, ganhar com honra e perder com dignidade.”³³ Se é esta a opinião veiculada num simples jornal regional, maior será a consciência por parte do aparelho do poder quanto ao perigo que poderia representar a candidatura do general Humberto Delgado. Assim, o período eleitoral vai decorrer “em clima de forte repressão, intimidação e arbitrariedade, tendo o Governo criado, para «fazer respeitar a ordem», um estado-maior do conjunto das forças policiais e militares sob o comando do ministro da Defesa, Santos Costa.”³⁴

A mobilização dos diferentes representantes da autoridade local exercendo “cargos de confiança política (reflectindo em termos locais a conjuntura política nacional), ou administrativos (com funções burocráticas nas mais diversas áreas da vida local) colocavam quem as exercia em posição de influenciar e monopolizar o poder”³⁵, e assim, no âmbito de acção deste “estado-maior” ocorre a já mencionada reunião do Ministro do Interior, Trigo Negreiros, com a rede de autoridades locais em Évora: “o chefe do distrito, presidentes das municipalidades e das comissões, presidentes das juntas de freguesias, regedores, chefes de vários departamentos oficiais e funcionalismo”³⁶. Esta reunião é amplamente descrita no *Jornal de Évora*, transmitindo-se que “o Alentejo votará em massa com o governo” e que “é bastante restrito o número de indivíduos que apoiam o general Humberto Delgado”.³⁷ Trata-se de uma mensagem

³⁰ Cfr. Humberto Delgado: o General sem Medo (1995), p. 34.

³¹ DELGADO, Iva (1996), p. 253.

³² *Democracia do Sul*, “Objectivos e princípios da ‘Oposição Democrática’”, 16-5-58.

³³ *Democracia do Sul*, “Da minha tribuna – Serenidade e Compreensão”, 23-5-58.

³⁴ QUINTAS, José Manuel (1996), p. 292.

³⁵ BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 99.

³⁶ Cfr. *Jornal de Évora*, “O Ministro do Interior que veio a Évora presidir a uma reunião onde se trataram assuntos sobre o momento político – disse que o acto eleitoral «já está esclarecido»”, 1-6-58.

³⁷ *Idem*.

veiculada num jornal local tendo destinatários preferencialmente locais, tanto mais que para que uma “ideia e uma ideologia se imponham, não basta ser convincente – ela deve apoiar-se numa rede humana e técnica, em que a mediologia tem como objectivo o estudo das condições materiais de difusão da mensagem, da «mediosfera»”.³⁸

Da mesma forma a escolha do Teatro Garcia de Resende como local para realização da sessão da U. N. em apoio à candidatura de Américo Tomás à Presidência da República teria uma carga metafórica já que, “fundado pela elite eborense, era ao Garcia de Resende que essa mesma elite aparecia preferencialmente ligada”,³⁹ dando, neste caso, legitimidade e notoriedade ao evento e ao candidato que pretendia apoiar.⁴⁰ Ao publicitar-se esta sessão pretende-se tirar partido do “carácter simbólico [do público], consubstanciado numa coesão interna de ordem espiritual e que permitem que se estabeleça uma certa convergência de juízos entre os membros do público.”⁴¹

Outrossim acontece com o *Democracia do Sul* enquanto jornal do partido republicano dedicado às tarefas de activar, informar e organizar. A mensagem que se pretende propagar é que “Os ditadores nunca poderão escolher. Nunca poderão esquecer. Mas podem cair e sempre de maneira que partem o nariz. Veja-se o que aconteceu a Hitler e a Mussolini.”⁴² e para isso é necessário que “Todos os eleitores que queiram votar no Candidato Independente Senhor General HUMBERTO DELGADO e não tenham recebido lista, devem ir ou mandar pedi-la a qualquer dos membros que constituem a Comissão Distrital.

Nos Bairros da freguesia da Sé: Poço Entre-Vinhas – Comenda – Canaviais – Nossa Senhora do Carmo – Santa Maria – Senhora da Glória – Chafariz d’El-rei – e Almeirim, estão instalados postos distribuidores.”⁴³ e que “cada eleitor cumpra o seu dever sem que ninguém haja de lhe censurar atitudes nem apontar incorrecções, ainda que tal não fosse necessário lembrar a um povo que sempre tem dado provas de civismo e boa educação. Mas há circunstâncias fortuitas em que toda a calma não é demais para manter o aprumo e a dignidade.”⁴⁴

Já o jovem semanário *Jornal de Évora* pretendia manter uma posição de neutralidade não se envolvendo na discussão de assuntos políticos mas apenas

³⁸ ALVES, José Augusto (2000), p. 33.

³⁹ BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 55.

⁴⁰ *Jornal de Évora*, “ELEIÇÃO PRESIDENCIAL”, 8-6-58.

⁴¹ ESTEVES, João Pissarra (2003), p. 27.

⁴² *Democracia do Sul*, “De uma novela policial”, 31-5-58.

⁴³ *Democracia do Sul*, “Eleição do Presidente da República”, 7-6-58.

⁴⁴ *Democracia do Sul*, “Nota do Dia”, 8-6-58.

apresentando ao público um conjunto diverso de notícias. Esta parece ser a sua intenção quando no mesmo artigo se elogia a acção do governo mas concomitantemente se evidencia a importância da existência da oposição: “A situação de há 30 anos fez uma grande obra – mas tem adiante de si muito mais ainda. (...) A oposição traz-nos os seus programas e os seus ecos de descontentamento. E acredita-se que nas suas fileiras traz homens dignos. Que ao menos a sua presença sirva para advertir os que detêm o Poder e lembrar-lhes que todos não somos demais”.⁴⁵ Um exemplo desta posição surge ainda quando faz a descrição das duas sessões de propaganda ocorridas em Évora no dia 3 de Junho de 1958, no mesmo dia e no mesmo espaço gráfico sem usar qualquer tipo de qualificação/adjectivação.⁴⁶

Realce-se igualmente “a consciência que os órgãos de comunicação social manifestam do seu próprio tempo e da missão que lhes incumbe realizar”⁴⁷ facto patente nos votos que *Jornal de Évora* faz relativamente ao decorrer do acto eleitoral: “Fazemos votos para que hoje permaneça no espírito de todos os portugueses, a consciência da gravidade do acto eleitoral e se cumpra e se respeite, dentro da mais rígida legalidade, o soberano direito de votar”⁴⁸, sendo acompanhado pelo *Democracia do Sul*: “Novamente apelamos para a índole ordeira dos eborenses, ainda há dias posta à prova.”⁴⁹

Quando chega finalmente o dia 8 de Junho de 1958, acontece o que já era esperado: Américo Tomás, candidato da União Nacional é eleito presidente da República,⁵⁰ servindo assim as eleições para plebiscitar e controlar o regime, mas também para identificar e controlar as oposições, e serem uma válvula de escape.⁵¹ É neste sentido que a tomada de posição de determinadas personalidades do panorama cultural e científico nacional a favor da candidatura do general Humberto Delgado, “provocou uma reacção governamental contra os funcionários públicos. (...) Foram demitidos das suas funções, reformados compulsivamente ou viram os respectivos contratos rescindidos(...)”⁵² Houve também uma enérgica reacção contra aqueles que eram considerados revolucionários quer civis quer militares. O alvo óbvio e imediato era o próprio general Humberto Delgado e assim, logo a 13 de Junho de 1958, é publicado pelo *Democracia do Sul* um comunicado oficial do Ministro da Defesa

⁴⁵ *Jornal de Évora*, “O MOMENTO POLÍTICO – Os nossos votos”, 1-6-58.

⁴⁶ Cfr. *Jornal de Évora*, “Eleição Presidencial”, 8-6-58.

⁴⁷ REIS, António do Carmo (1999), p. 51.

⁴⁸ *Jornal de Évora*, “DE SEMANA A SEMANA – O acto eleitoral e o Civismo”, 8-6-58.

⁴⁹ *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais”, 7-6-58.

⁵⁰ Cfr. *Jornal de Évora*, “O Novo Chefe do Estado é o Contra-Almirante Américo Tomás”, 15-6-58.

⁵¹ Cfr. CRUZ, Manuel Braga (1999), p. 607.

⁵² VENTURA, António (2004), p. 205.

Nacional dando conta que este “mandou cancelar a autorização concedida ao sr. general Humberto da Silva Delgado para desempenhar o cargo de director-geral da Aeronáutica Civil no Ministério das Comunicações”⁵³, tendo sido conseqüentemente exonerado destas funções.⁵⁴ E porque o “terramoto” teve abalos que se prolongaram no tempo, passado alguns meses, destacados membros da oposição vão ser presos e alvo de averiguações sendo instaurado um processo a Delgado.⁵⁵

Outra das ondas telúricas provocadas pelo “abalo” das eleições presidenciais de 1958 foi a reacção de protesto espontâneo dos trabalhadores rurais alentejanos, mais concretamente de Montemor-o-Novo.⁵⁶ Desde logo a organização destes protestos foi atribuída ao Partido Comunista, mas não de forma clara, insinuando-se que os manifestantes aguardavam “dois chefes que chegariam de Lisboa para comandar o motim.”⁵⁷ No mesmo dia em que surge o comunicado oficial nos periódicos eborenses⁵⁸, no *Jornal de Évora* exorta-se os trabalhadores alentejanos à calma e a não acreditarem em miragens falsas pois o “comunismo pretende que haja miséria, fulcros de subversão, gente descontente; isso lhes interessa, isso lhes convém.”⁵⁹ Porém, segundo D. L. Raby o Partido Comunista não terá tido um papel assim tão activo nestes “distúrbios”, já que, “as greves começaram espontaneamente e o Partido só tomou uma posição de apoio depois de uma semana, quando já se tinha perdido o ímpeto inicial.”⁶⁰

Serve ainda o episódio dos protestos em Montemor-o-Novo para de certa forma contrariar a afirmação de Nuno Crato segundo a qual durante o Estado Novo o “país se

⁵³ *Democracia do Sul*, “Um comunicado do gabinete do ministro da Defesa Nacional”, 13-6-58.

⁵⁴ *Democracia do Sul*, “O general Humberto Delgado foi exonerado de director-geral da Aeronáutica Civil”, 3-7-58.

⁵⁵ Cfr. *Jornal de Évora*, “Prisão de homens públicos”, 30-11-58. e *Democracia do Sul*, “Um processo político”, 30-11-58.

⁵⁶ Cfr. *Democracia do Sul*, “Um morto e dois feridos num tiroteio em Montemor-o-Novo”, 26-6-58.

⁵⁷ *Democracia do Sul*, “Nota fornecida à imprensa pelo Governo Civil de Évora – Distúrbios do dia 23 em Montemor-o-Novo”, 29-6-58.

⁵⁸ Confirma-se neste ponto a posição de José Tengarrinha quando afirma que: “A tentativa de influenciar a opinião pública não se fará apenas pela ocultação de informação, mas, já num plano superior de manipulação, pela veiculação das posições governamentais sobre determinados acontecimentos. Eram as ‘notas officiosas’, perante as quais as atitudes foram muito diversas, dependendo da natureza dos jornais e das circunstâncias políticas concretas. É certo que, em geral, receando represálias, o acatamento é o mais frequente.” Cfr. TENGARRINHA, José (2006), p. 57.

⁵⁹ *Jornal de Évora*, “É sempre tempo... Onde está o mal?”, 29-6-58.

⁶⁰ RABY, D. L. (1982), p. 871. Confirmando esta ideia, João Madeira esclarece: “Imediatamente após o período eleitoral entra-se numa fase de radicalização política, com greves e protestos espontâneos, com conspirações militares, com um quadro geral de descontentamento, de suspeição sobre o carácter fraudulento dos resultados eleitorais, mas que também o Partido Comunista não conseguiu enquadrar e dirigir, de modo a desenvolver as suas potencialidades revolucionárias,...” MADEIRA, João (1996), p. 358.

enterrava na inconsciência pública do seu subdesenvolvimento”⁶¹, já que, durante estes acontecimento é o periódico mais próximo do poder central a advertir que a situação dos trabalhadores rurais “é dura e penosa”.⁶²

Verifica-se também no *Jornal de Évora*, semanário auto-intitulado “Tribuna Aberta aos Interesses Alentejanos” a preocupação em “limpar o nome” de Montemor-o-Novo e da sua população: “é de crer que o prestígio de uma localidade sofra declínio quando a fatalidade de um acontecimento cai inesperada e surpreendente sobre um lugar.(...) E oxalá que passada a hora ingrata da tragédia, em paz e tranquilidade Montemor-o-Novo se continue a impor como terra gloriosa, berço e túmulo de honradas gentes.”⁶³ Repare-se como a linguagem é dúbia, nunca dizendo claramente que tinha havido protestos violentamente reprimidos pelas autoridades, já que, “face à censura e à repressão, impunha-se o recurso a expedientes vários e à utilização de eufemismos que camuflassem propósitos e intenções.”⁶⁴

São estes artifícios (quer voluntários quer impostos) que nos alertam para a inevitável engenharia da (im)parcialidade da imprensa a coberto de um espírito de missão que tanto pode ir no sentido de evitar a violência e o derramamento de sangue como no de preservar as imagens de identidade local/nacional. É ainda no contexto destes mecanismos de coesão e identificação que se realça a importância, embora encenada, da legitimação do poder através do sufrágio que funciona como sustentáculo da ligação entre este e os cidadãos. No caso concreto das eleições presidenciais de 1958 é evidenciado no palco do espaço público cujo guião é escrito, entre outros pela imprensa, o facto da sociedade portuguesa estar representada através da existência de três candidatos que abrangem todo o espectro político nacional.

Assiste-se ao terçar de armas das diferentes candidaturas através do caso concreto da imprensa regional eborense onde se destacam os ventos de mudança trazidos por uma nova forma de encarar a participação política e cívica que, curiosamente, é exposta pelos receios que as autoridades revelam face à candidatura de Humberto Delgado. Para obviar a estes receios é posta a funcionar a rede de influências que estende a sua teia ao nível local. Apela-se não só aos representantes da autoridade/poder local assim como à força dos símbolos: para promover o candidato da

⁶¹ CRATO, Nuno (1989), p. 199.

⁶² Cfr. *Jornal de Évora*, “É sempre tempo...Onde está o mal?”, 29-6-58.

⁶³ *Jornal de Évora*, “Montemor-o-Novo é Vila de dignas tradições”, 29-6-58.

⁶⁴ VENTURA, António (2004), p. 293.

União Nacional é utilizado um espaço de sociabilidade associado desde a sua fundação à elite regional ligada ao regime– o Teatro Garcia de Resende.

Através da observação microscópica da imprensa regional eborense surge-nos não só a consolidação como a génese de alguns mitos que compõem o imaginário português. A conotação de comunismo com violência e perturbação do viver da sociedade portuguesa, evidenciado através do episódio dos tumultos de Montemor-o-Novo e o estado de inconsciência e conformismo dos portugueses, aqui representados pelos alentejanos, face à estagnação do país são exemplo do primeiro tipo. A descrição da Campanha Eleitoral para as eleições presidenciais terá contribuído, por sua vez, para o alicerçar do mito Delgado.

7 - Os candidatos à Presidência da República em 1958

7.1 - Humberto Delgado

Quando aos 51 anos Humberto Delgado se apresenta como candidato à Presidência da República, e apesar da sua relativa juventude, tem já um invejável currículo dentro do aparelho do Estado, destacando-se o seu protagonismo nas negociações secretas com o Reino Unido relativamente à ocupação e gestão das bases aéreas e navais dos Açores entre 1941 e 1943, sendo neste ano nomeado Director-Geral da Aviação Civil. Em 1947 é designado para delegado português na Organização Internacional da Aviação Civil em Montreal e em 1952 é transferido para Washington enquanto adido militar da Embaixada de Portugal acumulando ainda a representação do país na NATO. Em 1957 regressa ao cargo de Director-Geral da Aviação Civil.¹

Humberto Delgado trazia assim na sua bagagem todo um conjunto de “ferramentas” que lhe permitiram conjugar a internacionalização do seu percurso pessoal e profissional com uma visão do mundo que transpôs para uma nova forma de participação política e cívica, imbuída de um espírito activo e interventivo típico das democracias ocidentais, nomeadamente a norte-americana e inglesa. A sua candidatura à Presidência da República e respectiva campanha eleitoral serviram para demonstrar que existia uma alternativa política e social para além da que vigorava no espaço peninsular abrindo uma janela para a Europa e o mundo que teimosamente não voltaria a fechar-se.

Certamente que este percurso terá contribuído significativamente para a construção da imagem de um mito que ainda hoje faz parte da galeria de notáveis da História de Portugal. De facto “a recuperação social da memória colectiva foi sempre uma medida preventiva, política e ideológica, uma espécie de «Deus escondido».”² Esta construção terá começado, consciente ou inconscientemente, no próprio momento da apresentação deste candidato à Presidência da República, até porque a sua proveniência do interior do regime funcionava como factor legitimador da candidatura.

Assim, quando a imprensa eborense, nomeadamente a ligada à oposição ao regime, faz a apresentação do candidato, são destacados os factos de Humberto Delgado ter sido o 1.º no curso de Artilharia, de em 1926 ter sido ferido quando fazia frente a um

¹ Cfr. RABY, D.L., (1999), pp. 497-500.

² NUNES, M^a de Fátima, (2001), p. 321.

grupo de revoltosos em Vendas Novas e de ter participado no 28 de Maio de 1926. Evidenciam-se ainda os seus feitos aeronáuticos, como o *record* de voo sob território português, o seu brilhantismo enquanto aluno e a sua carreira enquanto docente na Escola do Exército. Ao mesmo tempo em que se salienta a sua prestação dentro de órgãos ligados ao regime, como sejam a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa, é enfatizado o facto de ter sido o oficial mais novo da sua geração em todos os postos.³

As suas classificações com distinção nos diversos cursos frequentados, o pioneirismo do seu trabalho em várias áreas, o seu percurso a nível internacional, a sua produção enquanto escritor, conferencista e orador, os diversos louvores e medalhas recebidos em Portugal e no estrangeiro⁴, apresentam-no como um herói que no dizer de alguns “representa o mais digno da memória [do país]”⁵. Estamos perante aquilo a que Rogério Santos apelida de uma “nítida vedetização dos líderes dos movimentos sociais, em que os meios noticiosos convertem um líder em celebridade”⁶.

O papel do general Humberto Delgado enquanto homem público que intervém cívica e politicamente é reafirmado pela sua participação em associações como a do Grupo dos Amigos de Olivença. Este grupo insere-se num tipo de sociabilidade formal do qual fazem parte os clubes, círculos, associações, sociedades e gabinetes que funcionariam como base estruturante de uma nova sociedade, da almejada civilização a que o progresso material e moral conduziria⁷ e onde o debate das questões políticas era inevitável⁸. As reuniões mensais e as actividades promovidas por esta organização inseridas na dinâmica própria da vida dos públicos⁹ eram divulgadas em ambos os jornais analisados, fazendo-se também o seu posterior relato, assim como a descrição dos participantes nas mesmas¹⁰. Este tipo de associação funciona assim como um “mecanismo fundamental no processo de reconhecimento e aquisição de notoriedade”¹¹, e é precisamente através da descrição de uma dessas reuniões do Grupo dos Amigos de Olivença que se encontra a primeira referência a Humberto Delgado na imprensa

³ Cfr. *Democracia do Sul*, “O Próximo Acto Eleitoral – Quem é o general Humberto Delgado – Candidato independente à Presidência da República”, 8-5-58.

⁴ Cfr. *Idem*.

⁵ SANTOS, Pedro, (1998).

⁶ SANTOS, Rogério (2003), p. 34.

⁷ Cfr. BERNARDO, M^a Ana, (2001), pp.14-15.

⁸ *Ib. Ibidem*, p. 42.

⁹ ESTEVES, João, (2003), p. 36.

¹⁰ Estamos perante as chamadas fontes institucionais de que os jornais se “alimentam” dado o seu carácter constante e cíclico e que funcionam como formas de co-legitimação e reconhecimento [Cfr. MIRANDA, Paula, (2002), pp. 132 e 143.] e que no caso dos Amigos de Olivença surge quer no *Jornal de Évora* quer no *Democracia do Sul*.

¹¹ Cfr. BERNARDO, M^a Ana, p.51.

eborense no período analisado¹². Também o *Jornal de Évora* faz referência à participação do general nesta associação, embora, curiosamente, uma única vez, e após o acto eleitoral de Junho de 1958¹³. Mais tarde, jogando com o imaginário e o simbolismo, quando se dá a notícia da futura tomada de posse do novo presidente da República cujo nome não é referido, é astuta a maneira como o *Democracia do Sul* gere o espaço por forma a que logo a seguir a esta pequena notícia, na mesma página e coluna, surja a descrição da reunião mensal dos Amigos de Olivença com a presença do seu “presidente da Assembleia geral”, general Humberto Delgado.¹⁴

Como surge então a candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República? Pensamos poder inclui-la naquilo que António Ventura chama o rescaldo do fim da Segunda Guerra Mundial, quando diversos sectores oposicionistas promovem reuniões públicas¹⁵ com objectivos interventivos. Segundo D.L. Raby, o general Humberto Delgado terá aproveitado uma licença da sua posição em Washington, no Outono de 1956, para visitar o capitão Henrique Galvão na prisão de Peniche e terá sido este quem lhe sugeriu a ideia de se candidatar à Presidência da República.¹⁶ A 14 de Novembro de 1957 o general reúne-se com António Sérgio começando-se a delinear com maior precisão a sua candidatura.¹⁷ Não existe, no entanto, unanimidade quanto à iniciativa da candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República, já que, também é sugerido que terá sido um “grupo de oposicionistas do Porto a encarregar o arquitecto Artur Andrade de convidar o general Delgado a candidatar-se a Belém.”¹⁸

Esta candidatura surge pela primeira vez noticiada em Évora através do *Democracia do Sul* que a 17 de Abril de 1958 publica um excerto retirado de *O Século* onde se dá conta da candidatura de Cunha Leal como representante da oposição, referindo ainda: “Porém, um candidato se apresentará ao eleitorado, o sr. general Humberto Delgado, que está a preparar a respectiva documentação, tendo já elaborado um manifesto a distribuir na altura própria.”¹⁹ Todavia, logo no dia seguinte é anunciada a desistência de Cunha Leal: “Segundo informava o nosso prezado colega «República», de anteontem, o sr. eng.º Cunha Leal não apresentará a sua candidatura à Presidência da

¹² Cfr. *Democracia do Sul*, “Amigos de Olivença” 25-1-58.

¹³ Cfr. *Jornal de Évora*, “A solidariedade que devemos aos Oliventinos”, 13-7-58.

¹⁴ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 28-6-58 e *Democracia do Sul*, “Reunião Mensal dos Amigos de Olivença”, 28-6-58.

¹⁵ VENTURA, António, (2004), p. 204.

¹⁶ RABY, D. L. (1999), p.497.

¹⁷ OLIVEIRA, César (1995), p.9.

¹⁸ SANTOS, Pedro (1998).

¹⁹ *Democracia do Sul*, “A eleição presidencial efectua-se no dia 8 de Junho”, 17-4-58.

República, por motivo do seu precário estado de saúde, pelo que neste momento, o único candidato da Oposição deverá ser o sr. general Humberto Delgado.

Admite-se, no entanto – segundo informa aquele colega – a hipótese da apresentação de outro candidato, pelos mesmos elementos que apresentaram o sr. Cunha Leal.”²⁰

A 19 de Abril de 1958 a candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República é formalizada e no dia 8 de Maio, data oficial para o início da Campanha Eleitoral, o *Democracia do Sul* faz uma minuciosa e fervorosa biografia deste candidato.²¹ Como se se tratasse do nascer de uma nova era, um dia zero a partir do qual a vida de Portugal iria renascer, destacam-se o percurso internacional e o pioneirismo do trabalho do candidato.

E porque “os jornais são também a imagem”²², surge na primeira página, juntamente com a biografia, a fotografia do general Humberto Delgado²³. Este facto é tanto mais relevante quanto nesta publicação não é abundante a fotografia e muito menos na primeira página. Já o seu conterrâneo *Jornal de Évora* parece ter aproveitado a “folga” da censura em tempos de Campanha Eleitoral para avivar a polémica que mantinha com a Câmara Municipal de Évora.²⁴

O rastilho que terá activado a auréola luminosa da mitificação e da heroicização de Humberto Delgado, terá sido quando este homem com “uma ascensão rápida na carreira militar e também no âmbito político do Estado Novo, afirmando-se como partidário do regime e até como fascista exacerbado”,²⁵ declarou publicamente a sua intenção de demitir o Presidente do Conselho caso fosse eleito chefe da mais Alta Magistratura do Estado. A frase que ficou para sempre ligada a Humberto Delgado foi proferida numa conferência de imprensa dada a 10 de Maio no Café Chave D’Ouro em Lisboa e terá sido proferida na ordem inversa.²⁶

Contrariando a posição de Nair Alexandra segundo a qual a frase “Obviamente, demito-o!” “raramente merece destaque nas coberturas noticiosas do encontro de

²⁰ *Democracia do Sul*, “O próximo acto eleitoral”, 18-4-58.

²¹ *Democracia do Sul*, “O Próximo Acto Eleitoral – Quem é o general Humberto Delgado – Candidato independente à Presidência da República”, 8-5-58.

²² ALEXANDRA, Nair (1998), p. 9.

²³ Cfr. *Democracia do Sul*, “O Próximo Acto Eleitoral – Quem é o general Humberto Delgado – Candidato independente à Presidência da República”, 8-5-58.

²⁴ Cfr. *Jornal de Évora* nos dias 27-4-58 e 4-5-58 em que são dedicadas páginas inteiras deste semanário a divulgar na íntegra com o respectivo comentário e resposta, o Offício n.º 1109 da Câmara Municipal de Évora contendo críticas à actuação e boa fé do *Jornal de Évora*.

²⁵ RABY, D. L. (1999), p. 497.

²⁶ *Idem*.

Delgado com os jornalistas”²⁷ e demonstrando como o círculo regional/local de difusão de informação é mais permeável e mais facilitado, surge-nos no *Democracia do Sul* o relato deste encontro sem omissões:

“Na reunião da Imprensa, Rádio e Televisão, o sr. General Humberto Delgado afirmou: ‘Se for eleito demitirei o Presidente do Conselho.’

- O mesmo candidato independente à Presidência da República ainda disse: ‘que não se pode viver sempre a faltar à verdade’.

(...)

- Interrogado sobre a primeira medida que tomaria depois de eleito, o sr. general Humberto Delgado respondeu na sessão da Imprensa, Rádio e Televisão: ‘A necessária para obter elementos cooperantes que, nos termos da Constituição, me permitissem pôr urgentemente em execução as medidas concretas referidas no programa, entre elas a amnistia geral e as provisões do artigo 8.º ‘liberdade de expressão, de reunião, etc, medidas estas que a Nação, politicamente desorganizada pela Ditadura, bem faz sentir que anseia, nas cartas às catadupas a mim dirigidas – umas cheias de entusiasmo, outras com conselhos, outras com lágrimas.’”²⁸

É este momento no Chave d’Ouro que funcionará como epicentro do chamado “furacão Delgado”, o herói que ousou afrontar o Presidente do Conselho e cujas palavras são transmitidas sem subterfúgios pelo *Democracia do Sul*, estabelecendo-se uma espécie de diálogo entre notícias, como se se tratasse de uma rede de informações entre centro-periferia jornalística *versus* imprensa nacional/local.²⁹

Este diário vai mais longe e reproduz a espécie de silogismo formulado no *República* a propósito destas declarações, ou seja, se alguém é da oposição tem que ter atitudes e intenções de oposição: “Trata-se ou não se trata, mesmo sendo independente, dum candidato de Oposição? Pois é claro que sim. Se concordasse com a orientação do Chefe do Governo, não seria de Oposição, mas dos amigos dos actuais dirigentes. Ora se é de oposição, parece-nos não ser difícil de perceber que é contrário a este Governo e, se é contrário, tem em vista não colaborar com ele, não é verdade? Se não colabora, no caso do triunfo, evidentemente que tem de o demitir. Ou todo este trabalho e o perigo

²⁷ ALEXANDRA, Nair (1998b), p. 18.

²⁸ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 13-5-58.

²⁹ Cfr. MIRANDA, Paula (2005).

por que passa a oposição é, no caso de vitória, para ficar tudo na mesma... Então não valeria a pena que alguém se incomodasse.”³⁰

No *Jornal de Évora* encontramos porém a preocupação em manter uma certa precaução face aos acontecimentos, procurando fazer apelo à calma e aos “perigos” dos exageros. Podemos constatar esta posição no dia 11 de Maio de 1958, ou seja, logo após o “Obviamente, demito-o!” quando se diz o seguinte: “Mais do que nunca, o momento é de gravidade. Há caminhos e veredas! Importa ter bem abertos, os olhos da inteligência e da consciência, para que as directrizes de futuro a aceitar pela Nação, correspondam às possibilidades oferecidas pela sua própria estrutura e capacidade realizadora.

Nem oito nem oitenta! Pretende-se apenas que o País e os seus governantes, saiam desta campanha, dignificados e reciprocamente esclarecidos dos verdadeiros problemas nacionais (...).”³¹

A capacidade mobilizadora da campanha desencadeada com as declarações de Delgado no Chave D’Ouro conheceu os momentos de maior intensidade entre os dias 14 e 18 de Maio, ou seja, entre a ida de Humberto Delgado ao Porto e o respectivo “banho de multidão”, o seu regresso a Lisboa e o comício da sua candidatura no Liceu Camões. Estes momentos emblemáticos são-nos relatados pelos jornais eborenses já com um carácter mais dúbio, denotando possivelmente uma acção mais atenta da censura após as perturbadoras declarações do candidato da oposição à Presidência da República. Assim, é referido no-*Democracia do Sul* que a sessão de propaganda do “sr. general Humberto Delgado, no Coliseu do Porto, decorreu em ambiente de grande entusiasmo.”³², sem ser feita qualquer alusão ao número de pessoas que terão aclamado este candidato na capital nortenha.

Tentando demarcar-se do calor dos acontecimentos o *Jornal de Évora* diz a 18 de Maio de 1958 : “Para além da celeuma e efervescência desencadeadas à volta das razões e pontos de vista de uns e outros, nós fixamos a nossa atenção no futuro da sociedade portuguesa (...). Tanto uns como outros, na azáfama e zêlo de salvaguardarem os seus pontos de vista, especulam por vezes, com emoções, ensombrando o panorama que deveria traduzir, civismo e compreensão.”³³ Relativamente aos confrontos na noite do comício no Liceu Camões voltamos a perceber o carácter dúbio da informação

³⁰ Cfr. *Democracia do Sul*, “Incompreensível”, 16-5-58.

³¹ *Jornal de Évora*, “O Momento Político”, 18-5-58.

³² *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 17-5-58.

³³ *Jornal de Évora*, “O Momento Político”, 18-5-58.

dando-se apenas a conhecer que: “No domingo, em Lisboa, deram-se incidentes de certa gravidade nas imediações do Liceu Camões onde o general Humberto Delgado realizava uma sessão de propaganda da sua candidatura à Presidência da República.”³⁴ Parece assim confirmar-se que “a partir da altura em que o movimento delgadista passa a ser uma ameaça mais séria para Salazar, a censura aperta mais as suas malhas.”³⁵

Ao nível da cidade de Évora a candidatura do general Humberto Delgado conheceu apoio organizado através de um grupo de cidadãos eborenses que constituíram uma comissão executiva distrital cuja formação foi dada a conhecer quer no *Democracia do Sul* quer no *Jornal de Évora*, coincidentemente no mesmo dia em que essa comissão torna público o conteúdo do telegrama enviado ao candidato dando total apoio às suas declarações na conferência de imprensa do dia 10 de Maio no Café Chave D’Ouro.³⁶ Acrescente-se que este telegrama é assinado por uma ampla lista de apoiantes de Humberto Delgado. A 22 de Maio esta Comissão Distrital publica no *Democracia do Sul* o seu manifesto, devidamente assinado pelos seus membros, reafirmando a importância do acto eleitoral que se avizinha, o apoio ao general Humberto Delgado e “aceitando toda a colaboração que o outro Ilustre Candidato oposicionista Senhor Doutor Arlindo Vicente, haja por bem solicitar ou oferecer.”³⁷

Parece aqui antever-se a possível desistência de Arlindo Vicente a favor do general. O mesmo comunicado é publicado pelo *Jornal de Évora* a 25 de Maio de 1958 alvitando-se inclusivamente a hipótese de uma visita de Humberto Delgado à cidade de Évora³⁸. Esta, no entanto, não é anunciada com antecipação mas sim unicamente no próprio dia, sendo efusivamente celebrada pelo *Democracia do Sul* que apelida o general Humberto Delgado de “intérprete das mais lídimas aspirações do Povo Português (...)”³⁹ Neste dia a Comissão Distrital dos Serviços de Candidatura de Delgado, ao mesmo tempo que descreve o percurso do candidato pela cidade, denuncia

³⁴ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 21-5-58.

³⁵ Cfr. ALEXANDRA, Nair (1998b), p.8.

³⁶ Cfr. *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais – Está constituída a comissão executiva distrital da candidatura do general Humberto Delgado”, 18-5-58. e *Jornal de Évora*, “Eleições Presidenciais – Comissão Oposicionista de Évora”, 18-5-58. Chamamos a atenção para o conteúdo do telegrama que aqui transcrevemos e que mais uma vez mostram como as palavras tinham que ser cuidadosamente pensadas e escolhidas: “Saudamos Vossa Excelência e aplaudimos desassombradas e oportunas afirmações entrevistas jornais propaganda sua candidatura e designadamente na conferência da Imprensa.”

³⁷ *Democracia do Sul*, “Eleições presidenciais – Manifesto da Comissão Distrital da candidatura do sr. general Humberto Delgado”, 22-5-58.

³⁸ *Jornal de Évora*, “ACTO ELEITORAL – O General HUMBERTO DELGADO deve vir a Évora presidir a uma sessão de propaganda da sua candidatura”, 25-5-58.

³⁹ *Democracia do Sul*, “Hóspede de Honra chega hoje a Évora o sr. general Humberto Delgado”, 3-6-58. Ver anexo II.

as dificuldades que a Comissão teve para organizar devidamente esta visita por coincidir com sessões de propaganda da União Nacional e da Legião Portuguesa e a não cedência do Palácio D. Manuel por parte da Câmara Municipal de Évora para a realização de um almoço presidido por Delgado. Neste comunicado são ainda apontadas as dificuldades logísticas que a Comissão ia encontrando, nomeadamente ao nível da cópia dos cadernos eleitorais, que apenas podia ser feita por duas pessoas duas horas por dia.⁴⁰ Parece-nos que é no contexto desta dificuldade que são publicados anúncios pedindo empregados com o seguinte texto: “Para um serviço eventual de escritório precisam-se. Carta a esta redacção às letras H. D.”⁴¹

A publicação dos vários comunicados oficiais da Candidatura de Humberto Delgado aparentemente contraria a afirmação de Nair Alexandra segundo a qual “a censura deixa para trás comunicados dos candidatos oposicionistas, relatos que envolvam o entusiasmo da população por Humberto Delgado”⁴²; indo contudo, ao encontro dos argumentos de Nuno Crato: “conforme a importância do meio de comunicação, a sua tiragem e penetração popular, assim variava o rigor da censura, registando-se casos em que jornais de difusão limitada podiam divulgar assuntos que a outros estavam vedados.”⁴³

A passagem de Humberto Delgado por Évora, anunciada no próprio dia, foi posteriormente descrita pelo *Democracia do Sul* sem qualquer economia nos adjectivos. Logo no título da notícia se percebe qual a posição (nunca negada) deste diário republicano: “O general Humberto Delgado delirantemente aclamado em Évora”. O exagero da linguagem, próprio da tomada de posição inerente a um jornal de opinião continua: “Às portas da Lagoa era aguardado por alguns milhares de populares, que aclamaram delirantemente o ilustre e corajoso Candidato (...) Na Estrada da Circunvalação, foram-se juntando grandes grupos de manifestantes, o que resultou ser a manifestação junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde o sr. general depôs um ramo de flores, qualquer coisa de grandioso e impressionante”.⁴⁴ O culminar desta visita ocorreu num almoço servido ao candidato no Restaurante “O Eborense”, mais uma vez o café/restaurante a servir de espaço de sociabilidade onde fluía o

⁴⁰ *Democracia do Sul*, “Comunicado”, 3-6-58.

⁴¹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Empregados e Empregadas”, 22-5-58 e 23-5-58.

⁴² ALEXANDRA, Nair (1998b), p. 9.

⁴³ CRATO, Nuno (1989), p. 201.

⁴⁴ *Democracia do Sul*, “O general Humberto Delgado delirantemente aclamado em Évora”, 4-6-58.

contacto entre os eborenses [e neste caso o ilustre] forasteiro.⁴⁵ Na descrição deste almoço não foi descurada a lista de notáveis locais que ladeavam o general Humberto Delgado, fazendo parte da “esfera política, entendida como domínio por excelência de formação das identidades sociais e do estabelecimento de interdependências sociais legitimamente reconhecidas pelos próprios indivíduos”.⁴⁶ Quando o almoço terminou e após os vários discursos o “o sr. General Humberto Delgado saiu do hotel e foi delirantemente aplaudido pela multidão que durante o almoço não arredou pé do Largo da Misericórdia e que acompanhou a comitiva até às portas do Raimundo.”⁴⁷

Repare-se no itinerário que o candidato opositor fez pela urbe eborense, certamente pré-negociado entre os serviços da sua candidatura e as autoridades locais: Portas da Lagoa, Estrada da Circunvalação, Monumento aos Mortos da Grande Guerra, Largo da Misericórdia, Praça do Giraldo, Portas do Raimundo. Por um lado é nítida a preocupação das autoridades em restringir a presença de Humberto Delgado a espaços limitados e fáceis de controlar. Por outro, neste jogo de cedências entre poder e oposição, esta última procura marcar a passagem do seu candidato na geografia da cidade, colocando-o no seu centro nevrálgico por forma a demonstrar a sua capacidade mobilizadora em terras alentejanas.

Perante a descrição deste percurso somos levados a pensar que relativamente a Évora não se passou aquilo que Graça Franco descreve: “os apoiantes de Humberto Delgado, quando sabiam da visita do candidato a um localidade era certamente porque ele já aí tinha estado, ou viria a estar, mas não se sabia quando nem onde, o que impedia a presença dos curiosos e simpatizantes e limitava esse conhecimento a uns poucos militantes e activistas”.⁴⁸ Podemos também equacionar a hipótese de toda a adjectivação utilizada em torno da visita de Humberto Delgado a Évora se tratar de uma estratégia de propaganda para impressionar os (e)leitores. No entanto, esta hipótese levanta-nos outra questão – se assim é, como deixou a censura passar tal exagero que poderia influenciar negativamente os referidos (e)leitores? Parece-nos que estamos face ao desmontar da lenda negra da Censura total em tempos de ditadura. Os limites à liberdade de expressão de facto existiam e tinham uma acção verdadeiramente restritiva e intimidatória porém, a nível local, haveria uma maior permeabilidade dos agentes da censura.

⁴⁵ BERNARDO, M^a Ana (2001), p. 58.

⁴⁶ ESTEVES, João (2003), p. 17.

⁴⁷ *Democracia do Sul*, “O general Humberto Delgado delirantemente aclamado em Évora”, 4-6-68.

⁴⁸ FRANCO, Graça (1993), p. 131.

A imprensa vai ter um papel fundamental na construção da imagem de herói nacional atribuída a Humberto Delgado. Ao mesmo tempo em que faz eco das diferentes tomadas de posição por parte da sociedade portuguesa em face de um candidato presidencial que adopta uma estratégia inovadora na sua campanha, procurando mobilizar as massas, vai também concorrer para a perpetuação e ampliação de um dos momentos capitais para a heroicização de Delgado. Falamos da conferência de imprensa no Café Chave d'Ouro em que profere a frase "Obviamente, Demito-o!" relativamente ao Presidente do Conselho. A força destas palavras reside não só seu conteúdo (ampliado perpetuamente na memória colectiva portuguesa), como no facto de terem sido proferidas por alguém saído do regime, mas cujo percurso de pioneirismo e inovação (homem da aeronáutica), lhe conferia autonomia e independência face ao Estado. Tratava-se de alguém com um espírito de vanguarda arquitectado através de uma trajectória internacional que lhe permite perceber o rumo do mundo: a democracia e a cooperação entre as nações europeias.

7.2 - Arlindo Vicente

Advogado e pintor⁴⁹ com uma acção política, até então, discreta Arlindo Vicente candidatara-se em 1957, pela oposição, a deputado pelo círculo de Lisboa nas eleições para a Assembleia Nacional, embora, segundo D. L. Raby não fosse muito conhecido pelos sectores populares.⁵⁰

Esta perspectiva é relativamente contrastante com algum discurso historiográfico que realça a sua faceta artística,⁵¹ colaborador da revista *Vértice*, que “por orgulho, sentido de independência, temperamento e, fundamentalmente, por não desejar aceitar favores do regime, recusa a protecção [de António Ferro]”⁵² e que sendo um “Homem maduro, vivido, cansado da ditadura, não poderia, sem trair os seus sentimentos, negar-se a uma actividade mais participativa, [além do que] era um dos mais participativos advogados na defesa dos réus acusados de crimes de natureza política.”⁵³ É ainda salientado o carácter pioneiro da sua candidatura, uma vez que desde a I República que os candidatos presidenciais saíam das fileiras militares, porém, desta vez, a oposição escolheu um civil em vez de um militar. “Coube a Arlindo Vicente a nobre e difícil tarefa de romper com a predominância dos candidatos militares.”⁵⁴

Também na imprensa regional é exposta a divisão da oposição face ao candidato que devia apresentar-se na disputa presidencial ganhando o assunto foros informativos locais, estabelecendo-se assim a conexão local/nacional.

A 20 de Abril de 1958 surge a seguinte notícia no *Democracia do Sul*: “O sr. dr. Câmara Reis presidiu a uma reunião de democratas de Lisboa, para tratar do problema emergente da decisão do sr. eng.º Cunha Leal de não se candidatar à Presidência da República por motivo de doença. Decidiu-se concorrer às urnas com outro candidato.

⁴⁹ Assinalando-se a passagem do centenário do seu nascimento, realizam-se em 2006 toda uma série de Comemorações em torno da sua obra, destacando-se principalmente a sua faceta de homem das artes utilizada também ela como arma de intervenção cívica. Cfr. por exemplo www.museusaopedro.jb.pt (2-8-2006).

⁵⁰ RABY, D. L. (1982), p. 875. A apresentação deste candidato por parte do Partido Comunista Português surge devido à aparente discordância em relação à candidatura de Humberto Delgado, desconfiando-se deste homem saído do regime e preferindo um candidato alternativo - Arlindo Vicente. A existência destas duas candidaturas é reveladora da “distância ainda existente entre as diferentes forças oposicionistas divididas em dois principais grupos: o Partido Comunista Português e o Directório Democrata Social” Cfr. *Humberto Delgado: o General sem medo* (1995), p. 24.

⁵¹ Cfr. MEDINA, João (1999), p. 589 e VICENTE, António Pedro (1995a), p. 36.

⁵² VICENTE, António Pedro (1996), p. 1006.

⁵³ *Ib ibidem*, p. 1007.

⁵⁴ FARINHA, Luís (2006), p. 16.

Os dirigentes da «Oposição Democrática» estudaram uma proposta sugerindo que o candidato fosse o sr. dr. Arlindo Vicente.”⁵⁵

A esta proposta segue-se a apresentação oficial do candidato que surge a 23 de Abril de 1958 no diário republicano eborense ao mesmo tempo em que se refere o apoio do partido republicano a Humberto Delgado: “A comissão democrática, reunida no domingo em Lisboa, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, publicou um comunicado, assinado pelo sr. Mem Verdial, informando que a assembleia de delegados da comissão democrática resolveu escolher ‘como candidato da oposição democrática às próximas eleições democráticas para a Presidência da República, o ilustre cidadão, advogado e artista sr. dr. Arlindo Vicente’.

A Comissão Executiva do Partido Republicano Português resolveu apoiar a candidatura independente do sr. General Humberto Delgado.”⁵⁶ A apresentação das duas candidaturas atesta o papel da imprensa em “trazer a lume a pluralidade das questões da quotidianidade política e social”⁵⁷

Em termos formais a candidatura de Arlindo Vicente à Presidência da República só é apresentada no Supremo Tribunal de Justiça posteriormente à do general Humberto Delgado.⁵⁸

Tal como faz para o “seu” candidato, o *Democracia do Sul* descreve também o percurso de Arlindo Vicente, assumindo “a política como um acto público, publicamente reflectido, criticado ou elogiado”.⁵⁹ Desta forma é feita a biografia de Arlindo Vicente, destacando-se o perfil de “homem de cultura”.⁶⁰

⁵⁵ *Democracia do Sul*, “A Oposição democrática vai apresentar outro candidato às eleições presidenciais”, 20-4-58.

⁵⁶ *Democracia do Sul*, “O momento político – O sr. dr. Arlindo Vicente é proclamado candidato à presidência da República pela oposição democrática”, 23-4-58.

⁵⁷ ALVES, José Augusto (2000), p. 23.

⁵⁸ “ – É hoje entregue no Supremo Tribunal de Justiça, o processo da candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente à Presidência da República em nome da Oposição Democrática.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 30-4-58.

⁵⁹ ALVES, José Augusto (2000), p. 427.

⁶⁰ “O sr. dr. Arlindo Augusto Pires Vicente, candidato da Oposição Democrática, tem 52 anos, nasceu no lugar e freguesia do Troviscal, do concelho de Oliveira do Bairro, do distrito de Aveiro, sendo filho de proprietários rurais, da classe média.

Estudou no liceu de Aveiro, onde frequentou as secções de Ciências e Letras, e seguidamente, matriculou-se na Faculdade de Direito de Lisboa. Depois dos primeiros três anos do curso transferiu-se para Coimbra, onde o terminou.

Advogou 4 anos em Anadia e, posteriormente, em Lisboa, onde trabalha desde há anos.

Era em 1926 aluno universitário em Coimbra. É casado desde os 23 anos e tem filhos.

Homem de cultura múltipla, tem-se distinguido como advogado, artista, poeta e crítico, e fez diversas viagens de estudo pela Europa. Em Coimbra organizou o I Salão dos Estudantes, e em Lisboa, com Diogo de Macedo e Mário Eloy, promoveu o I Salão dos Independentes. Foi também co-organizador das

A conferência de imprensa de Arlindo Vicente é anunciada no próprio dia pelo *Democracia do Sul*⁶¹ confirmando a ideia de Isabel Forte segundo a qual se verifica “um corte selectivo e sistemático, de todas as notícias que antecipadamente levem ao conhecimento da opinião pública a presença do[s] candidato[s] oposicionista[s] em determinado lugar”.⁶² É precisamente às declarações de Arlindo Vicente nesta conferência de imprensa que João Medina se refere quando diz: “A candidatura de Arlindo Vicente teve alguns momentos mais fortes, sobretudo quando este ousou tocar no sacrário colonial do regime da Ditadura, sugerindo que os territórios sob administração lusa na Índia fossem consultados através de plebiscito quanto ao seu futuro. Esta tímida sugestão anticolonial logo deu azo a que a máquina de propaganda do regime acoimasse Arlindo Vicente de ‘traidor à pátria’.”⁶³

A 15 de Maio de 1958 é referido no *Democracia do Sul* que teve lugar a conferência de imprensa de Arlindo Vicente, mas as suas afirmações não são transcritas: “O candidato da Oposição Democrática à Presidência da República reuniu ontem com os delegados da Imprensa, Rádio e Televisão, a quem expôs as suas intenções perante o próximo acto eleitoral, e o seu programa.”⁶⁴ Verificamos portanto, não haver qualquer alusão às suas polémicas declarações, demonstrando o “apertar da malha” da censura após o “alvoroço” provocado pelo “Obviamente, demito-o!” de Delgado.

Na capital alentejana Arlindo Vicente também tinha apoiantes que utilizam os “jornais para publicar as suas actividades e legitimar a sua actuação perante a opinião pública”,⁶⁵ publicando no *Democracia do Sul* o telegrama enviado ao candidato presidencial a propósito precisamente das declarações feitas na referida conferência de imprensa, incluindo a lista dos signatários do mesmo.⁶⁶

Exposições Gerais de Artes Plásticas. Colaborador da «Presença», tem publicado artigos na imprensa diária e ainda em revistas.

Foi em Novembro passado candidato oposicionista a deputado por Lisboa.

Em 31 de Janeiro último interveio como orador na sessão comemorativa organizada pela Comissão de Comemorações, na cidade do Porto.

Como advogado, tem intervindo pela defesa em muitos processos por delitos políticos.” Cfr. *Democracia do Sul*, “O próximo acto eleitoral – Alguns dados biográficos do sr. dr. Arlindo Vicente, candidato da Oposição Democrática”, 7-5-58.

⁶¹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 14-5-58.

⁶² Cfr. FORTE, Isabel (1993), p. 128.

⁶³ Cfr. MEDINA, João (1999), p. 590.

⁶⁴ *Democracia do Sul*, “O Sr. Dr. Arlindo Vicente expôs o seu programa à Imprensa”, 15-5-58.

⁶⁵ MIRANDA, Paula (2002), p. 152.

⁶⁶ “Um grupo de democratas eborenses endereçou o seguinte telegrama ao sr. dr. Arlindo Vicente, candidato da Oposição Democrática à Presidência da República:

Excelentíssimo Senhor Doutor

Arlindo Vicente

Rua Caetano Alberto, 49 – Ao

Relativamente às sessões de propaganda deste candidato presidencial, encontramos referência à que teve lugar em Aveiro (sua terra natal) e que teria decorrido com grande entusiasmo.⁶⁷ De facto, segundo João Medina, a candidatura de Arlindo Vicente à Presidência da República é ilustrativa da capacidade mobilizadora do PCP que faz selos com a sua efígie, manifestos, postais, folhetos de propaganda⁶⁸. No entanto, vários autores afirmam que por ser pouco conhecido pelos populares Arlindo Vicente mobilizava pouca gente.⁶⁹

Neste sentido, e tendo em conta o apoio popular que o general Humberto Delgado suscitou, Arlindo Vicente acaba por desistir da sua candidatura e unir esforços com o general. As movimentações que levam, em Almada, a este acordo são descritas pelo *Democracia do Sul* de forma a tentar recriar o ambiente de ‘suspense’ e expectativa que se vivia nessa noite na Academia de Instrução e Recreio Almadense: “O sr. general Humberto Delgado, que foi o último orador a discursar, interrompeu, a dada altura, as afirmações que produzia, pedindo ao público que se mantivesse calmo e aguardasse serenamente, pois estavam para breve ‘boas notícias’. Cerca de meia hora durou a ausência do sr. general. Pouco depois voltou à sala e novamente interrompeu o seu discurso por mais alguns minutos. Finalmente, o sr. general Humberto Delgado compareceu de novo, para concluir a sua exposição. E logo a seguir, ao ser encerrada a sessão, o auditório foi informado que se encontrava presente uma comissão dos serviços de candidatura do sr. dr. Arlindo Vicente.”⁷⁰

Bairro Social do Arco do Cego
Lisboa

Democratas eborenses comungando nobres ideais da democracia expressos por Vossa Excelência brilhante conferência de Imprensa aplaudem desassombradas e coerentes afirmações.

(aa) António Vaz Natário, médico veterinário; José Fernandes, comerciante; Vasco Varela Tenório, industrial; António Joaquim dos Santos, tipógrafo; José António Bagulho, comerciante; António Pascoal, solicitador; Joaquim Carmelo Lobo, advogado; Filipe dos Santos, comerciante; José Madureira, advogado; José Calhau, agricultor; Ernesto Júlio da Graça Gonçalves; Manuel Nunes Serrão Filho, agricultor; Domingos Franco Oliveira, empregado de escritório; Manuel Américo Peres, empregado de comércio; António Silva Godinho, empregado de escritório; Josué Francisco Condeço, carpinteiro; Eduardo José Parreira, comerciante; Joaquim Sardinha, comerciante; Armando Silva, industrial; Manuel José Gordo, empregado comercial; Manuel Francisco, empregado de mesa; Lionildo Ferreira Lixa, cortador de carne; Joaquim dos Santos Leitão, comerciante; António Marques, comerciante; Manuel Luiz, proprietário; Veríssimo Silva Carracha, mecânico; Cristiano Augusto Macarrão, tipógrafo; Bruno Augusto Godinho, tipógrafo; Miguel Segurado, tipógrafo, e muitos outros que nos é impossível enumerar.” Cfr. *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais – Os Democratas eborenses felicitam o Dr. Arlindo Vicente”, 21-5-58.

⁶⁷ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 22-5-58.

⁶⁸ Cfr. MEDINA, João (1999), p. 590.

⁶⁹ Cfr. RABY, D. L. (1982), p. 875 e OLIVEIRA, César (1995), p. 12.

⁷⁰ Cfr. *Democracia do Sul*, “Eleição Presidencial – O Dr. Arlindo Vicente propôs anteontem em Almada a sua desistência a favor do general Humberto Delgado”, 31-5-58.

No dia seguinte são apresentados por este mesmo periódico os termos do acordo entre as duas candidaturas oposicionistas que a partir desse momento se fundiram numa única – a do general Humberto Delgado.⁷¹

É fácil de constatar que até ao momento, e relativamente a Arlindo Vicente, só foi mencionado um dos jornais em estudo neste trabalho. A ausência de referências ao *Jornal de Évora* justificam-se na medida em que este periódico não menciona uma única vez Arlindo Vicente. Sendo Évora uma “espécie de microscópica sociedade lusitana”⁷² também ela reflecte o anti-comunismo que atingia as raias do paroxismo da sociedade portuguesa de então.⁷³ Assim, sendo Arlindo Vicente o candidato à Presidência da República apresentado e apoiado pelo Partido Comunista Português, pensamos ser esta a razão da sua ausência nas páginas do jovem semanário eborense, contrariando inclusivamente as suas intenções de “imparcialidade” que aqui recordamos: “lhes prometemos que com toda a isenção, e norteados por sentido de serena crítica construtiva e concludente, o *Jornal de Évora* será como se impõe um doutrinário defensor dos direitos e da verdade. (...) *Jornal de Évora* é uma tribuna aberta a todos os homens de boa vontade, guiados de boa fé, construindo honestamente uma sã mentalidade para um Portugal futuro.”⁷⁴

Podemos daqui inferir qual o grau de boa vontade atribuído a Arlindo Vicente e respectivos apoiantes... Pensamos poder aplicar a esta situação aquilo que José Tengarrinha caracteriza como “pontos de contacto profundo entre as doutrinas dos periódicos e a atitude mental e linha política dominante dos diversos estratos sociais.”⁷⁵ Este argumento enquadra-se no que afirma Nuno Crato: “todo o jornalismo faz escolhas, e toda a comunicação social está influenciada por um conjunto de condicionantes económicos, políticos, culturais e ideológicos.”⁷⁶ Porém, dado o contexto em que nos situamos também se pode pôr a questão sobre o carácter voluntário ou coercivo que esta opção possa ter tido por parte de um jornal que estava a dar os primeiros passos e não podia arvorar-se enfrentar o poder central.

⁷¹ Cfr. *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais – A candidatura do general Humberto Delgado”, 1-6-58.

⁷² NUNES, M^a de Fátima (2001), p. 56.

⁷³ FARINHA, Luís (2006), p. 17.

⁷⁴ *Jornal de Évora*, “Apontamento”, 9-2-58.

⁷⁵ TENGARRINHA, José (1989), p. 205.

⁷⁶ CRATO, Nuno (1989), p. 89.

Mais uma vez se constata, através do silêncio de um órgão de comunicação social com uma importância crescente para a opinião pública local, o anti-comunismo que atravessava a quase totalidade do espectro social português.

Porém, a candidatura de Arlindo Vicente à Presidência da República é também ilustrativa da conjugação vital que a acção da oposição ao Estado Novo faz do triângulo Política/Artes/Ideologia. Faz-se a participação e intervenção cívica através da arte como forma de resistência e até como expressão de liberdade que não pode ser coagida.

O facto de um advogado/pintor ser apresentado como candidato à Presidência da República é tanto mais significativo quanto se trata de algo inédito, numa ténue tentativa de romper com a tradição e o peso de um candidato militar e que só voltará a acontecer após o 25 de Abril de 1974 com a primeira candidatura de Mário Soares em 1986.

7.3 - Américo Tomás

Segundo a Constituição de 1933 o Presidente da República era formalmente a pedra angular do sistema: podia dissolver a Assembleia Nacional, destituir o presidente do Conselho e marcar *livremente* eleições.⁷⁷ Precisamente devido a esta “amplitude” de poderes o processo de escolha do candidato que “à partida tinha a eleição garantida”⁷⁸ não foi pacífico. Haveria um grupo liderado por Marcello Caetano que propunha a reeleição de Craveiro Lopes, apesar das suas relações já deterioradas com Salazar e um outro liderado por Santos Costa e Mário Figueiredo que, numa «cega» fidelidade a Salazar, rejeitam por completo esta reeleição. Porém, o Presidente do Conselho contrariando as expectativas de Craveiro Lopes e do bloco marcelista escolhe o seu Ministro da Marinha – Américo Tomás.⁷⁹

Desde 1914 que Américo Tomás tinha uma carreira ligada à Marinha. Participou na 1ª Guerra Mundial prestando serviço no contratorpedeiro *Douro*. Em 1944 foi convidado a assegurar a chefia do Ministério da Marinha. No entanto, na escolha da sua pessoa para candidato da União Nacional à Presidência da República em 1958 terão pesado mais a sua lealdade para com o Estado Novo, a sua manifesta ausência de ambição política pessoal e a sua fidelidade a Salazar.⁸⁰

No plano local estas disputas internas não são, obviamente, percepcionadas já que tudo se passava nos bastidores do poder, longe do olhar da imprensa e da população.

Porém, nem tudo conseguia ser dissimulado, pois pensamos ser precisamente à subserviência de Américo Tomás que *Democracia do Sul* se refere quando diz: “(...) Estranha-se que o candidato da UN não tivesse ainda feito declarações acerca da sua candidatura. Mas diz-se também que ele se guarda para o fim para tirar, de todos os dizeres as devidas conclusões. É com efeito, mais cómodo (...).”⁸¹ Repare-se como a ironia é utilizada inclusivamente no próprio título do artigo – “Coisas Engraçadinhas”, demonstrando, de facto, que “uma verdadeira liberdade é a irreverência.”⁸²

Fazendo uso público da História e da legitimidade da memória, são frequentemente referidos a “preferência” e o “destaque” dados (voluntária ou

⁷⁷ QUINTAS, José Manuel (1996), p. 291.

⁷⁸ Humberto Delgado: *General Sem Medo* (1995), p. 22.

⁷⁹ Cfr. *Idem*, p. 23.

⁸⁰ SERRA, João B. (1996), p. 976.

⁸¹ *Democracia do Sul*, “Coisas engraçadinhas”, 20-5- 58.

⁸² ALVES, José Augusto (2000), p. 17.

involuntariamente) pela imprensa à candidatura do representante da União Nacional à Presidência da República⁸³, inclusivamente através da publicação de fotografias de Américo Tomás em várias ocasiões celebrativas e simbólicas como o 13 de Maio. Porém, nos dois periódicos eborenses analisados tal não acontece. Pensamos que a explicação reside por um lado na tentativa do *Jornal de Évora* mostrar distanciamento em relação à política nacional sendo a sua prioridade as questões locais e por outro pela essência oposicionista do *Democracia do Sul*.

Relativamente ao *Democracia do Sul*, parece-nos ser possível detectar “a acção do aparelho censório contribuindo para que o jornal desse dos acontecimentos uma versão situacionista”⁸⁴, isto é, repare-se como surge o anúncio e descrição da sessão de apoio a Américo Tomás em Évora em que apenas é feita a enumeração dos notáveis que estavam presentes e que usaram da palavra.⁸⁵ O jornal cumpria assim a sua “obrigação” enquanto fazia uma descrição apoteótica da passagem do general Humberto Delgado pela cidade que, curiosamente, ocorreu no mesmo dia.

Podemos ainda apontar outra nuance na forma como as diferentes candidaturas à Presidência da República eram tratadas: enquanto que a deslocação de Humberto Delgado a Évora só surge anunciada no próprio dia, a sessão de apoio a Américo Tomás surge no *Jornal de Évora* dois dias antes em forma de convite à população⁸⁶.

Quando a 8 de Junho o *Jornal de Évora* descreve esta sessão, parece-nos procurar mais uma vez ser fiel à sua pretensão de imparcialidade, já que tenta não fazer uma valoração nem qualitativa nem quantitativa deste acontecimento: “Presidida pelo sr. coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário da Aeronáutica, realizou-se na passada 3.^a feira no Teatro Garcia de Rezende, uma sessão de propaganda da candidatura do sr. Almirante Américo Tomáz, promovida pela União Nacional.

Foram oradores o dr. Mário Garcia da Costa, presidente da Câmara Municipal dem Reguengos de Monsaraz; D. Maria Luísa de Matos, professora e presidente da secção feminina da M. P. do Liceu de Évora; Euclides Ferreira, empregado comercial;

⁸³ *As eleições de 1958 e a Imprensa Portuguesa*, (1998), p. 12.

⁸⁴ *Ib Ibidem*, p. 8.

⁸⁵ Cfr. *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais – Uma sessão de propaganda do candidato da União Nacional”, 3-6-58 e *Democracia do Sul*, “Eleições Presidenciais – A candidatura do sr. contra-almirante Américo Tomáz”, 4-6-58.

⁸⁶ *Jornal de Évora*, “Convite”, 1-6-58. [Saliente-se ainda que é esta a primeira vez em que este semanário eborense trata o candidato da União Nacional à Presidência da República pelo seu nome...].



dr. António Parreira Cabral, de Beja; comandante Henrique Jorge, deputado pelo círculo de Évora; e coronel Kaulza de Arriaga.”⁸⁷

Porém, no dia 1 de Junho tinha sido descrita a visita do Ministro do Interior a Évora e o seu encontro com as autoridades locais. Nesta extensa reportagem faz-se a narração das diversas intervenções onde é assegurado que “o Alentejo votará em massa com o governo”⁸⁸. Constatamos assim que “a imprensa periódica se tornou um instrumento necessário ao próprio funcionamento das instituições que utilizavam as páginas dos jornais para publicitar as suas actividades e legitimar a sua actuação perante a opinião pública”⁸⁹ que se pretendia conformista e apoiante, como o continuar dos discursos demonstra: “no Alentejo a concorrência às urnas dará uma maioria esmagadora ao candidato da situação”⁹⁰. Repare-se como o nome de Américo Tomás não é mencionado, o facto que interessava era ser o candidato do poder. Parece-nos oportuno ainda, neste ponto, chamar a atenção para as intenções subjacentes à divulgação destas palavras, como se de um aviso à população se tratasse...⁹¹, num verdadeiro duelo no espaço público reflexo do duelo que perpassava toda a sociedade portuguesa, dividida entre a segurança do poder instituído (representada por Américo Tomás) e a vontade/necessidade de mudança (simbolizada por Humberto Delgado).

A 8 de Junho de 1958 acabou por acontecer o que o Ministro do Interior tinha “vaticinado” – Américo Tomás foi eleito Presidente da República. De facto “nenhum regime saído de um golpe militar e instalado no poder há três dezenas de anos se deixa surpreender por uma vitória eleitoral de um candidato da oposição em eleições onde o regime é o árbitro supremo.”⁹² Américo Tomás terá assim ficado a dever a sua eleição exclusivamente à actuação da máquina administrativa e policial do Estado Novo⁹³.

Jornal de Évora dá a notícia na sua edição de 15 de Junho de 1958: “Em resultado do acto eleitoral de Domingo, 8 do corrente, ascendeu à Suprema Magistratura do Estado, o sr. contra-almirante Américo Tomás, candidato pela União Nacional.”⁹⁴

⁸⁷ *Jornal de Évora*, “ELEIÇÃO PRESIDENCIAL”, 8-6-58.

⁸⁸ *Jornal de Évora*, “O Ministro do Interior que veio a Évora presidir a uma reunião onde se trataram assuntos sobre o momento político – disse que o acto eleitoral «já está esclarecido»”, 1-6-58.

⁸⁹ MIRANDA, Paula (2002), p. 152.

⁹⁰ *Jornal de Évora*, “O Ministro do Interior que veio a Évora presidir a uma reunião onde se trataram assuntos sobre o momento político – disse que o acto eleitoral «já está esclarecido»”, 1-6-58.

⁹¹ “Veiculado num jornal local e com destinatários preferencialmente locais.” Cfr. BERNARDO, Maria Ana (2001), p. 32.

⁹² OLIVEIRA, César (1995), p. 13.

⁹³ SERRA, João B. (1996), p. 976.

⁹⁴ *Jornal de Évora*, “O Novo Chefe do Estado é o Contra-Almirante Américo Tomás”, 15-6-58.

Quanto ao *Democracia do Sul* é precisamente após a eleição que surgem frequentes referências ao novo Presidente: “(...) Pela segunda vez na História de 48 anos de República o Presidente eleito receberá os poderes transmitidos pelo seu antecessor.” e “O Supremo Tribunal de Justiça proclamou o sr. Almirante Américo Tomás, Presidente da República Portuguesa.”⁹⁵ A 6 de Agosto de 1958 anuncia-se a tomada de posse do novo presidente e logo ao lado, na mesma rubrica, (numa gestão do espaço do jornal que nos parece intencional), a nomeação do director-geral da Aeronáutica Civil, o engenheiro Vitor Manuel Carneiro Veres em substituição do general Humberto Delgado.⁹⁶ No próprio dia – 9 de Agosto de 1958 – divulga-se a tomada de posse e no dia seguinte faz-se a respectiva descrição remetendo para a cobertura da Emissora Nacional.⁹⁷ Pensamos estar de novo perante a pressão do aparelho censório para que fosse dada uma versão situacionista dos acontecimentos, procurando-se dar a entender que até os jornais ditos de oposição aceitaram a legitimidade do processo eleitoral que levou ao poder Américo Tomás.

Segundo Cláudia Castelo, Américo Tomás “exerceu o cargo, essencialmente representativo e simbólico, de forma discreta, fiel a Salazar e aos princípios do Estado Novo. Sem reais poderes de condução do Estado, ao longo dos seus três mandatos, pouco interveio na vida política do país a sua acção essencialmente representativa circunscreveu-se à recepção em Portugal de governantes estrangeiros, ao contacto com as populações e aos circunstanciais discursos de Ano Novo.”⁹⁸

A imprensa, transmissora/transformadora da palavra falada em palavra escrita, reproduzia estes discursos tal como *Jornal de Évora* fez: “Cabe, aqui, recordar, as palavras do novo chefe do Estado Português àcerca da função do Presidente da República, durante a campanha eleitoral: «Um chefe de Estado, qualquer que seja o sistema das instituições políticas, tem de ser, por definição e na realidade, o símbolo da unidade nacional. Não é um chefe de uns tantos mas de todos, mesmo daqueles que o não hajam designado. Depois de escolhido a sua missão é unir a todos e contribuir para a concórdia e bem estar gerais. Entendo que o Chefe do Estado não pode ser discutido, nem discutir, pois tem de ser respeitado. E, sendo assim, tem de assumir as suas funções

⁹⁵ Cfr. *Democracia do Sul* “Pequenas Notícias” nos dias 28-6-58 e 29-6-58 respectivamente.

⁹⁶ *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 6-8-58.

⁹⁷ Cfr. *Democracia do Sul*, “Pequenas Notícias”, 9-8-58 e *Democracia do Sul*, “O sr. almirante Américo Tomás foi ontem empossado na Suprema Magistratura da Nação”, 10-8-58.

⁹⁸ CASTELO, Cláudia (1999), 517.

com inteiro prestígio e sem ter agravado os que vai chefiar, qualquer que seja o sector em que se situem».”⁹⁹

Fruto das clivagens no interior do aparelho do Estado Novo, Américo Tomás foi a opção que melhor servia o Presidente do Conselho, permitindo a manutenção do *status quo*. É mediante a imprensa que podemos perceber a manipulação que o poder faz da campanha eleitoral das eleições presidenciais de 1958, através do duelo que está subjacente no espaço público (local) entre a vontade de mudança e a necessidade de manutenção do poder instituído.

O candidato da União Nacional, tem dentro da Marinha um percurso perfeitamente inócuo em contraposição com Humberto Delgado saído do sector de ponta das Forças Armadas – a aeronáutica e com Arlindo Vicente representante de alguma intelectualidade oposicionista. Completa-se assim o triângulo ilustrativo dos diferentes sentires, anseios e ambições do Portugal de final da década de cinquenta.

⁹⁹ *Jornal de Évora*, “O Novo Chefe do Estado é o Contra-Almirante Américo Tomás”, 15-6-58.

CONCLUSÕES

Conjugando os contributos das Ciências da Comunicação para a História procurámos fazer uma reflexão em torno de uma instância que teve a sua origem e consolidação na cultura europeia contemporânea – a “opinião pública”.

Através da interrogação das fontes, das interpretações historiográficas e das ciências da comunicação fomos levados a comprovar que a “opinião pública” pode conhecer momentos de crise, como aconteceu em Portugal durante o regime autoritário do Estado Novo, em que se tenta neutralizá-la mas não é possível aniquilá-la por completo. A imprensa enquanto geradora de energia que alimenta o espírito, teve um papel activo e fundamental para que tal acontecesse.

A aferição desta força potenciadora da imprensa conseguiu-se através da combinação dos discursos do jornalismo de opinião representado por *Democracia do Sul* com os do jornalismo de informação de *Jornal de Évora*.

O primeiro numa perseverante demanda pela mobilização e modelação das orientações dos leitores em favor do ideário republicano. O segundo com uma estratégia de afirmação e conquista de mercado através da polémica e do debate. O resultado é uma opinião pública eborense dinâmica com participantes interventivos e críticos.

É perceptível que a década de 50 do século XX foi um tempo de mudanças e de novos rumos que se encetavam na Europa, e que, apesar das suas especificidades, também o eco dessas mudanças chegou a Portugal.

Por outro lado, fazendo Évora parte do mundo citadino europeu, com marcas próprias do seu contexto, e sendo a imprensa eborense o reflexo do criticismo latente no espírito dos seus cidadãos, torna-se questionável a lenda negra do “cinzentismo” português durante o período do Estado Novo e em particular a do “marasmo” alentejano.

As fortes marcas da polémica e do debate que ressoam nos jornais, permitem ainda perceber a presença de uma elite regional interventiva, matéria que não está muito estudada principalmente ao nível da oposição ao Estado Novo.

Podemos também constatar que a oposição e desgaste do Estado Novo tiveram como agentes activos os jornais regionais, aparentemente menos vigiados e condicionados pelo aparelho da censura.

Em aberto fica precisamente o tema da censura e dos seus agentes em contextos locais que nos levantam questões para as quais ainda não foi encontrada resposta: Qual

seria a sua origem? Qual o posicionamento ideológico? Quais os seus critérios de actuação? Que tipo de relação estabeleciam com os proprietários dos jornais e os jornalistas?

A própria orgânica de funcionamento das empresas jornalísticas locais como *Democracia do Sul* e *Jornal de Évora* constituem por si campos de análise a explorar. As perspectivas podem ser no sentido de examinar a relação com o aparelho partidário republicano subjacente ao primeiro ou a reconstrução da estratégia de afirmação comercial encetada pelo segundo.

Por outro lado, ao considerarmos o comportamento da Oposição ao Estado Novo, na sua dupla faceta de luta contra o poder e de duelo pela hegemonia interna, interessa também compreender o diálogo que se estabeleceu entre imprensa/historiografia/memória.

Percebe-se a construção e consolidação dos símbolos que alimentam a memória. Estes símbolos funcionam como elos fundamentais de ligação da identidade democrática portuguesa com o passado que importa visitar. Indubitavelmente um desses símbolos é a figura de Humberto Delgado qual cruzado da liberdade.

No entanto, toda a sua carga de coragem e luta pela mudança não são frutos do acaso mas sim reflexo de um percurso ligado à inovação que a aeronáutica representa e às funções desempenhadas em organismos internacionais. A abertura a um mundo marcadamente democrático e a uma Europa renovada são precisamente as fontes que irão, quanto a nós, originar a força do “mito” personificado por Delgado.

Em aberto ficam as potencialidades de um estudo comparativo a nível regional. Tal passaria por conjugar a especificidade de Évora enquanto pólo dinamizador da paisagem alentejana com o comportamento da imprensa nas outras duas cidades à volta das quais gravita o público desta região – Portalegre e Beja. Através da urdidura desta teia de “públicos” conseguiríamos uma imagem mais completa do Alentejo como espaço geográfico e cultural dos tempos da Europa do final da década de 50 do século XX.

FONTES:

A Defesa, Évora, 1958.

Alentejo, Évora, 1958.

Alto Alentejo, Évora, 1958.

Alvoradas, Évora, 1958.

Democracia do Sul, Évora, 1957 – 1959.

Jornal de Évora, Évora, 1957 – 1959.

Notícias de Évora, Évora, 1958.

O Corvo, Évora, 1958.

O Leme, Évora, 1958.

BIBLIOGRAFIA:

ABELLÁN, Manuel L. (1980) *Censura y creación literaria en España (1939-1976)*, Barcelona, Ediciones Península.

ALEXANDRA, Nair (1998a) “A história recortada: viagem aos jornais portugueses” in *Humberto Delgado: as eleições de 58* (coord. Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria), (pref. Fernando Rosas), Lisboa, Vega, pp. 287-321.

ALEXANDRA, Nair (1998b) “Prefácio” in *As eleições de 1958 e a Imprensa Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Museu da República e da Resistência, pp. 7-21.

ALEXANDRA, Nair (1995) “Humberto visto por Iva” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp.51-59.

ALVES, José Augusto dos Santos (2000) (2ª edição) *A Opinião Pública em Portugal (1780-1820)*, Lisboa, Universidade Autónoma Editora.

AMADO, Luísa Irene Dias (1995) “O Direito à Liberdade – Humberto Delgado” in *Comemorações do 30º Aniversário da Morte de Humberto Delgado*, Civitas.

As eleições de 1958 e a Imprensa Portuguesa (1998), (pref. de Nair Alexandra), Lisboa, Biblioteca Museu da República e da Resistência.

BAIÔA, Manuel (2006) “O Partido Republicano Nacionalista em Évora (1923-1935) - ideologia, política regional, organização interna e elites” in *Análise Social*, volume XLI, (178).

BAIÔA, Manuel et al (2003) “The Political History of Twentieth-Century Portugal” in *e-Journal of Portuguese History*, vol. I, nº 2, Winter 2003, [http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/\(22-7-06\)](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/(22-7-06)).

BAIÔA, Manuel (1999) “Sociabilidade Política no Final da I República em Évora. O Centro Republicano Nacionalista Eborense” in *Maia, História Regional e Local*, Actas do Congresso, Vol. III, Maia, Câmara Municipal da Maia, pp. 85-101.

BARRETO, José (1999) “Censura” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (coord. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 7, pp. 275-284.

BERNARDO, Maria Ana (2001) *Sociabilidade e Distinção em Évora no séc. XIX – O Círculo Eborense*, Lisboa, Cosmos.

CABRAL, Manuel Villaverde (1982) “O Fascismo Português numa Perspectiva Comparada”, in *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra do Jogo.

CÁDIMA, Francisco Rui (1995) “A RTP nas eleições de 1958- História de uma Perseguição” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp.16- 23.

CARRILHO, Maria (1985) *Forças Armadas e mudança política em Portugal no séc. XX. Para uma explicação sociológica do papel dos militares*, Lisboa, Imprensa Nacional.

CARVALHO, Arons (1999) (2ª edição) *A Censura à Imprensa na época Marcelista*, Coimbra, Minerva.

CASTELO, Cláudia (1999) “Tomás, Américo” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 9, pp. 517-518.

CATROGA, Fernando (1991) *O Republicanismo em Portugal*, Coimbra, Arco-Íris.

CHULIÁ, Elisa (2001) *El poder y la palabra*, Madrid, Biblioteca Nueva.

CORREIA, João Carlos (1998a) *A região e o espaço público: um contributo crítico*, Universidade da Beira Interior, www.bocc.ubi.pt (5-7-06).

CORREIA, João Carlos (1998b) *O Espaço Público e a Questão Operária: O Testemunho do jornal A Estrela*, Universidade da Beira Interior, www.bocc.ubi (5-7-06).

CORREIA, João Carlos (1995) *O poder do Jornalismo e a Mediatização do Espaço Público*, Universidade da Beira Interior, www.bocc.ubi (5-7-06).

CRATO, Nuno (1989) (3ª edição), *Comunicação Social – A Imprensa*, Lisboa, Presença.

CRUZ, Manuel Braga da (1999) “Eleições” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 7, pp. 607-615.

CRUZ, Manuel Braga da (1983) “A oposição eleitoral ao salazarismo” in *Revista de História das Ideias*, vol. V (2º), pp.701-781.

CUNHA, Isabel Ferin (2004) *Repensar a investigação sobre os Media e o Jornalismo*, Universidade da Beira Interior, www.bocc.ubi (5-7-06).

DELGADO, Humberto (1961) *Humberto Delgado: antes... e depois....* Lisboa.

DELGADO, Iva (1998a) *Braga cidade proibida: Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958*, Braga, Governo Civil.

DELGADO, Iva (1998a) “A Campanha do «Obviamente demito-o»” in *Humberto Delgado: as eleições de 58* (coord. Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria), (pref. Fernando Rosas), Lisboa, Vega, pp. 65-78.

DELGADO, Iva (1996) “Delgado Humberto” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J.M. Brandão Brito), Venda Nova, Bertrand Editores, Vol. I, pp. 252-254.

DELGADO, Iva, (1995a) *O General*, Lisboa, Circulo de Leitores.

DELGADO, Iva (1995b) “Humberto Delgado – Símbolo de Liberdade” in *Comemorações do 30º Aniversário da Morte de Humberto Delgado*, Civitas.

DELGADO, Iva (1995c) *A tirania portuguesa/ Humberto Delgado*, (pref., compil. e notas Iva Delgado, Carlos Pacheco), (epílogo Alfredo Caldeira, A. A. Santos Carvalho), Lisboa, Dom Quixote.

DELGADO, Iva (1991) *Memórias de Humberto Delgado*, (compil. e apresent. Iva Delgado e António Figueiredo), Lisboa, Dom Quixote.

DELGADO, Iva, (1990) *Humberto Delgado (1906-1965): memória*, Lisboa, Inst. Português do Património Cultural.

Dicionário de História do Estado Novo (1996), (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), 2 Vol, Venda Nova, Bertrand Editora.

ESTEVES, João Pissarra (2003) *Espaço Público e Democracia*, Lisboa, Edições Colibri.

FARINHA, Luís (2006) “Arlindo Vicente – Cidadão e Artista” in *História*, Ano XXVIII (III série), Maio 2006, pp. 16 e 17.

FARINHA, Luís (1996) “Republicanismo” in *Dicionário História Estado Novo* (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), Venda Nova, Bertrand, Vol. II, pp. 830-831.

FAVINHA, Marília, Sara M. De A. e S. Marques Pereira (1998) “Reflexão metodológica sobre o levantamento e tratamento de Periódicos no Projecto Piedade Popular em Portugal” in *Cultura/Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. X, (2ª Série), pp. 333-339.

FERNANDES, Paulo Jorge et al. (2003) “The Political History of Nineteenth Century Portugal” in *e-Journal of Portuguese History*, vol. I, n ° 1, Summer 2003, http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/ (22-7-06).

FERREIRA, David (1975) “Republicanismo Português” in *Dicionário História Portugal*, Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. V, pp. 294-303.

FERREIRA, José Medeiros (1992) *O Comportamento Político dos Militares*, Lisboa, Editorial Estampa.

FONSECA, Hélder Adegar (1992), *Economia e atitudes económicas no Alentejo oitocentista*, Dissertação para obtenção do grau de Doutor em História, Universidade de Évora.

· FORTE, Isabel (2000) *A Censura no Jornal de Notícias*, Coimbra, Minerva.

FRADE, Alexandra (1995) “A PIDE e a ‘Operação Delgado’” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp.24-33.

FRANCO, Graça (1993) *A Censura à Imprensa (1820-1974)*, Lisboa, INCM, pp. 65-131.

GERALDO, Manuel (1982) *Memória de um processo – A segunda morte do General Delgado*, Lisboa, Edições Caso.

GODINHO, Paula (2001) “Comunidades, classes e colectivos no sul de Portugal (Couço, 1958-1962)” in *Ler História*, nº 40, pp.127-139.

GOODMAN, Dena (1992) “Public Sphere and private life: Toward a Synthesis of current historiographical approaches to the Old Regime” in *History and Theory*, Vol. 13, nº 1, pp. 1-20.

GUIMARÃES, Paulo (2004) *Elites e indústria no Alentejo (1890-1960). Um estudo sobre o comportamento económico e grupos de elites em contexto regional contemporâneo*, Dissertação para a obtenção do Grau de Doutor em História, Universidade de Évora.

HESPANHA, António Manuel (2003) “Maurizio Vinoli, Republicanismo”– Recensões in *Análise Social*, Vol. XXXVIII (166), <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/analisesocial/recensoes/166/hespanha.pdf> (22-07-2006).

Homenagem ao Professor Augusto da Silva (2000) (coord.,Francisco Ramos) Évora, Universidade de Évora.

Humberto Delgado: o General sem Medo (1995) Lisboa, Biblioteca da República e da Resistência.

“Humberto Delgado e o PCP” in *Vida Mundial*.(1976), nº 1903, p.21.

“Humberto Delgado: um português de coragem” in *Flama - Revista Semanal de Actualidades* (1974), Ano31, nº1379, p.20-26

JIMÉNEZ Redondo, Juan Carlos (1998) “Repercussão das eleições na imprensa franquista” in *Humberto Delgado: as eleições de 58* (coord. Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria), (pref. Fernando Rosas), Lisboa, Vega, pp. 322-336.

JIMÉNEZ Redondo, Juan Carlos (1996) *El Ocaso de la Amistad entre las Dictaduras Ibéricas 1955-1968*, Mérida, UNED, Centro regional de Extremadura.

LAVOINE, Yves (s/d.) *A Imprensa*, Lisboa, Vega.

LEVI, Giovanni (1993) “Sobre Microhistoria” in Peter Burke (ed.) *Formas de Hacer Historia*, Madrid, Alianza Universidad, pp. 119-143.

LOPES, Fernando Farelo (1999) “Republicanos e Estado Novo” in *Dicionário História de Portugal: Suplemento* (coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. IX, pp. 239-241.

MADEIRA, João (1998) “Uma primavera turbolenta” in *Humberto Delgado: as eleições de 58* (coord. Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria), (pref. Fernando Rosas), Lisboa, Vega, pp. 27-62.

MADEIRA, João (1996) *Os engenheiros de almas. Os intelectuais portugueses e o PCP*, Lisboa, Editorial Estampa.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1972-1973) *História de Portugal. desde os tempos mais antigos até ao Governo do Sr. Marcelo Caetano*, 2 vols., Lisboa, Palas Editora.

MCQUAIL, Denis (2003) *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MEDINA, João (1999) “Vicente, Arlindo” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 9, pp. 589-591.

MEDINA, João (1990) *História Contemporânea de Portugal – Estado Novo*, Camarate, Multilar, Vol. I.

MELO, Manuel Costa e (1988) *Memórias Cívicas, 1913-1983*, Coimbra, Almedina.

MIRANDA, Paula (2005) *O Jornalismo em Portugal. Elementos para a Arqueologia de uma profissão (1865-1925)*, Dissertação de Doutoramento em História da Cultura Moderna e Contemporânea, Universidade de Évora.

MIRANDA, Paula (2002) *As Origens da Imprensa de Massas em Portugal: O Diário de Notícias (1864-1889)*, Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Universidade de Évora.

MONTE, Gil (1978) (2ª Ed.) *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*, Évora, Gráfica Eborense.

MOREIRA, António, PEDROSA, Alcino (1993) *As grandes datas da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias.

MOREIRA, António (1990) “A Crise: do «terramoto Delgado» ao golpe de Beja” in *Portugal Contemporâneo*, (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa, Vol. V, pp. 21-35.

MOREIRA, Vital (1997) “Os mecanismos de controlo do poder” in *História de Portugal*, (dir. de João Medina), Alfragide, Clube Internacional do Livro, Vol. XII, pp. 175-180.

MÚRIA, Manuel Beça, (s/d) *Obviamente demito-o*, Lisboa, Edições António Reis.

Ó, Jorge Ramos do (1996) “Censura” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), Venda Nova, Bertrand Editora, vol. I, pp. 139-141.

OLIVEIRA, José Manuel (1988) *Formas de “censura oculta” na imprensa escrita em Portugal no pós 25 de Abril (1974-1987)*, Dissertação para tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa.

NUNES, Maria de Fátima (2001) *A Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*, Lisboa, Estar Editora.

NUNES, Maria de Fátima, PEREIRA, Sara Azevedo e Sousa Marques (1996) “O Espírito de Cádiz em «O Investigador Português» em Inglaterra (1808-1818) in *Separata do Congresso “Andalucia Contemporânea (III)”*, Cordoba, Conserjería de Cultura de la Junta de Andalucía Y Obra Social e Cultural Cajasur, pp. 17-27.

OLIVEIRA, César (1995) “As eleições de 1958 e a Oposição Democrática” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp.6-15.

OLIVEIRA, José Manuel Paquete (1988) *Formas de “Censura Oculta” na imprensa escrita em Portugal no pós 25 de Abril (1974-1987)*, Universidade Técnica de Lisboa.

PALLA, Maria Antónia (1990) “A renovação da imprensa, apesar da censura” in *Portugal Contemporâneo*, (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa., vol. V, pp. 207-220.

PEREIRA, José Pacheco (2001) *Álvaro Cunhal – uma biografia política*, vol. 2, Lisboa, Temas e Debates.

PEREIRA, José Pacheco (1982) *Conflitos sociais nos campos do sul de Portugal*, Mem Martins, Europa-América.

PINTO, António Costa (1993) “Recensão a RABY, D.L. (1990) *A Resistência Antifascista em Portugal 1941/74*, Lisboa, Edições Salamandra” in *Leituras - Penélope*, n.º 11, 1993, p. 121.

PINTO, António Costa (1992) *Salazarismo e Fascismo Europeu*, Lisboa, Estampa, Cap. 5, pp. 113-143.

PINTO, António Costa (1990) “O Salazarismo na recente investigação sobre o fascismo europeu – velhos problemas, velhas respostas?” in *Análise Social*, Vol. XXV (108-109), pp. 695-713.

Portugal Contemporâneo (1990), (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa, Vol. V.

QUEIROGA, Fernando (1974) *Portugal Oprimido*, Lisboa, Editorial O Século.

QUINTAS, José Manuel (1996) “Eleições para a Presidência da República” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J.M. Brandão Brito), Venda Nova, Bertrand Editores, Vol. I, pp. 291-293.

RABY, D. L., (1999a) “Delgado, Humberto” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 7, pp. 497-500.

RABY, D. L., (1999b) “Oposição” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 8, pp. 640-642.

RABY, D. L., (1999c) “Oposição Democrática” in *Dicionário de História de Portugal: Suplemento*, (ed. de António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. 8, pp. 644-646.

RABY, D. L. (1995) “O DRIL (1959-61). Experiência única na oposição ao Estado Novo” in *Penélope*, n.º 16, Lisboa, pp.63-86.

RABY, D. L. (1990) *A Resistência Antifascista em Portugal 1941/74*, Lisboa, Edições Salamandra.

RABY, D. L. (1987) “A Crise Ideológica da Oposição: o PCP de 1949 a 1957” in *(O) Estado Novo – das origens ao fim da Autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. II, pp. 47-58.

RABY, D. L. (1982) “O problema da unidade antifascista: o PCP e a candidatura do general Humberto Delgado, em 1958” in *Análise Social*, Vol. XVIII (72-73-74), pp.869-883.

REIS, A. do Carmo (1999) *A Imprensa do Porto Romântico (1836-1850)*, Lisboa, Livros Horizonte.

REIS, António (1990a) “Introdução” in *Portugal Contemporâneo*, (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa., vol. V, pp. 7-12.

REIS, António (1990b) “A televisão: arma do poder e janela para o mundo” in *Portugal Contemporâneo*, (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa., vol. V, pp. 203-206.

ROBLEDO, Mariano Robles Romero (1974) NOVAIS, José António, *Humberto Delgado, assassinato de um herói*, Vila Nova.

RODRIGUES, Paulo Madeira (1975) *Quatro Países Libertados – Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique*, Lisboa, Bertrand.

RODRIGUES, Urbano Tavares (1995) “Tributo de Gratidão” in *Comemorações do 30º Aniversário da Morte de Humberto Delgado*, Civitas.

ROSAS, Fernando “As eleições presidenciais de 1958 – Um relâmpago em céu azul”, in *História*, n.º 93.

ROSAS, Fernando (1999) “Bilan Historiographique des recherches sur l’État Nouveau” in *Vingteme Siecle*, n.º 62 – Abril/Junho, pp.51-60.

ROSAS, Fernando (1998) “Prefácio” in *Humberto Delgado: as eleições de 58* (coord. Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria), (pref. Fernando Rosas), Lisboa, Vega, pp. IX-XXXI.

ROSAS, Fernando (1996a) “Oposição Republicana” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), Venda Nova, Bertrand Editora, vol. II, pp. 995-998.

ROSAS, Fernando (1996b) “Unidade antifascista” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), Venda Nova, Bertrand Editora, vol. II, pp. 991-996.

ROSAS, Fernando, (1994) “O Estado Novo” in *História de Portugal*, (dir. José Mattoso), Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa.

ROSAS, Fernando (1990a) “As eleições presidenciais: um ponto de viragem” in *Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo*, (coord. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Vol. XII, Lisboa, Presença.

ROSAS, Fernando (1990b) “O país, o regime e a oposição nas vésperas das eleições de 1958” in *Portugal Contemporâneo*, (dir. de António Reis), Lisboa, Alfa, Vol. V, pp. 15-20.

SANTOS, José Ribeiro dos (1986) *Memória da Memória*, Lisboa, Edições Rolim.

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos (1987) “Do outro lado do Estado Novo” in *(O) Estado Novo – das origens ao fim da Autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. II, pp. 71-77.

SANTOS, Pedro Rafael dos (1998) “Humberto Delgado, o general da esperança: memória” in *Visão*, n.º 272, p.46-50.

SANTOS, Rogério (2003) *Jornalistas e Fontes de Informação – A sua relação na perspectiva da Sociologia do Jornalismo*, Coimbra, Minerva.

SANTOS, Rogério (1998) *Os novos media e o Espaço Público*, Lisboa, Gradiva.

SERRA, João B.(1996) “Tomás, Américo” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito), Venda Nova, Bertrand Editora, Venda Nova, Bertrand Editora, vol. II, pp.976-977.

SERRA, João B.(1991) “Os estudos sobre o século XX na historiografia Portuguesa do pós-Guerra” in *Penélope*, nº5, pp. 111-147.

SERRANO, Noémia (2005) *Imagens de poder na Imprensa periódica regional*, Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Universidade de Évora.

SERRÃO, Joel (1975) “Republicanismo” in *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. V, pp. 285-293.

SERTÓRIO, Manuel; DELGADO, Humberto (1978) *Humberto Delgado: 70 cartas inéditas: a luta contra o Fascismo no exílio*, Lisboa, Praça do Livro.

SILVA, Armando B. Malheiro (2000) “A escrita (vária) da história da I República Portuguesa” in *Ler História*, n.º 38, pp. 231-238.

SILVA, Augusto (1980) “O Instituto Superior Económico e Social e a Restauração da Universidade de Évora” in *Economia e Sociologia*, n.º 29-30, pp. 147-192.

SILVA, Joaquim Palminha (2004) *Dicionário Biográfico de Notáveis Eborenses, 1900/2000*, Évora, Diário do Sul.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas (1997) *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora*, Évora, Universidade de Évora.

SOARES, Mário (1974) *Portugal Amordaçado*, Lisboa, Edições Arcádia.

TELO, António José (1997) “Resistências ao regime editorial: Humberto Delgado, o general sem medo”, in *História de Portugal*, (dir. de João Medina) Alfragide, Clube Internacional do Livro, Vol. XIII., pp. 223-234.

TENGARRINHA, José (2006) *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*, Coimbra, Minerva.

TENGARRINHA, José (1999) “República” in *Dicionário História de Portugal: Suplemento* (coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica), Porto, Ed. Figueirinhas, Vol. IX, pp. 239.

TENGARRINHA, José (1994) “Os caminhos da Unidade Democrática contra o Estado Novo” in *Revista de História das Ideias*, n.º 16, pp.387-431.

TENGARRINHA, José (1989) (2.ª Ed.) *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

TORGAL, Luís Reis (1987) “História...que História?” in *Revista de História das Ideias*, n.º 9, Vol. 2, pp. 843-867.

TORRE Gomes, Hipólito (2001) “Humberto Delgado, dentro y fuera de una tradición militar” in *El caso Humberto Delgado*, (Ed. a cargo de Juan Carlos Jiménez Redondo), Editora Regional de Extremadura, s/l.

UCHA, Paula Cristina (1998) *Inventário do espólio Humberto Delgado*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

VENTURA, António (2004) *Estudos sobre História e Cultura Contemporâneas de Portugal*, Lisboa, Caleidoscópio.

VENTURA, António (2001) *O cerco de Campo Maior em 1801*, Lisboa, Edições Colibri.

VENTURA, António (2000) “O marxismo em Portugal no século XX” in *História do Pensamento Filosófico Português* (dir. Pedro Calafate), Lisboa, Caminho, pp. 195- 231.

VENTURA, António (1997a) “Américo Tomás” in *História de Portugal*, (dir. de João Medina), Alfragide, Clube Internacional do Livro, Vol. XIII, pp. 123-126.

VENTURA, António (1997b) “«Estado Novo» - as eleições do regime” in *História de Portugal*, (dir. de João Medina), Alfragide, Clube Internacional do Livro, Vol. XII, pp. 225-240.

VENTURA, António (1997c) “A oposição ao Estado Novo” in *História de Portugal*, (dir. de João Medina), Alfragide, Clube Internacional do Livro, Vol. XIII, pp. 149-200.

VENTURA, António (1996) *José Frederico Laranjo (1846-1910)*, Lisboa, Edições Colibri.

VENTURA, António (1976), *Subsídios para a História do Movimento Sindical Rural no Alentejo*, Lisboa, Seara Nova.

VICENTE, António Pedro (1996) “Vicente, Arlindo” in *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir. de Fernando Rosas e J. M. Brandão), Venda Nova, Bertrand Editora, vol. II, pp. 1006-1008.

VICENTE, António Pedro (1995a) “Arlindo Vicente - Um retrato” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp. 34-43.

VICENTE, António Pedro (1995b) “O Pacto entre Arlindo Vicente e Humberto Delgado (1958)” in *História*, Ano XVII (Nova Série), nº 5, Fevereiro, pp.44-50.

VIEGAS, Valentino et all (1998) *Humberto Delgado e as eleições de 1958: documentação da Torre do Tombo*, Lisboa.

SUPORTES ELECTRÓNICOS:

<http://www.humbertodelgado.pt>, 02-08-2006.

<http://www.museusaopedro.jb.pt>, 02-08-2006.

<http://www.uc.pt/cd25a>, 02-08-2006.

<http://www.presidencia.pt>, 02-08-2006.

ANEXOS

ERRATA

Por lapso na montagem, a ordem dos jornais em anexo foi trocada:

No Anexo I, na página 121, onde consta *Democracia do Sul*, deveria constar *Jornal de Évora*.

No Anexo II, na página 126, onde consta *Jornal de Évora*, deveria constar *Democracia do Sul*.

ANEXO I

Número onde são publicadas caricaturas referentes à Missão Internacional de Arte -
Jornal de Évora, 26-10-1958.

DEMOCRACIA DO SUL

DIÁRIO REPUBLICANO defensor dos interesses regionais

Chefe da redacção — ANIBAL QUEIROGA
Redacção e Administração:
R. 8 de Outubro N.º 28, 30 e 32 — Évora — Tel. 25928

DIRECTOR — JOÃO LEITÃO DA SILVA
Fundador — Joaquim Pedro de Matos

Editor e proprietário: A. C. QUEIROGA PIRES.
Composição e impressão:
Rua de Valdevegas 4 — Évora

VISADO PELA CENSURA

ARABESCOS EM AGUA CORRENTE

SÓCRATES

Sócrates, si vera est fama, abusou do direito que os homens têm de ser felizes. Mais feio do que permitir a louça...

Feio de rosto. Nariz arrebitado, e esmagado, como se fora de preto. Careca que nem bola de bilhar. Mas com alma até Almeida. Inteligência argutíssima. Réplica pronta. Paciência de santo. Serenidade no perigo. Despresumido. Sabia que não... sabia. Homem de douta ignorância. A saeza em pessoa.

Feio por fora. Sim. Mas belo — muito belo — por dentro. E a beleza que realmente conta é a interna, a de alma. O mais é paisagem...

**TRACTORES
DAVID BROWN**

A marca inglesa de melhor reputação — Potência de 14 a 80 HP

AGÊNCIA COMERCIAL L. DA
ÉVORA

Farmácias de serviço
Encontra-se hoje de serviço nocturno a farmácia da Misericórdia. Das 12 às 17 horas, as farmácias da Misericórdia e Ferro.

IMPRENSA

Diário do Alentejo
Entrou no 27.º ano de publicação o nosso prezado colega bejense *O Diário do Alentejo*, defensor dos interesses regionalistas da provincia do Baixo Alentejo.

Por tal motivo apresentamos ao seu director sr. Manuel António Engaia as nossas felicitações.

PEQUENAS

NOTÍCIAS

Seleção portuguesa de hóquei em patins ganhou o XIII campeonato mundial da modalidade, ao empatar com a Espanha por 2-2.

A Sociedade de Geografia de Lisboa vai comemorar solenemente a passagem de 100 anos da abolição da escravatura.

O sr. subsecretário da Agricultura encontra-se nos Açores estudando, entre outros problemas, a situação da população da ilha do Falal.

Comemorando a passagem do aniversário da cápsica morte de Ricardo Cavaz, realizou uma grande romagem de sepultura.

Hóspede de Honra chega hoje a Évora o Sr. General HUMBERTO DELGADO

FIEIS aos princípios que desde a primeira hora orientaram «Democracia do Sul», saudamos efusivamente o sr. General Humberto Delgado, intérprete das mais lindas aspirações do Povo Português na histórica hora que passa, que hoje visita esta cidade, onde será hóspede de honra do Povo, daquele mesmo Povo que já no tempo da dominação romana mereceu para esta nobre Évora, capital do Alentejo, a honrosa denominação de *Liberaltas Julia*.



As principais autoridades da cidade são nascidas e vividas no Alentejo. Sabem como o povo desta encantadora Provincia é, por natureza e a um tempo, activo, dócil e extremamente ordeiro. Confiados nestas três qualidades do nosso Povo, estamos certos que o sr. General Humberto Delgado vai ser alvo de manifestações de simpatia que em nada afectarão a tranquilidade pública. E desde já condenamos toda e qualquer tentativa de desordem, venha ela de onde vier. Évora saberá com portar-se com galhardia e aprumo com civismo e respeito por todos.

COMUNICADOS

A Comissão Distrital de Évora dos Serviços de Candidatura do Senhor General Humberto Delgado, comunica:

Na sua viagem de propaganda ao sul do País o Senhor General Humberto Delgado chega hoje a esta cidade, aproximadamente ao meio dia, indo colgar flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Seguidamente ser-lhe-á oferecido um almoço pela Comissão Distrital, a que assistirão representantes de todos os concelhos do distrito.

A Comissão Distrital de Évora dos Serviços de Candidatura do Senhor General Humberto Delgado, comunica:

1.º — Não é possível levar a efeito uma sessão de propaganda que se projectava realizarem qual-quer dos dias 31 ou 1.º de Junho, devido a que nos haviam destinado, por não ser decidido, o dia que nos dias 31 e 1.º de Junho se efectuam nesta cidade as eleições da II.ª e da Legislação actual, porque aquelas já se não realizam a partir do dia 31.

2.º — Não é possível a completa cópia dos cadernos eleitorais, pois torna-se impraticável a cópia, tal como nos foi permitida, de cerca de 27.000 nomes sómente, por

duas pessoas acreditadas pelo candidato sr. General Humberto Delgado e apenas duas horas por dia. Assim:

3.º — Todos os cidadãos que queiram apoiar a candidatura do Sr. General Humberto Delgado, devem dirigir-se, urgentemente, as Comissões Concelhias ou Distrital para colaborar nos trabalhos de propaganda, de angariação de fundos, distribuição de boletins de votos, no momento oportuno, e de fiscalização do acto eleitoral.

4.º — Que pela Câmara Municipal de Évora não foi cedido o Paço de D. Manuel, para ali se realizar um almoço presidido pelo General Humberto Delgado.

5.º — Que o candidato, Senhor General Humberto Delgado, visitará hoje esta cidade, terça-feira, devendo chegar pelas 12 horas ao Monumento dos Mortos da Grande Guerra, aos quais presta homenagem.

Esta Comissão apela para todos os Democratas do Distrito, para que corajosamente, constituam um baluarte de firme unidade, de civilidade, elegância moral e de culto pela Verdade, em prol das Liberdades fundamentais preceituadas no artigo 8.º da Constituição.

Eleições Presidenciais Uma sessão de propaganda do candidato da União Nacional

Realiza-se hoje no Teatro Garcia de Resende, sob a presidência do sr. Subsecretário de Estado da Aeronáutica, às 21 horas, uma sessão de propaganda da candidatura do sr. contra-almirante Américo Tomaz à Presidência da Republica, na qual falarão os srs. drs. Mário Perdigão Garcia da Costa, D. Maria Luísa de Matos, António Ferreira Cabral e os srs. Euclides Ferreira e comandante Henrique Jorge.

Dr. Carneiro Dias

Esteve no preterito domingo em Évora o jornalista brasileiro sr. dr. Carneiro da Costa, da Sociedade de Homens de Letras do Brasil e da Associação Brasileira de Imprensa, correspondente especial das revistas *Ilustração*, *Globo*, *Associação*, *Comercial* e *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em missão de propaganda e intercambio luso-brasileiro, que, acompanhado do nosso antigo colaborador sr. dr. João Barreto de Ataláido, nos deu o prazer da sua visita, prometendo-nos a sua valiosa colaboração. Depois de uma troca de impressões sobre a sua viagem a Portugal ele manifestou-nos a sua admiração pelo nosso País, especialmente sobre Évora, de que se confessou grande admirador. Agradecemos a deferência do sr. dr. Carneiro da Costa para com *Democracia do Sul*.

LOUVORES

Louvo, nos termos do art.º 107.º do R. D. M., 1.º cabo-corneteiro Francisco Manuel Polido, n.º 238, EP e o soldado Joaquim Eduardo Romão, n.º 308/57 ambos do R. de Inf. n.º 16, e o soldado José António Madeira Maria, n.º 176/57 do Regimento de Artilharia Leveira n.º 3, por se terem prestado, voluntariamente, a transfusão de sangue, com destino a doentes internados no Hospital de Santa Casa da Misericórdia de Évora, actos dum altruísmo que é de toda a justiça destacar e premiar.

Nos termos do § único do citado artigo, são concedidas as aludidas Praças 10 (dez) dias de licença.

Quartel General em Évora, 29 de Maio de 1958.

O Comandante da Região José da Encarnação Alves do Sousa (Genral)

Album Mundial

ANIVERSÁRIOS

Amenhã:
 D. Catarina de Jesus Santos;
 D. Josefina dos Santos Nala;
 D. Adelfina do Carmo Freire Palma;
 José Fernandes d'Oliveira;
 João Carlos Brito de Castro;
 Virgílio Dias Ferreira.

CASAMENTO

Realizou-se no pretérito domingo o enlace matrimonial do sr. Anibal do Carmo de Oliveira Queiroga Pires, alferes miliciano de Artilharia Pesada n.º 3, filho do nosso camarada Anibal Queiroga e de sua esposa sr.ª D. Eva do Livramento de Oliveira Queiroga Pires, com a sr.ª D. Irene Gusmão Moura, professora oficial do ensino primário, filha do sr. Francisco Rosado Moura e de sua esposa sr.ª D. Teresa Gusmão Moura.

Foram padrinhos: por parte do noivo, seu pai e sua tia sr.ª D. Olíbia Augusta de Oliveira; e por parte da noiva, seus pais.

Aos convidados foi servido, pelo restaurante Florbela, um magnífico lancho.

Aos nubentes que foram fixar residência na Figueira da Foz, desejamos inúmeras felicidades e uma lua de mel interminável.

GRANDE SORTIDO EM CORTES

para fáb, cortas para
 escoc, apo t. e var.
 para cefisa, accos
 de tarr...



Cinemas

Salle Central Sereana

Hoje, ás 21.15, para maiores de 12 anos, repetição do filme de grande espectáculo *Quo Vadis?*, com Robert Taylor, Deborah Kerr e Peter Ustinov á frente de um elenco gigantesco.

Amanhã, para adultos, o filme policial *Írmas e assassinos*.

Os que passam

Luís Sangramas Proença
 Na madrugada de domingo faleceu nesta cidade o sr. Luís Sangramas Proença, de 75 anos de idade, natural das Caldas da Rainha, casado, secretário de Finanças aposentado.

Também faleceu no domingo a sr.ª D. Mariana Valério da Cunha, de 72 anos, casada, natural de Vila Rica.

FRIGORÍFICOS
 PORTUGAL-KELVINATOR
 AMATOR CAPACIDADE INTERIO
 DO MELHOR PREÇO COM A
 MELHOR IZENÇÃO
 A PRONTO E A REGISTAR
J. B. ANDRADE
 RUA DA REPÚBLICA, 77 B
 ÉVORA Telefone 23408

Faz hoje 35 anos

que DEMOCRACIA DO SUL
 informa

Recorda um colega os preços que em diferentes datas tiveram alguns géneros de primeira necessidade:

Em 1893, um bol vizo custava três maravedis ou 64970 réis. Uma galinha, um soldo ou 48 réis. Cada vara de pano de linho custava 26 réis. Um alqueire de trigo 9 réis. Em 1904, um côrdo de pano 181 réis. Em 1914, um arratel de carne, 5 réis. Em 1931, um alqueire de trigo 67 réis e uma pipa de vinho 48 000 réis. Em 1933, um arratel de carne, 4 réis; uma canada de leite fresco, 8 réis; um alqueire de sal, 6 réis; um par de sapatos 6 réis. Em 1911, um perú, 40 réis; uma galinha, 140 réis; uma dúzia de ovos, 40 réis. Em 1929, um arratel de carne de vaca, 30 réis; um alqueire de trigo, 200 réis; uma pipa de vinho, 74000 réis. Em 1934, custava uma canada de vinho, 71 réis. Em 1935, uma canada de vinho, 100 réis. Em 1936, um arratel de carne, 25 réis. Em 1937, um arratel de carne, 30 réis. Em 1938, um arratel de carne, 30 réis e uma canada de leite, 187 réis e no ano seguinte elevou-se a 160. Em 1938, custava um arratel de carne, 75 réis, e em 1939 baixou a 60 réis.

... Ainda a especulação não tinha medrado...

Cau de um tractor

ficando gravemente ferido
 Quando o cefeiro Joaquim Luciano Filipe, de 24 anos, solteiro, daqui natural e residente no Monte da Cabida, seguiu sobre um tractor, desequilibrou-se e caiu á estrada, batendo violentamente com a cara no chão, pelo que sofreu arrancamento de quase todos os dentes, ferimentos no nariz e rosto e várias contusões pelo corpo. Conduzido ao posto, em edição de 1958, sofreu tratamento e ficou internado.

Um muro de abas

sobre uma ericega
 Ao hospital da Misericórdia foi receber tratamento o menino José António dos Santos Peres Teixeira, de 2 anos, daqui natural e residente no Bairro de Santa Maria, filho do sr. Joaquim dos Santos e da sr.ª Rosa dos Santos Vieira, que perto da sua residência foi apanhado pelo desabamento de um muro, sofrendo fractura do braço esquerdo.

Capela de S. Dnias

Pelo Fundo do Desemprego, para as obras de restauro da Anta de Pavia na capela de S. Dnias, concelho de Mora, foi concedida a comparticipação de 4.800,00 do Excmo. Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a entidade que está a realizar as obras.

Concelho de Alcazar do Sul

O Município das Freguesias autorizou a Câmara Municipal de Alcazar do Sul, a contratar, na Caixa Geral de Depósitos, um empréstimo de mil e dezcentos contos e fim de consignar a Câmara a receber a fibra de melhoramento e a colheita de abastecimento de água a esta sede do Concelho, bem como a consignar aos encargos do empréstimo a receita proveniente dos adicionais ás contribuições directas do Estado.

Meteorologia e sismologia

As previsões meteorológicas do sr. Carvalho Serra para a presente quinzena, são as seguintes:

Continuam a subir os valores da ctmara barométrica, muito oscilantes em 1, 2 e 5.

Em 6 começam estes valores a descer, sempre muito oscilantes e, depois de uma arrancada muito acentuada em 10, iniciam nova subida, com uma oscillação mais acentuada em 11 e várias outras em 12 e, depois de subirem bruscamente em 13, descem a partir de 14 com um forte oscillação em 15.

Tempo em Portugal — O tempo, durante este período, deve apresentar-se instável, com algumas trovoadas nos primeiros dias do período e de temporal, principalmente a partir de 8, sobretudo no norte do país, com tendência a tornar-se ventoso e de poucas nuvens, nos últimos dias.

Distribuição provável na Europa, durante a quinzena, das perturbações meteorológicas matensíveis — As perturbações dos dias 4 e 5 afectam o Oeste da Península Ibérica e Europa Central.

A de 9 atinge o Sul das Ilhas Británicas ao Norte de Portugal.

A de 10 afecta o nordeste das Ilhas Británicas, a Península Ibérica e o Oceano, a Oeste desta Península.

Oscillação provável de temperatura na Península — A temperatura continua relativamente baixa pelo menos até 14.

Perturbações sísmicas — Regiões com maiores probabilidades de serem atingidas durante esta quinzena: Península Ibérica e Atlântico Norte.

Abastecimento de água

Foi reforçada com 91.800,50, a comparticipação que pelo Fundo do Desemprego havia sido concedida a Câmara Municipal de Alter do Chão, para continuação dos trabalhos de abastecimento de água á povoação de Cunheira, daquela concelho, trabalhos que deverão estar concluídos até 31 de Dezembro do ano corrente.

Exame liceal

O Diário do Governo publicou a lista dos professores de ensino particular que, no presente ano lectivo, poderão ser chamados a prestar serviço de exames nos liceus do País.

Nesses liceus estão incluídos os de Beja, Évora e Portalegre.

Felizes Romanos

a realizar o teste de Yerkas...
 Para a realização do teste de Yerkas, em 1958, foram chamados os seguintes professores: ...
 O teste de Yerkas é um teste de inteligência que se realiza em 15 minutos e avalia a capacidade de raciocínio lógico-matemático. É utilizado para a seleção de alunos para o ensino superior.

CASAS DO POVO

Concessão de subsídios

Pela respectiva Junta Central foram concedidos ás Casas do Povo das localidades do nosso distrito, abaixo mencionadas, para os fins adiante indicados, os seguintes subsídios provenientes do seu Fundo Comm.:

Sedes e Anexos — Terragem (Elvas), 8.500\$; Santo António das Areias (Marvão), 5.000\$; Amieira (Nisa), 8.000\$; Montemor-o-Novo, 2.000\$; Évora (Estremoz), 15.000\$; S. Geraldo (Montemor-o-Novo), 3.500\$; Brotas (Mora), 10.000\$ e Penedo Gordo (Beja), 15.000\$.

ATLETISMO

MAXIMIANO PINHEIRO

do Sport Lisboa e Évora, venceu o III Léguas Nacional

No Campo Grande, do Sport Lisboa e Benfica, em Lisboa, realizou-se anteontem a final do III Léguas Nacional, disputada por 18 representantes de todos os distritos do País. Maximiano Pinheiro, do Sport Lisboa e Évora, que representava o nosso distrito, venceu a prova com todo o brilho, no tempo de 18 minutos, 15 segundos e 8/10, batendo o record anterior.

Por tal motivo felicitamos o atleta e o Sport Lisboa e Évora, pelo êxito alcançado.

Comissões venatórias

Foram transferidas para a Comissão Venatória Regional do Sul, as quantias depositadas com destino ao fundo especial de várias comissões venatórias concelhias, entre as quais os dos concelhos de Arronches, Beja, Campo Maior, Castro Verde, Elvas, Ferreira do Alentejo, Fronteira, Ourique, Santiago de Cacem, Serpa e Sines.

A transferência é resultante das referidas comissões concelhias não poderem efectuar despesas em virtude de não terem submetido á aprovação superior, em tempo competente, os respectivos orçamentos.

Não deis saça aos passarinhos

São inofensivos, e prestam grandes serviços á agricultura, libertando os campos dos insectos prejudiciais.

Saudades...

Lembram'inda, com saudades, o dia que andei na mara...
 Onde eu estava sempre...
CAETANO PEREIRA

TOME NOTA.

Grande Café Portugal
CAFÉ-RESTAURANTE
ÉVORA Telefone 23860

CAFÉ ARCADE
RESTAURANTE
PASTELARIA - Especialidades regionais

O EBORENSE.
Solar Municipal
SERVIÇO DE HOTEL
Pouso - Quartos e Almoço
Quartos de Luxo e Aquecimento Central
30 a 40 quartos com casa de banho
L. da Misericórdia, 1 - Telef. 2231 e 2232

Características N. Mendes
Rua do Corredoura, 3
Telefone 23238
OURO - JOIAS - PRATAS
RELÓGIOS
TAÇAS DESPORTIVAS
ARTIGOS PARA BRINDES
OPICINAS DE CONCERTOS
DE OUIVESARIA
E RELOJOARIA

Escola do Grupo de Bradesos de Música Europeia

Por motivo de força maior a Assembleia Geral extraordinária que havia sido convocada para o dia 3 do corrente, por 21 horas, fica transferida para o dia 4 do corrente.

A Direcção

PRATAS ARTÍSTICAS
O mais bonito trabalho
e maior variedade
NA
OURIVESARIA
SIMÕES
Tel. 9402 - Rua da República, 71
ÉVORA

Habitação
ARRENDAM-SE
Rua Vasco da Gama, 1-A.

Sucatas
Quem se livrar para vender
não o faz sem consultar.
Augusto Alves Leal
Telef. 2399 - Évora

Casa dos Vinhos
Talhada de Abreu & C. Lda
COMARAS
Fabrico especial dos Vinhos de mesa.
Atacados - Panos de Algodão
Cebolas - Verduras - Enrolados.
Presentes em todas as Exposições
a que tenha concorrido.
O preço de poucos artigos enviações
sem custo.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

Repartição de Obras

Concurso Público para arrematação da empreitada de Construção de 3 passagens submersíveis na ribeira da Rala.

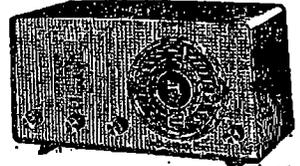
Faz-se público que às 15 horas do dia 18 de Junho de 1958 se procederá, na sede desta Direcção-Geral, Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23 - Lisboa, ao concurso público acima designado.

Base de licitação 300.000\$00
Depósito provisório 7.500\$00

O processo do concurso encontra-se patente na Repartição de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos, desta Direcção Geral, todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Lisboa, 30 de Maio de 1958.

O Engenheiro Director Geral,
Manuel Rafael Amaro da Costa



TELEVISÃO - RADIO
ILUMINAÇÃO
PHILIPS
Santos Metrogos,
LIMITADA
Rua José Elias Garcia - Telef. 22372
ÉVORA

Sacos - Panos
DE ALUQUER
SEMENTES
VENDE aos melhores preços
A AGRICOLA
de JOAQUIM DIAS GONÇALVES
Rua do Rainmudo, 21, 23 - Telefone 23666
ÉVORA

DE LISBOA A SEVILHA
por Villa Real de Santo António
é o caminho preferido pelos que
queiram visitar a linda provincia
do Algarve.
Transporte misto: comboio, barco
privativo e autocarro
Informação nas estações ferroviárias

HERDADAS

ARRENDAM-SE, em conjunto ou separadas, um grupo de quatro herdadas, com a área superior a 1.300 hectares. Duas na freguesia de VIMIEIRO e as outras duas na freguesia de SÃO GREGÓRIO, concelho de ARRAIÓLOS.

Grande montado de azinho, sobre, bastante olival, óptimas pastagens para gado vacum e ovino. Boas terras de sequeadura, regadio com água de pé. Alqueire pronto a ser semeado para milho de 28 molos de semente.

O Guarda Florestal da propriedade de Montalvo da Bardeira, a dois quilómetros do Vimieiro, está encarregado de as mostrar. Aceltam-se propostas por escrito, até ao próximo dia 26 de Junho, devendo ser entregues no escritório do SOLICITADOR ANTONIO MANUEL PASCOAL, Rua João de Deus, 66, em ÉVORA, onde se encontram as condições do arrendamento e se dão todos os esclarecimentos.

LÃS

Para conhecimento dos interessados, a COOPERATIVA OVINA DE ÉVORA e o GRÊMIO DA LAVOURA DE ÉVORA E VIANA DO ALENTEJO, informam que terminam impreterivelmente em 14 de JUNHO corrente, os recebimentos de LÃS, nos armazéns de concentração.

Cabeleireiros:
FERNANDO
SALÃO MARCEL
Rua João de Deus, 16 - Telefone 22747
CASALHO
CABELEIREIRO - Rua da...



OPICINA MEDICA
Rua João de Deus, 16
HABAZETH & FIGUEIRA, LIMITADA
ÉVORA (Telefone Republicano)

Precisa-se
Pessoa competente para dirigir
contabilidade de casa comercial.
Carta com detalhes a esta re-
cepção, ao n.º 24.

Tribunal da Comarca de Évora
Anúncio
2.ª publicação

Por este Tribunal, na execução que Joaquim António Fino, casado, trabalhador, morador no Bairro de Santa Maria, de Évora, move contra Manuel dos Santos Tapadinhas, casado, proprietário, morador na Portas de Avila, em Évora, correem editos de vista diaz, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para no prazo de dez dias posterior ao dos editos virem a execução declarar os seus direitos.

Em 30 de Maio de 1958
O Juiz de Direito
José Melquides de Oliveira Mendes
O Oficial de Secretaria
Manuel José da Carvalho Baptista
DEMOCRACIA DO SUL - 12.278 - 3/6/1958

ARCO-IRIS

CAMPO MAIOR

FUTEBOL

GALERIA DE FIGURAS

POR JOÃO PESSOA

XXV

34 - CRISTÓVÃO CARDOSO DE ALBUQUERQUE BARATA CHEFE POLÍTICO

Quem ama uma mulher russa pode orgulhar-se de ter um barão encerrado numa só mulher. — Paulo Mantegama.

Um jornalista americano criticava a Adenauer, seu amigo, as frequentes crises ministeriais em França. Mas o velho Chanceler alemão respondeu-lhe: «É exactamente assim, meu bom amigo. Em França, os homens mudam muitas vezes, mas a política do país não sofre sensível alteração. Nos Estados Unidos, ao contrário, são sempre os mesmos homens que estão no poder, mas, de cada vez que talu com eles, a sua política é diferente, até em relação ao mesmo problema.

A felicidade não é um cavalo que a gente arreia a seu gosto.

Um faminto pegou num revólver e apontou-o ao ventre. Um amigo vendo-o nessa attitude, disse-lhe: — O quê? Vais te suicidar? — Eu, não! Vou só matar a fome.

Uma mãe de cinco filhos, a italiana Luana Beneggi, está a mudar de sexo, depois de um tratamento para emagrecer feito à base de hormonas masculinas. As cinco crianças foram recolhidas em diversas instituições de Cremona.

A palavra vassallo, que é hoje sinónimo de súbdito, era antigamente um título tão honroso, que o cronista de D. Pedro I diz que, no seu tempo, só era vassallo o filho, o neto, ou bisneto de lidalgo de linhagem.

Em 1904, uma senhora rica de Baltimore foi a um baile entregando um vestido no qual estavam colados 30 mil selos. As singularidades de capricho feminino são de todos os tempos.

3 de Junho de 1600 — O Cabido de Sé de Évora determinou impor diversas penalidades a todos os clérigos que usassem melecans, meias de cor e fossem portadores de armas.

Para tirar o ferrugem do aço, outa-se com areia comum e deixa-se assim dois ou três dias. Deita-se-lhe depois, por cima, cal viva, muito pulverizada, e esfrega-se até que desapareça todo o vestigio de oxidação.

Dois amigas, uma delas recém-casada, encontram-se na rua. — Então, que tal te dá com a tua vida de casada? — Não me dou mal, mas a verdade é que estou um pouco desalada. Lembra-te de eu te dizer que o meu marido, quando eramos novas e falava comigo, gaguejava de emoção? — Sim... — Pois bem, não era de emoção: ele é mesmo gago!

Celifeira, que andas á calma, Celifeiro o loiro pão, Celife as penas do miud'alma Dentro do meu coração.

Os dois chefes dos partidos liberais eram modelo de cidadãos, distintos e talhados para a direcção politica, ambos com prestigio, mas entre eles havendo um abismo de divergencia, entre os partidários azedume acceso e constante, e jamals qualquer individuo pertenceria a um lado sem ser inimigo do outro. Orientavam seus grupos, conseguindo dois blocos solidamente unidos mas diametralmente opostos, degladiando-se como se não servissem a mesma causa.

O Partido Progressista teve como seu primeiro chefe, na vila, a José Joaquim de Abreu, comerciante conceituado e homem que se prestigiu por sua valorosa accção militar em defesa da Liberdade. Foi um filho do povo que chegou, por seus meritos, a tenente coronel da Legião Patriótica do Alto Alentejo, organizada em Marvão para combater o despotismo, vindo, depois, a comandar o Batalhão da Guarda Nacional de Campo Maior, em substituição de José Carvajal, e tendo, também, desempenhado as altas funções de Governador da Praça.

A substituir José Abreu na chefia do mesmo partido, encontramos Cristóvão Cardoso de Albuquerque Barata, oriundo de Paredes de Coura, antiga brigada (sargento ajudante) na Guarnição de Elvas e que servira no de Campo Maior, o qual, em 1868, se achava investido no cargo de Administrador do Concelho.

Sendo homem simples e de trato afável, o uso do chapéu alto e a casaca illudja quem com ele nunca privasse, mas era assim porque a rua e se dirigia ás sessões da Câmara, a que muitos anos presidiu e a qual administrou com zelo e competência, e ao largo fronteiro do seu palácio tendo sido dado o seu nome, isto é, designando-se, há dezenas de anos, por Largo do Barata.

Tenho presente a sua mediana figura, de bigode e pera branca, andar breve e miúdo, parecendo general reformado pelo seu porte um tanto marcial.

Barata, que depois foi comendador da Ordem de Cristo e fidalgo cavalleiro da Casa Real (carta de 15-3-1869) — gostava dos humildes, apadrinhou um meu irmão mais velho, ou por ele o filho, acarinhava as crianças e recebeu-me no seu palácio quando do meu exame de instrução primária, afagando-me e dirigindo-me palavras amigas, com sorriso paternal, bem como D. Maria José, sua respeitável esposa, o que recordo por grato.

O segundo chefe do Partido Progressista, em Campo Maior, casara com a viúva de José Vitorino Machado, por isso residindo no palácio dos Menezes, que o primeiro chefe do Partido Regenerador adquirira.

O Comendador Barata, pelo seu aprumo, bondade e educação, soube impor-se á entima geral, e mostrou sempre um grande amor á sua terra adoptiva. Deixou um filho, luminar da magistratura, que foi deputado em Cortes e alcançou o Viscondado.

EBORENSES

O SENHOR GENERAL

HUMBERTO DELGADO

Candidato Independente á Presidência da República

visitará Évora, HOJE

terça-feira, cerca das 12 horas

LAR DE SEMILIBERDADE
dos Rapazes de Vila Fernando
Mendo Esteves, desta cidade. Presidência ao acto o sr. dr. Eurico Serra, Director-geral dos Serviços Jurisdiccionais de Menores. A seguir á sessão solene serão visitadas as instalações do referido Lar.

PARA A LIGA "LOURENÇO AUSTRIA,"

No campo Estrela disputou-se automaticamente o jogo da 1.ª mão, da Liga "Lourenço Austria", instituída em homenagem ao técnico espanhol sr. Lourenço Austria, que na presente época treina o Barcelense e que na próxima, ocupará igual missão no Lusitano.

O publico affluente em número consideravel, tanto mais que a entrada era livre e, portanto, seria de esperar uma enchente. Mas não, como era grata, parece que dvidou de descer beneficiado. Resultado perdeu um bom encontro.

Dirigiu a partida o sr. Manuel Fortunato da Comissao Districtal, que teve acção de aplaudir. Alinharam:

LUSITANO — Vital; Teotónio, Falé e Paulo (Narciso); Polido e Garcia (Vicente); Cardoso, Flora (Ross), Marcelino, Flávia (Batalha) e José Pedro.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneça, Pinto e Abanier; Silveira e Vazquez; Madeira, Correia (Otiário), José Augusto, Paia e Pimenta.

Venceu o clube do Barreiro, e, diga-se desde já, venceu com inteiro merecimento, porque ao longo dos noventa minutos, mostrou de facto ser da momento superior ao adversário, revelando menos erros grosseiros em final de época. A vencer por 2-1, ao intervalo, o Barreirense terminou o encontro com o seu triunfo, por 4-2.

Pela equippe visitante marcaram: Correia (3) e Madeira e José Augusto (este com o melhor gol da tarde).

No Lusitano, que teve actuação desigual, foram marcadores: Batalha e José Pedro.

O Lusitano, joga no Barreiro, na próxima quinta-feira (feriado nacional), jogo da 2.ª mão, de taça, em disputa.

Torneio da escola de jogadores do Juventude

Antecederam na parte da manhã, realizaram-se mais dois jogos em honra do torneio de futebol miniatura, que a nossa Jovem da escola, ainda mal se vislumbra o vencedor. Os encarnados são os mais candidatos, mas não são ainda os vencedores certos. Há uma equippe, a de azul e branco, que tem uma palavra a dar. Na próxima quinta-feira se há de ver.

O primeiro jogo efectuou-se entre as equipas «Luis Mendonça» (branco) e «A Jorge da Costa» (azul), que os primeiros venceram por 4-1.

Alinharam pelos vencedores: Borges; Bole e Baptista; Paulo, Pires e Santos. Nos vencidos: Silva Sobral e Almeida; Machila, Feres e Coelho.

O segundo encontro colocou como adversários, as equipas, «José M. Machado» (encarnado) e «José M. Silveira» (preto).

A primeira venceu por 3-1, depois de expirar o tempo regulamentar, devido á acção grave do jogador das «pretas» Chico Ballo, que teve uma luxação no braço esquerdo, por queda desastrosa.

Alinharam nos vencedores: Cambrala; Pinto e Ribeiro; Rui, Cascado e Dias (Neres).

Vencidos: Orlando, Mendes e Nunes; Ballo, Mamede e Isala.

A prova tem a sua penúltima jornada; equipas, «José M. Machado» e «Inocencio Timóteo» e «Américo Sangreman» e «Luis Mendonça».

Publicações Recebidas

Deram entrada na nossa redacção as seguintes publicações:
«Gazeta do Cantanhado» - N.º 2120. Bl' de Maio. Semanário republicano. Director, Henrique Barreto. Redacção, Rua Dr. Mario Pais de Sousa - Cantanhado.
«Noticias de Boja» - N.º 1640. 31 de Maio. Semanário católico. Director, dr. L. Ribeiro. Redacção, Rua dos Frazeres, 2 - Boja.
«Petróleo no Mundo» - Publicação periodica de informacões sobre a exploracão do petróleo. Redacção, Rua Rosa Arslan, 48, 776 - Liabon.

ANEXO II

Número onde é anunciada a passagem de Humberto Delgado pela cidade de Évora - *Democracia do Sul*, 3-6-1958.

Jornal de Évora

DIRECTOR:
Madelra Pizarra

semanário

REDACTOR PRINCIPAL:
Fernando Iglesias

Propriedade de: MANUEL MADEIRA — Comp. e Imp: TIPOGRAFIA DIANA — Número Avulso: 1800 — Red. e Adm. Trav. de Santo André, 15 — Tel.: 22523 — Editor: FERNANDO I. DOS SANTOS

O II Plano de Fomento

Tem estado a trabalhar-se intensamente na análise da proposta de lei, relativa ao II Plano de Fomento. Temos acompanhado o debate na Assembleia Nacional e o nível da vida da cidade vem marcar de todo o País, o trato dos problemas que dizem respeito ao progresso da sua estrutura económica e, simultaneamente, da elevação do nível de vida.

É grato verificar o louvável realismo com que, no Parlamento, têm sido referidas as deficiências ou insuficiências da nossa situação económica e das quais resultam os problemas que afectam o nível da vida da comunidade.

O II Plano de Fomento, aliás elaborado, segundo se depreende da sua leitura, para atender (Continua na 2.ª pag.)

Nota da Redacção

A FALTA DE AGUA

Passou mais um Verão embora continuem os dias de sol. Segundo tem chegado ao nosso conhecimento os Serviços Municipais conseguiram alcançar o seu objectivo de economizar ao máximo, a preciosa água, sem se chegar ao extremo — dentro da cidade — do corte periódico. Todavia, tal situação não está certo que se repita todos os anos e se eternize, pois, se a Câmara Municipal economizou a água, isso foi à custa de enormes sacrifícios do consumidor, o qual no período mais crucial do ano, na época calmosa, em que mais precisa de água, por que a sua utilização com abundância, pode levar a perigos sanitários, e que teve de restringir o seu consumo.

É certo que existem localidades, por esse País fora, que lutam com o mesmo problema, mas uma cidade como Évora, não pode, não deve abandonar, enquanto (Continua na 2.ª pag.)

O fraco poder de compra e baixo consumo, a produção insuficiente, as incertezas da Balança de Pagamentos, a baixa produtividade, a concentração dos rendimentos e a escassez no investimento, etc. são causas do fraco progresso da nossa economia

— afirmou, na Assembleia Nacional o sr. eng. Araújo Correia ao analisar os principais aspectos da proposta de lei relativa ao II Plano de Fomento

Continua a ser discutida na Assembleia Nacional, a importante proposta de Lei referente à execução do II plano de Fomento.

Na dita, o sr. eng. Araújo Correia, abordou os aspectos fundamentais da referida proposta de Lei, dando ampla e profunda das realidades nacionais que ela pode beneficiar.

Depois de preconizar a extrema necessidade de se proceder a realização do inquérito industrial e o inventário de recursos hídricos, o primeiro das quais está a base de uma reconquisto nacional das indústrias, e o outro susceptível de condicionar o País, esse estabelecimento de uma ordem de prioridades nos aproveitamentos na base da sua máxima utilização económica, isto é, na base do aproveitamento simultâneo de uma obra para diversos fins, o orador falou sobre as causas da nossa fraca economia que considerou:

« O fraco poder de compra e baixo consumo e produção insuficiente, as incertezas da balança de pagamentos, a baixa produtividade; a concentração dos rendimentos e a escassez no investimento e outras; e não me esqueceram, por isso, os problemas do acréscimo do produto (Continua na 2.ª pag.) »

ficiente, as incertezas da balança de pagamentos, a baixa produtividade; a concentração dos rendimentos e a escassez no investimento e outras; e não me esqueceram, por isso, os problemas do acréscimo do produto (Continua na 2.ª pag.)

Cartas para o Ministério

— Leia a partir do próximo número uma importante série de cartas a vários Ministros, a propósito dos grandes problemas nacionais da actualidade. A primeira carta abordará o problema — SAÚDE E ASSISTÊNCIA — e nela serão tocadas as mais importantes questões no Distrito de Évora.

Por alma de PIO XII celebraram-se solenes exéquias na BASÍLICA METROPOLITANA

Tiveram solene sobriedade as exéquias por alma de Pio XII realizadas na tarde de 2.ª feira, pretinha na Sé Catedral desta cidade.

Presidiu, em lugar de honra,

o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro Arcebispo da Diocese, ajudado pelos cônegos, drs. Jerónimo de Alcantara Guerreiro e João Luis de Carvalho. (Cont. na 2.ª pag.)

TEATRO - PROBLEMA NACIONAL

No despacho do Ministro da Presidência que recentemente homologou o parecer do Conselho de Teatro, disse-se a determinada altura devermos dar os nossos pontos de vista sobre a situação actual do teatro em Portugal.

to dos lugares e na falta de preferência do público pelo teatro.

« Ora é verdade, se bem que não sejam de desprezar, por considerarmos parte do todo que o teatro, a crise actual, não reside apenas nas condições físicas. Antis das temos um (Continua na 4.ª pag.) »

Que razões poderosas TERIAM MOTIVADO O DESPACHO OFICIAL que privou a CASA PIA DE ÉVORA de aceitar a doação de uma herdade? (Ver esclarecimento na pag. 4)

Esclarecimento

Informamos os interessados que toda a doutrina exposta nas colunas deste jornal bem como os artigos nele inseridos são de inteira responsabilidade da Direcção não tendo, portanto, como é lógico, a Tipografia Diana nada que ver com o assunto. Este jornal é um órgão como qualquer outro entidade. (Continua na 2.ª pag.)

A Corporação Distrital da P. S. P.

prestou homenagem ao seu comandante (Cap. JOVIANO RAMOS) que vai abandonar as suas funções

A Corporação Distrital da P. S. P. de Évora, prestou homenagem, na pretinha, quinta-feira, ao respectivo comandante, sr. capitão de cavalaria Joviano Ramos, que por motivo das exigências do seu curso militar, vai abandonar em breve as actuais funções, que desempenhou durante 6 anos, com o (Continua na 2.ª pag.)



Prémios Literários Alentejanos

O nosso suplemento literário com Quinze vai estabelecer, em colaboração com o Jornal de Évora, os Prémios Literários Alentejanos num grandioso empranhamento de carácter nacional a que poderão concorrer prosadores, poetas e ensaístas de todo o Império Português.

As bases do grande certame serão dentro em breve comunicadas à imprensa e publicar-se-á, então, o respectivo regulamento.

Este toralio literário destina-se, especialmente, a revelar os novos valores da Literatura Portuguesa.

Atenção, pois, aos nossos números futuros!

O V Centenário do Nascimento da Rainha D. LEONOR

Está elaborado o programa dos festejos comemorativos do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor, fundadora, em 1288, das Santas Casas da Misericórdia.

Dia 2 de Dezembro — Noe Jerónimo, bênção solene pelo Sr. Cardeal Patriarca, na presença dos congressistas portu-

gueses e brasileiros do Congresso das Misericórdias, da nova bandeira que vai ser elevada à de Deus e seculo solene de abertura do Congresso das Misericórdias.

Dia 4 de Dezembro — Sessão dos trabalhos do Congresso e vi-

(Continua na 2.ª pag.)

Os Bombeiros Voluntários DE ÉVORA

FESTEJARAM o seu aniversário

Com uma sessão solene e organizada do Corpo Activo e Direcção de Campes dos bombeiros Evorinos, no Cemitério de Bealândia, comemorou-se o passado Domingo o 70.º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Evorinos.

Presidiu à sessão, o presidente da Assembleia Geral, sr. Dr. João Xavier Carneiro Campos, tornando, também, lugar ao sr. (Continua na 2.ª pag.)

«Jornal de Évora»

n.º 45

DOMINGO 25 de Outubro de 1958

TRIBUNA ABERTA AOS INTERESSES ALENTEJANOS

Gazeta da Cidade

Capitão Joviano Ramos

Após cerca de 6 anos de apertado desempenho do seu cargo, deixa no próximo dia 29 do corrente as funções de Comandante da P. S. P. desta cidade e sr. capitão Joviano Almeida Ramos que vai fazer o seu curso no Instituto de Altos Estudos Militares para assumir as funções de capitão.

O capitão Joviano Ramos que foi um dos mais brilhantes capitães internacionais, saiu do cargo de comandante da P. S. P. depois ainda de legar de Director do Albergue Distrital, Comandante da Legião Portuguesa, da Defesa Civil do Território e Delegado dos Serviços de Comunicações e Imprensa.

Como comandante da P. S. P. actuou com rectidão e sentido sentido das realidades do seu pequeno lugar.

Foi entusiasta continuador das obras sociais do Albergue que se intellegendamente foram iniciadas pelo seu antecessor cap. Duarte da Silveira.

Foram sede de mais parte das suas actividades oficiais feitas nas suas melindrosas simples de Delegado da Guarda.

Em se muito embora algumas vezes se impõe o corte de artigos, é justo realçá-lo, que sempre

e fez com palavras de amigo, com uma justificação satisfatória, mesmo com a boa vontade de um conselho oportuno.

Se sempre em todos os lugares assim se comportou pouco-a-pouco a "também" vossa indagação da Câmara seria melhor aceita. Na verdade, os homens fazem as legiões. — As palavras do simpático com que este jornal sempre e capitão Joviano Ramos não são de qualquer modo afectadas pelas relações de amizade que pessoalmente e possam ligar aqueles que nesta casa trabalham.

Por amor da verdade e por justiça cumprimentos e luto oficial do crédito e quem desejamos em futuro brilhante que as suas qualidades técnicas tenham adiantado.

Alfredo H. da Silva
Móveis Alambajados
R. Serpa Pinto 43-45 EVORA

NA RUA DA REPÚBLICA...

A fachada posterior da Igreja de S. Francisco

Na Rua da República, em frente da chamada Estalagem do Cavalo, encontra-se uma parede que nos parece ser a parte traseira da Igreja de S. Francisco.

A referida parede está num tal estado de negligência e ruína, que dá pena ver.

Como até uma certa administração que se deixasse chegar e local adequado, porquanto foi ali colocada uma lanterna de iluminação pública — que por ali não tem um vidro partido e outro a menos metido para dentro —, o que nos obriga a concluir que se não descobrisse o lamentável estado de conservação em que a parede se encontra.

Como se sabe o transto por ali é enorme, tanto de habitantes como de forasteiros, e urge que as providências não tardem.

Será muito, pedir urgência para este assunto?

Quando teremos uma estrada em Évora?

Já não é a primeira vez que apresentamos o facto para o qual hoje pedimos, sejam tomadas as devidas providências, afim de que não seja possível voltar a repetir.

Quando deca a Rua da Rampa em direcção à estrada que conduza para o Bairro Chafariz El-Rei, logo à entrada do Rossio à esquerda, encontra um terreno que em tempos recuados, apenas servia para depósito de toda a espécie de lixo que ali eram despejados sem respeito algum pela higiene e limpeza.

Depois o local foi limpo, as ervas cortadas, e apresentava, então, um aspecto, que ainda não era dos piores.

Porém, agora, voltamos a ver o referido lugar coberto, em parte por vários montes de lixo, sobras, estercos, etc., que ali ficam a arder, libertando uma fumaça que além de tóxica, dá uma péssima impressão a quem lá passa, e, mais, que o trânsito por ali, ainda é muito travado.

Lá mais abaixo, há mesmo estrada — junto ao muro do Quartel de Infantaria 18, e em frente dos pátes da Escola que ali funcionam —, existe também um montão de estercos que convém retirar dali, e ainda rapidamente possível.

Não será viável, por meio de uma vigilância mais atenta e cuidadosa, que tais áreas, de futuro, sejam visitadas?

Custano Pereira

Eng. Ayres de Almeida

Deu entrada num quarto particular do Hospital do Hospital da Misericórdia, o sr. eng. Ayres de Almeida, por virtude de se terem agravado os seus padecimentos que resultam de um lamentável acidente, ocorrido há duas semanas no Campo Estrêla quando procedia à orientação da montagem dos mastros para as bandeiras.

Fuizemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Marcial Martins
Móveis em todos os estilos e grande sortido de móveis e cavales.
R. Serpa Pinto, 47
Telf. 22692
EVORA

Doente

Encontra-se em franco restabelecimento, tendo já recolhido à sua residência, o sr. António Joaquim Candeias, funcionário da Junta Autónoma de Estradas, que há dias foi submetido a melindrosa operação no Hospital da Misericórdia desta cidade.

Um Conselho

Não manda fazer os seus óculos sem primeiro verificar os preços e o completo sortido dos mais recentes modelos de óculos que lhe ofereça da Secção da Óptica da HAVANZA EBORENSE

Custano Pereira

«SANITARTE»
de
José Pedro Policarpo
Louças Sanitárias
Assiões
Mecânicos
Acessórios para canalizações
Tubos
Col hidrâulicos
Grês
Outros materiais de construção
Rua Serpa Pinto, 23 - 28-A
EVORA

Entre nós, mulheres...

A «RAPARIGUINHA» DE BALMAIN

transformou-se na «linda senhora de França»

Lisboa — (Por Nêruda Gil Faria, redactora da Anil) — A moda da cintura apertada e bolero — que dá à mulher um aranhão de colégio! — foi apresentada nas colecções de há seis meses, por Balmain que lhe deu o nome de «Rapariguinha». Os outros costureiros gostaram e, nas últimas passagens de modas, quase todos eles apresentaram, com variações, ou menores variantes essa silhueta como motivo principal. Balmain, em compensação, fez crescer a rapariguinha e transformou-a. Embora não desgrace a cintura ali do estilo «Império» sobretudo nos vestidos de noite, a «Linda Senhora de França», com as suas mais compridas — cinco centímetros abaixo do joelho — e os casacos de estalares, quase tocando as ancas, já não é mais do que a rapariguinha crescida e transformada afinal, numa bonita mulher.

Para as horas práticas de dia, o artista apresenta estilizados e com guias importantes e uma deliciosa conjunção com as de cá e ali, blusa de chiffon na cor da pele e uma remessa ou gola mais capa que, arredondando os ombros, vai acabar já sobre a saia. Os tecidos preferidos para estas conjunções são as lãs macias e as «twedes». As cores predominantes são o verde-garrafa, o verde-azulado, o castor, o azul tinto e o violeta.

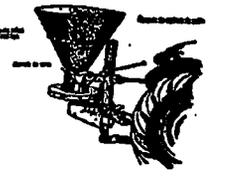
Os casacos práticos também ostentam guias valorizadas e jogam na linha de cintura por meio da colocação dos botões. Em muitos deles os cortes são trabalhados da forma que o modelo, com o simples tirar de um cintão ou o auxílio de um botão, se possa transformar numa casaca para as horas elegantes. As golas muitas vezes são de pele e bastante fartas. As cores são um pouco mais vivas do que as que se vêem nos chiffons, cores que vão mesmo até o encarnado e o azul pavão. Embora calzem no direito os casacos possuem bastante amplitude e as calças das mangas são enormes, para que os modelos se possam usar sobre os saia-campo.

Para as sete horas da tarde Balmain preferiu o negro. E em negro apresenta uma famosa concepção de vestidos com estalares a que os grandes laços de setim, os drapados ou as pregueiras dão uma deliciosa feminilidade. O vestido, o chiffon, e setim, e

(Continua na 6.ª pag.)

Automoveis
FIAT
Concessionário oficial no distrito de Évora
Manuel J. Santos Chagas
Telf. 22121 Telf. 22289

HONÓRIO AUGUSTO DA COSTA
MODAS E CONFECÇÕES
«Centro Comercial»
Praça da Cidade, 22-24
Telf. 22978 - EVORA

EXPERIMENTE UM ESPALHADOR J.E.C.

Espalhadores de Adubos
De fabrico ligto, que se adapte a todos os tractores
DISTRIBUIDORES
Agência Comercial, Lda.
EVORA LISBOA

DAVID BROWN
O tractor de rodas de maior produtividade.
Potência de 16 a 50 HP
AGÊNCIAS
AGÊNCIA COMERCIAL, LDA.
EVORA

Formações de Serviço

Domingos Grande e Central, Artilharia Oliveira e Misericórdia, Artilharia Figueira e Diana, 6.ª Misericórdia e Comandante, 6.ª Misericórdia e Oliveira, 6.ª Misericórdia e Figueira, Sábado, Diana e Resposta.

As formações indicadas em primeiro lugar estão de serviço permanente; as restantes, até dia 11 de 14 horas.

MANUAIS ELECTRICAS
Demonstrações no FIEL de EVORA
Rua Roma, 1
Telf. 22114
Com facilidades de pagamento

ORION
A máquina de costura que dá ao seu trabalho o carácter de um verdadeiro profissional.
Anúncio em todo o País pela organização HOSVARRNA

SOCIEDADE LISO-SUECA
20M 2404 (A LINDA) A.M. ALX. MICHOLAND
C. AVENIDA 145-146-147-148-149-150-151-152

Auto Império
de António Ribeiro Pires
Motores e acessórios para automóveis
Rua Serpa Pinto, 118
Telefone 22898 EVORA

Foi transferida para amanhã, a sessão camarária
Por motivos imprevistos e que desconhecemos realizou-se amanhã pelas 21 horas, o reunião camarária que estava marcada, como habitualmente, para sexta-feira próxima.

“OLÁ AMIGO”
Recebemos o Boletim de informação, doutrina e cultura, que a Delegação Provincial do Alto Alentejo, da Mocidade Portuguesa edita. Este número, 11, de Outubro, inclui numerosa colaboração doutrinária e cultural, além de larga informação das actividades patrióticas da Organização.
Sabia que...
Em Miami Beach foi encontrada, no depósito de moedas de uma cabine telefónica, uma velha moeda romana, datada de há 1.608 anos!

Herniados
«Herniados» é a única coisa que contém realmente todos os elementos «Herniados» é garantida, pelo Instituto Herniados Português. Largo do Mestre, 29 Lisboa — Telefone 2826
SURDOS
Novos modelos de aparelho novos modelos de óculos para ouvir ouvidos presos ou alças de todos. Na festa dos vinhos inventores consultem o INVENTOR HERNIADOS PORTUGUES
Largo do Mestre, 29 — Lisboa

TEATRO

- PROBLEMA NACIONAL

(Continuação de 1.º pag.)
 ponto base, que se traduz numa pergunta:
 — Correspondem os espectáculos teatrais, aqueles que o público ansia ver? O teatro que se leva à cena tem o merecimento necessário para levar o público até ao espectáculo?
 Estes são os problemas que existem sempre públicos — independentemente do custo do espectáculo — quando se lhe oferece bom teatro. Por bom teatro entendemos peças sérias de verdadeiro interesse, que nos seja eternos através de uma companhia ou de um grupo artístico de cidadãos de desenvolvimento e com uma encenação que não atropale a realidade da vida.
 Ora, até agora, tem existido uma série de limitações técnicas e de actividades técnicas que têm em muitos casos impedido os bons espectáculos.

É este o caso e daí parte o problema. Se não há um público interessado nos espectáculos teatrais — do que, naturalmente, duvidamos — é porque não é permitido ao público assistir a espectáculos dignos.
 Essa liberdade de expressão não há possibilidade de ser público, de se verem os espectáculos, não de substituir a assistência ao teatro de qualidade.
 Um teatro de teatro, por si só, não resolve a crise. O teatro de teatro só pode ser considerado um espectáculo, tal como os outros, tal como os outros, tal como os outros.
 Quando se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro.
 Quando se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro.
 Quando se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro, não se trata de teatro.

E A OBRA DO LARGO DE S. VICENTE?

Continua paralisada a obra do Largo de S. Vicente, coração da cidade.
 Sabemos que as diligências para resolver o problema são morosas, devido a estarem em jogo alguns milhares de contos, segundo estimativa há tempo tomada pública.
 Todavia, esse mal estávamos a ver resolvido, pois aquela arcaria, já de si aberta, ficou agora, por via das águas da obra, mais aberta, obrigando a fazer, e em grande medida, contra as paredes sempre que há trânsito de automóveis.
 Esta, porém, é apenas uma das faces do problema, importante, sem dúvida, mas a outra, contudo, é que se refere à existência de um terreno muito por muito tempo, numa zona concorridíssima da cidade, não se pode justificar.
 Por isso, tomamos a liberdade de engaritar as entidades competentes, em nome mais do rápido na resolução do caso, atendendo aos inconvenientes apontados.

BOATOS...

Disse que Gimado, novo recruta do Lusitano de Évora, não tem afeição a categoria que se supunha, e não justifica a fama que se precedia.
 Será verdade?
 Nós recordamo-nos de que Buben também não agradou a uma grande parte do público que o viu jogar pela primeira vez, e no entanto, ele fez uma das melhores jogadas de futebol que passou por Évora.
 Que a nossa cidade possua alguns conjuntos musicais de baile, de categoria, além do excelente orquestra de variedades da FNAT, não restam dúvidas a ninguém.
 Que possua também um lote capelinhas, de artistas amadoras, é outra verdade.
 E que faz muita falta um posto ensaio da Emisora Nacional que lançaria, evidentemente todo este quadro musical de Évora, é o que por si se diz... e nós fazemos coro...
 E de nas escavações a que se procede no Largo Alexandre Heráclito, fosse encontrada a tal caveira de burro que impede o desenvolvimento da cidade — segundo diz a lenda —, Evora passaria a ser mais protegida da sorte... já sabemos dizer.
 Finalmente, se ainda fosse, brigamos a certos de que, entre outras coisas, poderíamos contar com a Catedral plácida, assim como água como com farinha no próximo Verbo mesmo que estivesse muito tempo sem chover...

CAETANO FERREIRA

NOTÍCIAS

— DE —

Monte do Trigo

Esta antiga povoação à beira da estrada Évora - Beja, tem muitas e legítimas aspirações.
 Não tem escolas, não tem hospital, não tem posto de saúde.
 Os professores não têm remuneração apropriada pelo que não dispõem a retirar todos os dias.
 Não tem Casa do Povo, apesar de existirem ali quase 3.000 almas e a maioria que se encontra em dificuldade em entrar no Hospital mais próximo.
 Além disso, não existem nem, nem calçadas.
 Com os recursos e colaboração dos diversos, nada se pode fazer, é isto a que Monte Trigo espera ansiosamente.

Santos Metreiros
PHILIPS - TELEVISÃO
RADIO
 R. J. E. Garcia, 18 e 18
 Telef. 23372 EVORA

Que razões poderosas TERIAM MOTIVADO O DESPACHO OFICIAL que privou a CASA PIA DE ÉVORA de aceitar a doação de uma herdade?

Na nossa última número publicámos um artigo de 1.º página sob o título "em apuro", sobre o assunto, tal como o assunto de intervenção, tal como o assunto de intervenção, tal como o assunto de intervenção.
 Todavia, achámos muito interessante chamar a atenção das entidades locais, pois, posto o artigo num jornal de tão grande circulação como o "Diário Ilustrado", facilmente se formaram duas opiniões. E' ora isso, que, antes de tudo, se tornava necessário esclarecer.
 Ninguma, concertada, pode privar a Casa Pia de um legado útil seja mesmo desperdiçado por uma instituição tão alta de recursos como é a Casa Pia.
 As razões que impuseram tal decisão seriam suficientes de peso, não, nem por isso, deixam de ser urgentes e indispensáveis que quem de

diram o assunto ao público, como se esperava e solícito e não em outro o fim do nosso artigo do último número.

É isso o que se espera e solícito e não em outro o fim do nosso artigo do último número.



Instituto de Beleza Diana

"HAUTE COIFFURE"

Comunica que brevemente tem ao dispor das suas Ex.ªs Clientes apartamentos independentes para todos os serviços, colaborando o afamado Cabeleireiro "Macedo" e Ermelinda, Costeira Depiladora.

Noticias do Alandroal

Estrada Municipal Benetel - Alandroal
 Referimo-nos há tempos, neste jornal, ao estado lamentável em que se encontra a estrada que liga a freguesia e progressiva aldeia de Benetel, concelho de Vila Viçosa a esta vila. Há dias, em perigo de partir se osa com as senhoras Dona Elvira, arrastando-nos naquela travessa de 8 quilómetros por cima dos milhares de estufas de fogos que enchemiam aquele percurso e também com

prazer que a Câmara de Vila Viçosa já iniciou os obras de reparação desta via.
 Accidentes porém que até parte da estrada, dois ou três quilómetros, se tanto, se encontra em pé para lutar. Será que a Câmara de Vila Viçosa não pode reparar toda a parte da estrada que se encontra no seu concelho?
 Estes casos certos que são difíceis de esquecerem-se, mas que a Câmara a não fazer a reparação total.
 Porque se trata de uma via que, embora muito utilizada pelos habitantes de Benetel, mais serve a Alandroal, desde pelo menos ao Senhor Presidente do Município de Vila Viçosa que, embora com sacrifício não deixa de fazer a reparação que se tempe. O Alandroal, felizmente, muito reconhecido.

Instituto de Beleza Diana
DIANA
 Depilação eléctrica sem dor - Não deixa cicatrizes

Parada Agrícola Massey - Ferguson
 Realizou-se no prédio da 21 nos terrenos de Pinheiro, gentilmente cedidos pelo senhor Cândido Vilhota, uma demonstração de tractores e material agrícola Massey-Ferguson de que são representantes as firmas Archimínio Castro, Lda, e Fernandes dos Prazeres, desta cidade.
 Compararam no local centenas de lavadeiras que admiraram os magníficos trabalhos das máquinas que há é proporcionadas.

GRANDE DA LAVORA
 Vão muito adiantadas as obras para a construção da sede do Grémio da Lavora de Évora, que já se vê, o edifício de linhas modernas e elegantes que custou cerca de 500 contos, será mais uma bela construção com que é dotada esta vila e um grande benefício para o Grémio e seus associados.
 Para é que a Casa do Povo, segundo o exemplo do Grémio da Lavora, não procura também contribuir a sua sede pois não tem o entusiasmo de haver, em todo o distrito, Casa do Povo com plena instalação do que a nome.

Falhas de Aço Inoxidável, as melhores e mais baratas do mundo
A. Serrano
 R. João Deus, 11 - T. 22321
 EVORA

Hannel Lopes Espada
 Estruturas - Bêta - Repreções
 Representante do Bêta
 GRUPO - MULARI
 ENRUE e FVE
 L. Inf. de Santa, 11 - Tel. 21425
 EVORA

SAMARRAS CAPOTES PATO FRITO
CASA GODINHO
 Rua João de Deus, 14
 Telef. 23322 - EVORA

Laboratório Dentário
CONCERTOS RÁPIDOS
E PLACAS COMPLETAS
PREÇOS ACESSÍVEIS
 Rua d'Arta, 76 EVORA

NOVA FRUTARIA
 PRAÇA DE SERTÓRIO, 29
 TELEF. 23343
 ÉVORA

Escola de Condução AMARAL
 Pesados-Ligeiros-Motos
 Alcatrazes de Cima
 Tel. 23473 EVORA

Breve comentário

Antes de mais nada, convém salientar, que o XIII sio Internacional de Artes teve um grande mérito. O mérito de demonstrar que os povos e particularmente os europeus, não estão de todo alienados do problema artístico e se interessam profundamente quando algo de novo surge e faz vibrar e reagir. E preciso, de facto, que alguma coisa transcendia o habitual prosaico que costumam pôr-lhe à mesa, para despertar-lhe o apetite, e interessá-lo, porque isso colheita a sua sensibilidade.

Muito se tem escrito, ultimamente, à volta das actividades produzidas pelo XIII sio em referência a que nos dá alguma impressão e co-actua em face de uma realidade sempre grata para qualquer espírito que aceita o arte como fórmula subtil de elevar e humanizar. Mas escreveu-se muito, e falou-se mais. E demais, porque a questão, parece estar já ultrapassada os limites que deveriam cingir a polémica, afinal, a bem pouco, hoje, é a de saber, e o ponto de vista estético, até onde, a iniciativa do Grupo Pro-Evora, teria atingido o objectivo, a que se propõe. A polémica, está, pois, a ultrapassar a verdade que quis esclarecer, decidindo para um plano que não poderá agradar a grupos e indivíduos.

Não se trata, neste momento, de discutir os fundamentos da Arte Moderna, através de meras opiniões pessoais, ou de atribuir-lhe a culpa de todos os males insistentes. Deverá tratar-se de opiniões cordatas, sem acedias, ou incorrecções decoradas de um acontecimento local, que teria, ou não, correspondido a os objectivos propostos e estabelecidos.

Respondendo ao dr. Vergilio Ferreira, diz de sua justiça JOSE MANUEL QUEIMADO

... e que esse senhor, finalmente na sua arte subjectiva ou não quiseram ou não souberam correspondar à respectiva. O ditado é o grande cidadão de Evora para não valer. E porque? Porque sabe falar e imitar quanto possivelmente a realidade, não é para todos, só um aguçadíssimo como Alberto da Sousa e sabe dizer. E é aqui que o talento se revela; e a questão, apenas a arte de pintar se para a fúria e o pé da Natureza e a sua mais complexa do espírito.

Pinta os seus artistas internacionais e portugueses pintam, qualquer coisa e sabe fazer tão bem. Até eu, que não conheço a técnica da pintura, se desparar um balde cheio de tinta, sobre uma tela e com as mãos fazer as barras de várias cores e umas tantas linhas para a direita e para a esquerda, tenho um quadro autêntico, subjectivo

... o que se disse, escreveu, discutiu e pintou a propósito da Missão Internacional de Arte em Evora

A PRIMEIRA OPINIÃO, foi a do dr. MANUEL FRADINHO, que disse:

... Os artistas parecia que dispunham a contemplação dos modelos em que tinham vindo inspirar as suas criações... Apenas se vi com frequência... nos cafés...

Além de me intrigar, esta insólita forma de atrair a inspiração, evocou-me ainda mais o desejo de admirar as obras-primitivas de tão vastas observações.

A exposição desenvolveu-me o mistério: Os artistas, se bem que chamados a interpretar modelos concretizados na forma e na cor, de uma cidade e de uma região de características visuais abstractas distintas... produziram abstrações de forma e de cor, que, na verdade, tanto lhes podia ter sugerido o Templo de Diana como a mesa do café, o colorido de um sobrado como uma peça de mais berrante ch-

... E NO JORNAL 'A DEFESA' Carlos Maia escreve:

... Aquilo que lá está no mundo, chareira é tudo quanto quiseram mas o que é, antes de mais nada, é a negação pura e simples dos conceitos universais da Arte, com malícia. Aquilo a que vem, nem é arte propriamente dita. Falta-lhe as qualidades essenciais para ser arte.

A certo que há lá trabalhos dignos de artistas de qualidade. Recordo-me os ou dois. E pouco entre tantos, mas o que não há mais.

Não há maneira de perceber o que querem estes artistas com este sistema de pretender fazer arte.

... a cidade e o termo de Evora como a Patagónia ou um carraça etc... Compreende-se a arte abstracta para traduzir sentimentos ou concepções abstractas também... Mas que esteja um mês a es-

O DR. VERGILIO FERREIRA achou por bem responder, afirmando:

... Mas saberei os outros senhores que em certos artistas modernos (que eles repudiam) se encontra por vezes a pretensão de admitir a Natureza? Dir-se-á porém: se a arte nunca cedeu verdadeiramente a realidade, não agota a mesma arte se parece menos com a mesma realidade sim. Mas esse é outro problema... O que aconteceu foi que se agora se levou as últimas con-

... Eu compreendo, estes homens, os que pintam e os que se levam a pintar, intrinsecamente dentro de uma câmara de uma vez, fecharam os olhos para não verem o que está à trás e à frente de de-clarar a pintar à cega, sem norma e sem direcção, e o passado sem estes quadros resuados no tempo, para lá das primeiras manifestações de arte pictórica nas cavernas. Não há um corpo de ideias válidas que possa justificar esta aberração da arte de certos pseudocriticos.

A abstracção e o subjectivismo são ideias fechadas que limitam a visão e a arte é para ser vista e sentida.

São trabalhos feitos sem sentido, sem aquela gravidade e concentração que se exige para qualquer coisa humana que pretenda ficar. Tudo é feito com um pé no café e outro no restaurante. Nas horas vagas pintaram umas abstrações modernas, disseram-se pintores modernos e ficaram.

Um novo personagem aparece na controvérsia: BASEG

... Ora prezados leitores, francamente vou dizer que o que vimos na tão discutida exposição de pintura, deixou insensível as cordas da nossa sensibilidade artística. Porque não havia lá arte? Não o afirmamos categoricamente. Porque não percebemos aquela espécie de arte? Talvez um pouco. Mas uma coisa sei afirmar-me inteiramente: aquela exposição, que tantas ganancias e preocupações causou nos directores do Grupo Pro-Evora, não identifica a nossa região e nada, absolutamente nada, nos dá de uma verdadeira cidade, que tanto motivo

... e seu termo, no delirado e encomendado propósito de transmitir à tela o seu aspecto típico e o cunho regional dos seus costumes, para pintar coisas que nada sugerem dessa cidade e dessas costumes... não é apenas incompetente: — É revoltante!

... sequências a propósito (de todos os artistas que admitiram) de afirmarem a sua personalidade em face do objectivo, de afirmarem a sua interpretação. Os senhores localistas estão a repetir o erro crasso dos neoclassicistas do renascimento quando interpretavam a arte medieval com arte local. Sabemos todos não é assim? A distinção da arte crítica prova o desdém de uma associação de espólio (bárbaro) e arte que se espantam tanto hoje o nome.

Porque... os bruta é isso mesmo: que o artista lhes não obedece não fazem não a arte que eles julgam que já sabem por ter sido dirigida pelas abstrações gregas. Porque não discutem estes senhores de preferência a Teoria da Relatividade? Ou julgam porventura que entendem mais de arte do que das teorias de Einstein? E depois sim acedem ou rejeitam, mas conscientemente. A pura troca de conveniências que têm o mesmo nível cultural desses que trocam.

A arte de hoje é indistinctiva à única objecção válida que se lhe pode opor, é a invenção de uma outra arte. Mas enquanto não surgem os génios que o corrigimos podemos não fazer estupidamente?

in «A Democracia do Sul»

DORDIO, pintor figurativo, DEFENDE A ARTE ABSTRACTA

... Eu vi também a exposição da Missão Internacional de Arte também vi. Eu também sou europeu (se por europeu se entender nascido em Evora). Mas esta nota, não terá nem a intenção de protestar uma fraude artística, que não senti quando lá fui, nem de fazer da Arte uma bandeira emblemática barbaista que vgo esqueça as armas da cidade.

Pareceu-me da história do atual vai eu, em que todos somos conscientes espectadores, e uma contradição a tudo o que não se via como não se, contudo, não pouca de atenção bastava para pais-de-família para terem podido a tempo corrigir o caminho de uma linha trágica, triste pontuação de ardores-cruas. Talvez não, não o artigo de Vergilio Ferreira (que a uma parentia suspeito e a outros, por desconhecimento da língua pátria e da matéria variada, denotado obscuro), não seja, dita eu, mas aquela entrevista humilde com o pintor Dordio Gomes, no número da Defesa de 12. Nessa página (em que a vitalidade hostil do pseudónimo MALA era suficiente para por um problema de escolha a quem não tivesse escolhido), se encontra a chave para as portas que os localistas (e aqui se diz que hostilistas não significam senão, mas o que consiste um erro de deturpação local) insistem em pôr de lado, girando lá de dentro, depois e a vontade, da tal polémica dos ardores-mudos-desconhecidos.

Dessa no depoimento de Mestre Dordio (e em extenso e extenuante): «Arte abstracta... e arte abstracta é o resultado da época e da evolução do gosto

in «A Democracia do Sul»

O pintor DORDIO GOMES declarou...

... Sim, por meu mal já não poderei escrever amanhã, mas detenho manifestar ao menos toda a minha simpatia por esse impulso dominador e ardente da juventude que pretende acompanhar o ritmo alentejano da vida moderna nos seus aspectos de renovação e do gosto actual.

... Oit... A arte abstracta... e arte abstracta é o resultado da época e da evolução do gosto e a necessidade inevitável que sente todo o artista sensível quando de procurar novas formas e novas concepções que o libertem do pesadelo das convenções, a opção servil e a míopia parecida, que não podem alimentar a imaginação, e cujo seu significado ou mistério, já nada nos comunicando hoje, sendo tido ou amargura pela repetição.

O Artista Moderno, seja abstracto, ou figurativo, só procura e se interessa por um certo sentido vivo e imprevisível que não pode explicar-se por palavras, mas nunca deixa indiferente uma alma inteligente e aberta e uma visão educada, seja ela de um profissional ou não, sabido como é que qualquer pode ser artista mesmo sem o saber, e possuir aquela dom magnético da expressão, que nos faz par colerados diante do qualquer obra de arte e nela ficarem todos os nossos sentidos presos irresistivelmente. Sabe um que consiste o equívoco, e desentendimento? em só se pretender saber o que a pintura representa; enquanto ao no prestigio do tema reside o interesse da mesma, se artista entender abstrahido de todo o significado descritivo só lhe interessa a pintura.

15-10-988 — in «A Defesa»

... e a necessidade inevitável que sente todo o artista sensível quando de procurar novas formas e novas concepções que o libertem do pesadelo das convenções, a opção servil (em ládico senhores, reparem!) e o mistério parecido (volvam a reparar, se fazem favor!), que não podem alimentar a imaginação, e cujo seu significado ou mistério, já nada nos comunicando hoje, sendo tido ou amargura pela repetição.

Será preciso explicar esta paráfrase? Julgo que não, porque a pesar de todas as aparências, ainda algum em Evora (e nos arredores, claro, no entanto natural) tem para si e que não compreende e debar e bon vontade de quem lho explica o que não poderá entender. Mas se o pedido de explicação for-se a com alguma e não pela ausência da ignorância como um direito de investigação. E que em Arte, como nos dados circunstanciais da vida, não há responsabilidade alheia, pois que não sabemos. Há entre uma culpa futura quando procuramos não ver, e insistimos a desvirtuamos. Porque a ignorância não se diz, corrige-se. E ninguém poderá explicar nada a quem não tiver compreendido por outro lógica, e do pensar, uma forma escrever aqui, contra a minha vontade de ficar em casa. E que não é lógico que se trata do contrário de uma verdade que já está exposta. E só ter o artigo do Dordio Gomes. Ele confessou (é uma simples reparação, não é uma blague publicitária) a sua impossibilidade de explicar senão. Porque não o acreditamos?

ALVARO LAPA

... novamente O DR. MANUEL FRADINHO

... Essas que supõem que a arte moderna é a invenção de uma arte, como parenteticamente sublinham, talvez fiquem um pouco perturbadas quando lhes disserem que a tua da psiquiatria actual os demencia de casa inventa, que todavia não de todo o que mais se ouve e mais exaltam como investigável pela análise cravada mental dos restantes, não considerações fúnebres de regresso a estados pré-lógicos do raciocínio humano, como se observam na criança... em certas doenças mentais.

mas agora apelando a arte moderna...

... Tem a arte moderna feitas assestadas? Bem ditas senhores! Há, por exemplo, nos abstractos, expressões manifestações estéticas que poderiam agradar, pela composição e pela cor uma mais exigentes apreciadores de todas as épocas.

in «A Defesa»

O PLANO DE FOMENTO ESTÁ A SER DISCUTIDO NA ASSEMBLEIA NACIONAL

nacional e o alto coeficiente marginal da relação capital-produção, ficando em risco, tendo em conta a observação dos últimos anos. Não é, aliás, aliadamente que essa relação possa ser reduzida com facilidade, porque conhaço os atrasos e as ineficiências de muitos dos nossos instrumentos produtivos e um pouco da mentalidade que a eles se realça. Mas afirmar-se-á indispensável fazer um esforço muito grande no sentido de reduzir o coeficiente marginal da modo a aumentar rapidamente o produto bruto e líquidos.

O PROBLEMA DA REGA ESTÁ INTENAMENTE LIGADO AO DAS INDUSTRIAS

Acresce ao problema da rega, o sr. eng. Araújo Correia, disse que poucos problemas têm sido tão largamente debatidos, provocando discussão por vezes apaixonada, e afirmou:

«Temos, ao Norte do Tejo, com excepção de pequenas manchas uma população agrícola que sabe regar. No Alentejo, também com algumas excepções, não tem o contrário; forças anónimas e camponeses e habitantes para a cultura sem água. Outro aspecto é o do clima e o da própria estrutura dos terrenos que

(Continuação da 1.ª pág.)

podem ser submetidos ao regadio. Mas adiante, o orador disse ainda, sobre o problema da rega:

«Há poréns certas condições para que desejo chamar a atenção do Governo. A primeira é a necessidade de simultaneamente com a construção das obras — batagem canais e outras — se proceder aos trabalhos de adaptação dos terrenos a regar; e segunda, a respeito da cultura e dos produtos e seus reflexos em outras regiões do País; e terceira refere-se à própria estrutura fundiária da propriedade que necessita de ser corrigida, tendo em conta os camponeses e a sua situação das obras nos termos já expostos em parâmetros nas parcerias das terras; e, finalmente, a quarta remete para uma acção educativa junto dos futuros proprietários e trabalhadores. Não é fácil esta última condição, mas é fundamental porque a obra de rega representa uma tarefa que depende essencialmente dos seus executantes. Os exemplos do Estado e da República da Índia devem estar na mente dos orientadores das novas obras».

OPORTUNIDADE QUE SURGE

Com o festival realizado na Praça de Touros, no passado domingo — a que fazíamos referência no nosso local — terminou a época laureológica nesta cidade.

Surgiu, assim, o habitual interregno — que dura, geralmente alguns meses.

Berço de grande conveniência, pois, que se aproveitasse esta oportunidade, para se atenderem às muitas prementes necessidades que se observam, desde há muito tempo, naquela praça.

Compreendemos por citar — para não repetir o que repetimos há muitas vezes — a necessidade de que se realizasse uma análise da situação da praça e da sua sombra — o que nos parece não ser muito dependente — melhoramento que eliminaria os dissabores e as contradições que costumam verificar-se sempre que se realizam espectáculos sobretudo os que têm regular assistência de público.

Nomeadamente, a seguir, a falta de higiene e asseio que se notam nas instalações sanitárias, com os seus efeitos, parecendo-nos não

serem de muita monta, igualmente, as obras precisas.

Referiremos, também, a conveniência que há em dividir o terreno em melhores, dando-lhe, assim, algumas condições para o espectador entrar e sair da praça, sem os atropelos e apertos costumeiros, o que sempre se beneficiam não muito certo.

Referiremos ainda, a urgente necessidade de reparação que se verifica nas galerias e camarotes, cujos melhoramentos estão em péssimas condições, com os inerentes inconvenientes e até perigos.

E finalmente, terminaremos por aludir — para não abordar o que julgamos mais importante, repetimos — às precárias e anti-higiénicas condições que se verificam nos bufetes.

Resistimo-nos de fazer que a oportunidade que agora se constata, seja aproveitada para se executar, sem, contudo, alguns dos mais urgentes melhoramentos que a Praça de Touros desta cidade reclama.

Aguardamos a nova época tauromáquica — se ainda existir praça...

Tauromaquia

(Continuação da 2.ª pág.)

bons preparações, torcendo o touro com a garupa do cavaleiro. Uma bela tarde para o cavaleiro David Ribeiro, pena foi que o touro se apagasse, não permitindo para o final o mesmo brilho.

Alberto Fonseca ao tentar pagar de caras foi derrotado largando na enfermaria com fractura da clavícula, depois, foi também maltratado Arnau, sendo o touro por ser pegado por Ganeiro, valentemente. No final volta do cavaleiro e fureza.

José Nando touros brilhantemente e touro da Manuel Vinhas Irmãos, cravando no seu estilo, compridos e curtos de grande classe, o curto com que fez o fecho foi formidável, pela forma impecável como preparou a sorte, e cravo, entrando recto pela cara do touro, e cruzando-se para cravar em todo o alto e ao seu estilo.

António Belo fez uma rica pega de caras, aguentando alguns derrotos. Volta do cavaleiro e fureza, com matos aos médicos.

Outro de Grave saiu para José Simões, também era difícil adaptando-se numa barbaçada no terreno de bondadíssima. Manuel Badajoz com bastante dignidade cravou dois para José Simões com a moleta, esteve varado e artista succedendo a melhor fama de tarde.

Touros por alto, muito tranquilos, suavemente com a direita, e por natural, o público pediu moletas e José Simões continuou a cravar, alternando com mão. No final, volta e saída aos médicos recebendo cores.

Na breja bem, António Correia

Guilherme Pereira, os Irmãos Beldos, Manuel dos Santos, Vinhas, Natunudo e Batacum.

A noite, realizou-se um jantar americano, em honra dos artistas que descepcionadamente tomaram parte no festival.

José Manuel Nitre

Barivesaria R. Mendes
Ouro, jóias, pratas, relógios
Rua da Comedoura, 8
ÉVORA Telef. 23238

Ensaio realizado pela Brigada Técnica da XII Região, nos postos experimentais de Évora e de Alandroal

Na coluna do n.º 42 deste jornal, de 5 do corrente, apresentámos alguns dos ensaios levados a efeito no ano de 1957-58 pela Brigada Técnica da XII Região, nos seus Postos Experimentais de Évora e Alandroal, por considerarmos assunto de bastante interesse para o leitor interessado.

A falta de espaço com que normalmente lutamos, inibiu-nos porém de relatar os resultados propriamente ditos de cada ensaio, por exigirmos uma apresentação minuciosa e extensa.

Esclarecamos, todavia, os nossos leitores, que aquela Brigada Técnica fornecerá todos os elementos respeitantes aos resultados desses ensaios às pessoas que, porventura, estejam interessadas no assunto e que para o efeito, se lhe dirijam.

Finalmente, o Mercado!!!

Realizou-se nos Paços do Concelho, o concurso público, com o base de 993.186\$00 para a construção do Mercado Municipal, valha a expressão que está em vias de ser concretizada.

É claro... o acontecimento passa-se na realidade e progressiva vida da Nazaré.

O CASO CHICO ENJEITADO

na «Moidade Eboresca»

Sobta à cena nos paratérios dias 23 e 24, nesta simpática colectividade eboresca, de tradições teatrais muito reconhecidas, o notável original do Alcaide de Romão, «O Caso do Chico Enjeitado».

Por muitas razões a nossa vontade, não nos é possível publicar hoje os comentários que o interessante espectáculo mereça, o que faremos no próximo número.

Stores Metálicos
para os armários dos vossos estabelecimentos e para os vossos escritórios
96 IDEAL

Agente em EVORA a «oficina de EDMUNDO DOS SANTOS» Trav. de Ana de Silva

ENERGIA OABA É UM LIÇO QUE NEM AS NAÇÕES FRANCAAMENTE EVOLUIDAS E RICAS PODEM SUPOSTAR

Falando, seguidamente, sobre a industrialização intensiva do País, o sr. eng. Araújo Correia declarou que o nível de vida não poderá subir apreciavelmente sem melhor aproveitamento na indústria e nos serviços dos recursos materiais e humanos que possuamos. Deste modo de pensar resultam longas páginas sobre este grande

(Continua na 7.ª pág.)

T. S. F. REPARAÇÕES
Orçamentos grátis
Reparamos aparelhos de telefonia de qualquer marca
T. de Gyves, 15 EVORA

Eng. Alfaro de Almeida
Encontra-se de láta, por fabricamento de seu estremo, pai, facto há dias ocorrido em Évora, o sr. eng. Alfaro de Almeida, ex-abeleto funcionário superior dos serviços médicos da Câmara Municipal de Évora.

Em casa para a ficar
Ocup os ratos dos jogos
Quem me quiser initar
Compre um rádio no Metrógos
10- LUÍZ MONGINHO

Premiada com 100800 no último concurso de quadras publicitárias da FIRMA
SANTOS METROGOS, LDA

Cadernos de divulgação LUSO-BRASILEIRA

Acabamos de receber o n.º 12 dos Cadernos de Divulgação Luso-Brasileira, escritos pelo dr. Victor Santos, o qual trata de «Espiritualização do amor na Ilha do Camões» — apontamentos de uma palestra realizada no Salão Nobre do Ateneu Comercial de Lisboa).

Fundamentado e natural estado que nos apresenta, e nos actos seguintes:

«Estudar a literatura e a mu-

Poema

Sete dias levei para atingir o rumo completo das meus passos... Na noite estava o erro e não em mim, e assim a escuridão desfez-se e vi ante o meu corpo aberto em mil pedaços.

Bate dias levei para atingir o conclusão heróica do meu ser... Na razão que me gerou estava o erro, e assim o vento cortou veio-me abrir na noite sem limites de me ver.

Bate dias levei para atingir a benção sobre a minha carne má... Na terra estava o erro e não em mim e assim a escuridão virgem pela luz. Então o mar curvou-me e revelou-se, ficando em cada onda a minha vida. Troquei por sete dias sem sentido o preço de uma louca eternidade...

Inês de Barahona

Armando Silva
Electricista mecânico
R. do Eborim, 5-B
Telef. 22915 EVORA

Casa Infante
Bachatas - Modas Novidades
exclusividade das modas
FRANKSIRE
a moda que justifica a sua preferência
ÉVORA Telef. 22915

CASA PITA
MODAS E NOVIDADES
R. de Girdes, 1 - Telef. 22923
ÉVORA

Ferros Forjados SALDAM-SE
Chapelinhos e bengalinos, conj. — 150\$00
Lanternas — 45\$00
na MOBILOUÇAS LDA.

Optica
Nazaré e Filho Lda.
Rua 5 de Outubro 25 — Évora
Telef. 22221

Centro Comercial
Honório Augusto da Costa
Modas - Confecções - Franquias - Retroceira - Sempe Novidades
Quilza V. de. - Originais A nossa casa e pedir mostras.
P. Giraldo, 22 - 64 - EVORA

Até Quando Esta Loucura? Do que já é tempo de se saber

João Leitão da Silva

I

Os homens, na sua enorme maioria, na sua quase totalidade, não são ainda suficientemente esclarecidos para sabermos compreender, apreciar e poupar a vida.

Não a apreciam nem a poupam. Não a sabem viver. Infelizmente nem sequer a sabem compreender.

Não a vivem plenamente. Não a vivem com verdade, beleza e dignidade. Não a vivem como devem, em paz interior e exterior.

Superficializam-se e consomem-se em dispersão e frenesim. Não têm, por ocupação do espírito, algo de superior.

Quêdo de entendimento, entendem que viver bem é ter vida pacífica e dissipadora, saboreando os seus vícios. Só anseiam pelo vibrar dos sentidos — mais nada.

Em seu negrume espiritual supõem que a vida lhes foi dada para não trabalharem, gastarem a vontade e gozarem sem discernir, o capricho e ao sabor da carne.

A estas três falsidades se resume a sua concepção de vida, o seu ideal.

Ora essa concepção está errada, esse ideal é falso. Isto, por demasiado baixo, representa um espesso negrume espiritual e nunca foi nem é nem será nem pode ser alto fim da vida, mas disto o mundo está cheio.

Querem viver bem e muito, porém, guiados por essa errada concepção e por esse falso ideal, afinal gastam e consomem-se, lutam e sofrem para viverem mal e pouco.

Trabalho, economia e humildade e não ociosidade, dantes do gozo e vaidade é que são os três fortísimos, verdadeiras pilares em que assenta a vida verdadeira.

A educação há-de dissipar, vencer esse negrume. Deixar, então, de ser infinito o número dos insensatos. Os homens, esclarecidos, compreenderão, enfim a Vida.

II

Levem vida ociosa, sensual, libertina, não edificantes, comendo, bebendo, refestelando-se em vícios e revoltos, levam vida desorientada, incerta, com luz de eternidade.

Deleitam-se, regalam-se nos excessos da carne. Não refreiam os instintos, os seus fogosos impulsos. Não os disciplinam nem afirmam, não os sublimam.

Anam a ociosidade e a dissipação. Não querem trabalhar nem poupar. Querem andar constantemente em prazeres carnaes.

Gastam loucamente dinheiro e energia em prejuizo da sua saúde física e espiritual — do corpo e da alma. Gastam e gastam-se abreviando e estragando a vida.

Preocupam-se e procuram excitações e tentações que só lhes fazem mal e ficam mal. Praticam desvarios que só os infelicitam e desorientam.

Não prolongam a vida — encurtam-na. Não vivem com temperança e fortaleza. Não morrem, matam-se com os seus excessos.

A vida é um cofre cheio de moedas de ouro. Se as gastassem com respeito durariam milísimas. Mas não desentendam enquanto não cruzarem o cofre.

Que dicas de loucos que atravessam para a rua moedas de ouro de milícias cheias? Nós, milísimos de nós, somos esses loucos. E tu?

Viver muito, se não falhar a luz do entendimento, torna possível alto refinamento espiritual baseado na experiência e na sabedoria — saber da experiência feita.

Todos os animais vivem, em regra, 4 a 6 vezes o tempo de que precisam para atingir a maturidade.

Porque há-de os homens ser menos beneficiados? Antes dos 30 anos não atingem a maturidade. Aos 75 anos deviam atingir a senilidade da vida. Homens, que sabem viver, podem viver 150 anos.

III

Urge se faça no mundo, uma grande, entusiástica, magna cruzada, de boa, de verdadeira educação. Mandemos essa senara livremente da multa erro russo.

Cruzada sob a égide de todos os Governos. E assente sobre sólidos alicerces, sobre rocha firme, para perdurar e resistir à insânia da fraqueza humana.

Cruzada cheia de fervor e até de devoção. Ensinar os homens, todos os homens, a compreender, apreciar e poupar a vida, é causa nobre, mesmo sagrada.

Cruzada que seja obrigação mundial, de todos os governantes e de todos os governados, e que não deixe a sua iniciativa e o seu desenvolvimento à vontade de cada.

A alma da enorme maioria dos homens é ainda terreno mininho — está por descobrir.

É isto que se sabe que a prosperidade, a honra, e a felicidade estão no trabalho, na economia e na humildade, não na ociosidade, ansia do gozo e vaidade.

Tanto que este mandamento de salvação certa tem custado a entrar no entendimento dos homens e tanto que tantos deles têm sofrido por não o terem seguido!

Iniciada a cruzada, radica transformação florirá no mundo, a educação é fermento precioso que permite fazer levantar um pó mais alto — o pó do espírito.

A educação tem de ser terra de largada para a acção humana, para a conquista da verdade e da felicidade pelos homens — ou não é, não será educação.

Urge que o por de uma formação técnica cada vez mais perfeita, haja, para honra e proveito de todos, uma formação espiritual também cada vez mais perfeita.

Haverá muito menos sofrimento e ignomínia. Há a educação, maltratada, sublimando a natureza humana, pode aperfeiçoar, melhorar, sublimar homens.

SEGURO POPULAR DE VIDA

50,00

POR MÊS QUANTO DE BASTA PARA ADQUIRIR UM

SEGURO POPULAR DE VIDA

DA COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

E A SUA VENCER SEM ASSIM MAIS TRANQUILA

O quanto

VIA SEM GARANÇAS DAS OBRIGAS

O SEGURO POPULAR DE VIDA

VIA SEM ASSIM TRANQUILA

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

AGENTES DISTRITAIS

Archimínio Caeiro, L. da

PRAÇA DO GIRALDO, 70 — TEL. 22101

Entre nós, mulheres...

(Continuação de 2.ª pag.)

«Jareny» de seda e até a orgânica, trabalhadas com aparente simplicidade, dão a elegância todo o charme da elegância. Para acompanhar estas vestidas, os casacos, na sua maioria, aparecem-nos a três-quartos e com a cintura alta, para camuflarem bem quando usados sobre vestidas de linha Império.

Os modelos de noite de coleção são ampuados e confeccionados em tons vibrantes, sempre juvenis. O violeta muito aberto, o azul pastel, o rosa pálido, o tom vivo e o verde são preferidos.

HA ainda modelos em preto ou em branco. As combinações de duas cores são empregadas muitas. As suas faixas são o violeta de Farnes com azul pastel; o rosa vivo com o amarelo esverdeado e azul pastel com o branco ou preto; e o rosa pálido com o verde escuro. As estas são justas e de rida feita. O comprimento de cada, com a sua ondulação brilhante, volta a estar na moda. Os decotes são simples. Embora a coleção tenha muitos modelos de estrofes completamente desmontadas, a preferência de Balmain vai para as mangas muito valorizadas com bordados caprichosos em ouro, prata ou de cor diferente da do modelo. As franjas largas, as laçadas e, por vezes, os laços de lapêdas de fita estreita de estrofes

ou de veludo, armadas em chapeas chamam a atenção para os ombros e para o colo, fazendo desviar o olhar para o peito que a moda tem de mais feito nesta estagão de coisas bonitas e cintura subida muito para cima do seu lugar. — ANI

CONVERTI-OS EM CANTINHO

Todos os nossos

Ítemes especializados

Travessa do Corvo, 4

(Canto à Praça do Giraldo)

ÉVORA

Morgado & Silva, Lda

FILIAL: RUA SERPA PINTO, 70-A

TELEFONE 23809 • EVORA •

Representante exclusivo no Distrito de Beja:

Antimónio e Pangeonista COLLETTI

Antimónio e Camões VALLBO

Camões... HANSMAN

Representante exclusivo no Distrito de Évora:

Camões e Trancoso... KLEIN

Camões... KLEIN

Antimónio e Pangeonista COLLETTI

Camões-Alentejo... PALLI

Camões-Balilândia... PALLI

Camões de Beja... TORRES

MORGADO & SILVA, LIMITADA

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA LAVOURA

Uma firma que desde o primeiro dia que se fundou tem a seguinte divisa: **SERVI-REM PARA VENCER**

«Rádio Eborense»

Encontra-se temporariamente na Alameda de Baixo, 48, onde continua a vender todos os seus artigos com descontos que vão até 20% — Telef. 28102

DINHEIRO

A curto e longo prazo

Empresta com hipoteca

Josina da Jesus Nicóles

ALANDROAL

Telef. 17

O V Centenário do Nascimento da Rainha D. LEONOR

(Continuação de 1.ª pág.)
 sista dos Congressistas da Calçada da Rainha.
 Dia 6 de Dezembro — Realização do Banquete Vicentino pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.
 Dia 8 de Dezembro — Realização dos trabalhos do Congresso e inauguração da Exposição Evorense da Vida e Obra da Rainha D. Leonor, no Convento da Madre do Deus, que a Fundação Gulbenkian promove e organiza com grande generalidade e alto nível artístico.
 Neste mesmo dia à noite haverá o encerramento do Congresso.
 Em datas a fixar realizar-se-ão ainda neste mês os seguintes actos comemorativos:
 Em Goa — Uma delegação das Misericórdias da Metrópole fará a entrega de nova bandeira oferecida à Misericórdia daquela distante (mas espiritualmente tão próxima) paróquia da Pátria portuguesa.
 Em Beja — terra, natal da Rainha D. Leonor, — inauguração de uma estátua, de bronze, que está a esculpir o escultor Alvaro de Brito.
 No Porto, em fins de Dezembro, repêção na velha casa do Despacho da Misericórdia, a Rua das Flores, do grande parto da Exposição da Madre Deus. Encerramento das Comemorações. No Brasil — Uma delegação

TEATRO - PROBLEMA NACIONAL

(Continuação de 4.ª pág.)
 cada, no que respeita a espectáculos teatrais. Esta questão do problema tem também de ser revista e encorajada. Não pode continuar a voltar ao ostracismo cultural e artístico a nível do país, que não é, necessariamente, apenas Lisboa e Porto, porque de Coimbra nam quasse se pode falar no que respecta a teatro: lá apenas o teatro Universitário é coisa séria.
 Se se quiser praticar uma divulgação honesta e consciente do Teatro, como parece querer agora fazer-se, temos que levar o teatro a toda a parte, não apenas por intermédio de um teatro itinerante ou dos vitros litorais de companhias mais ouvidas, mas sim por meio de uma divulgação sistemá-

tica onde os valores e a categoria das espectáculos não sejam apenas palavras impressas nos cartazes.
 A cultura tem de estar ao alcance dos portugueses e não apenas dos liboístas ou portunenses. A cultura, para ser válida e operante, há-de ser nacional e não regional.
 Como apresenta, dos quais haverá que partir para uma divulgação séria de teatro, tanto a origem, portuguesa ou estrangeira de real valor, salas convenientes, intérpretes e a cultura de bom teatro; encenadores combativos da sua ofícia; teatro para toda a gente e em toda a parte. Tudo quanto fugir a realidade não pensará de logo de artifício para perpalliar ver.

ACÁCIO A. SANTOS
 Especialidade em Cálculo e Matemática
 P. Circular, 2 - 248 Telef. 23141

das Misericórdias portuguesas fará oferta à Misericórdia de Santos de uma cópia dum antigo retrato da Rainha D. Leonor. Estas provisões, no Brasil, cerimonialistas, no Rio de Janeiro, S. Paulo e Bahia.
 Conta ainda a Misericórdia de Lisboa inaugurar, dentro do ciclo das comemorações, as novas e actualizadas enfermarias para crianças lactantes, no Hospital de S. Roque, e lançar a primeira pedra do Centro de Reabilitação de Diminuídos, novo hospital especializado, para cerca de 300 leitos, que vai ser construído em Alentejo, no concelho de Castela, e para o qual estão a especializar-se, nos Estados Unidos, médicos e pessoal auxiliar.

Libânio Nunes Percheiro
 COM ARRANJADORIA MECÂNICA
 Reparções em Automóveis, Tractores - Máquinas Agrícolas - Motores de Ficar Óleo a Combustão - Soldadores a Autógeno.
 Largo dos Coelhos, 4 - TEL. 23243
 ÉVORA

Aspectos radiológicos de esofago e gastro-duodenal.
 Realiz-se ontem, pelas 21 horas, no Hospital da Misericórdia a anunciada conferência do dr. Carlos Gargat Afonso Albarvão sobre os «Aspectos Radiológicos do Esófago e Gastro-Duodenal».
 No próximo número faremos a merecida referência.

O Plano de Fomento está a ser discutido na Assembleia Nacional

(Continuação de 2.ª pág.)
 problema nacional — sobre energia, não-de-obra e matérias primas, destacando-se nestas o ferro, que ainda é um dos problemas alheios da economia portuguesa. A base em que, deva assentar a indústria é a do custo dos produtos. É fácil dizer esta coisa: mas é difícil obter condições que permitam redução apreciável nos custos. Os nossos consumos são baixos. Além disso, as condições de produtividade da grande maioria de organismos industriais estão muito longe de satisfazer as suas exigências e as imposições da concorrência. De modo que o problema da reorganização industrial tem diante de si obstáculos sérios que podem ser transpostos com o tempo mas que, como disse o padre Amândio Vieira, elevam-se ao tempo.
 Afirmou que o custo da energia na indústria pesa com pequena percentagem nos custos da produção, mas que todos nós sabemos que, em algumas indústrias, pesa decisivamente a energia, como nas electroquímicas e mais. Se os processos de automatização das indústrias se alargarem à escala que todos já prevêem, e o custo da energia terá um relevo ainda descomulgado. Triunfando a energia pesa que passaram na automatização das suas indústrias energia a preços baratos. O futuro de qualquer país é pois o de procurar desenvolver as fontes de energia potenciais de forma a que os preços do custo na produção e no consumo sejam os menores possíveis. Energia cara é um luxo que não as nações francamente evoluídas e ricas podem suportar.
 O orador baseou-se na proposta da lei e no parecer da Câmara Corporativa não sejam discussões puramente formais, os custos da energia nas obras construídas ou a construir pelos investidores.

ANTIGA CASA CALHAU DE
Henrique Augusta Silveira
 MERCARIAS FINAS
 VINHOS • LICORES • CHÁS • CAFÉS
 ESPECIALIDADES
 RUA DE AVIZ, 1 - 3
 ÉVORA

NO SALÃO... há mais alterações

(Continuação de 2.ª pág.)
 Não se anima, não, qualquer má vontade contra a empresa exploradora do Salão Central Evorense.
 Mas não podemos deixar de manifestar — isso mesmo — a nossa discordância ou protesto pelo que entendemos não estar certo.
 E o que se está passando no Salão Central Evorense, parece-nos que não está bem.
 Não se moderniza a referida casa de espectáculos nem se atenuam as incómodidades ali existentes — mas aumentam-se os preços dos bilhetes.
 Não se oferece ao espectador conforto, nem mesmo se minimiza o mal estar do público — mas exigem-se mais dinheiro pelos bilhetes.
 Parece-nos, pois, que não estará bem a empreendimento e inaproveitável decisão da empresa do Salão Central Evorense.
 Que motivos determinaram o aumento da tabela de preços daquela casa?
 Será a circunstância de não existir nenhuma outra empresa exploradora do grande negócio que é o cinema?
 Será o facto de haver a corteira, por parte da empresa do Salão Central, de que o público não poderá, quando quiser ver cinema — nem só de pão vivo o homem! — deixar de frequentar a casa de espectáculos que é o Salão?
 Há só estas as razões determinantes dos aumentos, não queremos terminar sem formular mais esta pergunta: — Não será isto especulação?

Florbela
 Para banquetes, casamentos, aniversários, baptizados, procissões, serviços, do Restaurante e Salão de Chá
 Praça da Circular
 Telef. 23785
 ÉVORA

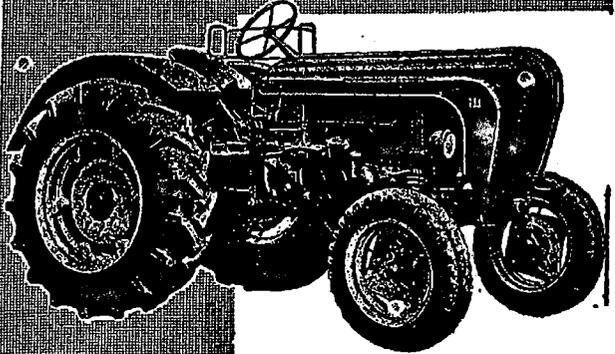
OURIVESARIA BEGO
 Ouro, prata, brinde, relógios, áculos com recarga médica
 R. de Aviz, 11 ÉVORA
 Telef. 23016

ACTIVIDADES DA COMISSÃO DISTRITAL DA JUNTA DA ACÇÃO SOCIAL EM ÉVORA
 Realiz-se ontem, pelas 21,15 horas, no Palácio Barrocal, sede da Delegação local da FNAT, uma conferência pelo sr. dr. A. Martins da Cruz, advogado em Lisboa, sobre problemas corporativos, integrada no ciclo de actividades da Comissão Distrital da Junta de Acção Social.
 Realiz-se ontem, pelas 21,15 horas, no Palácio Barrocal, sede da Delegação local da FNAT, uma conferência pelo sr. dr. A. Martins da Cruz, advogado em Lisboa, sobre problemas corporativos, integrada no ciclo de actividades da Comissão Distrital da Junta de Acção Social.

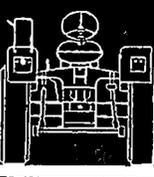
SENHORES LAVRADORES
 Chamamos a atenção dos interessados para o avião Lavradora que nosso local publicamos, o qual lembra que o prazo para a inscrição no Concurso Nacional da Empresa Agrícola Pradominantemente Cerealiária, termina no dia 30 de corrente.

Primeira
 na preferência...
Pensão Policarpo
 é a única que, em Evora, dispõe de uma bela esplanada com esplêndidas vistas para o campo, onde durante a época calorosa, são servidas as refeições.
 Visite a **PENSÃO POLICARPO** na Freguesia de Baixo, ou marque a sua refeição pelo telefone 22424.
 Depois dirá como todos dizem, que os preços são módicos, a cozinha é esplêndida e se come bem!

PORCEBE TRACTORES
 REFRIGERADOS POR AR DIESEL



ADRECEAMENTO DO MOTOR POR AR FORÇADO REGULAVEL (PATENTE PORCEBE) (A COMPROVADO NOS CAMPOS DE SPORTS E COMPETICAO)
 ACCIONAM TODAS AS MAQUINAS E ALAVAS AGRICOLAS CORRESPONDENTES AS SUAS POTENCIAS
 LEVANTADOR HIDRAULICO DE TRES PONTOS
 TRES TOMADAS DE FORÇA
 EMBRAGAGEM HIDRAULICA E MECANICA



UM AUXILIAR INSUBSTITUÍVEL DO LAVRADOR
 EM EXPOSIÇÃO NO STAND DA FIRMA J. J. GONÇALVES, SUCRS.
 LISBOA • ÉVORA • PORTO • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Em exposição em Evora — Praça de Sertorio

Nota da Redacção

(Continuação de 2.ª pág.)

não a tiver resolvido satisfatoriamente. É uma cidade de interior com cerca de 10 mil habitantes plébeias de necessidades higiénicas, previstas no mais elementar código de civilização.

Todavia, perguntamos: fez-se alguma coisa para resolver o problema? De nada sabemos e, embora, muitas vezes, tenhamos feito aqui a mesma pergunta, o eco foi sempre idêntico — o silêncio!

— O que se passa, afinal? — Quais os passos que se deram para resolver o problema?

Nós confiamos, plenamente, em que os responsáveis, conscientes dos altos valores da colectividade que estão à sua guarda, não descuram a sua defesa e, se o problema ainda não foi resolvido, é porque existe um poderoso obstáculo a vencer. Será assim?

Contudo, esperamos, confiamos há muitos anos e a situação consorciou-se — por vezes — na mesma.

— Poderá saber-se, o que a volta do problema da falta de água se tem feito para o resolver?

MINHA SENHORA!

Amélia Machado

executa todos os modelos de PLISSADOS

Av. J. Sebastião, 11

EVORA

NO SALÃO... há mais alterações

Esta uma inovação há a acrescentar de alterações que se verificaram, no princípio da actual temporada cinematográfica no Salão Central Evorense.

Além do aumento de preços dos bilhetes da primeira plateia — a que já nos referimos oportunamente — outra modificação se verificou naquela casa de espectáculo.

As três baloões, a novidade agora a considerar.

Como se sabe, os lugares que correspondem às filhas de adletras, estavam divididos até fim da época do ano passado, em primeiro balcão, em compreendida as filhas A, G, e segundo balcão, que compreendia os restantes lugares — filhas H e O.

A cada uma destas duas classes do balcão correspondia com é devido, preço diferente, sendo o balcão de primeira mais caro que o de segunda.

Assim era anteriormente. Actualmente também continuam a observar-se duas categorias de balcoões e, consequentemente, dois preços distintos.

Agora porém, o primeiro balcão — o de preço mais elevado — passou a compreender mais quatro filhas de balcoões — que antes faziam parte do segundo balcão, com o correspondente rendimento.

Esta alteração, como se vê claramente e também já é habitual, não é um benefício do espectador.

Benefício é, sim, para a empresa exploradora do cinema.

Nesta casa de espectáculo que tanto necessita de melhoramentos, alguma coisa de reconhecida e abastada importância — que ninguém poderá desmentir,

cremos, é invariável, incoercível mesmo que as poucas modificações feitas no Salão Central não sejam nunca em benefício do público e só traduzam sempre vantagens económicas para a empresa concessionária.

Agora, não obstante a lotação dos balcoões ser a mesma, conta a empresa com maior rendimento, que o espectador terá de suportar. (Continua na 7.ª pág.)



Rafael Almeida Santos
Agência de Automóveis
Rua Diogo Cão, 20

EVORA
(En frente do Hospital de Viseu)
Trata toda a documentação para exames, inspeções, licenças, licenças, cartas de condução, licenças, etc.

O 30.º ANIVERSÁRIO do Sport Lisboa e Évora

Proseguem hoje os festejos comemorativos do 30.º aniversário do Sport Lisboa e Évora.
As 11 horas, terá início o I Circuito Pedestre do Bairro de Urbanização, no qual estará em disputa a Taça Cidade Popular. As 11,30, novo baile com a Orquestra Monumental.

OUTRAS NOTÍCIAS
FUTEBOL
Estão abertas as inscrições para todos os indivíduos que pretendam representar Sport Lisboa e Évora na época de 1958-59.
As inscrições, actualizam-se todas as dias, na sede do clube, das 11 às 12 horas.

TAUROMAQUIA

David Ribeiro Teles José Barahona Núncio, TRIUNFARAM NO FESTIVAL a favor do Hospital do Patrocinio

Com cerca de meia casa realçada o amadurecido festival a favor da construção do Hospital Anti-Cancerígenos.
Freadu à corrida e senhor Governador Civil, lideado pelo sr. professor Dr. Francisco Gentil, e mais tarde, pelo senhor Subsecretário do Estado de Aero-náutica, que se encontrava assistindo ao festival na bancada de sombras.

Um reparo ao preço dos bilhetes, o festival estava bem organizado, mas há que ter em conta os preços, a que Évora está habituado.

Abriu a Frega um touro grande e gordo de Malho, Imões.
Mestre João Núncio, que brincou o senhor Francisco Gentil, cravou no mesmo, a comprida, o 2.º superior, depois, o mansueto foi para as tábuas, e João Núncio, apesar de lhe escher a cara de cavalo, não conseguiu prender o touro.

João Patinhas tentou pegar de caras, pois o touro, não esbarrou convenientemente para a volta.

Foi arrastado e maltratado em três tentativas, pois o touro estava impossível.

Para Manuel Cande não de Grave (Herdá), depois de dois compridos regulares, cravou dois curtos, e um em de bandalinas muito apertadas.

Santo Barreiros pegou com valentia e cabeça, pois o touro ia esbarilhado, obrigando o forcado a levá-lo torreado. Grande ovacão.

De José Infante da Câmara era o novillo para António dos Santos, o mais pequeno. Por isto houve protestos, mas sem razões pois sendo os novillos crecheiros e sorteados pelos toureiros, nem a comissão nem António dos Santos, tiveram culpa de sua pequenez. António deu-lhe alguns passes e rematou com apêndice.

O de espaço Mendes também era de Grave (Herdá), mesmo e incerto a investir, não permitiu

grande luxúria ao artista. No entanto há que apontar alguns «erros» em redondo e uma naturalidade de fim recente.

No final aplausos.
A abrir e segunda parte saiu um da Diogo Passanha para David Ribeiro Teles. O cavaleiro de Carouche ladeou em recortes espectaculares, muito aplaudidos. Cravou excelentemente depois de

(Continua na 5.ª pág.)

O Dr. Tavares da Silva

antigo seleccionador nacional de futebol e conhecido crítico da modalidade, faleceu

Foi com lamento pesar que tivemos conhecimento da morte de uma das mais destacadas e vibrantes figuras do futebol português — o Dr. Tavares da Silva. Embora nem sempre activissimo de acordo com a sua critica contudente e, muitas vezes justa, nunca deturcada de lhe reconhecermos méritos excepcionais como um dos maiores animadores do futebol português, de quem nunca se cessou de exaltar as qualidades e o valor técnico.

Ficaram memoráveis muitas resultadas méritos pela selecção nacional quando Tavares da Silva orientava a turma dos quinze e gostámos sempre de abraçar as suas criticas desapa-

viras, cheias de tangens plausíveis e que conquistaram numeroz publicos fiéis.
A toda a familia entada condolamos as mesmas sentidas condolamos.

e. Amarate
Tudo para FOTOGRAFIA CINEMA e DESPORTO YABACARIA TELEF. 22574

O LUSITANO

tem hoje oportunidade de confirmar o seu valor — Em todo o caso jogo difficil!

Como prevíamos, o Lusitano não perdeu no Barreiro. Isto quer dizer, que a turma não está «abandonada» à sua sorte. Antes se verifica que ali se trabalha com cabeça para estruturar um conjunto que no início da época, foi amputado de duas unidades de primeira grandia.

Registou-se o «baptismo» de Olmedo, mas, apesar de já termos ouvido algumas opiniões entusiasticas sobre o jogador do novo reforço lusitano, a maior parte das pessimistas, não vimos animar o jogador paraguayo, pelo que reservamos a nossa palavra.
Em todo o caso, para já,

devemos lembrarmo-nos de que Olmedo foi jogadouro Barcelonês e naturalizado espanhol. Perguntamos: Se não tivesse valor, o clube espanhol, lá-la naturalizad-o?

Por conseguinte, há que ter esperança e aguardar as futuras acções do novo médio lusitano.

Hoje, a tarefa dos elaboradores apresenta-se algo difficil. O Guimarães é o mais adorado clube desta jornada. Terá o Lusitano esgarçada para

se opor à terrível turma de Guimarães, que ocupa o 3.º posto da classificação geral. O racio é manifesto e todas as contelas deverão ser poucas.

Em todo o caso acreditamos na equipa alentejana e, se estiver inspirada, as vitórias não serão poucas.

Outras desafios: Sporting — Cuf Esportivo — Gafes Porto — Académico Évora — Gafes Barreiros — Benfica Torresmos — Belenenses

O JUVENTUDE EM BEJA

Atenção hoje a Loja e jogador a este jogador que representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.
Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.

Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.
Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.

Atenção hoje a Loja e jogador a este jogador que representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.
Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.

Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.
Actualmente, no plano nacional, o jogador de Beja, representa a cidade no plano nacional do 2.º nível.

Loja do Coelho

Slmarras e Garbaldas Para Insumo, Sabões e Crieças P. do Giraldo — EVORA

Os novos candeeiros da circunvalação

A Câmara Municipal de Évora, está montando ao longo da Estrada de Circunvalação, modernos candeeiros que muito vêm enbelesar o circuito cittadino. Fabricados, pois as entidades que estudam e promoveram o melhoramento.

Major Pimentel Bastos

Tere a gentileza de nos apresentar cumprimentos o sr. Major Manuel Pimentel Bastos que recentemente foi colocado no Quartel General da IV Região Militar de Évora.
O tuete oficial é um espirito brilhante como a atenciosos vários serviços prestados no País e Ultramar.
Jornal de Évora oferece-lhe toda a sua colaboração.

PING-PONG

Integrado uma festa de aniversário, realizou-se no próximo dia 13 de Novembro, um senccional torneio de ténis de mesa. As inscrições tornaram no próximo dia 21 do corrente.

J. A. Duartén

Todas as repartições em admissões de caso lide Assistências técnicas em domínios Zona Urbanização n.º 1 Rua 6.ª Tel. 21410 EVORA

Pastelaria OJOU
Lanches, Casamentos e Banquetes
Tel. 22065

Não aprenda a bordar
Fizta a CASA PIRES onde encontrará a última novidade que é o dispositivo aplicável à máquina de costura de qualquer marca.
SUA SEMPA FINYO 62 TELEF. 22574 EVORA